



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS
DOUTORADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

**A TRADUÇÃO COMO MEDIAÇÃO EM CONTEXTO JORNALÍSTICO: UMA
ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA DE TEXTOS DE OPINIÃO DA SELEÇÕES
DO *READER'S DIGEST***

UBERLÂNDIA

2014

Carla Regina Rachid Otavio Murad

**A TRADUÇÃO COMO MEDIAÇÃO EM CONTEXTO JORNALÍSTICO: UMA
ANÁLISE DE TEXTOS DE OPINIÃO DA SELEÇÕES DO *READER'S DIGEST***

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada

Linha de Pesquisa: Teoria, Descrição e Análise Linguística (Linha 1)

Orientador: Prof. Dr. Waldenor Barros Moraes Filho

Uberlândia

2014



**Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de Letras e Linguística
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos**

Carla Regina Rachid Otavio Murad

**A TRADUÇÃO COMO MEDIAÇÃO EM CONTEXTO JORNALÍSTICO: UMA
ANÁLISE DE TEXTOS DE OPINIÃO DA SELEÇÕES DO *READER'S DIGEST***

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Waldenor Barros Moraes Filho

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Waldenor Barros Moraes Filho (UFU) – Orientador

Prof Dr. Guilherme Fromm (UFU)-Examinador Interno

Profa. Dra. Maura Alves de Freitas Rocha (UFU)-Examinadora Interna

Profa. Dra. Diva Cardoso de Camargo (UNESP/São José do Rio Preto)-Examinadora Externa

Profa. Dra. Paula Tavares Pinto Paiva (UNESP/São José do Rio Preto)-Examinadora Externa

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Uberlândia e à agência CAPES de fomento desta pesquisa, pela oportunidade.

Ao Prof. Dr. Waldenor Barros Moraes Filho, por ter me orientado de forma libertadora, sempre respeitando e confiando em minhas escolhas e em meus pontos de vista.

Às professoras doutoras Paula Arbex e Luísa Helena Finotti pelas leituras e contribuições na fase de qualificação e aos professores doutores Guilherme Fromm, Diva Cardoso de Camargo, Maura Alves de Freitas Rocha e Paula Tavares Pinto Paiva pelas valiosas contribuições durante a defesa da tese.

Aos professores debatedores do SEPELLA de 2011 a 2013, anos em que desfrutei de importantes considerações críticas e reflexivas para o enriquecimento do meu trabalho.

À Coordenação, Corpo Docente e Secretaria do PPGEL/ILEEL/UFU e à biblioteca do campus Santa Mônica, pela atenção e pelo atendimento sempre pronto e de alta qualidade.

Aos meus colegas alunos do PPGEL da UFU, pela convivência, e, em especial, aos membros do GPELC, grupo de pesquisa em Linguística de *Corpus* da UFU pelos debates e pelas ideias.

Aos meus pais, Jorge Carlos e Rose Mary, pela vida e por priorizarem minha educação.

À Allison Thiessen, da Biblioteca do condado de Richland, Carolina do Sul, pelo escaneamento e envio de mais de cem textos retirados da *Reader's Digest*, no início da pesquisa.

Ao Márcio, meu marido, pela parceria, pela força e pelo ombro amigo e às minhas filhas, Mariana e Carina, pelo carinho no dia-a-dia.

A Deus, por me dar forças para acreditar que tudo é possível quando se tem força de vontade.

RESUMO

A revista *Reader's Digest* autointitula-se como uma produtora de artigos de “interesse permanente” e sua ampla divulgação e circulação internacional lhe rendeu a alcunha de uma das revistas mais lidas do mundo. No Brasil, ficou conhecida como Seleções do *Reader's Digest* e alcançou um dos maiores sucessos de venda de sua história por volta da década de sessenta, recorte temporal desta pesquisa. Remontando à época, os textos eram encomendados, selecionados ou produzidos em língua inglesa por editores e jornalistas da matriz norte-americana que enviavam exemplares em inglês às filiais espalhadas pelo globo para serem traduzidos. As equipes brasileiras eram formadas por editores e também escritores brasileiros de renome, como Rachel de Queiroz e Carlos Lacerda, dentre outros, que atuavam como tradutores *freelancers*, segundo normas pré-estabelecidas pelo departamento de redação da matriz norte-americana (JUNQUEIRA, 2000). Apesar das inúmeras contribuições dos tradutores-pesquisadores e teóricos da tradução para o aumento da conscientização sobre a realidade linguística da produção de textos traduzidos em contextos específicos, a invisibilidade do ato tradutório tem perpetuado a resistente expectativa de que o tradutor é um traidor quando não literaliza textos “originais”. O objetivo desta tese é evidenciar o papel agentivo dos tradutores brasileiros da revista que emergem textual e discursivamente visíveis neste contexto jornalístico internacional por meio da “normalização” (BAKER, 1996, p.183). Para tanto, focalizei a dimensão do texto traduzido como “evento comunicativo mediado” (BAKER, 1993, p. 243) alinhada com o referencial teórico da análise das diferenças intertextuais e a matriz de análise da responsabilidade enunciativa baseada em Adam (2008, 2011). Parti dos pressupostos de que toda tradução é uma (re)textualização situada e ancorada em fatores textuais e discursivos (GONÇALVES TRAVAGLIA, 2003) e de que a genericidade confere aos gêneros textuais a propriedade da instabilidade (ADAM, 2002), propiciando-lhes transformações em variados níveis textuais-discursivos. Para uma observação mais complexa sobre o processo de leitura, interpretação e funcionamento dos textos, concebi a revista *Reader's Digest* como veículo de glocalização (PASKAL-MAZUR, 2005) para entender que a mesma ocupou o lugar teórico de mediadora cultural, propiciando a (re)acomodação do texto global no contexto local. A pesquisa é um estudo de caso com amostras típicas de textos de opinião de temática anticomunista, cuja abordagem textual comparativa envolveu o cotejo de cinco pares de textos, originais, em inglês, e suas versões para o português, que perfazem o *corpus* paralelo de estudo. Identifiquei as intervenções e manipulações evidenciadas pelas mudanças entre a textualização original e traduzida por meio do levantamento das operações de supressão, substituição, deslocamento e adição e relacionei os dados a partir da adaptação da matriz de análise proposta por Adam (2008, 2011). A análise das diferenças evidenciou a dinamicidade dos tradutores que, ao recontextualizarem os textos, foram capazes de mobilizar variados recursos em diversos níveis textuais. Concluo que as diferenças que emergiram na comparação entre texto original e traduzido levam ao entendimento de que a tradução é, antes de tudo, uma atividade mediadora de textos e de discurso quando constituem rica fonte de evidência da presença discursiva e recursiva do tradutor, um mediador de textos linguisticamente visível.

Palavras-chave: Estudos da Tradução Baseados em *Corpora*; Tradução jornalística; Linguística Textual Discursiva; Textos de opinião; Normalização.

ABSTRACT

Reader's Digest magazine calls itself as a producer of articles of "lasting interest" and because of its wide international dissemination and circulation, it is considered one of the most popular magazines in the world. In Brazil, it became known as *Seleções do Reader's Digest* and achieved one of the biggest selling hits of its story around the sixties, period when the texts which constitute the corpus of this thesis were translated. Dating back to that time, the texts were ordered, selected and produced in English by journalists and editors of the American headquarter which used to send copies to its subsidiaries around the globe to be translated. Brazilian teams were composed by Brazilian publishers and renowned writers such as Rachel de Queiróz and Carlos Lacerda, among others, who acted as freelance translators, according to standard rules established by the editorial department (JUNQUEIRA, 2000). Despite innumerable contributions of scholar translators and theoreticians to raising awareness about the linguistic reality of the production of translated texts in specific contexts, the invisibility of the act of translation has been perpetuating the expectation that the translator is a traitor when he or she does not literalize "original" textos. The aim of this thesis is to focus on the agentive role of Brazilian Reader's Digest magazine translators who have emerged linguistically and textually visible in this international journalistic context by exploring the concept of "normalization" (BAKER, 1996, p.183). To this end, the dimension of the translated text as "communicative mediated event" (BAKER, 1993, p. 243), was put into evidence and aligned with theoretical analysis of intertextual discursive differences as well as the taxonomy of analysis of utterance responsibility proposed by Adam (2008, 2011). It was assumed that every translation is a (re)textualization situated and anchored in textual and discursive factors (GONÇALVES TRAVAGLIA, 2003) and that genericity is both a property that provides instability to textual genres (ADAM, 2002) and affords changes in various textual-linguistic dimensions. For a more complex observation of the process of reading, interpretation and operation of texts, the Reader's Digest magazine was conceived as a vehicle of glocalization (PASKAL-MAZUR, 2005) to provide understanding of how global anticommunist discourse was accommodated in the local context. The research is a case study of typical samples of opinion texts where the anticommunist thematic was developed, whose differential comparative approach has involved the analysis of five pairs of texts in English and their versions into Portuguese, which account for the parallel corpus of the study. Interventions and manipulations were identified as shifts and were evidenced from the comparison between the original and translated texts by means of an operational scheme of substitution, suppression, addition, replacement together with the proposed taxonomy by Adam, (2008. 2011) adapted for this analysis. The analysis of the differences revealed the textual dynamicity afforded by the translators, who, by recontextualizing the opinion texts, were able to mobilize several textual levels. It was concluded that the differences which emerge from the comparison between the original and translated texts brings about de understanding that translating is, above all, a text and discourse mediative activity when are a rich source of evidence of the discursive and resourceful presence of the translator, a linguistically visible text mediator.

Key-words: Corpora Based Translation Studies; News Translation; Textual Discursive Linguistics; Opinion Texts; Normalization.

Sumário

Introdução.....	9
1. A tradução em contexto jornalístico.....	15
1.1 Situando a pesquisa nos estudos sobre tradução em contexto jornalístico.....	17
1.2 O contexto jornalístico internacional: um lugar propício à mediação.....	20
1.3 Dimensões impactadas pela tradução como mediação.....	25
1.4 Considerações sobre paradigmas relacionados à prática de tradução-mediação em contexto jornalístico à luz dos Estudos da Tradução Baseados em Corpora.....	29
1.4.1 Textos Originais, Textos Traduzidos, Equivalência e <i>Corpora</i>	29
1.4.2 Domesticação, Estrangeirização e Normalização.....	35
1.4.3 A (in)visibilidade do tradutor-mediador.....	38
2. Linguística Textual e Tradução.....	44
2.1 A perspectiva sociocognitivo interacionista.....	44
2.2 A tradução como retextualização.....	46
2.3 Análise textual do discurso de Jean Michel Adam.....	50
2.4 Gênero e genericidade.....	52
2.5 Representação discursiva e responsabilidade enunciativa.....	56
3. A revista <i>Reader's Digest</i> : veículo de glocalização.....	60
3.1 A revista norte-americana <i>Reader's Digest</i>	60
3.2 O caráter global e homogêneo da revista <i>Reader's Digest</i>	61
3.3 A edição local do <i>Reader's Digest</i> : Seleções.....	64
3.4 O texto de opinião da <i>Reader's Digest</i>	66
4. Metodologia.....	72
4.1 Delimitações básicas.....	72
4.2 Noções e procedimentos da Linguística de <i>Corpus</i>	73
5. Descrição e Análise.....	78

5.1	Texto 1: <i>How the Soviets stole a march on us in Africa</i> (Como os russos levaram a melhor na África)	79
5.2	Texto 2: <i>Why Europe turned away from Socialism</i> (Por que a Europa abandonou o socialismo)	94
5.3	Texto 3: <i>Red China reaches for World power</i> (A China comunista quer ser potência mundial)	97
5.4	Texto 4: <i>World War III has already started! I: The Communists Master Plan for Conquest</i> (Já começou a terceira guerra mundial! (I) I. O Magistral Plano de Domínio dos Comunistas	106
5.5	Texto 5: <i>World War III has already started! II: The Shock troops and how they fight</i> (Já começou a terceira guerra mundial! (II) II. As "Tropas de Choque" e Seus Processos de Combate	114
5.6	Síntese das análises.....	120
	Considerações Finais.....	123
	Referências.....	129
	Anexos.....	135

Introdução

Ao lermos um jornal percebemos que nem todas as informações que chegam até nós são produzidas exclusivamente na língua portuguesa, e que o multilinguismo é uma característica constitutiva do sistema jornalístico global. Para que uma instituição jornalística de porte internacional possa tornar sua mensagem legível e compreensível em diferentes línguas, uma vez que há leitores espalhados pelo globo todo, ela geralmente conta com jornalistas bilíngues e multilíngues ou tradutores *freelancers* para mediar seus textos. Não fosse a competência tradutória destes profissionais, seria praticamente impossível garantir o acesso dos leitores a uma diversidade de informação, e grande parcela da população estaria à margem dos acontecimentos globais de sua época.

A relevância da tradução também pode ser constatada no evento da transmissão de notícias veiculadas por revistas internacionais que circulam em nosso país, tal como é o caso da *Reader's Digest*, revista de origem norte-americana conhecida no Brasil por Seleções do *Reader's Digest* que, entre 1950 e 1960, alcançava grande sucesso de vendas no Brasil, sendo “considerada pelo público leitor a publicação mais confiável e útil do país” (JUNQUEIRA, 2002, p. 50).

Apesar dos inúmeros avanços proporcionados por pesquisadores e teóricos de diversas disciplinas que estudam a Tradução em evidenciar a tradução como fenômeno linguístico em uma dimensão mais ampla que inclui o aspecto social, cultural e antropológico, a falta de informação sobre a prática de tradução e a realidade linguístico-textual do ato de traduzir em contextos específicos ainda impede o avanço do entendimento mais profundo sobre o funcionamento da atividade em contextos como o jornalístico. Afinal, desde 1993, com a iniciativa dos Estudos de Tradução Baseados em *Corpus*, critérios rígidos de fidelidade não são mais considerados julgamentos de qualidade de uma tradução.

Além destas constatações, o senso comum revela uma percepção de que a atividade de traduzir no contexto jornalístico é uma operação institucional, o que gera implicações, na maioria das vezes, negativas para a imagem do tradutor. Vourinen (1997), estudioso da tradução em contexto jornalístico, afirma que devido ao fato de a tradução estar localizada no bojo do processo de produção textual denominado de *gatekeeping*, ela é geralmente vista como obstáculo que reduz o fluxo das notícias e fonte de erros e inadequação.

Implícitas nestes raciocínios reducionistas persistem basicamente duas imagens de tradutores: os invisíveis e os infiéis. A invisibilidade pela falta da assinatura, por exemplo, ou do nome impresso do tradutor como autor do texto traduzido resultaria em falta de responsabilidade enunciativa e geraria desconfiança por parte dos leitores, como se essa

ausência fosse um pretexto para a manipulação ou subversão dos conteúdos, das informações. Já a infidelidade estaria relacionada à falta de competência leitora e (con)textual, à rebeldia e falta de ética do tradutor que ao agir por incompreensão das normas sócio-discursivas condicionantes das atividades de linguagem por meio de gêneros textuais, reduzem os tradutores a seres simbióticos inconscientes e desprovidos de um ideal linguístico-textual que oriente sua prática social de linguagem.

A perspectiva teórica-descritiva que concebe textos traduzidos como “evento comunicativo mediado” (BAKER, 1993, p.243) alinhada à investigação da normalização como uma das características das traduções (BAKER, 1996, p.183) foi integrada à noção de “produção co(n)textual de sentido fundamentada na análise de textos concretos” (ADAM, 2008, p. 13). Minha preocupação foi com o oferecimento de uma proposta linguística empírica que possibilitasse a compreensão da tradução como produção de textos traduzidos em contexto específico de modo a incluir o tradutor como peça-chave, que passa, assim, da margem ao centro por meio do conceito de responsabilidade enunciativa, isto é, responsabilidade pela (re)construção de sentido, pela (re)enunciação.

A ideia de que “o estatuto do texto, o reconhecimento da variação e a comparação dos diferentes textos permitem entrar nas mudanças mais profundas do sentido e, sobretudo, sair da ideologia do texto imóvel, fixo e único” (ADAM, 2008, p.31), ainda é um ideal que precisa ser evidenciado especialmente por nós, profissionais da tradução, pois como tais, somos produtores de diferenças textuais. Para tanto, é preciso revisitar constantemente o conceito de língua, leitor, leitura, interpretação e produção de texto a ponto de expandir as dicotomias fidelidade-infidelidade, autor-tradutor, transparência-opacidade, literal-livre, origem-meta para permitir que o tradutor desempenhe não mais um papel invisível, secundário e hierarquizado em contextos institucionais, mas o de agente mobilizador de sentidos, possuidor de uma competência leitora e produtora na qualidade de leitor-produtor de textos especializado em ambientes de intensa circulação de textos, tais como os ambientes em jornais e revistas.

Nesta perspectiva, espera-se que o texto traduzido seja fruto da (re)organização coesa e coerente de sequências textuais. Na dinâmica do processo de construção de sentido, é preciso haver diálogo entre as dimensões textuais e discursivas que, por sua vez, também envolvem iniciativas na dimensão cognitiva, como as escolhas e as decisões informadas pelo conhecimento de mundo e pelas normas a serem seguidas pelo tradutor e que tornam a tradução uma prática complexa, porém realizável e que deve, acima de tudo, ser aceitável socioculturalmente, como uma textualização possível.

Independentemente de ser uma tradução literária, técnica ou jornalística, cada leitura de um texto dito “original” promove uma interpretação especializada a ser feita por um produtor de textos com conhecimentos especializados, que possui competência tradutória. Tal prática interpretativa requer uma gama de conhecimentos e habilidades e mobiliza uma série de saberes de ordem interna, como a memória e o conhecimento de mundo, e externos, como a análise das condições de produção, dos veículos de transmissão e do funcionamento dos textos. Entender estes fatores em sua complexidade significa concebê-los com a propriedade de serem atualizados e (re)configurados pela prática sociocultural da leitura e produção de textos cuja dinâmica peculiar de funcionamento ora estabiliza-se na semelhança linguística sistêmica, ora adapta-se na diferença cultural, por meio da ação do tradutor como produtor de textos que emerge linguística e discursivamente visível na análise linguística comparativa diferencial do processo de tradução (HEIDEMANN, 2010a).

Para que os textos se tornem significativos para um público-alvo específico em contexto jornalístico internacional, as informações são moldadas em várias dimensões textuais a fim de que se tornem significativas ao público local. Conforme explicam Bassnett e Bielsa (2009), as informações, neste contexto, são editadas, re-escritas, modeladas e re-empacotadas no sentido de atenderem às especificidades das demandas socioculturais. O sentido de texto original tal como concebido pelas teorias tradicionais estruturalistas cai por terra neste contexto, tamanha a quantidade de mudanças em várias dimensões que inclui a dimensão do texto, mas também do peritexto, fato que tem despertado um reposicionamento teórico em relação aos tradicionais paradigmas da tradução e uma abertura para a interação e o diálogo entre as dimensões (con)textuais mais amplas, além da adoção de uma noção de tradução como “diálogo intertextual” (HEIDEMANN, 2010b, p.79).

De acordo com o contexto de produção, o tradutor-leitor competente se adapta ao modo de dizer possível em uma língua de variados modos, mediante conexões objetivas e subjetivas. Nesse sentido, não só o discurso ideológico da instituição em que as traduções ocorrem, mas também os valores culturais do público-leitor a que se destinam, as práticas consagradas de textualização, tais como a revisão e a edição de textos, o padrão de linguagem de uma agência jornalística e a subjetividade do próprio tradutor devem ser vistas como possibilidades norteadoras do uso de estratégias que vão da literalidade à adaptação, duas pontas geralmente vistas como opostas, mas que também são complementares de um *continuum*, de acordo com o fluxo da leitura e produção textuais.

Em relação ao *corpus* da tese, a escolha se deu no início do primeiro ano do doutorado e foi a partir dele que a tese frutificou. A partir da leitura do livro de René Dreifuss (1981),

um historiador paraguaio que buscou documentar este período denominado, por historiadores, como período “pré-golpe de 64”, por meio de sua tese de doutorado transformada, posteriormente, em um livro intitulado “1964: a conquista do Estado”, notei que o autor fazia referências constantes aos títulos dos artigos publicados nas Seleções do *Reader's Digest* que versavam sobre a temática anticomunista nas notas de rodapé de seu livro, sugerindo o quanto a revista dialogava com a indústria cultural que ganhava corpo à época.

Um dos títulos que me chamou atenção trazia a palavra “*riot*” no título (*How do the Reds make a riot*) que fora traduzida por “arruaça” (Como os vermelhos fazem uma arruaça). Pesquisando tal texto descobri que tratava-se de um artigo de opinião cuja função persuasiva e respeito à autoria havia sido mantida pelo tradutor que teria se expressado de maneira adequada e condizente com a expectativa dos contratantes de seus serviços e do leitor, a ser convencido a afiliar-se ao discurso anticomunista propagado pela revista de ideologia capitalista e defensora dos ideais da liberdade comercial.

Remontando à época, os textos de opinião eram encomendados, selecionados ou produzidos em língua inglesa por editores e jornalistas da matriz que enviavam exemplares às filiais espalhadas pelo globo para serem traduzidos, prática que abria precedente para que a equipe local interpretasse e produzisse textos com a mesma flexibilidade na língua portuguesa em contexto doméstico. As equipes brasileiras eram formadas por editores-chefe bilíngues, *insiders* que atuavam como *gatekeepers* ou mediadores do conteúdo (escolha dos textos que veiculariam na edição brasileira) entre a matriz norte-americana e a filial brasileira e, também, muitas vezes como tradutores, além de poder contar com escritores de renome, como Rachel de Queiróz e Carlos Lacerda, que exerciam o papel de tradutores *freelancers* de acordo com as normas pré-estabelecidas pelo departamento de redação da matriz norte-americana (JUNQUEIRA, 2000).

Ao estudar o discurso da revista *Reader's Digest*, Robyns (1994) notou que o fenômeno da tradução jornalística deveria ser analisado do ponto de vista da internacionalização, pois a iniciativa da tradução não parte do sistema receptor local, neste caso, do Brasil, mas do sistema distribuidor global, a matriz norte-americana, fator condicionante do fazer tradutório que traria implicações ao papel do tradutor. O autor sugere que os tradutores sejam investigados, neste contexto, não como parte da cultura alvo, mas como entidades internacionais e interculturais, isto é, como entidades mediadoras, cujo comportamento linguístico-textual foi o foco deste estudo de caso.

Após tais leituras, comecei a investigar de que modo o tradutor ocuparia o papel de entidade do ponto de vista linguístico, ou seja, de que forma ele desempenharia o papel de

gatekeeper linguístico-textual, posicionado entre dois mundos, duas culturas, duas línguas, dois textos, entre o global e o local. Para destacar a importância mediadora desta posição, analisei as diferenças entre os textos traduzidos e originais, isto é, as intervenções e manipulações, concebendo a tradução como retextualização, isto é, a tradução como uma atividade de produção de sentidos baseada em um texto que representa determinada realidade e que passará a existir como outro/mesmo texto em outra língua. Nessa abordagem, todos os fatores linguísticos e extralinguísticos da textualidade coexistem e se articulam em diversos planos (GONÇALVES TRAVAGLIA, 2003).

Adoto a matriz de análise proposta pela análise textual do discurso (ADAM, 2008) para defender que o tradutor, ao mobilizar com coerência e coesão as marcas linguístico-textuais na retextualização a partir do original, age como mediador textual-discursivo e que a visibilidade encontra-se na competência em produzir traduções adequadas ao contexto jornalístico internacional. Ao ocupar uma função em uma determinada instituição jornalística, o tradutor deve seguir regras, normas, agir com ética, diplomacia, responsabilidade, respeito à veracidade dos fatos e tolerância à diferença, inclusive de opinião, o que não o exime da responsabilidade de ser um profissional leitor e produtor competente de linguagem.

Meu intuito maior é que este trabalho seja promissor aos interessados na visão da atividade de traduzir em contexto jornalístico como um ato essencial à condição jornalística intertextual discursiva e que o tradutor seja concebido com valor semelhante ao de um autor, em detrimento a uma subjacência ou hierarquia sistêmica, que só será possível se a concepção de tradução for entendida como atividade interacional de linguagem e construção de sentido passível tanto de receber como emitir influências, em um movimento dialógico, marcando irreduzivelmente a condição única da existência humana na linguagem.

Desse modo, o **objetivo geral** desta pesquisa é evidenciar a visibilidade positiva da atividade tradutória como mediadora linguística por meio da descrição e análise das diferenças que emergem da (re)construção textual-discursiva do inglês para o português neste contexto jornalístico institucional, a partir dos seguintes questionamentos básicos: Em que instâncias o texto foi modificado? Quais foram as principais mudanças e recursos mobilizados pelos tradutores no texto? Assim, procurei relacionar como se deram as modificações textuais tendo em vista as especificidades dos contextos de produção e recepção dos textos de opinião na busca da resposta à pergunta: como o tradutor preencheu o papel de mediador textual-discursivo segundo a lógica global e local da transmissão de notícias veiculadas pela *Reader's Digest* no recorte temporal observado?

Dentre os procedimentos específicos, busquei: i) fazer um levantamento do contexto de produção dos textos traduzidos, ii) identificar operações de supressão, adição, substituição e deslocamento textuais; iii) observar a emergência do padrão linguístico das diferenças textual-discursivas segundo a matriz de análise adotada para descrição e análise.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho interpretativo na forma de estudo de caso com amostras típicas, isto é, de um mesmo tipo de texto e de tema, cuja abordagem teórica-metodológica via comparação das diferenças intertextuais (HEIDEMAN, 2010, p 61.), envolveu o cotejo de cinco pares de textos, originais, em inglês e suas traduções para o português, que perfazem o *corpus* de estudo.

Quanto à organização do trabalho, após esta primeira parte introdutória, discorro, no primeiro capítulo, sobre as pesquisas em contexto jornalístico a fim de inserir a pesquisa na agenda de trabalhos e paradigmas que contemplam Estudos em Tradução Baseados em *Corpora* e contexto jornalístico. No segundo capítulo, desenvolvo a fundamentação teórica propriamente dita, isto é, a Linguística Textual Discursiva, apresentando noções fundamentais da disciplina no intuito de situar o estudo do texto e do discurso de Jean Michel Adam. No terceiro capítulo, contextualizo o *corpus* da pesquisa segundo a revista *Reader's Digest*. No quarto, faço uma descrição do tipo de pesquisa, dos principais conceitos utilizados neste estudo, bem como o percurso e o estabelecimento do *corpus* para iniciar a descrição e a análise propriamente dita no quinto e último capítulo. Ao final, apresento-lhes as considerações finais.

1. A Tradução em contexto jornalístico

Segundo Souza (1998, p.51), por ser a palavra tradução polissêmica, ela pode ser definida de várias maneiras: ato de transferir uma mensagem de uma língua para outra, texto-produto deste ato, atividade ou profissão praticada por aqueles que a realizam ou ainda pode ter o sentido de disciplina acadêmica.

A despeito deste fato, existe uma diversidade de definições que leva a uma variedade de interpretações sobre o que é a tradução que, por não levarem em conta a complexidade do ato de traduzir, nem sempre são compatíveis ou dialógicas. No entanto, conforme lembra o teórico, tradutor bíblico e uma das principais referências nos estudos em tradução, Eugene Nida (1991), pode não haver nenhuma teoria unificada da tradução, mas existem abordagens interdisciplinares que tentam explicar o fenômeno da tradução enquanto ciência. Porém, “os estudos sobre tradução têm sido marcados por diversas posturas teóricas, algumas bastante radicais e outras que são frontalmente opostas” (SOUZA, 1998, p.51).

Dentre as principais, jaz a dicotomia tradução literária e técnica que parte do pressuposto de que existiria uma função predominante na linguagem. Assim, enquanto para alguns teóricos e tradutores a expressão literária é a função que deve predominar na linguagem, para outros é a função referencial que deve ser o foco, isto é, a função de informar. Tais posturas tendem a ratificar o mito de que técnico e literário são pontas opostas que reduzem o ato de traduzir à arte ou à técnica. Souza explica que (p. 54):

Essa polêmica está intimamente relacionada com a tensão entre tradução literal e livre, pois os que a definem como arte, normalmente tradutores poetas, não-linguistas, defendem mais a tradução livre, enquanto os que a definem como operação essencialmente linguística, privilegiam mais a tradução literal ou direta, sem negar, contudo a tradução livre ou oblíqua (SOUZA, 1998, p.54).

Apesar de haver falta de consenso entre tradutores, é interessante notar que o debate é incitado por parte de quem pratica a tradução, ou seja, dos próprios tradutores que teorizam sobre a tradução. O contexto, as condições de produção, o público leitor ou mesmo a posição do tradutor na cultura são variáveis que incidem em toda prática da tradução, seja ela em contexto técnico ou literário. O fato é que, por não levarem em conta a complexidade de sua atividade, tais tradutores pouco contribuem com a teoria.

Em se tratando de tipo de tradução, por exemplo, as classificações tipológicas examinadas por Roberts (2002) são todas desenvolvidas com base na noção de “texto

original” e, por essa razão, não contemplam as especificidades advindas da diversidade contextual. A autora faz um apanhado geral da tipologia de tradução clássica e mostra uma gama de tipos de tradução segundo categorias tais como: a) função (traduções pragmáticas ou literárias), b) tipo de linguagem (geral ou especializada), c) objetivo (acadêmica ou profissional) e d) integralidade da tradução (adequada ou total e seletiva).

Dessa forma, apesar do termo “tradução jornalística” ter a propriedade de abarcar todas estas categorias de modo a abrangê-las, de acordo com a taxonomia tradicional científica a tradução jornalística é classificada, tradicionalmente, como tradução técnica. Camargo (2004) reitera este fato ao contabilizar quantitativamente a literalidade, uma característica mais marcante das traduções do tipo técnicas, como sendo uma das modalidades¹ de tradução mais utilizadas na tradução de textos jornalísticos. Porém, dada a complexidade da noção de texto, uma abordagem essencialmente quantitativa de uma tradução jornalística pode gerar uma expectativa de literalidade por parte dos pesquisadores, que, como avaliadores de uma tradução, por exemplo, poderiam julgar uma retextualização mais livre ou adaptadora como inadequada ou fora dos parâmetros esperados de uma tradução técnica.

Voltando à questão dos chamados “antagonismos” da área (BAKER, 1999, p.51), algumas tentativas já foram feitas no sentido de relativizar a polarização literário-técnico e literal-livre como a da teórica Mary Snell-Hornby que, em 1988 lança o livro *Translation Studies: an integrated approach*, na tentativa de remover as “rígidas divisões entre diferentes tipos de linguagem”, prevendo esperançosamente que a disciplina um dia fosse capaz de agregar tradutores e teóricos que formariam um novo campo de pesquisa, em um “mundo *entre* disciplinas, línguas e culturas” (SNELL-HORNBY, 1988, p. 35).

Hoje, tais anseios têm sido concretizados na forma inter e multidisciplinar de pesquisas em tradução, cujos interesses sociais, culturais, linguísticos, textuais e discursivos já não são mais vistos como enfraquecimento da disciplina mas como extensão de pontos de vista sobre fenômenos como a tradução jornalística, por exemplo. Nesse sentido, a tradução jornalística ou a tradução em contexto jornalístico, deveria ocupar um lugar de convergência teórica em que disciplinas e teorias pudessem oferecer alternativas de respostas e explicações mais condizentes com a realidade empírica do fazer tradutório, constituindo-se como um caminho de pesquisa sobre o comportamento das variáveis situacionais, culturais e

¹ O termo modalidade foi proposto por Aubert (1998) para diferenciar termos como estratégia, técnica e procedimento de tradução. O termo “modalidade” foi usado para manter a taxonomia utilizada pela autora no referido trabalho.

contextuais. Nesta pesquisa, procurei observar a tradução do ponto de vista linguístico-textual inserida em determinado contexto, o jornalístico. É disso que se trata a seção seguinte.

1.1 Situando a pesquisa nos estudos sobre tradução em contexto jornalístico

Entende-se por contexto jornalístico aquele que engloba toda a produção realizada no âmbito da transmissão de informações e que utiliza meios como jornais e revistas impressos ou eletrônicos para a divulgação e circulação de notícias. Uma das perspectivas que mais têm contribuído para a problematização da tradução em tal contexto é a da globalização e localização de notícias. A fecundidade deste ponto de vista se traduz na possibilidade de vislumbrar um papel frutífero e produtivo não só para a tradução, mas também para o tradutor, do ponto de vista sociocultural: o papel de mediador. Nesse sentido, o conceito de mediação tem ganhado especial importância nas teorizações sobre o fenômeno da tradução na contemporaneidade, como nos informa Paskal-Mazur (2005) por meio de sua pesquisa sobre revistas como mediadoras culturais, conforme abordarei na sequência.

Segundo Bassnett e Bielsa (2009), de um modo geral, a tradução de notícias ou jornalística não tem sido sistematicamente problematizada pelos estudiosos da tradução. Ao inventariarem pesquisas sobre tradução em Linguística Aplicada, Hall *et al* (2011) confirmam a preferência pelo estudo do texto literário ao identificarem apenas sete referências sobre tradução técnica e vinte e uma sobre a tradução literária no livro que é considerado uma das principais referências teóricas para os Estudos da Tradução: *The Translation Studies Reader*, organizado por Lawrence Venuti (2000). No entanto, dado o degrau temporal entre esta informação e esta pesquisa, foi possível identificar alguns trabalhos que evidenciam a complexidade da tradução em contexto jornalístico envolvendo a língua inglesa e outras línguas, especialmente a língua portuguesa, na direcionalidade de tradução inglês-português, foco de interesse desta pesquisa, datadas especialmente da última década e que merecem ser citadas.

Dentre os trabalhos mais volumosos que envolvem a tradução do inglês para diferentes línguas, há dois livros editados por Susan Bassnett igualmente intitulados de *Translation in Global News*. No primeiro deles, Bassnett e Conway (2006) reúnem dez trabalhos resultantes de uma conferência e, no segundo, Bassnett e Bielsa (2009) investigam a política de tradução de várias agências internacionais de mediação e transmissão de notícias.

A maioria destes pesquisadores têm se ocupado com a identificação e a problematização de processos culturais ou macropolíticas localizadoras subjacentes à atividade de traduzir em contexto jornalístico. Termos comuns encontrados na maioria dos

referidos trabalhos são: “domesticação” (BASSNETT; BIELSA, 2009), “aculturação” (BASSNETT, 2005); “localização” (ORENGO, 2005; PASKAL-MAZUR, 2005); “transformação” e “foco no leitor” (KUO; NAKAMURA, 2012).

No Brasil, as pesquisas objetivaram-se em evidenciar o conceito de representação cultural. Tais estudos, que contemplam o par inglês-português, estão, em sua maioria, concentrados na Universidade Federal de Santa Catarina, sendo a tese de Zipser (2002) uma das pioneiras. A autora explora a interface entre o Jornalismo e a Tradução, evidenciando como a tradução é construída e constituída discursivamente sob pontos de vista jornalísticos que representam de forma diferente um fato, destacando o papel da tradução como coadjuvante na construção da notícia. A partir daí a pesquisadora tem orientado vários trabalhos, como o de Polchlopek (2006), o qual investigou os processos de construção de notícias comparando o modo como as revistas *Time* e *Veja* representam de modo diferente o episódio 11 de setembro nos Estados Unidos, dentre outros (LIMONGI, 2000; SACHET, 2005; ALMEIDA, 2005; MAZUTTI, 2011). Lima (2008) realizou um trabalho na mesma linha mostrando como o jornal *The New York Times* reforça as representações pré-construídas sobre o Brasil por meio de notícias traduzidas sobre o país para os brasileiros.

Na perspectiva do processo e procedimentos de tradução, há o trabalho de Culleton (2005). Esse fez um levantamento das estratégias de adaptação utilizadas a partir de textos originais e traduzidos em dois jornais regionais brasileiros. Apesar do trabalho contemplar o par espanhol-português, ele se alinhou com a complexidade do fazer tradutório na medida em que toma as escolhas do tradutor como adaptações. Contudo, o autor concluiu que a tradução em seu trabalho fora fonte de erros e inadequações.

Como se pode perceber, existe uma tendência teórica em evidenciar a tradução como atividade de representação cultural condicionada ao contexto jornalístico em que está inserida, à ideologia e ao discurso da agência noticiosa, o que gera implicações ao sujeito tradutor que, ao representar discursos, o faz de forma “domesticadora”.

O foco desta tese foi investigar o papel do tradutor como mediador textual-discursivo, objetivando olhar para as diferenças textuais pelo viés da comparação intertextual, ou seja, pelo cotejo entre o texto original e o traduzido e não pelo confronto, sob o pano de fundo da globalização e localização de textos, em que as escolhas linguísticas pudessem ser justificadas pelo processo da localização, pois parto do pressuposto de que tal política ou macroestratégia de tradução também encontra repercussão no jornalismo internacional da revista *Reader's Digest*. Assim, procurei colocar em evidência os efeitos linguístico-textuais destas implicações para o sujeito tradutor na perspectiva da dinâmica do preenchimento da função de

mediador textual-discursivo, isto é, de (re)construtor de sentidos, de (re)contextualizador. Por meio da análise de textos sob a ótica interacionista sociodiscursiva (BRONCKART, 1999) que interliga a atividade de linguagem, texto e discurso, busquei incluir um lugar de interação para o tradutor enquanto leitor-produtor de sentido, em que o texto é entendido como o próprio lugar da interação e os interlocutores, o autor do texto original, os tradutor e os leitores locais, como sujeitos ativos que se constroem e são construídos dialogicamente por meio dele.

Uma outra questão a ser problematizada é a questão da tradução comissionada, isto é, realizada em determinado contexto, em uma dada instituição que, por sua vez, dita normas e políticas de forma que condiciona a tarefa de tradução. Tal prerrogativa também traz implicações para a concepção de tradução que se sobressai como atividade de produção textual, requerendo do tradutor uma participação cada vez mais consciente como mediador textual-discursivo. Sua tarefa, neste sentido, é tensionada pelo fato de que ao mesmo tempo em que tem de mobilizar recursos no sentido de construir sentido para o leitor, ele segue normas e traduz opiniões das quais ele pode ou não compartilhar, de acordo com a orientação político-ideológica do veículo de informação que neste caso, é o discurso anticomunista propalado pela revista *Reader's Digest* na década de 60.

O aparato teórico-metodológico da Linguística Textual Discursiva (ADAM, 2008, 2011) alinhada à noção de tradução como retextualização de Gonçalves Travaglia (2003) foi essencial para legitimar o ato de traduzir como prática social interativa e dialógica de linguagem tal como qualquer outra prática social que propicia diálogo entre uma miríade de fatores culturais, linguísticos e discursivos para constituir efeitos. Assim, descrever a retextualização dos textos de opinião e analisá-la à luz de suas especificidades contextuais, de acordo com suas condições de produção e recepção, entendendo as normas como delimitações socioculturais específicas de uma cultura, sociedade e época (TOURY, 1995), impôs-se como um desafio teórico e metodológico nesta empreitada. É nesse sentido que esta pesquisa procura uma orientação mais complexa e integrada entre teorias linguístico-textuais e discursivas para a prática da tradução contextualizada. Para tanto, compartilharei algumas de minhas percepções sobre os principais modelos e conceitos que têm sido levantados por pesquisadores da localização de notícias, começando pela observação de que a prática de tradução no processo global e local de transmissão de notícias é situada, e que, portanto o tradutor possui um lugar privilegiado de mediador na lógica global e local da transmissão de notícias.

1.2 O contexto jornalístico internacional: um lugar propício à mediação

Segundo Orengo (2005), estudos mais recentes sobre a tradução em contextos jornalísticos têm procurado abordar questões de globalização e linguagem do ponto de vista do fluxo de informações e mercadorias no globo. Assim sendo, a prática da tradução tem se constituído um fenômeno de extrema relevância no evento da transmissão global de notícias. O'Hagan e Ashworth (2002) justificam a necessidade de enfrentar este novo paradigma pelo modo como a comunicação contemporânea e a transferência de informações têm sido permeadas pela simultaneidade e pela compressão de tempo, o que certamente tem amplificado a complexidade da tarefa de traduzir. A seguir, discorro sobre a prática da tradução situada entre o global e o local na transmissão de notícias.

De acordo com Steger (2009, p.7), por volta dos anos 60, a palavra globalização se tornou popular no domínio acadêmico para descrever “um processo, uma condição, um sistema, uma força e uma era”. Devido ao uso indiscriminado da palavra globalização significando tanto processo quanto condição, impregnou-se uma confusão semântica que pouco ajuda na apreensão do fenômeno. Ora, se globalização (processo) gera globalização (condição), então uma destas palavras precisa ser verbalizada de outro modo. Diante disso, Steger (2009) sugere que se use a palavra “globalidade” para o sentido de condição social, dos entrelaçamentos ou nós que se transformam em redes. Nas palavras do autor:

Então, eu sugiro que usemos o termo *globalidade* para significar uma *condição social* caracterizada pela existência de interconexões e fluxos econômicos, políticos, culturais e ambientais globais que tornam a maior parte das divisas e fronteiras que existem na atualidade irrelevante. (STEGER, 2009, p. 7, grifos do autor)²

O autor esclarece que a globalidade não deve ser entendida como estática e determinista no sentido de ser um obstáculo ao progresso e desenvolvimento. Pelo contrário, sua especificidade é o que possibilita a formação de novas constelações planetárias, novos nós, dados por meio de novas e diversificadas manifestações sociais, que podem tanto se basearem em valores diversos, tais como os individualistas, quanto os mais cooperativos de

² Hence, I suggest that we use the term *globality* to signify a *social condition* characterized by the existence of global economic, political, cultural, and environmental interconnections and flows that make many of the currently existing borders and boundaries irrelevant.

orientação menos capitalista. Tais alternativas são o que confere um caráter de indeterminação de valor positivo ou negativo à globalidade.

Já o termo globalização, por sua vez, deve se referir ao “conjunto de processos sociais que transformam nossa condição social atual em globalidade” (STEGER, 2009, p. 8). Assim, em essência, a globalização é este estado transformador momentâneo e contemporâneo dos agrupamentos humanos, da interação entre os seres no planeta que contém pelo menos três informações sobre a temporalidade: o fato de estarmos passando pela condição moderna e gradualmente caminhando para a condição pós-moderna da globalidade.

Do ponto de vista da globalização de mercados, as empresas distribuem seus produtos e serviços em nível internacional fundamentalmente por motivos econômicos, para que possam continuar competitivas no mercado. Esta é uma prática comum também no âmbito da transmissão e compartilhamento de notícias e visões, constituindo-se uma das práticas comuns entre jornais e revistas que desejam tornar-se globais.

Por ser a noção de globalização uma noção essencialmente ligada a uma dimensão mais ampla de processo e dinamicidade, ela implica, inicialmente, na ideia de interdependência e integração entre povos, culturas, pessoas de diferentes partes do globo. A definição de globalização do dicionário *American Heritage Dictionary*, por exemplo, que significa tornar global em escopo e aplicação³, deixa latente a ideia da dinâmica da interdependência e da integração entre local e global pelo fato de que geralmente parte-se de interesses e iniciativas locais para se transformar algo em global.

Nesta lógica, as práticas locais bem sucedidas, independentemente de sua origem, constituem-se como novas alternativas e podem, inclusive, alavancarem um negócio, tal como foi o caso da *Reader's Digest*. Embora eu discorra posteriormente sobre os detalhes da revista, é preciso registrar, neste momento, que a revista regional produzida na pequena cidade de *Pleasantville*, próxima à capital Nova Iorque, tinha o objetivo de ser um produto inovador e, ao mesmo tempo, alternativo no mercado de divulgação de notícias por concentrar-se, no início do negócio, na problematização da concepção de comunicação, pois, na ótica de seus idealizadores, o foco nas republicações condensadas de matérias já divulgadas em outros meios justificava o fato de que a mensagem por trás dos textos publicados nos grandes jornais e revistas do país não chegava de forma acessível a aquele público específico.

³ To make global or worldwide in scope and application

À medida que a Reader's Digest foi alcançando patamares de sucesso, tal como toda empresa inter ou multinacionais de comunicação de massa, precisou desenvolver uma marca globalizada homogênea, levando em consideração as preferências específicas da cultura alvo para conquistar e manter consumidores. Para circular seus textos em vários locais no mundo, a revista privilegiava temas de interesse global que afetavam diretamente o local. Para tanto, ela desenvolveu estratégias em que seus produtos eram adaptados para tornarem-se aceitos pela comunidade local em que veicularia. O processo inverso ao da internacionalização, o de transformação de um produto global com vistas à adequação local, é denominado na literatura consultada de localização.

De acordo com Pym (2004), apesar dos julgamentos de valor sobre os efeitos nem sempre positivos da globalização do ponto de vista do fluxo da transmissão de notícias, fato é que textos noticiosos têm sido produzidos, na maioria das vezes, na língua inglesa e distribuídos por agências jornalísticas espalhadas pelo globo que localizam tais notícias de acordo com os contextos locais, para serem usufruídas por leitores especificamente locais. No proposto desenho, a tradução faria parte do processo de localização de notícias. Conforme o autor:

As notícias vindas do exterior as quais lemos na imprensa local podem ser vistas como sendo legitimamente uma **localização** dos textos escritos em língua estrangeira que foram em um determinado momento transformados pelas agências internacionais e transformados de modo que vão além das noções endêmicas de tradução (PYM, 2004, p. 4)⁴

Tal posicionamento se faz comum também nos escritos dos pesquisadores, Paskal-Mazur (2005), Orengo (2005), Bassnett (2005) e Bassnett e Bielsa (2009), Clausen (2004) e Robyns (1994), porém com orientações de leitura distintas, porém complementares.

A pesquisadora polonesa Paskal-Mazur (2005) se baseou neste mesmo referencial teórico da globalização e da localização para acrescentar um processo intermediário na distribuição de notícias denominado de glocalização⁵. Com o intuito de ampliar o

⁴ The foreign news we read in the local press can legitimately be seen as a localization of foreign-language texts, at some point transformed by the international agencies, and transformed in ways that go beyond endemic notions of translation

⁵ Glocalização é um termo que tem origem na palavra *dochakuka*, derivada de *dochaku*, que, em japonês, significa "o que vive em sua própria terra". Trata-se de um processo de adaptação de culturas globais no clima em solo local, no caso, japonês. O termo foi conceituado e introduzido por Robertson (1992), teórico da modernização e sociologia da religião, dentro do quadro teórico da globalização e da localização em resposta às noções dicotômicas cujas visões de global e local são geralmente opostas e extremadas. O autor se afasta da noção de globalização como sistema e propõe a noção de "campo global" para mostrar o desaparecimento de fronteiras geográficas, isto é, na ausência do controle territorial, o globo pode ser entendido como uma extensa

entendimento de que as informações internacionais e globais sofrem uma espécie de metabolização pelas agências noticiosas, a autora propõe uma análise que concebe as revistas internacionais como “veículos de glocalização” (PASKAL-MAZUR, 2005, p. 156). Neste sentido, as revistas emergem como propiciadoras de um hibridismo linguístico-cultural perceptível por meio da tradução das marcas culturais que tendem a ser transformadas de modo mais ou menos global ou local, a depender da ideologia de localização de uma revista. Em suma, para a autora, a tradução seria uma atividade promotora de marcas interlinguais e culturais híbridas.

Em uma perspectiva antropológica da localização, Orengo (2005) aponta o modo com que dois jornais italianos tratam de um mesmo tema, chegando à conclusão de que a linguagem usada para atrair o público-alvo leitor funciona como forte referência no processo de localização de notícias. O autor propõe a noção de tribalização para explicar as tendências políticas esquerdistas ou reacionárias das agências locais ou regionais na construção das notícias que chegam das agências internacionais quando são traduzidas pela mídia local, as quais rendem-se às expectativas ou especificidades ideológicas das tribos leitoras de tais notícias.

De modo complementar, Bassnett (2005) observa que no processo de trazer a notícia de volta pra casa, ou seja, acomodar as informações uma vez locais e que foram globalizadas e depois localizadas novamente a um determinado público alvo leitor, é inegável que haverá perdas e uma delas certamente virá em forma de aculturação, isto é, por meio de uma acomodação ao discurso que permite omissões ou supressões de marcas culturais típicas da cultura estrangeira.

Assim, a abordagem teórica de Orengo (2005) e Bassnett (2005) chamam a atenção para a posição específica ocupada pelo tradutor na lógica global e local. Apesar de poder-se interpretar que a prática de tradução é subsistêmica ou determinada pelo sistema jornalístico, existe também a possibilidade de ler suas considerações do ponto de vista da prática textual, o objetivo desta tese. Como o intuito destes pesquisadores não foi problematizar o fazer tradutório do ponto de vista linguístico-textual, o papel de mediador textual desempenhado pelo tradutor permaneceu invisível na cadeia processual jornalística. Nesta tese, a atividade de traduzir foi concebida como uma atividade institucional e o tradutor um profissional comissionado seguidor de normas o que, apesar de ser um fator condicionante vivido pelo

tradutor na realidade, é um elemento importante para o seu crescimento como profissional responsável e textualmente competente.

É preciso ressaltar o lugar de mediação ocupado pelo tradutor na lógica global-local, pois tal lugar pode propiciar a emergência da presença da subjetividade na coletividade, do poder construtivo e criativo do tradutor. No livro *Translation in global News*, Bassnett e Bielsa (2009), ao adotarem uma metodologia etnográfica, enfatizam a natureza mediadora das agências internacionais que funcionam como uma espécie de filtro, apontando alguns paradigmas teóricos de tradução que devem ser problematizados na teoria e na prática da tradução e mostrando as práticas, as estratégias e os valores que o jornalista tradutor prioriza.

Desde 1994, Robyns já apontava a necessidade de abertura de um espaço prospectivo para se entender a atuação do tradutor em contexto internacional de transmissão de notícias. Em seu texto “A Internacionalização de valores sociais e culturais: sobre as estratégias de homogeneização e localização da revista *Seleções*” o autor lança a seguinte pergunta: “o que seria mais útil, entender os tradutores como agentes dentro do sistema alvo, que controlam tanto a produção como a recepção das traduções, ou entendê-los como agentes dentro de um sistema internacional de produção textual e tradução?”

Esta pergunta foi de especial importância para alavancar esta tese, pois o autor, ao partir da lógica da internacionalização, lança um olhar de modo a problematizar a prática tradutória do ponto de vista textual, que se afastaria da suposta missão autoral estrangeirizadora propagada por teóricos da tradução literária porque lança luz ao papel mediativo do tradutor como produtor de textos, posicionando-o em um lugar teórico ainda pouco explorado: o lugar **entre** os processos de globalização e de localização. Desse modo, caberia ao pesquisador buscar entender o que isso significaria em contextos específicos na dimensão textual-discursiva, tal qual foi o caso desta pesquisa.

Embora o foco da pesquisadora Lisbeth Clausen (2004, p.25) não tenha sido investigar o papel da tradução no contexto internacional de transmissão de notícias, suas contribuições podem ser fecundas para se entender o sentido de mediação em contexto jornalístico. A autora explica que no processo de produção e transmissão de notícias no Japão, o fluxo de entrada e saída de notícias fez com que os jornalistas adquiram uma “*Janus-faced ability*”, imprescindível para selecionarem e produzirem notícias em contexto local, com sucesso.

Jano era um deus da mitologia romana cujo nome deu origem ao mês de Janeiro e que possui duas faces integradas. Essa integração simboliza a transição, a passagem, a fronteira entre fim e começo, velho e novo, entrada e saída⁶, de acordo com a Figura 1:



FIGURA 1: A dupla face de Jano⁷

A integração entre as faces de Jano, metáfora utilizada pela pesquisadora para se referir ao modo como os jornalistas atuam na lógica global-local, pode explicar, também, como deve ser a conduta do jornalista tradutor/produtor textual, por sugerir a complexidade da habilidade de olhar para o texto original, ponto de partida proveniente do fluxo global (face à esquerda) e, ao mesmo tempo, olhar para a tarefa de redimensionar aquele texto no contexto local, de recontextualizar textos. Na perspectiva teórica da mediação, o tradutor é, então, um re(con)textualizador.

1.3 Dimensões impactadas pela tradução como mediação

A ideia de tradução como mediação de conteúdo é mobilizada por Baker (1993) para nos lembrar de que para que partilhemos conhecimentos sobre o mundo da política e de várias outras áreas, como a literatura, por exemplo, dependemos da tradução, isto é, de textos traduzidos.

Na dimensão sociocultural, há aspectos positivos e negativos envolvendo o papel da tradução no globo. Enquanto há aqueles que concordam com Deslile e Woodworth (1998)

⁶ Fonte: Britannica Enciclopedia Moderna

⁷ Fonte: http://www.lauragais-patrimoine.fr/VILLES_ET_VILLAGES/VILLE%20DE%20SOREZE/DIEUJANUS/JANUS01.htm

quando afirmam que, em tese, a tradução é mola propulsora do desenvolvimento de culturas, literaturas, alfabetos e novas línguas e que o maior responsável por isso é o bom tradutor, há também um pressuposto tradicional que sugere que a tradução seria um fenômeno secundário, naturalmente inferior em sistemas mais amplos tal como os sistemas literários, que restringem a liberdade da atividade do tradutor, impondo-lhe certas condições. Nesse sentido, a atividade geralmente é vista com negatividade, como fenômeno secundário, de pouco prestígio. Nas palavras de Venuti:

[...]o impacto da tradução varia de acordo com a posição de um determinado país na economia geopolítica. Nos países hegemônicos, os conceitos metafísicos de originalidade autoral e autenticidade cultural rebaixam a tradução a uma escritura de segunda ordem, derivada e adulterada, de modo que, especialmente nos Estados Unidos e no Reino Unido, ela recebe uma atenção relativamente pequena da parte de escritores e críticos, eruditos e acadêmicos. (VENUTI, 2002(a), p.351)

Já em países em desenvolvimento, a tradução é vista de outra forma. Segundo Venuti, a tradução tem sido especialmente importante em momentos históricos decisivos, mediante o fracasso de um regime político em que as culturas mudam de direção, por exemplo. O valor que a tradução assume nestes contextos é o de prática de formação de identidade e não de acúmulo de capital como nos países desenvolvidos. A tradução exerceria, então, um papel ativo na construção de autor, nação, leitor e cidadão. Nas palavras do autor:

Em países em desenvolvimento, a tradução gera capital cultural bem como econômico. A necessidade de se comunicar entre as línguas maiores e menores fez com que as indústrias de tradução e programas de formação de tradutores proliferassem. A tradução é vista como uma intervenção significativa na hibridez polilinguística e cultural que caracteriza situações coloniais e pós-coloniais, uma fonte útil de inovação linguística na construção de literaturas nacionais e na resistência ao domínio de línguas e culturas hegemônicas. (VENUTI, 2002(a), p.351)

No jornalismo globalizado, a tradução ocupa um lugar impactante, haja vista o comentário de Darin (2010, p. 2), o qual explica o sentido que a tradução tem adquirido neste contexto:

A tradução sempre esteve **a serviço da globalização**, isto é, da redução de distâncias, da troca entre as comunidades, da aproximação dos povos, da criação e manutenção de uma rede que, primeiramente local e regional, intensificou-se até se configurar na rede linguística que hoje conecta nossa aldeia global. (DARIN, 2010, p.2, grifo meu)

Percebe-se neste comentário que a tradução gera consequências positivas do ponto de vista social e cultural: a de contribuir para a manutenção da informação e também a de aproximar pessoas, propiciando a formação e fortalecimento de comunidades pelo globo. A expressão “aldeia global” proposta pelo filósofo canadense Marshall McLuhan em 1962, representa este movimento e sugere o quanto o mundo está organizado em redes que formam conexões por razões outras que ultrapassam as barreiras territoriais, temporais e, por meio da tradução, barreiras linguísticas e culturais.

Em relação à prática de tradução, a oportunidade do encurtamento das distâncias entre povos e a manutenção do contato cultural entre diferentes localidades e regiões têm gerado efeitos e expectativas no que tange à ética do tradutor na lógica da globalização e da localização de notícias.

As teóricas da tradução de notícias Bassnett e Bielsa (2009) explicam que o ponto mais problemático da tradução na contemporaneidade é o fator cultura, pois com o afrouxamento das fronteiras devido ao desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação ao longo de algumas décadas, houve uma intensificação das relações entre as pessoas e as diferenças culturais se fazem mais proeminentes na tradução.

Ao observar a prática de tradução em situações de conflito político e ideológico entre culturas diametralmente distantes, estados como o de guerra e tensão racial, Baker (2006) explica que a tradução deveria ser, idealmente, concebida como renarração, sugerindo que o tradutor se posicione, senão com imparcialidade, uma ilusão e ingenuidade, pelo menos com maior envolvimento e reflexividade, buscando distanciamento ético em relação aos valores culturais a serem traduzidos. A autora adverte que o comportamento do tradutor precisa ser mais reflexivo neste contexto, pois a falta de sensibilidade política pode trazer sérias implicações aos tradutores, inclusive de ameaça e de morte.

Já na perspectiva do leitor, Bassnett e Bielsa (2009, p.117) explicam que, no contexto jornalístico, há uma carga extra de expectativa de honestidade sobre o tradutor. A sociedade leitora exige o cuidado com a veracidade dos fatos e das notícias por parte dos jornalistas e confirma o desejo de que “a transmissão seja feita de modo confiável”, fato que traz implicações sociais para a faceta de tradutor em contexto jornalístico.

Do ponto de vista processual da construção das notícias, Erkka Vourinen (1997), estudioso do *gatekeeping* na mídia, afirma que há muitos posicionamentos de rejeição à tradução nos estudos sobre jornalismo e comunicação de massa. Ela por vezes é entendida como obstáculo que reduz o fluxo das notícias e fonte de erros e inadequação. Do ponto de vista discursivo crítico, Van Dijk (1988, p. 134), ao estudar comparativamente os discursos

constituídos nos jornais, interpreta que a atividade de traduzir tem sido presumida, isto é, tem sido “naturalizada” (*taken for granted*) pelos jornalistas e aponta a necessidade de se problematizá-la.

Como se pode ver, a visão sobre a prática da tradução em contexto jornalístico oferece perspectivas não muito positivas para o tradutor. Apesar dos inúmeros avanços proporcionados por pesquisadores e teóricos de diversas áreas no entendimento da tradução como fenômeno linguístico, social, cultural e antropológico, a falta de informação sobre a prática de tradução e a realidade linguística do ato de traduzir em contextos específicos ainda impede o avanço do entendimento mais profundo sobre a atividade e acaba perpetuando a resistente expectativa de que o tradutor nada mais é do que um mero fantoche nas mãos das instituições.

Uma possível explicação para tal visão sobre a tradução e o tradutor está no fato de que a natureza da tradução jornalística é “dual” ou “ambígua” (BASSNETT; BIELSA, 2009, p. 6): observada enquanto tarefa desenvolvida no sistema jornalístico, ela não é vista como uma atividade profissional realizada por um profissional com qualificação específica em tradução. A tradução é geralmente uma das práticas textuais do jornalista, que, por sua vez, pode ou não possuir experiência tradutória. Além disso, por ser o objetivo precípua de toda tradução jornalística encaixar a mensagem à forma adequada ao leitor alvo local, o fazer jornalístico, ao mesmo tempo em que deve zelar pela veracidade, autenticidade e credibilidade da transmissão dos fatos, também possui sua própria complexidade, pois requer uma multiplicidade de operações textuais de preparação, corte, adição, compilação, edição e revisão que, por sua vez, gera certa desconfiança por parte dos pesquisadores, analistas e pela sociedade em geral.

Mas se a tradução for observada como “fenômeno de fronteira”, situada entre sistemas, posição defendida por Tyulenev (2008, p.15) com base nas proposições do sociólogo Niklas Luhmann, a tradução poderá emergir como lugar de possibilidades estratégicas em que os tradutores assumem papéis mais agentivos. Vista sob este prisma, a tradução adquire um status transdisciplinar que poderia propiciar ao tradutor a ocupação de uma posição de mediador, localizador cultural estratégico ou intérprete diplomático, mesmo em contextos mais condicionantes, como é o caso do contexto jornalístico internacional. Para alcançar êxito, no entanto, a tarefa é complexa e depende da análise e da consideração de uma série de fatores pelo tradutor que vão desde a ideologia política da instituição jornalística até a aceitabilidade do seu texto pelos leitores.

Bassnett e Bielsa (2009, p. 134) atestam que a carga de suspeita e ansiedade imposta à tarefa de traduzir no jornalismo globalizado requer o desenvolvimento de habilidades especiais pelo tradutor que vão além da habilidade linguística. Ele precisa ser alguém confiável a ponto de antecipar o que as palavras podem significar em determinado contexto e depois tentar transmitir camadas adicionais de significado, pois há que se traduzir também, muitas vezes, o não-dito, “o que está e ou que não está no texto, o implícito e o suposto, os espaços em branco entre as palavras”⁸.

Em termos do processo de tradução propriamente dito, Vourinen (1997, p.161) explica que o tradutor muitas vezes exerce a função de *gatekeeper*, termo ao qual eu acrescentaria o adjetivo “linguístico” ou *gatekeeper* linguístico, que seria uma espécie de “catalisador” ou filtro regulador, que, devido ao uso de uma série de estratégias de intervenção e manipulação textual, tal como a síntese, a omissão, a explicitação e a explicação, nem sempre é compreendido ou aceito com naturalidade pela sociedade e, o que é pior, por alguns teóricos da tradução. Por este motivo, é frequente a opinião de que, em contexto jornalístico, o resultado da textualização interlinguística nem sempre pode ser reconhecida como tradução propriamente dita ou “*translation proper*”.

Tais questões acima arroladas trazem à baila a discussão sobre alguns paradigmas, os quais seriam paradigmas clássicos e dominantes na área de tradução, pois passam por questões como a fidelidade ao texto original, o emprego de estratégias de domesticação e estrangeirização, a função da tradução e o papel do tradutor. Vejamos, na sequência, como alguns destes paradigmas se comportam no contexto jornalístico.

1.4 Considerações sobre paradigmas relacionados à prática de tradução-mediação em contexto jornalístico à luz dos Estudos da Tradução Baseados em Corpora

Em seu livro “A Estrutura das Revoluções Científicas” Kuhn (2003, p.15), físico e filósofo da ciência, define paradigmas como “realizações científicas que geram modelos que, por período mais ou menos longo e de modo mais ou menos explícito, orientam o desenvolvimento posterior das pesquisas, exclusivamente na busca da solução para os problemas por elas suscitados.” Então, paradigmas são parâmetros que funcionam como normas ou regras que orientam, regem práticas que, em nosso caso, será a prática de tradução.

⁸ to translate not what is there but what is not there, to translate the implicit and the assumed, the blank spaces between words. The difficulty of doing this effectively is immense.

À luz de alguns teóricos dos Estudos Descritivos da Tradução, serão elencados e discutidos os seguintes paradigmas em relação à tradução em contexto jornalístico: a noção de texto original e traduzido, passando pela equivalência e importância dos *corpora*; a estrangeirização e a domesticação e a (in)visibilidade do tradutor.

1.4.1 Textos Originais, Textos Traduzidos, Equivalência e *Corpora*

De acordo com Baker (1993), duas suposições têm dominado a discussão sobre a tradução literária. A primeira é a primazia do texto original, isto é, a busca da exatidão e da fidelidade ao texto original da parte do tradutor. A segunda é consequência da primeira e está implícita na noção de equivalência. Toda tradução teria que ser equivalente ao seu original o máximo possível, tanto formal quanto semanticamente.

O objetivo dos estudos em Tradução Literária nunca foi definir o que é uma tradução como fenômeno e sim determinar o que seria uma tradução ideal ou como uma tradução deveria idealmente ser para minimizar a “inevitável distorção da mensagem, do espírito, da elegância do original” (BAKER, 1993, p. 236).⁹

O essencialismo do estabelecimento da equivalência *per se* tem sido gradualmente transformado pela experiência de se traduzir uma gama diversa de textos, variadas formas e com determinada frequência. A questão atual não é como a equivalência deve ser alcançada mas a que tipo de equivalência pode se chegar em quais contextos. A noção estática de equivalência evoluiu, porém o texto original ainda prevalece superior, o que torna o texto traduzido secundário e inferior aos padrões do outro texto.

Do ponto de vista linguístico da prática de tradução em uma perspectiva global e local, Bassnett e Bielsa (2009) apontam as teorizações do tradutor bíblico Eugene Nida como sendo essenciais para entender os procedimentos estratégicos da tradução em contextos jornalísticos. Creio que pelo fato de o estudioso ter sido um especialista em tradução de textos sensíveis tencionada a garantir o acesso do público a um tipo de leitura específica, sua atuação fora a de um mediador textual reflexivo, pois deu sua contribuição teórica a partir de suas inquietações com o ofício de tradutor bíblico.

Uma das maiores contribuições de Nida (1964) à teoria da tradução foi problematizar a noção de equivalência linguística formal pelo afastamento da noção estrutural de tradução da forma para a noção semântica de tradução de sentido, que deu origem ao termo

⁹ inevitable distortion of the message, the spirit, and the elegance of the original

“equivalência dinâmica”. Tal noção funcionaria como uma orientação procedimental prioritária na tradução jornalística, segundo as autoras supracitadas.

De acordo com Nida, a equivalência formal seria a reprodução das estruturas e unidades gramaticais da língua fonte, em que parte-se das frases e orações para compor parágrafos, respeitando-se a segmentação pela pontuação. As diferenças culturais podem ter dois tipos de tratamento. Tanto podem ser traduzidas de forma literal para que o leitor possa perceber as diferenças ou semelhanças com sua própria língua, como podem ser motivo de adição de notas de rodapé, a depender do estilo adotado pelo tradutor na tradução das expressões idiomáticas cujo significado não estiver evidente.

Quanto à equivalência dinâmica, esta seria orientada para a preservação do efeito de sentido do texto original, ou seja, seria voltada “não tanto para mensagem do texto fonte, mas sim para a resposta do receptor” (NIDA, 1964, p. 150). Desse modo, o mais importante é que a tradução soe tão natural quanto se fosse um texto previamente concebido na língua-alvo, ou seja, que não revele sua condição de tradução mas o seu “efeito”. A certeza de que o tradutor atingiu essa naturalidade, portanto, seria o fato de ela não se fazer notar como texto traduzido, pois, como o autor sugere, a adequação linguística se faz presente justamente quando não desperta atenção para si. Assim, o texto de chegada pode apresentar modificação em termos de estruturas, categorias gramaticais e semânticas e tipos de discurso para melhor servir ao público receptor, por meio da eliminação das marcas estrangeiras.

Em uma de suas primeiras considerações, no entanto, sobre tais métodos ou orientações de tradução, o autor deixa claro estar ciente de que não há apenas estes dois tipos de procedimentos tradutórios possíveis, pois, de acordo com ele, a maneira de se traduzir depende (i) da natureza da mensagem, (ii) do(s) propósito(s) do autor e, por extensão, do tradutor e (iii) do tipo de público receptor (NIDA, 1964, p. 142).

Nida (1964) explica que há momentos em que se deve escolher traduzir a forma e outros em que se deve priorizar o sentido e que tal decisão reflete-se no texto enquanto *continuum*, em nome da fluência e da naturalidade linguístico-textuais, não devendo ser uma escolha a ser feita *a priori*, mas durante o processo. Tal noção é muito cara à tradução em geral e à tradução jornalística, em específico, pois, implícito neste raciocínio, jaz o apontamento para o processo de tradução que envolve um conceito de leitura e interpretação de texto mais dinâmico e menos linear ou estruturalista. Nesse sentido, o tradutor passaria a depender mais das normas e das condições de produção da tradução para poder agir com adequação do que da sua competência em “extrair” o sentido contido em textos originais e

então gerenciar momentos em que poderá ir de um extremo ao outro durante a realização de uma tradução.

Sobre as implicações ao processo de traduzir, é o teórico Gideon Toury (1981) que se debruça sobre a descrição das diversas decisões tomadas durante o processo tradutório, explicitando o sistema de regras ou métodos preferenciais de tradução por meio da análise das alterações ocorridas entre o texto original e o traduzido. Ao longo de seu trabalho, o autor conclui que a ausência de fidelidade ao original não se devia à falta de observação ou indiferença dos tradutores às relações intertextuais, mas às condições culturais do sistema de recepção as quais ditavam tais transformações.

Apesar destas noções terem sido originárias de análises de obras literárias e poéticas, a discussão sobre o ato de traduzir começa a dessacralizar a visão rígida de fidelidade ao texto original e tradução, que não deixa de ser ideológica do ponto de vista do tradutor, ou seja, o tradutor pode estar de acordo ou contrário à ideologia ou poética dominantes, mas sob pretexto de ter que seguir normas específicas e não por vontade deliberada ou liberdade incondicional, razão pela qual haveria mudanças ou não no estado do texto traduzido. Neste sentido, ao vir incorporado ao sistema literário, à crítica literária, não haveria como desvincular o ato de traduzir das questões de recepção, aceitação e rejeição, gerando, enfim, implicações condicionantes para a prática da tradução.

Sobre o estatuto do texto traduzido, a ideia de tradução como mediação de conteúdo é mobilizada por Baker (1993) para nos lembrar de que para que partilhemos conhecimentos sobre o mundo da política e de várias outras áreas, como a literatura, por exemplo, dependemos da tradução, isto é, de textos traduzidos. Nas palavras da autora:

Textos traduzidos desempenham um papel tão importante na modelagem de nossas experiências de vida e de nossa visão de mundo que é difícil entender porque a tradução tem sido tradicionalmente compreendida com uma atividade de segunda ordem, indigna de sólidas investigações acadêmicas e porque textos traduzidos têm sido relegados a não mais do que versões inferiores e distorcidas de textos 'reais'. (BAKER, 1993, p.233)¹⁰

Além disso, textos traduzidos têm sido tradicionalmente analisados com o único propósito de provar que ficam muito aquém de reproduzirem toda a glória do texto original. A autora cita um exemplo da área de Linguística de *Corpus*, a lexicografia, para mostrar o

¹⁰ Translated texts play such an important role in shaping our experience of life and our view of the world, it is difficult to understand why translation has traditionally been viewed as a second-rate activity, not worthy of serious academic enquiry, and why translated texts have been regarded as no more than a second-hand and distorted versions of 'real' texts.

quanto a tradução tem sido renegada por alguns linguistas. Tal foi o caso de uma pesquisa encomendada pela *Network of European Reference Corpora* em que os compiladores de *corpora* europeus excluíam textos traduzidos de suas amostras. Tal percepção reforça a ideia de que textos traduzidos não são “verdadeiros” e não representam a língua e que, portanto, não são dignos de serem investigados. A estudiosa concorda que a exclusão de textos traduzidos por não nativos na língua de chegada pode ser justificada, mas por que considerar textos traduzidos por nativos na língua meta como inferiores ou limitados? Ao questionar o preconceito linguístico e a falta de reconhecimento acerca da representatividade do texto traduzido, Baker argumenta que a diferença entre a tradução e outras atividades linguísticas é uma questão de comportamento, isto é, a atividade de traduzir é muito mais complexa por que não basta única e exclusivamente possuir o domínio de uma outra língua.

Baker defende que “os textos traduzidos reproduzem eventos comunicativos genuínos”¹¹ (BAKER, 1993, p.234) e, portanto, não são inferiores ou superiores a outros eventos comunicativos em qualquer língua. Mas, por serem diferentes, há que se compreender a natureza destas diferenças, pois a Tradução como disciplina não é um campo isolado e pode muito contribuir com outras disciplinas. Além disso, é preciso que se reconheça o valor de uma tradução como fenômeno que perpassa quase todos os aspectos da vida em qualquer época, desde os primórdios até a contemporaneidade.

Baker explica que para alguns teóricos, a Tradução ainda é um campo de estudos cuja maior parte se preocupa exclusivamente na relação entre texto fonte e texto meta e não com a natureza do texto traduzido tal como ele é. Além disso, as relações investigadas entre os textos usam noções de equivalência e correspondência, *shifts* de tradução, as quais não levam em conta questões práticas do campo tal como o treinamento e desenvolvimento de tradutores. A autora também argumenta que o foco excessivo nestas noções não leva a um avanço nas questões teóricas da área por delimitar excessivamente o objeto de estudo. Concluindo o raciocínio sobre a questão do objeto de estudo, concordo que o foco dos Estudos da Tradução deveria ser o estudo das características dos textos traduzido e não o contraste negativo entre texto original e traduzido que reforça o ideal de inferioridade e superioridade entre textos e abafa a atividade dinâmica que envolve a leitura, interpretação e produção normalizada de textos.

Segundo Baker, a partir do que ocorreu na década de 90, isto é, a introdução da noção de *corpora*, os Estudos da Tradução interessados na natureza e características dos textos

¹¹ translated texts record genuine communicative texts

traduzidos alavancaram e grandes *corpora* propiciaram aos estudiosos a oportunidade de observarem o comportamento da linguagem dos textos originais e traduzidos e, sobretudo, a interação cultural entre eles e, a partir daí foi que elaboraram questões de pesquisa e definiram seus objetos de estudo.

Nessa direção, a autora propõe que se utilize três tipos de *corpora* nos estudos da Tradução: os *corpora* paralelos, os multilíngues e os comparáveis. Os *corpora* paralelos, foco de nosso estudo, são constituídos de textos originais e suas versões traduzidas e, segundo Baker (1995), por meio do estudo destes *corpora* é possível perceber o processo pelo qual o tradutor passou para traduzir o texto, as dificuldades que teve de superar, enfim, é possível acessar as modificações através da comparação intertextual. Do ponto de vista prático, este acesso é de especial importância para o treinamento de tradutores, pois fornecem modelos do que realmente acontece na prática diária de um tradutor como produtor de textos. Conforme afirma Neubert (2004), os casos bem-sucedidos de tradução são um ponto de referência essencial para a educação de tradutores. Já do ponto de vista teórico, esse tipo de *corpora* propicia o contato com as normas de tradução em contextos sócio-culturais e históricos, o que pode justificar as transformações efetivadas pelos tradutores ao escreverem os textos traduzidos analisados nesta tese.

Baker afirma que os estudos com *corpora* permitem elucidar a natureza do texto traduzido como evento comunicativo mediado (BAKER, 1993, p.243). Por apresentar características típicas, a autora defende que o texto traduzido é autônomo em relação ao original e advoga a existência da natureza de uma linguagem própria da tradução. Uma vez que o processo tradutório é mediado por fatores tais como: i) cultura, conhecimento e ponto de vista do tradutor; ii) a época em que o ato tradutório ocorre; iii) normas de editoração e publicação em evidência no país alvo, entre outras, torna-se possível observar tendências e estratégias apresentadas pelo tradutor no texto-meta.

Com base em Toury (1991), Baker elenca as seguintes marcas que caracterizam traduções: i) aumento marcado no nível de explicitação; ii) tendência para desambiguação e simplificação; sintaxe simples ao invés de complexa, iii) preferência por gramaticalidade convencional, iv) tendência em se evitar repetições e v) normalização ou tendência em exagerar características da língua meta. Esta classificação é essencial para a análise deste trabalho uma vez que o texto traduzido em comparação com o original deixa entrever traços que remetem às normas que condicionam todo fazer tradutório.

Para que isso ocorra é necessário utilizar ferramentas metodológicas da Linguística de *Corpus* com o objetivo de identificar um padrão de características típicas de uma tradução,

um padrão que não resulte das interferências de sistemas linguísticos específicos, mas sim da interdependência de variáveis que incidem em cada caso de tradução.

A seguir, com o intuito de problematizar a pouca visibilidade do tradutor como autor, discorrerei sobre a posição de Lawrence Venuti (2002), um dos principais teóricos e tradutores literários do italiano para o inglês da atualidade, que, em posição oposta, defende a não fluência e o propiciamento da sensação de estranhamento textuais como formas de oposição à poética etnocêntrica dominante a serem exploradas pelo tradutor para tornar a cultura do outro mais visível e, por consequência, tornar-se mais visível pela diferença de comportamento. Passemos agora a procurar entender o impacto deste modelo na prática de tradução jornalística.

1.4.2 Domesticação, Estrangeirização e Normalização

Do ponto de vista cultural, Venuti atesta que a maioria dos tradutores anglo-americanos não exerce poder sobre o que escrevem ao traduzirem, fato que os tornam invisíveis em termos de autoria. Ele acredita que a invisibilidade do tradutor é especialmente regulada de duas maneiras: i) pelo modo com que os tradutores lidam com a língua inglesa, tendendo a traduzir inglês de forma fluente e legível, criando uma “ilusão de transparência” e ii) pelo modo com que os textos traduzidos são geralmente lidos ou “consumidos” na cultura-alvo. A filosofia dominante de Venuti é a preservação da diferença cultural.

Venuti justifica que quando o tradutor é parte integrante da cultura alvo para a qual ele traduz, ele é supostamente fluente na língua materna, fato que deveria ser questionado pelo tradutor enquanto ideologia linguística, com vistas a problematizar a questão de sua identidade cultural. Segundo esta linha de raciocínio, o tradutor teria maior visibilidade quando é fiel ao projeto do autor, sua intencionalidade artística, quando respeita as orientações criativas do autor e as variações dialetais características de uma obra, quando for o caso, enfim o projeto do autor do texto original.

O autor argumenta que o tradutor teria o poder de ser visível ou não por meio de escolha entre duas estratégias de tradução: a estratégia de domesticação e a estratégia de estrangeirização. Com base no ensaio *Sobre os diferentes métodos de tradução* (1821), um dos primeiros textos teóricos sobre tradução é de autoria do filósofo alemão Schleiermacher. Ele depreende que a estratégia de tradução predominante na cultura anglo-saxônica é a

domesticação. Pelo método da domesticação, o produto da tradução é fluente, invisível em termos de estilo, pois tem o intuito de minimizar a estrangeiridade do texto traduzido. Nesse sentido, a domesticação tomou a dimensão de ser uma abordagem etnocentrista que adere aos cânones literários domésticos de seleção e estratégias de tradução (VENUTI, 2002, p. 241).

Outro teórico literário que se interessa em atacar a “naturalização” (em oposição à exotização do estrangeiro) na tradução literária é o francês Antoine Berman. Esse argumenta que a literatura não devia tolerar expressões negativas da criatividade tradutória. Berman chega a denominar a diminuição da variedade e criatividade linguística como “tendências deformadoras” (BERMAN apud MUNDAY, 2001, p.288) do texto original. A estrangeirização e a exotização seriam, de acordo com Venuti e Berman, formas de resistência linguística porque enfoca aspectos identitários estrangeiros, ocasionando um choque na cultura-alvo ao mesmo tempo em que “protege a tradução de uma dominação ideológica da cultura-alvo” (MUNDAY, 2001, p. 147).

Clausen (2004) explica que a domesticação na produção e transmissão no jornalismo internacional em geral se afasta da concepção de “protecionismo da identidade nacional” na medida em que ela é ressignificada na prática por se desenvolver como “processos para tornar a informação compreensível aos públicos de uma dada cultura”¹² (CLAUSEN, p.29, 2004).

Na tradução jornalística, conforme explicitam Bassnett e Bielsa (2009), a política predominante de tradução não é a estrangeirização e sim a “total” domesticação no sentido da aproximação com o público alvo leitor. Segundo as autoras:

Tornar os tradutores mais visíveis é um objetivo salutar com clara ressonância no mundo literário. No entanto, ao considerarmos a tradução jornalística, a visibilidade do tradutor se torna uma questão completamente diferente e a hipótese de estrangeirização de Venuti passa a perder qualquer valor. **Na tradução jornalística, a estratégia dominante é a absoluta domesticação, pois o material é modelado para ser consumido pelo público-alvo e precisa ser desenhado para que se adeque às suas expectativas e necessidades.** (BASSNETT; BIELSA, 2009, p.10, grifo meu)¹³

A palavra-chave para entender o sentido de domesticação no contexto jornalístico é adequação. Questões como a (in)visibilidade, a (in)traduzibilidade, a fidelidade ao texto fonte,

¹² Thus, in short, ‘domestication’ in the present project refers to processes of making information comprehensible to audiences in a given culture.

¹³ Making translators more visible is a laudable aim and one that clearly resonates in the literary world. However, when we consider news translation, the translator’s visibility is a completely different matter, and Venuti’s foreignization hypothesis ceases to hold any value. In news translation, the dominant strategy is absolute domestication, as material is shaped in order to be consumed by the target audience, so has to be tailored to suit their needs and expectations.

o conflito entre o uso de estratégias de estrangeirização e domesticação, a preservação de línguas minoritárias (VENUTI, 2002) não reverberam na atividade tradutória, que se detém na funcionalidade primeira de transmitir as notícias o mais rápido e objetivamente possível aos públicos leitores, conforme as regras e normas do meio onde trabalham.

Segundo Reiss (2000), os propósitos comunicativos dos textos jornalísticos determinam que uma tradução domesticadora ou a adaptação linguística ao uso da língua alvo sejam a estratégia de tradução mais adequada para o contexto. Essa forma de ver textos jornalísticos implica em uma mudança de ponto de vista sobre as equivalências formais, pois se o foco é na mensagem e não na forma, será necessário não só adaptar as estruturas linguísticas da língua alvo, mas também transformar os conteúdos para que sejam ajustados ao novo contexto. Portanto, o tradutor, ao agir como mediador, ele re(com)textualizará os originais na intencionalidade de promover o acesso à informação veiculada nas mídias.

Como foi dito anteriormente, dentre as características típicas da linguagem da tradução, pode-se destacar a normalização. Ao estudar traços de normalização do discurso científico, Camargo (2006) explica que a normalização permite “identificar marcas que evidenciam o comportamento linguístico dos tradutores”. De acordo com Baker (1996, p. 180-184), a normalização seria “a tendência para exagerar características da língua-meta (LM) e para adequar-se aos seus padrões típicos”. Nas palavras de Camargo:

De um lado, a normalização é uma característica intrínseca à linguagem da tradução, a qual é gerada no processo de mediação durante a produção do TT. De outro lado, já a própria produção de textos de áreas especializadas está vinculada a normas de padronização tanto no nível do léxico quanto no nível do texto. (CAMARGO, 2006, p. 57)

Nesta ótica, ao usar conscientemente uma variedade de estratégias seja de normalização provenientes da sua competência em leitura e escrita na língua da produção textual ou da normalização imposta para a redação de textos de determinado contexto de produção, o tradutor estará lançando mão de um “recurso efetivo de intervenção no texto traduzido ao lidar com determinados aspectos do texto traduzido, como, por exemplo, a busca de certa autonomia” (CAMARGO, 2006, p.57).

No caso do contexto jornalístico, o mesmo raciocínio pode ser aplicado. Além da tipicidade da linguagem jornalística em que a objetividade e a brevidade são essenciais para a aceleração da dinâmica da circulação de textos, há uma série de normas linguísticas a ser respeitadas pelo jornalista. Segundo Lage (2004), há normas tais como o padrão da norma culta, períodos mais curtos em reportagens, modulação semântica em relatos com uso de

terminologia específica (como a da área médica, por exemplo) o uso de um léxico de preferência misto ou equilibrado, isto é, não tão coloquial e nem tão formal, dentre outras.

Existem também normas que regem a escrita de textos traduzidos. Camargo (2006) afirma que existem vários níveis em que a normalização pode ser observada: no nível de palavras individuais ou de colocações (normalização lexical) como na pontuação e no uso de clichês e estruturas gramaticais convencionais nos textos traduzidos. Frases longas e elaboradas são substituídas por frases menores e sentenças com sentidos mais gerais nos textos originais são re-escritas de formas mais específicas ou pontuais na tradução.

Ao traduzir do código estrangeiro para o código doméstico, os tradutores que traduzem para os seus próprios conterrâneos o fazem de maneira mais fluente. Camargo (2008) atesta esse fato em sua pesquisa sobre o estilo de João Ubaldo Ribeiro enquanto autor e enquanto tradutor de si mesmo no par de obras *Viva o Povo Brasileiro* e *An Invincible Memory*. Porém, não passam despercebidos, isto é, sua linguagem fluente não transparece falta de comprometimento com o seu ofício de comunicador competente. Sua presença pode ser observada por meio das marcas, traços em que se distancia do original para dar sinais de sua singularidade, observável por meio das diferenças que emergem durante o cotejo entre texto original e o texto traduzido. Assim, o tradutor jornalista possivelmente se torna invisível em termos de autoria, mas não o é como produtor de textos. Vejamos agora como a invisibilidade do tradutor como mediador linguístico tem sido percebida na literatura sobre tradução jornalística.

1.4.3 (In)visibilidade do tradutor-mediador

Em relação à visibilidade do tradutor em contexto jornalístico, a questão ainda não passou por uma discussão teórica suficientemente ampla. Paskal-Mazur (2005) explica que segundo a lógica global-local da distribuição de notícias, isto é, da glocalização, a aplicação de estratégias de estrangeirização e domesticação acontece de forma dinâmica, num *continuum*, e não de forma linear ou dicotômica. A autora examina quatro revistas estrangeiras traduzidas do inglês para o polonês, dentre elas a *Reader's Digest* e constata que as mesmas não são totalmente globalizadas ou localizadas mas apresentam um hibridismo evidenciado pela alternância entre estratégias de domesticação e estrangeirização. Apesar de a autora não incluir um lugar de análise para o tradutor, infere-se, da pesquisa de Paskal-Mazur, que o papel de mediador cultural é atribuído às revistas. Paskal-Mazur observa que as marcas culturais são traduzidas de modo variável em revistas polonesas, e como o tradutor está

embedded no sistema jornalístico, isto é, submetido às regras e políticas de tradução ditadas pelas revistas, ele também faz o papel de normalizador ao mediar textos e age, na maioria das vezes, como aculturador porque tem outras metas a alcançar que não a incorporação de estrangeirismos, por exemplo, conforme quer Venuti e conforme vimos na discussão proposta por Bassnett (2005) sobre a prática da domesticação em agências jornalísticas como política de tradução predominante.

Na pesquisa de Bassnett e Bielsa (2009), a invisibilidade é investigada a partir da prática, da opinião dos jornalistas e editores/tradutores entrevistados. Os participantes afirmaram que as traduções têm que ser invisíveis não só porque elas não levam assinatura do tradutor, mas também porque a invisibilidade é uma garantia da boa qualidade de uma tradução que, tal como a edição, deve respeito à obra e à visão do produtor original da notícia. Lembremos que no contexto jornalístico global não há a figura corporal do tradutor, tampouco a profissionalização. A função de produtor textual é incorporada tanto pelos jornalistas quanto pelos editores.

Na opinião de um dos jornalistas, o que aparece valorizado é justamente o seu fazer textual. Nesse sentido, não há uma total re-elaboração textual, mas intervenções constantes por meio de acréscimo de nuances que, portanto, se tornariam visíveis por meio da observação comparativa entre textualização original e traduzida. Segue o comentário do jornalista:

Na realidade é meio-a-meio porque as informações precisam estar orientadas para agradar ao público regional. Então, a intervenção não se dá no sentido de adicionar ou eliminar dados, mas no sentido de sua orientação, sua hierarquização. A intervenção talvez não seja na tradução propriamente dita, mas no que chamamos de priorização. (BASSNETT; BIELSA, 2009, p. 78)¹⁴

Ao observarem as produções textuais, o que chama a atenção de Bassnett e Bielsa (2009) é o modo como os jornalistas interagem com o texto original, como “base” ou ponto de partida e destacam a importância da relevância (priorização) e da adequação contextual. Constatam, assim, que o jornalista possui autonomia para intervenção no processo da produção do texto. Nas palavras das autoras:

A tradução de notícias pode provocar uma transformação constante do texto-fonte e a produção de um texto novo que deverá se adequar públicos específicos de acordo com as normas jornalísticas da região. Os jornalistas precisam ver o texto fonte não como um produto acabado, mas como uma base para a elaboração de um novo texto

¹⁴ *in reality it is fifty-fifty, because information needs to be oriented to make it attractive to a regional public. So, not intervening in the news in the sense that you add or eliminate data, but intervening in the orientation, in hierarchization. It is about intervening, maybe not in the translation itself, but in what is called prioritization.*

que transmitirá informações exigidas a novos leitores com eficiência máxima. (BIELSA e BASSNETT, 2009, p. 23)

Tais considerações vão ao encontro da posição de Bell (1991), linguista e jornalista inglês o qual explica que o jornalista é um autor, mas não tão original quanto parece, pois não são os únicos a gerarem as notícias. Apesar de carregarem o rótulo de escritores, a linha de produção da qual fazem parte não garante autoria no sentido de originalidade. Em suas palavras:

Minha descrição de jornalista como único produtor de histórias é uma idealização extremada. O modo como os jornalistas incluem textos pre-existentes em suas histórias é um exemplo da característica básica da comunicação na mídia: o *embedding*. Portanto, o jornalista é muito mais um compilador do que um criador de linguagem.¹⁵ (BELL, 1991, p. 7)

O que percebemos nas palavras de Bell é um afastamento da idealização da autoria e uma aproximação com o que acontece na vida real, no cotidiano de um jornalista escritor. Bell deixa claro que o jornalista não deixa de ter o seu valor criativo como “contador de histórias profissional da nossa era” (1991, p.12).

Percebe-se que a forma com que o texto original é lido e trabalhado pelo jornalista tradutor nesta situação gera implicações para o desenvolvimento de habilidades interpretativas específicas ao contexto e a adoção de determinadas atitudes condizentes com a atuação que se deve conformar às expectativas do meio. De acordo com Bassnett e Bielsa:

O que parece acontecer nas notícias se aproxima muito mais do que acontece com textos que são transmitidos oralmente, ou seja, por meio de intérpretes. Um intérprete, traduzindo uma fala para outra língua, reformula, altera ênfases, adiciona e subtrai onde for necessário, busca manter um registro linguístico adequado, em suma, recria uma versão para o público-alvo. (BASSNETT; BIELSA, 2009, p. 124).¹⁶

Como a finalidade da tradução jornalística é adaptar textos frente às diferentes necessidades do público ao qual ela se destina, na prática, o tradutor terá que, além de reorganizar e contextualizar informações, exercitar a “reescrita sutil” a fim de realçar a

¹⁵ Journalists are authors, but they are not as original as may appear. Firstly, they are not the only people who generate news copy. Nevertheless, the title “journalist” labels those whose central job it is to write news. My description of the journalist as sole originating author of stories is an extreme idealization. The way in which journalists insert already existing text into their stories is only one example of a basic feature of media communication: embedding. The journalist is therefore as much a *compiler* as a *creator of language*.

¹⁶ “For what seems to happen to news stories comes much closer to what happens to texts that are transmitted orally, i. e. through interpreters. An interpreter, rendering a speech into another language, reshapes, alters emphases, adds and subtracts where necessary, seeks to maintain a suitable linguistic register, in short recreates a version for the target audience.”

eficácia do original no novo contexto. Segundo Bassnett e Bielsa (p.104), “os textos são marcados pelas realidades locais das quais fazem parte.”¹⁷

Esta relação mais flexível com o texto original remete à questão do poder que é atribuído aos tradutores nas instituições. Segundo Deslile e Woodsworth (1995), a questão do poder dos tradutores é uma questão histórica, que guarda relação com as estruturas políticas dominantes que acabam por determinar o tipo de papel a ser desempenhado pelas traduções em uma determinada época. Sua posição é a de que os tradutores, por questão de sobrevivência, acabam por se submeter ao sistema ideológico para o qual estão trabalhando. No entanto, no ideal dos autores, isso não significa que eles não possam explorar brechas na atividade para obterem o poder pelas palavras:

O poder pode usar os tradutores de mais de um modo, e os tradutores se relacionam com o poder não apenas através de suas traduções. Essas relações dependem, muitas vezes, da forma como eles integram as estruturas de poder existentes e da medida em que são capazes de explorar contradições dentro dessas estruturas. (DELISLE; WOODSWORTH, 1995, p.163)

Tanto Deslile e Woodsworth (1995) quanto Venuti acreditam que o tradutor tem liberdade de ação, de interpretar e de fazer escolhas, podendo aceitar e se submeter às regras impostas pelo sistema ou rebelar-se contra ele por meio da identificação das contradições ou instabilidades dentro do sistema em que se encontram. A meu ver, é possível que esse tipo de empoderamento seja mais propício de ser vivenciado no contexto literário, pois no contexto jornalístico o que tem sido mais valorizado é a capacidade do tradutor em fazer uma localização adequada, uma espécie de “amortecimento” cultural, como explica Esteves (2008), em conformidade às expectativas sociais e não por desejo de oposição ou rebeldia.

A discussão sobre o poder está diretamente relacionada aos fatores condicionantes da tarefa de traduzir, tal como a dimensão funcional da tradução apontada pelos teóricos da tradição alemã, representados por Katherina Reiss, Christiane Nord e Hans Vermeer, que tem sido amplamente aplicada na teoria da tradução técnica e, mais recentemente, na análise da tradução jornalística, principalmente brasileira.

Enquanto Reiss e Nord (2000) se debruçaram em mostrar que os textos possuem especificidades de acordo com seus tipos, Vermeer, por meio da teoria do *skopos*, termo que designa a finalidade ou objetivo de uma tradução e que tem como pressuposto básico a teoria da ação, amplia para o aspecto social da profissão, do ponto de vista da ética e da responsabilidade da prática da tradução partindo do pressuposto de que a tradução é uma

¹⁷ Texts are marked by the local realities of which they are a part.

tarefa “comissionada” (VERMEER, 2000, p. 222), ou seja, contratada e remunerada, portanto, consciente.

Vermeer prevê que, como qualquer outro tipo de ação, a tradução tem um propósito, uma finalidade que pode levar a um resultado inesperado em termos de fidelidade, a uma nova situação ou um novo evento e, provavelmente, a um “novo” objeto, trazendo implicações à concepção de tradução como mera transcodificação. Segundo o autor:

Assim, não se espera que uma mera “transcodificação” do texto fonte ou uma mera “transposição” para outra língua resulte em um *translatum* adequado. Como o próprio nome implica, o texto fonte é orientado e está, de alguma forma, ligado à cultura fonte. O texto alvo ou o *translatum* está orientado à cultura alvo sendo esta orientação o que definirá sua adequação. O resultado desta diferença é que haverá uma divergência considerável entre estes textos, não somente na formulação e distribuição do conteúdo mas também aos objetivos traçados para cada um deles em termos de arranjos previamente determinados. (VERMEER, 2000, p. 223)

Neste sentido, o texto fonte passa a ser um dentre muitos elementos constituintes da comissão, o que modificaria a ordem hierárquica dos fatores relevantes para a atividade tradutória. Esta assertiva é o princípio básico que deve orientar a mudança do paradigma tradicional literário de texto original para o contexto jornalístico, haja vista a variação de função que o texto jornalístico assume em variadas culturas e instituições. Nas palavras de Vermeer:

Uma consequência prática da teoria do *skopos* é introduzir um novo conceito de status do texto original para uma tradução, e com ele a necessidade de se trabalhar a estimulação da conscientização deste fato, tanto pelos tradutores como pelo público, em geral. (VERMEER, 2000, p.222)

É constante no trabalho de Vermeer (2000, p.223) a preocupação com a relativização do texto original, pois a visão que temos sobre ele muda ao se pensar em termos de função que um texto deve veicular. Ele explica que texto original é pensado para funcionar na cultura fonte, diferentemente do texto traduzido, que é pensado para funcionar na cultura alvo. Nesta última perspectiva, o fator determinante da tradução é a sua adequação e a manutenção da “coerência intertextual”, uma questão que passa pela competência linguística ou tradutória.

Para Vermeer (2000, p.222-226), o tradutor é um especialista e, como tal, deve ser reconhecido como uma espécie de consultor, isto é, alguém que conhece bem determinado campo e é chamado por “saber do que se trata”, ou seja, alguém que fala, que possui uma voz e que deve ser ouvido e respeitado. Alguém que possa se responsabilizar pelo próprio ato, consciente, que saiba medir qual efeito um texto baseado na função teria na cultura-alvo. O

autor lembra, ainda, que “a teoria da ação tradutória possui uma concepção de tarefa muito maior, do tipo que inclui questões de ética e de responsabilidade”.

Concordo que os pressupostos aventados pelo referido autor devam ser buscados no desenvolvimento da imagem profissional ideal. O primeiro é que a tradução é uma atividade que deve ser concebida na forma de uma tarefa baseada em uma ação e, como toda ação causa uma reação, o tradutor tem de estar consciente de seus atos, de seu papel político, tal como afirma Álvarez e Vidal (1996). O segundo é que toda tarefa deve ser cumprida a partir de normas e especificações, normas estas que, apesar de partirem de um cliente que comissiona a ação, podem ser negociáveis, propiciando benefícios à tarefa de mediar. A meu ver, saber reconhecer a necessidade de respeitar normas e regras específicas ao recriar um texto a partir do original não fere o princípio da visibilidade linguística, conforme apontou um dos participantes da pesquisa de Bassnett e Bielsa (2009).

Nesta perspectiva, apesar do jornalista tradutor ou o tradutor no contexto jornalístico não possuir total liberdade de ação por estar condicionado a regras e normas, ele pode se adaptar a tais condições pois deve produzir um trabalho socioculturalmente linguístico aceitável. Não se deve levar em consideração, neste contexto, tão somente as regras ou normas passíveis de serem negociadas ou interpretadas, mas também a norma da expectativa (*expectancy norm*) (CHESTERMAN, 1993, p.8) que constrói a aceitação do texto pela sociedade, (a qual os teóricos da tradução literária denominam de recepção), para que a ação linguístico-textual do tradutor seja analisada de acordo com critérios bem definidos.

Assim, se a ideologia subjacente ao meio jornalístico é a transmissão rápida e adequada de notícias, a informatividade, a legibilidade, bem como a aproximação do leitor, a transgressão destas macroestratégias deve ser, a todo custo, evitada pelo tradutor, para que o mesmo não seja responsabilizado eticamente por uma atitude incompetente. Nesse sentido, cabe ao tradutor que atua no contexto jornalístico, tal como profissional na linguagem, incluir a dimensão da ética e da responsabilidade pela posição que ocupa como mediador linguístico-textual-discursivo.

Estes três últimos teóricos supracitados, Catherine Reiss (2000), Christiane Nord (2000) e Hans Vermeer (2000) têm contribuído amplamente para o avanço entre teoria e prática da tradução em contextos específicos. E seus apontamentos em tipologia textual têm sido coerentemente aplicados como referencial teórico em grande parte das pesquisas sobre tradução em contexto jornalístico no Brasil.¹⁸

¹⁸ Grande parte dos trabalhos citados na seção 1.1 deste trabalho contemplam tal referencial teórico.

Devido ao objetivo desta tese, que foi o de evidenciar a competência mediadora do tradutor como um leitor e produtor de textos especializado, procurei um referencial teórico-metodológico que enfocasse as habilidades envolvidas na produção de uma tradução, com base no original, na perspectiva da comparação e que possibilitasse, assim, a emergência da capacidade do tradutor de integrar tudo o que foi dito até este momento, ou seja, sua capacidade de localizar, domesticar, normalizar, isto é, tomar decisões que, de preferência, não contrariem a ideologia da revista, por meio da análise das diferenças intertextuais, da alteridade, da singularidade ou presença do tradutor no texto. O alcance deste objetivo pareceu-me estar mais próximo de uma teoria linguística descritiva analítica da tradução como produção de texto contextualizada, no qual a competência linguístico-textual do sujeito tradutor é condição para o sucesso de uma produção textual. Este, então, passa a ser o tópico do próximo capítulo.

2. Linguística Textual e Tradução

A segunda metade da década de 60 assinala o início de novas perspectivas para os estudos linguísticos, com o surgimento, na Europa, da Linguística Textual (LT) cujo objeto de investigação é não mais a palavra ou a frase, mas sim, o texto. O texto, então, passou a ser visto como fruto de interações sociocomunicativas, e a ser considerado em seu contexto pragmático, configurando à LT uma definição multidisciplinar. Em vista disso, concorda-se com Marcuschi (2008, p. 73) quando ele define a LT como “o estudo das operações linguísticas, discursivas e cognitivas reguladoras e controladas da produção, construção e processamento de textos escritos ou orais em contextos naturais de uso”.

A visão da disciplina não é ponto pacífico entre seus estudiosos, mas não se pode negar o fato de que a LT passou por rupturas, questionamentos e acréscimos e, ao longo de

seu desenvolvimento, tem abrigado diferentes concepções de texto e de sujeito, o que acarretou significativas diferenças entre conceitos e métodos.

Em seu artigo de 2004, “Linguística Textual hoje: questões e perspectivas”, Koch, por exemplo, distingue quatro momentos na evolução da LT: a) o da análise transfrástica e das gramáticas textuais; b) o da virada pragmática; c) o da virada cognitivista; d) o da perspectiva sociocognitivo-interacionista. Vejamos esta última perspectiva com mais detalhes.

2.1 A perspectiva sociocognitivo-interacionista

O quarto momento na evolução da Linguística Textual, o da perspectiva sociocognitivo-interacionista, teve início na década de 90, quando passou-se a integrar os fenômenos mentais ou cognitivos nos sociais. Várias áreas das ciências, como a antropologia, a biologia e a própria linguística começaram a investir mais na investigação da relação mente e corpo e descobriram que “muitos dos nossos processos cognitivos têm por base mesma a percepção e capacidade de atuação física no mundo” (KOCH, 2009, p. 30) e que a cognição acontece, em grande parte, fora da mente e não apenas dentro dela. Dessa forma, percebeu-se que muitos processos cognitivos não acontecem exclusivamente nos indivíduos, mas na interação com o outro em sociedade. Por isso, os estudos do texto passaram a adotar uma perspectiva que considerasse **o cognitivo e o social em conjunto**.

Conforme Koch (2004), a visão que incorpora aspectos sociais, culturais e interacionais à compreensão do processamento cognitivo tem se mostrado necessária para explicar tanto fenômenos cognitivos quanto culturais. Segundo essa abordagem, entende-se que a interação está na base de toda a atividade linguística, que usar a linguagem é sempre se engajar em alguma ação e que as ações verbais são ações conjuntas. Por isso, no nome do quarto momento aparece também o elemento “interacionista”. Koch (2009, p. 32) afirma que:

As abordagens interacionistas consideram linguagem uma ação compartilhada que percorre um duplo percurso na relação sujeito/realidade e exerce dupla função frente ao desenvolvimento cognitivo: inter-cognitivo (sujeito/mundo) e intra-cognitivo (linguagem e outros processos cognitivos). Cognição, aqui, define-se como um conjunto de várias formas de conhecimento, não totalizado por linguagem, mas de sua responsabilidade: os processos cognitivos, dependentes, como linguagem, da significação, não são tomados como comportamentos previsíveis ou aprioristicamente concebidos, à margem das rotinas significativas da vida em sociedade (KOCH, 2009, p.32).

Nesse sentido, há uma relação constitutiva entre linguagem, cognição e sociedade, uma vez que se concebe que fora da linguagem não há possibilidades plenas de pensamento ou domínios cognitivos, da mesma forma que não há possibilidades de linguagem desvinculada da interação.

Neste quarto momento, a noção de contexto é mais ampliada. De uma noção vinculada apenas ao co-texto (como se entendia no primeiro momento), de outra que abrangia inicialmente a situação comunicativa, no segundo momento, e de uma terceira que incluía o entorno sócio-histórico-cultural, passa-se a uma concepção do contexto segundo a qual ele constitui a própria interação e os sujeitos nela envolvidos. Desse modo, é na interação que o contexto se constrói, em grande parte.

A noção de texto também se modifica neste momento. Ele é considerado, na perspectiva sociocognitiva-interacionista, como o próprio *lugar* da interação. E os participantes dessa interação, os interlocutores, são considerados como sujeitos ativos que, dialogicamente, constroem-se no texto e são construídos por ele.

Assumem importância particular temas como a referenciação, a inferenciação e as formas de acessar o conhecimento prévio, o conhecimento de mundo, o conhecimento compartilhado e outros mecanismos cognitivos que devem ser levados em conta durante a interação escrita e falada. Da mesma forma, o estudo dos gêneros textuais, que interligam texto e discurso, conduzido, principalmente, sob a perspectiva bakhtiniana, tendem a ocupar um lugar de destaque nas pesquisas sobre o texto nesta perspectiva.

A imbricação texto e discurso é um ponto de entrelaçamento importante tanto para entendermos o modelo de análise de Jean Michel Adam, quanto para entendermos a relação texto, discurso e tradução. Vejamos primeiramente como a Linguística Textual tem contribuído para a teoria e a prática da tradução no Brasil.

2.2 A tradução como retextualização

Na perspectiva norteadora tradicional que concebe a tradução como produto, é comum atribuir-se rótulos, julgamentos de valor ou críticas de cunho valorativo que tendem a privilegiar a noção de erro e acerto por parte de quem traduz. Isso se dá por causa da tendência em se privilegiar o texto original e realizar comparações em termos de fidelidade aos seus elementos.

Em sua pesquisa “Tradução como (Re)textualização: a tradução numa perspectiva textual”, Gonçalves Travaglia (2003) procurou integrar noções da linguística textual e da

análise do discurso com o intuito de evidenciar que a tradução não deve ser vista apenas como texto traduzido produto, e sim atividade de construção textual, um processo de retextualização dentro de um funcionamento discursivo.

Por não estar vinculada a um tipo específico de tradução, como a literária, científica, comercial, ou privilegiar um tipo específico de texto, o objetivo da abordagem da comparação intertextual é evidenciar que as diferenças entre o texto original e o texto traduzido seriam “variações devidas a diferentes condições de produção e diferentes estruturações textuais.” (idem, p.10)

A perspectiva textual se baseia na concepção de texto como espaço de elementos estáveis e instáveis, regido pela presença tanto do produtor quanto do receptor é efetivado pela realização de operações que deixam marcas que patenteiam as escolhas. Tal perspectiva pretende conjugar aspectos objetivos e subjetivos e afastar-se das dicotomias fidelidade versus infidelidade, autor versus tradutor, transparência versus opacidade, literal versus livre, origem versus meta, para adotar o princípio de que o tradutor traduz, a priori, textos. Assim, pode-se observar a tradução como uma “atividade de linguagem em que a atividade de traduzir é que deve estar em evidência” (TRAVAGLIA, 2003, p.191).

No entanto, não se pode confundir atividade de produção de texto como atividade de tradução de um texto. Ao ler, por exemplo, o tradutor deve levar em consideração que a textualidade original difere não só nos aspectos puramente interlinguísticos, mas também em outros aspectos de ordem extralinguística ou pragmática, com as condições de sua produção e o contexto sócio-histórico e ideológico. Nas palavras da autora:

O texto para o tradutor apresenta os mesmos “ingredientes” do texto lido pelo, digamos assim, leitor comum, mas, quer queiramos ou não, muitos de seus aspectos vão estar em evidência na leitura feita pelo tradutor uma vez que o objetivo deste não se esgota com uma leitura, um comentário, um resumo, uma paráfrase ou o que seja na mesma língua, mas vai mais além: às vezes chega a ser tudo isto só que em outra língua. Por esta razão, o que faz a textualidade de uma sequência linguística para o leitor não tradutor será, pelo menos em alguns aspectos, diferente do que faz a textualidade para o tradutor. (TRAVAGLIA, 2003, p. 22):

A leitura é uma atividade pragmática, definida pelos modos de cooperação social e os objetivos, por sua vez, estão “ancorados numa realidade material” (TRAVAGLIA, 2003, p.28). Os modos de cooperação são o lugar social, como as instituições, aparelhos ideológicos e espaços de prática de linguagem cotidianas, o destinatário ou o público que se deseja interagir e o enunciador, que possui um papel social de agente ativo. Os objetivos são

intenções ou projeções que se deseja ver como efeito da ação sobre os destinatários, como por exemplo, convencer ou entreter.

Do ponto de vista da retextualização, algumas noções tradicionais de tradução são revistas e outras são acrescentadas, como a noção de ‘**re-enunciação**’, importante por ampliar a noção de leitura como decodificação, proporcionando o entendimento mais próximo do que realmente ocorre na leitura objetificando uma tradução. De acordo com Gonçalves Travaglia:

Não se concebe mais, na nossa opinião, teorizar sobre a tradução em termos de transporte de um sentido fixo de uma língua para outra, ou de decodificação; a abordagem da tradução em termos de **retextualização** (de re-enunciação) talvez seja algo que se aproxime mais daquilo que realmente ocorre na prática dos tradutores. Haverá, então, uma flexibilidade maior, uma ampliação de horizontes e com isso mais elementos com que poderá lidar o tradutor na sua prática diária (GONÇALVES TRAVAGLIA, 2003, p.27).

As denominações texto fonte, texto alvo, autor e tradutor são revistas na perspectiva da **retextualização**. Há apenas texto, autor, leitor, tradutor, sendo estes três últimos, os sujeitos da atividade de traduzir. O estatuto do autor também é outro: não é alguém à quem o tradutor deve ser curvar em fidelidade e respeito a um sentido único, alguém talvez até mesmo inatingível ou impossível de ser entendido, pois ao escrever, o autor também estará condicionado à uma noção específica de cultura e de leitor (leitor ideal, que pode ser diferente do real). Tal postura não pretende imprimir a ideia de que o autor não é importante. Ela nos remete ao fato de que o ato de traduzir é um ato complexo.

O tradutor também terá uma responsabilidade semelhante ao autor-produtor do texto ao propor um novo texto que é fruto do diálogo com o autor, seu tempo, mas que passou por uma série de “ajustes, lapsos, ambiguidades, mal entendidos, hesitações e escolhas” (idem, p.28) durante a retextualização.

Heidemann (2010b, p. 86) explica que ao comparar um texto e sua tradução, geralmente se faz de uma perspectiva relacional de sucessão, isto é, concebe-se hierarquicamente o texto original como primeiro texto, privilegiando-se este a priori, em detrimento do texto traduzido, observado como sendo de “segunda classe”. Sendo assim, é inevitável que haverá avaliação e não comparação. Mas se observado do ponto de vista da sua produção, então devemos mudar de ótica, isto é, abandonar a ótica hierarquizante da produção e focalizar uma **dimensão** que seja pertinente tanto para o texto a traduzir quanto para o texto traduzido, sendo a **enunciação** uma dessas dimensões. Em suas palavras:

O texto a traduzir é enunciado em um contexto espaço-temporal específico, e é em interação com este que ele produz efeitos de sentido singulares. Isso vale igualmente

para o texto da tradução, que é enunciado (ou, mais precisamente, re-enunciado) em um outro contexto linguístico, discursivo e cultural, produzindo necessariamente efeitos de sentido próprios e, em consequência, diferentes. Podemos, pois, comparar um texto e sua(s) tradução(ões) em uma relação não hierárquica, na condição de considerar cada um deles como uma enunciação singular que constrói efeitos de sentido ao se ligar, de modo significativo, ao seu próprio contexto sociocultural e linguístico. (HEIDEMANN, 2010b, p. 87)

Nesta dimensão, Gonçalves Travaglia (2003) bem nos lembra que o dialogismo será garantido se os **fatores de coerência** e as **condições de produção** do discurso forem observados. Assim, o tradutor deverá observar não só a ancoragem dos textos e dos sujeitos, a situação, incluindo o contexto de situação imediata e o contexto sócio-histórico, na interrelação em que o efeito de sentido se estabelece, mas também os fatores de coerência, que são, em última instância, critérios de textualidade, já que esta é estabelecida pela coerência.

Os fatores intencionalidade e aceitabilidade são os primeiros fatores a condicionar o “acontecimento comunicativo” (p. 75) ou o processo da escrita, pois podem afetar diretamente as escolhas do tradutor ao realizar uma tradução, sendo fundamentais para a geração de um efeito de sentido aceitável, a depender da situação. Já os conhecimentos, ou seja, o conhecimento linguístico e o conhecimento de mundo subsumem o conhecimento partilhado, a focalização, as inferências, a consistência, a relevância a informatividade e a intertextualidade. A situacionalidade e os fatores pragmáticos estariam presentes em todos os fatores, pois “ancoram o processo no sujeito-tempo-espço da comunicação”. A autora também inclui o estilo como fator condicionante do ato de traduzir, uma vez que as escolhas que um tradutor faz pode causar efeitos de sentidos outros que não condizem com a intencionalidade e a aceitabilidade de uma tradução.

Vale destacar que a **intenção e a aceitação** são elementos essenciais para o tradutor mediador em contexto jornalístico internacional, pois são condições de textualidade das manifestações linguísticas, ou seja, para que uma manifestação linguística constitua um texto, é necessário que haja a intenção do emissor de apresentá-la e a dos receptores de aceitá-la e reconhecê-la como tal, segundo Beaugrande e Dressler (1981).

Em outras palavras, existem marcas de intencionalidade de quem produz o texto que, ao selecionar alguns elementos linguísticos o faz de forma a pressupor que sua intenção será possivelmente materializada. De forma análoga, supõe-se que o leitor, em uma atitude favorável ao autor, se esforce em busca de construir um sentido, conseguir detectar sentidos para o texto. Estes dois fatores, atuando em conjunto, possibilitam o estabelecimento da

coerência naquela sequência ou unidade linguística. Estes movimentos também podem ser reconhecidos na atividade tradutória, porém de forma diferente.

O tradutor deve ser capaz de mobilizar estas duas habilidades em dois momentos distintos da atividade de traduzir: a) durante a fase da leitura do original, ele mobiliza sua capacidade de aceitar o texto, fazendo o reconhecimento da intenção do autor do texto original como forma de expressão, um segmento coerente, buscando a reconstrução do sentido e b) durante a fase de produção textual, em que há a intenção do tradutor de produzir um texto coerente, isto é, que possa ser lido e reconhecido pelo leitor em outra língua.

Assim sendo o tradutor assume dupla responsabilidade na intenção de ser coerente. Primeiro por ter que produzir um texto que faça sentido e, segundo, por ter que produzir um texto que faça sentido como tradução. Segundo Gonçalves Travaglia:

Esta intenção de ser coerente, por parte do tradutor, se concretiza pela escolha e arranjo de elementos que, colocados no contexto do virtual leitor, antecipado pelo tradutor, tornem possível a esse leitor a aceitação e o reconhecimento do texto nos dois aspectos que acabamos de aludir. Neste sentido, toda tradução é argumentativa enquanto tradução (além de já o ser enquanto texto), pois contém as marcas do tradutor e de sua intenção de expressar algo que reconstruiu pela leitura. Contém as escolhas que fez, estas influenciadas pela direção que impôs a sua leitura. (TRAVAGLIA, 2003, p.107)

A implicação desta afirmativa gera uma mudança de comportamento do leitor em relação ao tradutor: além de exercitar a aceitabilidade que comumente exerce para construir sentido em relação a qualquer tipo de texto, ele terá que exercer um novo tipo de aceitabilidade, que é a “mediação do tradutor como primeiro leitor do original” (op.cit.). Segundo a autora:

Concluindo, podemos dizer que pelo lado do leitor uma tradução deve ser aceita enquanto tradução de um determinado texto, além de, evidentemente, ser aceita como texto; pelo lado do tradutor, uma tradução é a retextualização numa outra língua de sua intenção de comunicar ou de expressar algo, que é justamente fruto de um reconhecimento-interpretação de uma textualização anterior. Sem isso a tradução não existe. (idem)

Para finalizar esta seção, resalto o ponto de vista de Gonçalves Travaglia sobre como a tradução deve ser vista na perspectiva da retextualização: como uma “atividade de produção textual em que os fatores linguísticos e extralinguísticos coexistem, diversos planos se articulam”, conferindo ao texto seu caráter dinâmico, dialógico e instável, pois “é nesta instância de instabilidade que se dá o processo criativo que é fecundo e que faz o texto, seja

ele original ou tradução, existir, ser. Em complementaridade a este raciocínio, apresento, na sequência, os pressupostos teóricos da Linguística Textual do Discurso de Jean Michel Adam e a matriz de análise utilizada nesta tese.

2.3 Linguística Textual do Discurso de Jean Michel Adam

A aproximação da linguística de texto à análise do discurso, apesar de serem contemporâneas da década de 50, desenvolveram-se de modo autônomo e não têm a mesma origem epistemológica tampouco a mesma história. Conforme aponta Adam, a linguística textual advém da “renúncia à descontextualização” (ADAM, 2008, p.24) e defende que “a linguística textual é, em contrapartida, uma teoria da produção co(n)textual de sentido, que deve fundar-se na análise de textos concretos” (p.23). Nessa perspectiva, o autor propõe o termo “análise textual dos discursos” com o objetivo claro de situar a linguística de textos em um quadro mais amplo que é o da análise do discurso. Segundo o autor:

Postulando ao mesmo tempo, uma separação e uma complementaridade das tarefas e dos objetos da linguística textual e da análise do discurso, definimos a linguística textual como um subdomínio do campo mais vasto da análise das práticas discursivas (ADAM, 2008, p.41).

Na página 63 do livro *Introdução a Linguística Textual*, Adam postula o objetivo de sua análise textual discursiva. O autor explica que a linguística textual terá o papel de “teorizar e descrever os encadeamentos de enunciados elementares no âmbito da unidade de grande complexidade que constitui um texto”, explorando a noção texto como “materialidade discursiva”, no âmbito dos gêneros textuais, de suas condições de produção e recepção, da sua inserção no contexto.

Para Adam (2008, p. 60), uma pragmática do texto não deve limitar-se apenas a análise de um conjunto de frase. Antes, a pragmática textual deve estar relacionada à análise dos discursos, para que o objeto de análise desses campos seja “[...] mais bem definido: práticas discursivas institucionalizadas, quer dizer, para nós, gêneros de discurso”, determinado, historicamente, pelo viés do interdiscurso.

O autor propõe um esquema que evidencia a complexidade das relações de determinação textual ascendente (da direita para a esquerda) e descendente (da esquerda para a direita), Através deste esquema, Adam especifica que o estudo do texto é o objeto da

linguística textual, enquanto que o objeto de estudo da análise do discurso são os gêneros do discurso.

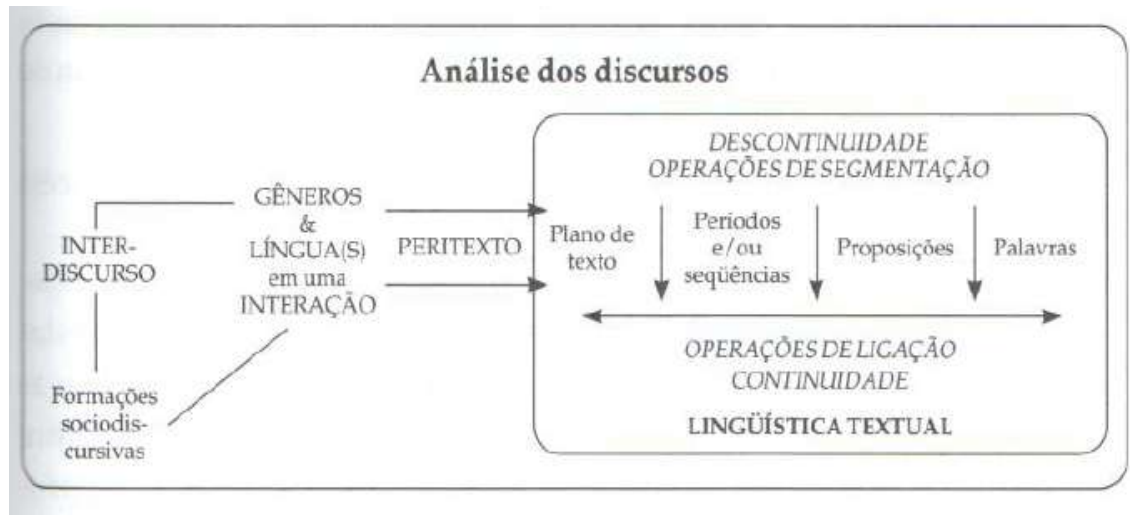


FIGURA 1: Esquema proposto por Jean Michel Adam para explicar a relação entre a Linguística Textual e a Análise do Discurso (ADAM, 2008, p. 43)

Ao formular os conceitos de sua teoria, Adam o faz por meio de análises empíricas que enfocam aspectos importantes acerca das operações de textualização que asseguram as possibilidades do dizer. O autor apresenta diversos esquemas para explicar sua abordagem e o faz partindo de diferentes níveis linguísticos propondo oito (8) níveis de análises que, segundo ele, podem ser distinguidos, linguisticamente, no texto e no discurso. Dentre esses, três no nível do discurso e cinco no nível do texto:

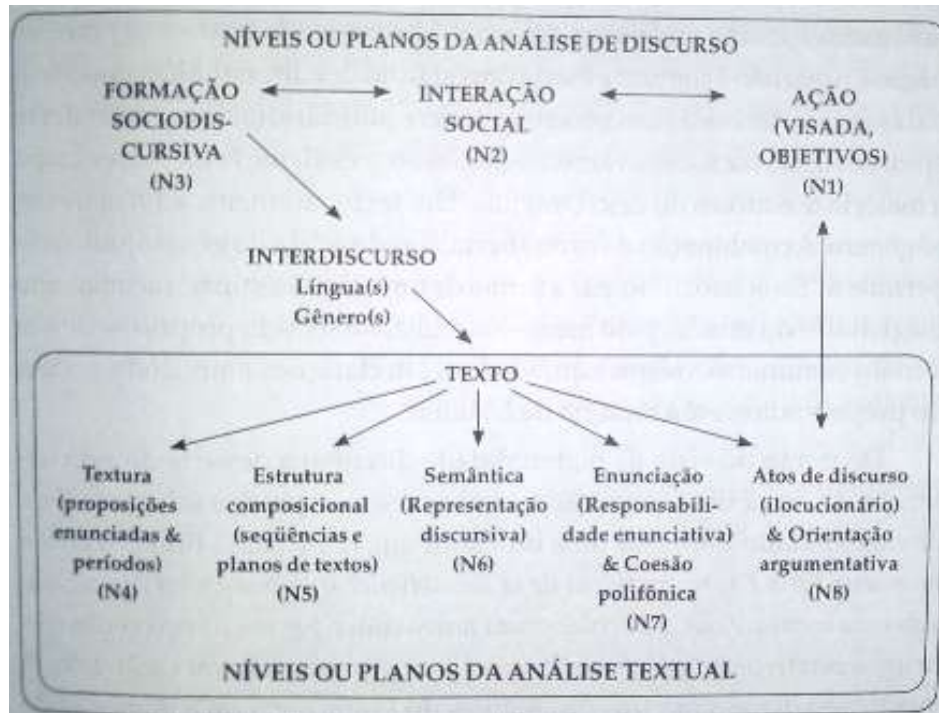


FIGURA 2: Níveis ou planos da análise textual discursiva

No plano do discurso, tem-se o da ação visada, que são os objetivos predeterminados pelo locutor (N1), suas intenções, finalidades e propósitos comunicativos em um contexto de interação social (N2) e o da formação sociodiscursiva (N3) que se inscreve em gêneros de discurso que se materializam, interdiscursivamente, em texto, unidade semântica. No nível do texto há a textura que se estrutura em proposições enunciadas e períodos, que seriam micro-unidades de sentido (N4), a estrutura composicional formada por sequências e planos de textos (N5), que se manifestam em uma dimensão semântica (representação discursiva) (N6), uma dimensão enunciativa (responsabilidade enunciativa e coesão polifônica) (N7), e argumentativa, por meio dos atos de discurso (ilocucionário e orientação argumentativa) (N8). Vejamos com mais detalhes como Adam concebe a relação entre análise textual e gêneros do discurso.

2.4 Gênero e Genericidade

Para abordar os gêneros de discurso, Adam (2008) retoma a noção de “formação discursiva” desenvolvida por Michel Foucault (1969) a partir da redefinição proposta por Michel Pêcheux (1990):

[As] *formações discursivas* [...] determinam o que podem e devem ser dito (articulado sobre a forma de um discurso público, de um sermão, de um panfleto, de

uma exposição, de um programa etc.) a partir de uma dada posição, em uma determinada conjuntura: o ponto essencial aqui é que *não se trata somente da natureza das palavras usadas, mas também (e sobretudo) das construções nas quais essas palavras se combinam*, na medida em que elas determinam a significação que assumem essas palavras [...], as palavras mudam de sentido, segundo as posições defendidas por aquelas que as usam; [...] as palavras ‘mudam de sentido’ passando de uma *formação discursiva* para outra. (PECHÊUX, 1990, *apud* ADAM, 2008, p. 44, ênfase do autor).

Adam observa que quando Pêcheux se refere a *discurso público, sermão, panfleto, exposição, programa*, ele está citando gêneros textuais e estabelece uma ligação entre gêneros e formações sociodiscursivas, isto é, domínios ou esferas discursivas.

Adam (2008, p. 45), formula que o discurso seria “[...] uma estabilização pública e normativa, e uma possibilidade de um *status* institucional”. A publicização e normatização dos gêneros de discurso tornam-se mais evidente quando observa-se vários gêneros funcionando dentro de um sistema de gêneros em uma formação discursiva ou ainda esfera ou domínio de discurso. Assim, entende-se que os gêneros discursivos seriam “práticas discursivas institucionalizadas”, em que sua determinação histórica e social é considerada pelo viés da interdiscursividade.

Bazerman (2006) e Marcuschi (2006) também compartilham de opinião semelhante no que tange ao gênero. Bazerman, por exemplo, define gênero como “uma categoria sociopsicológica que usamos para reconhecer e construir ações tipificadas dentro de situações tipificadas. É uma maneira de criar ordem num mundo simbólico sempre fluido” (p. 60). Ele acrescenta que o gênero é uma “categoria multidimensional e fluida que apenas ganha significado através de seu uso como ferramenta interpretativa e construtiva” (p. 61).

Marcuschi (2006) concebe gênero como categoria essencialmente sócio-histórica, sempre em mudança. Os gêneros são o que as pessoas reconhecem como gêneros. Gêneros são tipificações dinâmicas, interativas e históricas, fenômenos de reconhecimento psicossocial que são parte de processos de atividades socialmente organizadas.

Na concepção teórico metodológica de Adam e Heidmann (2011, p. 18), os gêneros de discurso podem ser resumidos a seis proposições. Segundo esses autores, tais proposições representam seis razões para que se possa repensar a estaticidade do conceito de gênero em favor do que do conceito mais amplo de genericidade.

Na primeira proposição, os autores defendem que “todo texto participa de um ou de vários gêneros”. Ou seja, todo texto comporta em si um efeito de genericidade e, por isso mesmo, inscrevem-se em uma classe de discurso. Conforme os autores, “[...] as línguas e os gêneros são indissociáveis na manifestação textual e discursiva da linguagem.” (ibid).

Adam e Heidmann definem como “[...] a *genericidade* de um texto resulta de um diálogo contínuo, sempre conflituoso, entre as instâncias enunciativas, editorial e leitorial.” (*Idem*, p. 20) e, acrescento, tradutorial, conforme os trabalhos mais recentes em tradução literária de Heidmann (2011). Ao descrever a complexidade do impacto genérico sobre a discursivização, Adam e Heidmann dimensionam a problemática do gênero, isto é, as categorias de texto, a dinamicidade genérica, a genericidade.

Com isso, “Os conceitos de genericidade e de efeitos de genericidade permitem pensar, ao mesmo tempo, a discursivização e a leitura-interpretação como processos complexos”. Para esses autores, o nome gênero funciona como rótulo que reduz o enunciado a uma só categoria ou família de textos. Já a genericidade, bem mais complexa, permite vislumbrar a ocorrência de um texto ou sequências textuais e gêneros em uma perspectiva da variação.

Ao analisar um texto, o pesquisador normalmente o classifica mediante categorias. Mas na perspectiva da genericidade, observa-se as potencialidades genéricas que atravessam um texto, levando-se em conta pontos de vista tanto autoriais quanto leitoriais e, neste caso, especificamente, tradutoriais. Analisar uma participação em vez de se limitar a um pertencimento classificatório permite entrar na complexidade dos fatos de discurso. [...] Considerar essa heterogeneidade genérica é o único meio de aproximar a complexidade do procedimento que liga um texto ao interdiscurso de uma formação social dada. (ADAM e HEIDMANN, 2011, p. 21).

A segunda proposição defende o ponto de vista de que os gêneros se diversificam na medida em que as práticas discursivas vão se diferenciando. Nessa perspectiva, Adam e Heidmann (op. cit., p.22), apoiados nos estudos de J.-P. Bronckart (1996), definem gêneros como “*formas comunicativas* historicamente construídas por diversas formações sociais, em função de seus interesses e de seus objetivos”. (ADAM; HEIDMANN, op. cit., p.22).

Já a terceira proposição defendida pelos autores é a de que os “gêneros são práticas normatizadas, cognitivamente e socialmente indispensáveis”. Nessa proposição, os gêneros são reguladores das práticas sociais e discursivas dos sujeitos em interações, inseparáveis dos sistemas históricos e culturais da sociedade, isto é, passíveis de serem influenciados por normas sociais e discursivas.

Na quarta proposição, os autores defendem que os gêneros são dinâmicos e variam conforme as condições pragmáticas do ato enunciativo, que envolve a situação de interação. Tais inovações podem preservar as características que regulam a inclusão de um gênero a uma determinada categoria de texto, estereotipado ou, ao contrário, introduzir variações inovadoras que os afastam da simples categoria de gênero, apresentando-lhe um caráter mais amplo, o de

genericidade, situando-os “[...] nas margens variacionais de um ou de vários gêneros.” (idem, p. 25).

Na quinta proposição, Adam e Heidmann (idem, p. 25-26) argumentam que “os gêneros existem apenas no âmbito de um sistema de gênero”, sendo que os gêneros não são definidos por regras gramaticais ou critérios fixos, mas no interior de um sistema de gêneros, agrupados por “[...] categorias prototípicas definíveis por tendências ou classes de tipicidade, por feixes de regularidades e fenômenos de dominância”.

Na sexta e última proposição, os autores defendem que “a genericidade envolve todos os níveis textuais e transtextuais”. Abordar o texto por este prisma estreita a relação de interação entre “[...] a *textualidade*, a *transtextualidade* e a *genericidade*” (ADAM e HEIDMANN, 2011, p. 26, grifos dos autores.). A textualidade é o principal componente nesta abordagem, pois sua função é assegurar a unidade e a singularidade de um texto. Já a transtextualidade seria o componente que potencializa a relação de um texto com vários outros textos.

Assim, ao mesmo tempo em que o tradutor se submete aos parâmetros condicionadores de um gênero, ele também pode explorar sua genericidade, a estabilidade relativa de um gênero por meio de recursos e mecanismos de textualização mais literais. Ao mesmo tempo, pode ter liberdade de agir em algumas instâncias textuais de maior instabilidade dentro do próprio texto, durante o processo de produção de uma tradução.

Mediante a necessidade de nos expressar e interagir, podemos combinar enunciados de formas infinitas. No entanto, os gêneros e as línguas intervêm na comunicação como “fatores de regulação” (p.44) que ora condicionam, ora propiciam objetividade e subjetividade na linguagem. No jogo complexo das operações ascendentes estão as determinações textuais que regem os encadeamentos dos enunciados que constituem a unidade texto. Isso significa que a linguística do texto tanto descreve como define as diferentes unidades, bem como as operações, em todos os níveis de complexidade, que são realizados sobre os enunciados.

Em uma abordagem textual-discursiva, a microunidade de análise deve ter, ao mesmo tempo, um caráter textual e enunciativo-pragmático, denominado por Adam (2008) de proposição-enunciado. A utilização do termo proposição garante a ideia de que se adota um critério sintático-semântico na definição da unidade textual mínima e, por outro lado, a noção de enunciado marca a dimensão enunciativa da microunidade. A unidade mínima a que o autor chama de proposição-enunciado constitui-se o resultado de um ato de enunciação: ela é enunciada por um enunciador inseparável de um coenunciador. Para o linguista, “[...] uma unidade textual de base (é) efetivamente realizada e produzida por um ato de enunciação, portanto, como um *enunciado mínimo*.” (ADAM, 2008, p. 106, grifos do autor). Desse modo, ressalta que a análise

textual recai sobre o produto de uma enunciação que inclui o outro ao assumir a língua e, que se trata de uma microunidade ao mesmo tempo sintática e de sentido.

Segundo Adam, toda proposição-enunciado compreende três dimensões complementares: enunciativa, referencial e argumentativa. Essas três dimensões encontram-se articuladas entre si, numa dinâmica de complementaridade, o que significa que não existe enunciado isolado:

As três dimensões complementares de toda proposição enunciada são: uma dimensão enunciativa que se encarrega da representação construída verbalmente de um conteúdo referencial e dá-lhe uma certa potencialidade argumentativa que lhe confere uma força ou valor ilocucionário mais ou menos identificável. (ADAM, 2008, p. 109, grifos do autor).

A dimensão enunciativa refere-se à responsabilidade enunciativa ou ponto de vista da proposição, que permite demonstrar o funcionamento de diferentes pontos de vista presentes nos textos. Quanto à dimensão argumentativa, indica que a enunciação dá ao conteúdo referencial certa **potencialidade argumentativa que confere uma força ou valor ilocucionário**, mais ou menos identificável. Isso significa que todo enunciado possui uma orientação argumentativa, mesmo na ausência de conectores, e uma força que busca afetar o interlocutor de algum modo. Essa força ilocucionária pode nem sempre ser muito clara, mas está presente como ato de discurso em toda microunidade de um texto.

Em relação à dimensão referencial, entende por referência a representação discursiva construída pelo conteúdo proposicional. Ou seja, o referente é fruto de uma construção operada no e pelo discurso de um locutor e como uma (re)construção desse referente pelo sujeito interpretante.

2.5 Representação discursiva e responsabilidade enunciativa

Nas palavras de Adam, “Toda proposição enunciada possui um valor descritivo. A atividade discursiva de referência constrói, semanticamente, uma representação, um objeto de discurso comunicável”. Em outras palavras, uma representação semântica do discurso constrói-se, minimamente, a partir de “[...] **um tema ou objeto de discurso posto** e o desenvolvimento de **uma predicação** a seu respeito. A forma mais simples é a estrutura que associa um sintagma nominal a um sintagma verbal”, (ADAM, 2008, p. 113, grifos nossos). Semanticamente, uma proposição pode, também, se reduzir a um nome e a um adjetivo.

A entrada para a construção de uma representação discursiva pode ser assim resumida: ofereça informações referenciais que responda às perguntas Quem?, O quê?, Onde?, Quando? Por quê? e Como?. Se a proposição tiver um verbo, deve-se, pois examinar sua valência. Acrescenta-se a isso o valor de estado, de ação mais ou menos intencional de agentes, ou de simples

acontecimentos. Ao núcleo proposicional podem juntar-se constituintes periféricos mais ou menos autônomos: circunstanciais ou construções deslocadas que têm um valor de tematização da parte predicativa de uma proposição cujo tema-sujeito está na frase núcleo. (ADAM, 2008, p. 114).

Percebe-se, pois que a representação discursiva é construída pelos participantes da interação, a partir dos enunciados, em função de seus objetivos e intenções e dos conhecimentos de mundo partilhado, assim como de seus pressupostos culturais.

Com isso, entende-se que a linguagem faz referência e que todo texto é uma proposição de mundo que solicita do interpretante (auditor ou locutor) uma atividade semelhante, mas não simétrica, de (re)construção dessa proposição de (pequeno) mundo ou Rd. Conforme enfatiza Adam (*Idem*, p. 115) “Em termos de teoria linguística da enunciação, o texto é, ao mesmo tempo, uma proposição de mundo e de sentido, um sistema de determinações e um espaço de reflexividade metalinguística.”. O sujeito falante sabe que a língua, nem sempre pode dizer tudo, e que muitas das vezes a comunicação é falha, mas ele sabe, também, que isso não é suficiente para impedir a referência ao mundo, às palavras, à própria situação de enunciação e aos co-enunciadores.

Ao enunciar, o tradutor, como interpretante da língua, (re)constrói uma **representação discursiva** por meio de enunciados esquemáticos ou modelos mentais, isto é, de acordo com seu ponto de vista que por sua vez está ancorado tanto no texto quanto na cultura, agindo de forma socioculturalmente situada. Segundo Adam:

É o interpretante que constrói a representação discursiva a partir dos enunciados (esquemáticação), em função de suas próprias finalidades (objetivos, intenções) e de suas representações psicossociais da situação, do enunciador e do mundo do texto, assim como de seus pressupostos culturais (ADAM, 2008, p.114)

A este modo de dizer Adam denomina de “**modalização enunciativa**”. A modalização enunciativa é responsável pela diversidade de realização dos enunciados que se dá por meio de atos de referência. A **referenciação**, por sua vez, não é um processo estático, e sim um processo de construção textual e de atualização no discurso segundo Mondada e Dubois (2003) e é por meio dela que o interpretante constrói representações temáticas e dos objetos do discurso, assim como predicções sobre ele. Adam reforça que o ato de referenciar é uma atividade de “construção de uma representação discursiva” em que a construção não é uma atividade simétrica ou binária entre interpretante e texto que solicita do interpretante, uma (re)construção. Nas palavras de Adam:

Em termos de teoria linguística da enunciação, diremos que o texto é, ao mesmo tempo uma proposição de mundo e de sentido, um sistema de determinações e um espaço de reflexividade metalinguística. Pelo simples fato da existência da

consciência epilinguística dos sujeitos falantes, cada locutor sabe que a língua não pode dizer tudo e que a comunicação é falha. Mas ele sabe, também, que isso não impede a referência ao mundo, às palavras, à própria situação de enunciação e aos co-enunciadores. (p.115)

Ao representar discursivamente um objeto, o tradutor pode manter ou alterar pontos de vista determinados por graus de responsabilidade enunciativa. Ao expandir o aparelho formal de enunciação de Benveniste, Adam enumera as marcas da alteridade em grandes unidades de língua, tais como índices de pessoas, dêiticos espaciais e temporais, tempos verbais, modalidades, diferentes tipos de representação da fala, indicações de quadros mediadores, fenômenos de modalização autonímica, indicações de um suporte de percepções e de pensamentos relatados.

Assim, ao representar discursivamente um objeto, o interpretante-tradutor exercita a responsabilidade enunciativa, marcada por um grande número de unidades da língua, as quais Adam enumera e denomina a partir de uma expansão do aparelho formal de enunciação de Benveniste:

- **Índices de pessoas**: marcados pelos pronomes, possessivos, marcadores de pessoa (meu, teu, etc), nomes que qualificam (traidor, esse traidor, etc)
- **Dêiticos espaciais e temporais**: referência absoluta (precisa ou vaga) ou relativa ao cotexto (anafórica) ou ao contexto (situacional), englobando a classe dos embreantes: advérbios de tempo de lugar (ontem, amanhã, aqui, hoje), grupos nominais (esta manhã, abra esta porta), grupos preposicionais (em dez minutos), adjetivos (semana passada), certos pronomes e determinantes (mim)
- **Tempos verbais**: localização da posição do enunciador
- **Modalidades**: as grandes modalidades sintático-semânticas podem ser téticas (asserção e negação), hipotéticas (real e ficcional) e hipertéticas (exclamação); modalidades objetivas: dever, ser preciso; modalidades intersubjetivas: imperativo, pergunta, dever (tu/vós), poder; modalidades subjetivas: querer, pensar, esperar; verbos de opinião: crer, saber, duvidar, ignorar, convir, declarar que; advérbios de opinião: talvez, sem dúvida; lexemas afetivos, avaliativos e axiológicos: pequeno, gentil, conotações positivas e negativas, por exemplo, de rosto em relação a face, esguio em relação a magro, axiologia moral de bom e mal, malvado. Três tipos de unidades gramaticais entram nessa categoria textual: o advérbio (sinceramente,

honestamente); o grupo preposicional (cá entre nós/ por sorte eu não compreendi nada); proposição subordinada (“já que tu me amas”, nada está perdido; modalizadores de enunciação: incidem sobre o dizer, ou seja, “francamente”, é um assunto idiota; “quer saber”, vou dar uma volta; modalizadores de enunciado: incidem sobre o dito, ou seja, “infelizmente”, não há argumentos (eu acho lamentável, uma infelicidade)

- **Diferentes tipos de representação da fala**: discurso direto, direto livre, discurso indireto e indireto livre; discurso narrativizado, nos quais a continuidade dos índices referenciais nominais, dos dêiticos (índices de pessoas e advérbios) e dos tempos verbais é garantida.
- **Indicações de quadros mediadores**: marcadores como segundo, de acordo com e para; modalização por futuro do pretérito, verbo de atribuição de fala como afirmam, parece; reformulações como é de fato, na verdade, em todo caso; oposição do tipo alguns pensam que X, nós pensamos Y.
- **Fenômenos de modalização autonímica**: aspas e itálico podem indicar alteridade, manifestações da não-coincidência entre palavras e coisas.
- **Indicações de um suporte de percepções e de pensamentos relatados**: efeitos de ponto de vista resultantes de uma focalização perceptiva (ver, ouvir, sentir, tocar, experimentar) ou uma focalização cognitiva (saber, pensamento representado)

Para finalizar, é preciso ressaltar que a amplitude desta categorização permitiu visualizar a relação entre as ocorrências de modificações textuais nas traduções examinadas, funcionando como matriz de análise nesta tese. A seguir, algumas considerações sobre as condições de produção dos artigos analisados.

3. A revista *Reader's Digest*: veículo de glocalização

A revista *Reader's Digest* autointitula-se como uma produtora de artigos de “interesse permanente” e sua ampla divulgação e circulação internacional lhe rendeu a alcunha de uma das revistas mais lidas do mundo. No Brasil, ficou conhecida como Seleções do *Reader's Digest* e alcançou um dos maiores sucessos de venda de sua história por volta da década de 60, recorte temporal desta pesquisa. Remontando à época, os textos eram encomendados, selecionados ou produzidos em língua inglesa por editores e jornalistas da matriz norte-americana que enviavam exemplares em inglês às filiais espalhadas pelo globo para serem traduzidos. A seguir, uma breve consideração sobre revista, concebida como o veículo dos textos analisados e as normas preliminares (TOURY, 1981) que nortearam as estratégias globais adotadas para a realização da tradução com vistas à sua inserção no sistema-alvo.

3.1 A revista norte-americana *Reader's Digest*

A revista *Reader's Digest* foi inicialmente publicada nos Estados Unidos em fevereiro de 1922, por iniciativa do casal Roy William DeWitt Wallace, professor universitário norte-americano e Lila Acheson Wallace, canadense. O projeto inicial de Wallace era fazer uma coletânea de notas de suas aulas e publicá-las. Devido a ferimentos contraídos após servir na Primeira Guerra Mundial, Wallace teve a ideia de reunir uma amostra dos principais artigos sobre assuntos variados selecionados a partir de várias revistas mensais norte-americanas, os quais eram condensados e re-escritos de forma mais resumida ou simplificada.



FIGURA 3: Capas das edições norte-americana e brasileira analisadas

(janeiro, fevereiro e março de 1961)

Seu objetivo inicial era obter uma renda líquida de cinco mil dólares, mas em 1929, já havia mais de 200 mil assinantes e a renda anual era de quase um milhão. A primeira edição internacional foi publicada no Reino Unido em 1938. Em seu 40º. aniversário, já havia sido publicada em 13 línguas, inclusive em braile, e era o periódico de maior circulação no Canadá, México, na Espanha, Suécia e Peru, totalizando 23 milhões de exemplares circulando no globo. Em 1992 era a revista mais vendida no mundo, com cerca de 28 milhões de cópias, 41 edições, em 17 línguas e distribuída em 162 países. Tinha cerca de 100 milhões de leitores.

Segundo Volkersz (1995), apesar da grande repercussão que a *Reader's Digest* teve como empresa nos Estados Unidos, relativamente pouco foi escrito sobre ela. No entanto, são seis as referências citadas pelo autor: uma obra em alemão pelo autor Otto Roeder em 1954, uma obra em francês por Daniel Baylon escrita em 1988 e outras quatro obras escritas em inglês. No Brasil, encontrei três trabalhos científicos na área de História: Junqueira (2000), Pereira (2006) e Gonçalves (2010) e, nas referências constantes nos mesmos, outros trabalhos sobre a revista. A seguir, discorrerei sobre os aspectos discursivos globais e homogêneos conforme Robyns (1994) sobre a matriz norte-americana, cuja intenção de distribuição de conteúdo se tornou internacionalmente reconhecida por *Reader's Digest*, e nacionalmente conhecida por Seleções.

3.2 O caráter global e homogêneo da revista *Reader's Digest*

A homogeneidade é uma característica de toda revista que pretende ter ampla circulação e um número ilimitado de leitores. Robyns (1994, p. 3) reitera esse fato quando afirma que o discurso da revista é “altamente homogêneo e articula um conjunto específico de valores conservadores, alguns dos quais são importantes aspectos da representação dominante da sociedade americana”. Em outras palavras, uma diversidade de temas como religião, família, educação, curiosidades, piadas, auto-ajuda, política internacional, descobertas da medicina, carros, máquinas é selecionada com a finalidade primária de atingir uma vasta gama de leitores de diferentes credos e raças, mas que se identificam com os valores conservadores da revista.

Segundo o que a historiadora e professora Maria Lígia Coelho Prado escreveu na apresentação do livro de Mary Anne Junqueira (2000), a revista Seleções não é uma mera revista de entretenimento. Cada fato sempre é verificado por um departamento de pesquisa

com mais de 80 funcionários trabalhando em tempo integral, com indicação de pelo menos duas fontes de comprovação dos dados. Robyns (1994, p. 3) confirma tal dado ao afirmar que, “cada passo do processo de seleção, condensação e tradução de artigos é executado várias vezes por editores diferentes, e controlado por uma hierarquia editorial criteriosa, que garante que o produto final esteja completamente integrado ao discurso da Seleções.”

Ao descrever a revista, o autor supracitado relaciona sua análise das estratégias de homogeneização e localização e a visão de mundo da revista. A seguir, farei um breve apanhado dos principais pontos dessa análise.

São duas as estratégias de homogeneização adotadas pela Seleções: a) a homogeneização do discurso e b) a homogeneização dos procedimentos editoriais.

A primeira, refere-se à estrutura macrotextual da revista: há sempre uma história de sobrevivência, cuja seção é denominada de “Drama na vida real”, uma história de vitória individual, um artigo médico, histórias moralizantes, conselhos sobre o dia-a-dia da vida real, em que vários depoimentos sobre luta contra injustiças, comunismo, crimes e ideologias contrárias parecem recontar uma história diversas vezes. No que se refere à estrutura interna dos artigos, ela apresenta “um modelo criterioso e fixo” (ROBYNS, 1994, p.4). Por exemplo, as histórias de sobrevivência geralmente começam com uma sinopse que apresenta o drama, e depois voltam no tempo para descrever cada detalhe e pormenores a situação apresentada no início. Nas palavras de Robyns, “diferentemente do que o leitor imagina, o resgate não chega ao parágrafo final: sempre há um momento em que a paz inicial é restaurada e uma lição é reformulada. As últimas frases sempre agradecem a Deus ou mencionam as medalhas com que o herói foi condecorado.”

Os procedimentos editoriais também são homogêneos. São três tipos de textos: condensados, encomendados e plantados. Os condensados são artigos longos de outras revistas ou trechos de livros que passam por um tipo de abreviação ou sinopse feita por dois editores que trabalham independentemente e cuja revisão ainda é aprovada ou corrigida por um terceiro editor com a ajuda de outros dois editores seniores. Os artigos encomendados são aqueles escritos especialmente para a revista, escritos em tamanho normal, que são submetidos à condensação e outros procedimentos de edição de acordo com as normas da revista. E, por último, os artigos plantados, que são aqueles encomendados para reimpressão. A revista seleciona o artigo que deseja reimprimir, doa-os gratuitamente para serem impressas integralmente em outras revistas e só então os condensa para publicação.

Robyns (1994, p.4) refere-se a esta última prática como sendo uma prática de pseudo-reimpressão, pois o mesmo texto que é apresentado como original em outras fontes é

controlado: somente depois que passa pelo escrutínio do público é que a revista decide se o reimprime ou não. O autor afirma que esta prática tem um significado específico para a revista, pois ao se apresentar como uma “representação fidedigna” ou “encarnação verdadeira de valores civis ocidentais amplamente aceitos”, a Seleções testa sua recepção antes da publicação em definitivo. Como afirma Robyns, “o sistema alvo produz seus próprios textos fonte.”

O autor ainda descreve os princípios do jornalismo adotado pela *Reader's Digest*: ela se apresenta como sendo uma revista de reimpressão, com uma “visão geral do discurso jornalista nos Estados Unidos e no exterior”. Seus artigos são, por definição, “de interesse permanente e atemporal” (*of lasting interest*), isto é, após um ano, seu conteúdo deixa de ser atual e eventos muito específicos são descartados pela revista. Segundo o autor:

Seleções nunca admite que com frequência a sociedade esteja dividida por grupos de interesses conflitantes: ela sempre defende o cidadão, a nação, a humanidade e a moralidade, em geral contra grupos específicos que possam dividir ou ameaçar, desta forma impondo seus pontos de vista específicos e transformando-os em valores transcendentais. (ROBYNS, 1994, p.5)

Sobre a visão de mundo da Seleções, Robyns elenca algumas estratégias ideológicas, que ele denomina de *ideologemas*. Segundo Brisset (2012, p.13), ideologemas são “como rizomas, ligam e unem os discursos muito diferentes que circulam na sociedade em formas igualmente recorrentes e socialmente reguladas (objetos de discurso, narrativas, argumentos, conceitos, modelos e paradigmas)”. A seguir, as palavras-chave com uma breve explicação sobre elas:

1. realizações pessoais: o enfoque em personagens inconformados, que lutam contra o mal em várias instâncias do sistema, das regras e das instituições, e que contam com sua própria iniciativa como indivíduos capazes e corajosos, mas que de vez em quando precisam da colaboração alheia e de um “empurrãozinho da mão de Deus” (p.7);
2. otimismo: as histórias publicadas em Seleções sempre terminam com final feliz e uma receita de sucesso para várias ocasiões, para concluir;
3. conservadorismo moral: apesar de incluir temas como sexualidade, a Seleções sempre deu ênfase no aspecto conservador mais tradicionalista de ordem, disciplina, natureza, sempre se opondo ao feminismo ou ao sexo livre.

4. economia de mercado livre: tema constante em praticamente todas as edições, por meio de ataques a elevação de impostos, restrições à importações dos governos, sindicatos, e, “especialmente contra o sistema comunista.” (op. cit, grifo meu)

3.3 A edição local do *Reader's Digest*: Seleções

A edição brasileira de *Reader's Digest* – Seleções - passou a circular no Brasil em 1942. Nesta época, a revista era totalmente produzida em Nova Iorque, desde a direção geral até as traduções, que eram feitas por Otávio Mangabeira com colaboração de Afrânio Coutinho, cujo cargo oficial era o de gerente (JUNQUEIRA, p. 44 e 45).

Por oito anos, todo o expediente estava concentrado nos Estados Unidos. Em 1950, seu estabelecimento local foi cuidadosamente planejado e em 1951 a impressão passou a ser realizada pela Companhia Lithographica Ypiranga. Segundo Junqueira (p. 43), a inserção da revista promoveu uma mudança no mercado de revistas brasileiras devido ao seu formato sintético e condensado, atingindo 150 mil exemplares vendidos no primeiro mês. Alguns meses depois esta marca era de 300 mil exemplares, ocasionando, inclusive, o desaparecimento de vários jornais e revistas na época.

A matriz era sediada no Rio de Janeiro, onde se dava a redação e a centralização de assinaturas e o departamento comercial ficava em São Paulo, com a publicidade e impressão. Os editores brasileiros Tito Leite e José Maria Nogueira residiam em Nova Iorque e até 1959, a edição era supervisionada pelo diretor-geral C. Sanchez, cuja administração se dava em Cuba. Em 1971, a direção geral passou a ser sediada em Portugal. A Editora Ypiranga não possuía nenhuma autonomia na produção editorial da revista, sendo que para incluir publicações, era preciso autorização da matriz norte-americana.

Em entrevista a Silvio Pereira (2006), Saulo Guimarães e Jeannette Dente, ambos funcionários da filial brasileira relataram que “a revista não era nem nacional e nem estrangeira, mas internacional e que, com esse caráter, o *Reader's Digest* dizia se situar à parte dos problemas políticos nos países em que atuava” (p.63). A fidelidade ao texto original foi citada neste trecho:

Segundo a entrevistada, a totalidade de artigos veiculados em Seleções, durante os anos balizados pela pesquisa¹⁹ eram de origem norte-americana e que não eram permitidas quaisquer modificações nos seus conteúdos e para manter a fidelidade ao original após a tradução, os escritórios do *Reader's Digest* tinham equipes de

¹⁹ O autor refere-se a sua pesquisa, em que analisou artigos publicados na Seleções de 1954 a 1964, em parte coincidindo com o período analisado nesta pesquisa.

redatores responsáveis exclusivamente em **examinar a fidelidade das traduções**. (PEREIRA, 2006, p.63)

Em recente entrevista ao departamento editorial da revista (Anexo 2), afirmou-se que a maior parte da revista é composta por material estrangeiro, sendo a tradução essencial para que ela veicule a contento nos países filiais, sendo o tradutor experiente fundamental para o sucesso do processo de produção.

Conforme Bassnett e Bielsa (2009), apesar de haver comunalidades globais no modo com que as notícias chegam em diversos países, ao examinar cada um deles pode-se detectar grandes divergências de estilo e expectativas, muitas vezes orientadas pelo mercado ou pela política da revista. No caso brasileiro, as expectativas por parte da instituição era de que os tradutores fossem fiéis ao conteúdo veiculado nos textos originais e que as traduções fossem literais. De fato, acredito que tal posição exprime a visão estruturalista de texto subjacente na sociedade como um todo e não só nos bastidores da edição da revista.

Em relação ao procedimento de recepção local, Tito Leite, já referido redator-chefe, recebia os artigos que eram publicados nos Estados Unidos e se responsabilizava pela leitura, seleção, tradução e produção gráfica dos mesmos, sob supervisão do departamento editorial americano. Após a edição do sumário com os artigos escolhidos ele enviava a matriz norte-americana que os aprovava. A edição definitiva se dava somente após este consentimento da matriz.

Além da composição da revista brasileira, os redatores controlavam a recepção da revista no Brasil, sob a forma de pesquisas de opinião. Assim, a matriz sempre estava a par dos interesses da classe média brasileira, o público-alvo, segundo a revista. Em 1950 a classe média brasileira correspondia a 10% da população ou 5 milhões de pessoas, segundo Skidmore (1975). O referido autor também afirma que a classe era composta por burocratas, profissionais liberais e executivos comerciais e industriais dos grandes centros urbanos. Politicamente, a classe média compreendia aqueles que se identificavam com o comércio internacional, a industrialização e a “modernidade” como saída para o futuro do país (SKIDMORE, p. 112-113 *apud* PEREIRA, 2006).

Segundo Pereira (2006), a edição de novembro de 1954 trazia uma pesquisa de Opinião e Mercado realizada em outubro de 1953 no eixo Rio-São Paulo em que 82% dos leitores eram da classe A e B²⁰, 74% frequentavam colégio ou universidade, 35% possuíam automóvel e 17 % aparelho de TV.

²⁰ Para efeito de esclarecimento, classe A=rica, B=média, C=pobre e D=miserável.

Tito Leite era também o responsável pelo envio dos artigos aos tradutores, dentro da disponibilidade de cada um, mas com o devido rigor ao prazo de entrega e o respeito aos detalhes do original. Segundo Junqueira (p.45 a 49) que obteve informações com o escritor José J. Veiga, trabalharam como tradutores para a Seleções: Guimarães Rosa, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, Otto Maria Carpeaux, Manuel Bandeira, Carlos Lacerda entre outros, privilegiando-se um registro mais formal de textualização. Segundo Veiga, os redatores brasileiros enviavam o original dos Estados Unidos. A tradução retornava e então era feita a redação final, com o objetivo de **eliminar resquícios de estrangeirismos**.

Sobre esta última recomendação, vale destacar que a norma da revista era, de fato, “domesticar” no sentido de propiciar uma leitura fluente e adequada aos padrões de leitura do público consumidor da revista e, para que isso fosse possível, o tradutor certamente teria que adotar uma postura voltada para a parceria, de modo a cooperar com os interactantes comissionadores, de um lado e com os interactantes leitores, de outro, agindo, de fato, como mediador entre mundos.

3.4 O texto de opinião da *Reader's Digest*

O artigo de opinião é um dos gêneros textuais-discursivos representativos da modalidade escrita da língua pertencente à esfera jornalística ou ao domínio discursivo jornalístico. Segundo Seixas (2009), que distingue gêneros jornalísticos de gêneros jornalísticos, um gênero discursivo jornalístico deve ter, pelo menos, as seguintes características:

- 1) ser produzido pela organização jornalística, empregando a competência de procedimento, e satisfazer a uma ou mais finalidades institucionais;
- 2) ter como enunciador, no ato da troca comunicativa, a instituição jornalística;
- 3) apresentar uma lógica enunciativa formada por compromisso de adequação do discurso à realidade, como objetos de acordo e/ou argumentos de acordo operados interpretados segundo tópicos jornalísticos.

Mikhail Bakhtin, o grande precursor dos estudos do gênero, é popularmente conhecido na esfera academia como o emissor da definição de gênero como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 1997, p.279). No entanto, Rojo (2005, p.196) explica que uma leitura mais aprofundada da obra do autor possibilita relacionar o conceito de gênero com:

[...]dialogismo, heteroglossia, cronotopos, plurilinguismo, hibridismo, de tal maneira que a noção bakhtiniana de gênero de discurso seja colocada de uma vez

por todas, como um objeto discursivo ou enunciativo e não como uma forma ou tipo, palavras infelizmente escolhidas por Bakhtin, no texto de 1953. (ROJO, 2005, p.196)

O dialogismo é o principal aspecto propiciador da interação tradutor e texto em contextos socioculturais distintos. Heidemann (2010b, p.91) atesta esse fato ao comparar a tradução do projeto de constituição europeia em onze línguas, em que emergiram variadas formas de significar. Segundo a autora, ao ler o projeto, o leitor coloca-se diante de vários textos que são “inúmeras variações particulares e significativas de histórias, de conotações e de sensibilidades socioculturais diferentes. Essas diferenças devem ser o que entra em jogo em um diálogo tendo em vista a construção de uma Europa rica de suas diferenças.”

Em relação aos gêneros, Heidemann conclui que um gênero textual pode apresentar diferenças ao ser comparado interlinguísticamente com outro, assim como alguns textos que podem parecer muito diferentes, apresentam características semelhantes. A partir dessa afirmação, a autora quer enfatizar que a comparação pode ser um meio de escapar do fechamento do texto. Daí a importância do conceito de genericidade, ou as categorias genéricas de um texto.

Bakhtin postula a existência de três características inerentes aos gêneros: a) temas: conteúdos ideologicamente conformados que se tornam comunicáveis através do gênero, b) estilo: ou configurações específicas das unidades de linguagem, traços da posição enunciativa do locutor e c) construção composicional: elementos ou marcas linguísticas compartilhadas pelos textos que pertencem ao gênero.

Tal conformação é indissociável no momento da compreensão por ser esta última regida pela **situação de produção** dos enunciados e pela **apreciação valorativa** do locutor a respeito do(s) seu(s) interlocutor(es) de seu discurso. Bakhtin está se referindo às condições de produção do discurso, pelas condições reais da enunciação em questão, pela “situação social mais imediata”.

Os elementos essenciais desta situação social são os parceiros da interlocução: o locutor e o alocutário, os interlocutores em um evento comunicativo, ou ainda co-enunciadores. Os sujeitos da comunicação não são passivos, isto é, não há garantia de que a comunicação se estabelecerá, mas uma busca pela construção de sentido, por meio de ajustes e reajustes. É a partir desta relação que os aspectos temáticos, composicionais e estilísticos do texto ou do discurso se constituem.

Com relação à estruturação textual, a teoria dos gêneros textuais ou do discurso permite centralizar os elementos constitutivos que são essenciais enquanto característicos de

determinado gênero textual. O gênero artigo de opinião, por exemplo, possui características que o estabilizam, embora relativamente, e que orientam e condicionam a sua leitura, **como o título, o registro utilizado pelo autor, o mecanismo argumentativo, fatores que devem orientar a construção do seu sentido**. São fatores que condicionam mas também podem propiciar a prática da originalidade no sentido de criatividade na transformação textual típica de toda tradução.

Segundo Marques de Melo (2003), o artigo de opinião pode ser articulado discursivamente em dois núcleos de interesse: a informação, cujo interesse é saber o que se passa e a opinião, cujo interesse é saber o que se pensa sobre o que se passa. O autor afirma que

Trata-se de uma matéria jornalística onde alguém (jornalista ou não) desenvolve uma ideia e apresenta sua opinião (...) é o gênero que democratiza a opinião no jornalismo, tornando-a não um privilégio da instituição jornalística e dos seus profissionais, mais possibilitando seu acesso às lideranças emergentes na sociedade. (MARQUES DE MELO, 2003, p.121-127).

Segundo o autor, os gêneros do primeiro núcleo, do universo da informação, “se estruturam a partir de um referencial exterior à instituição jornalística: sua expressão depende diretamente da eclosão e evolução dos acontecimentos e da relação que os mediadores profissionais jornalistas estabelecem com seus protagonistas, ou seja, as personalidades ou organizações” (MARQUES DE MELO, 2003, p.65). Quanto aos gêneros situados no segundo núcleo, o universo da opinião, a estrutura da mensagem é “co-determinada por variáveis controladas pela instituição jornalística”. Tais gêneros assumem duas feições: **autoria**, quem emite a opinião e **angulagem**, perspectiva temporal ou espacial que dá sentido à opinião” (2003, p.65).

Rodrigues (2005, p. 172) usa o termo “articulista” para denominar o escritor de artigos de opinião e explica que a sua valorização social e profissional lhe confere credibilidade, elevando-o a um patamar de autoridade formadora de opinião. A sua opinião é de relevância social tanto para o jornal como para o público leitor. Trata-se de um “autor da elite, pois é um leitor selecionado e autorizado pela empresa jornalística para assumir a palavra; está, portanto, em uma relação de superioridade, em uma situação de interação vertical.” Por outro lado, embora seja uma autoridade, faz uso de outras vozes para validar seu posicionamento, as quais formam o seu *ethos*, o seu posicionamento discursivo. Tais vozes estão correlacionadas à manutenção ou supressão do **índice de pessoas** analisado nesta tese.

Para Bräkling (2002, p. 226-227), o artigo utiliza da argumentação para analisar, avaliar e responder a uma questão controversa, buscando influenciar o outro e mudando seus valores por meio da argumentação a favor de uma posição e de refutação de possíveis opiniões divergentes. Segundo Dell’Isola (2007, p. 54), trata-se de um evento comunicativo real que se utiliza da argumentação para “informar sobre um assunto e de comentar sobre o tema informado, a partir de determinada fundamentação.”

O artigo de opinião além de informar, expõe argumentos em torno dos fatos de forma a gerar um ponto de vista específico muitas vezes defendido pelo veículo em que ele é transmitido, como é o caso do corpo editorial da revista *Reader’s Digest* que seleciona, encomenda, condensa, isto é, se responsabiliza pela decisão sobre quais artigos devem ou não ser publicados na revista, conforme discutido nas seções anteriores.

Via de regra, o autor de um artigo de opinião tem um status específico independente da cultura de origem. Ele se constitui em uma espécie de autoridade no assunto, um especialista, alguém autorizado a se posicionar com muita propriedade em relação a um tema, sendo que muitas vezes lê-se um artigo de opinião porque se quer saber especificamente a opinião de um determinado autor, saber qual é sua posição em relação a um determinado assunto. Assim sendo, a construção de uma imagem que represente a autoridade do autor é uma estratégia a ser desenvolvida pelo tradutor para garantir a sedução de um leitor em contextos específicos.

A revista *Reader’s Digest* tinha ao seu dispor uma rede de articulistas especializados. Eram sociólogos, jornalistas correspondentes internacionais, que viajavam na intenção de fazerem pesquisas, entrevistar pessoas, fotografar cenários sangrentos que representavam o inimigo com muita propriedade etnográfica para, posteriormente, escreverem e publicarem tais reportagens.

Uma prática comum aos textos traduzidos pela *Reader’s Digest* é a introdução de notas sobre o autor, isto é, as notas não constam dos textos originais, somente dos traduzidos e funcionam como **contextualizadoras**. Elas retomam o nome do autor e trazem, especificamente, informações sobre o mesmo, tais como: formação acadêmica, área de conhecimento, atuação, cargo, função ou experiência profissional, vivência na área ligada ao tema, alguns detalhes sobre a confecção do artigo, viagens, pessoas entrevistadas e investigações sobre o assunto. Observe o exemplo seguinte, em que a nota sobre o autor aparece logo na primeira página do artigo:

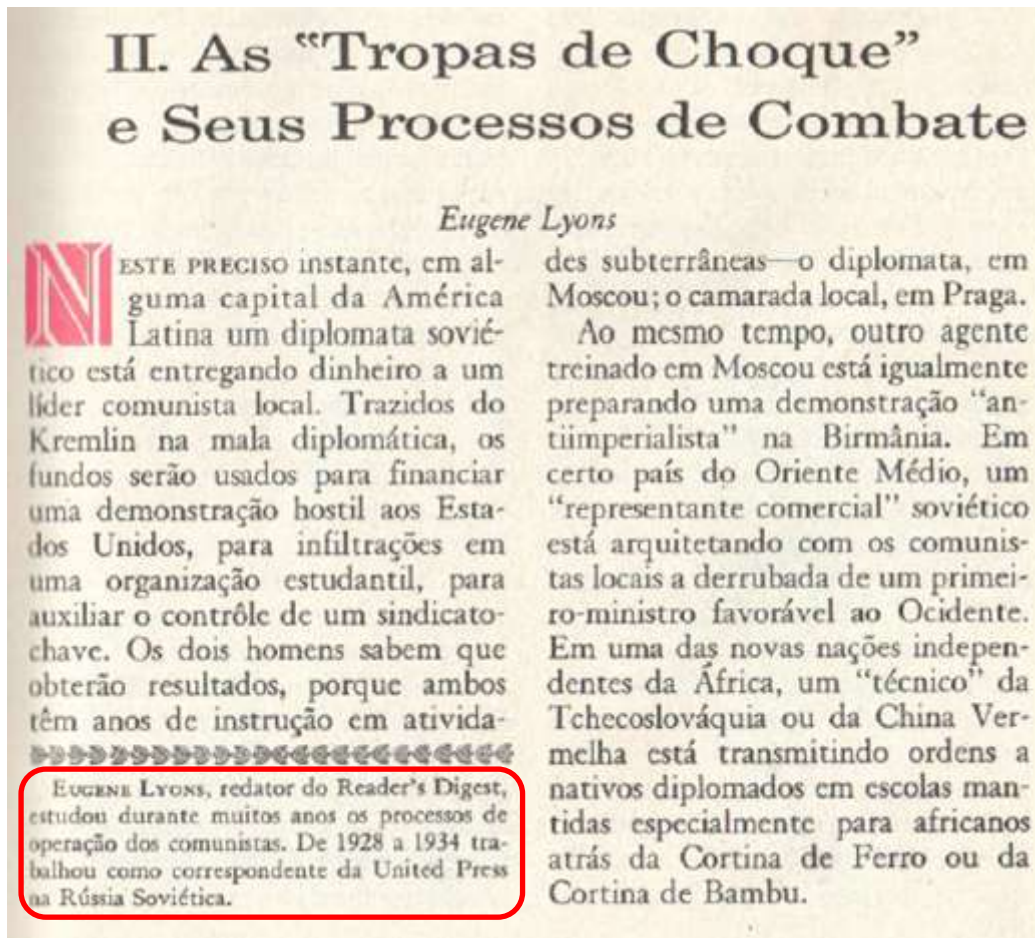


FIGURA 4: Exemplo retirado do Texto 5

A promoção da interação autor-leitor, constitui uma estratégia de coerência que ancora a macroestrutura textual na intenção discursiva de propagação anticomunista da revista. Por ser uma decisão editorial, seu objetivo é apresentar uma espécie de contrato de credibilidade para o leitor, em que a leitura das opiniões de um determinado autor representa um ganho para o leitor, sua função é apelativa. A tentativa de diminuição da distância entre autor e leitor e a inclusão de informações sobre o autor são estratégias comunicativas que visam ao estímulo da atenção do leitor.

Um outro elemento atípico nos textos de opinião veiculados pela revista é a presença de lides. O lide é um elemento típico das notícias, pouco comum no gênero textual artigo de opinião. No entanto, sua inserção é uma prática comum da revista, observe:



FIGURA 5: Exemplo de lide retirado do Texto 2

A relação entre autor e tradutor discutida à luz da teoria de gêneros abre um espaço para que o tradutor elabore um trabalho cooperativo, colaborativo de produção textual, a ponto de ser inclusive considerado (co)produtor textual, caso sua retextualização reflita sua intenção de construir um texto que tenha o efeito esperado pelo autor e pela revista. Embora defenda-se que a construção de sentido seja sempre subjetiva, ela deve almejar o equilíbrio pela objetividade, pois o autor não deve ser alguém a quem o tradutor deve se curvar em fidelidade e respeito a um sentido único, alguém talvez até mesmo inatingível ou impossível de ser entendido, pois ao escrever, o autor também fora condicionado à uma noção específica de cultura e de leitor ideal, que pode ser diferente do real usuário da língua.

Tal postura nos remete ao fato de que o ato de traduzir é um ato interativo complexo que se cria e recria a cada gênero, a cada intenção comunicativa, conforme afirmam os estudiosos da complexidade e do caos Paiva e Nascimento (2013, p.19) ao afirmarem que a cada vez que um texto é lido ou escrito, ele é posicionado em uma “nova ótica, um novo tempo/espaço e uma nova ordem se estabelece dentro da criação de uma nova realidade”.

O tradutor-leitor, caso deseje ocupar uma posição mediadora parceira, também terá uma responsabilidade semelhante ao autor-produtor do texto ao propor um novo texto que é

fruto do seu diálogo com o autor, seu tempo, e que passou por uma série de “ajustes, lapsos, ambiguidades, mal entendidos, hesitações e escolhas” (GONÇALVES TRAVAGLIA, 2003, p.28) durante o processamento, a produção e a revisão. Passemos, agora, às explicações metodológicas necessárias para o entendimento da pesquisa.

4. Metodologia

Neste capítulo, apresento noções que serviram de base para o desenho de constituição e análise na pesquisa. Na sequência, discorro sobre o percurso percorrido na constituição, o processo de tomada de decisões e os procedimentos da montagem do corpus de análise.

4.1 Delimitações básicas

A presente pesquisa é um estudo de caso de base qualitativa e de cunho comparativo-interpretativo, com amostras típicas de textos de opinião de temática anticomunista. Denzin e Lincoln (2006) afirmam que a pesquisa qualitativa é, em si mesma, um campo de investigação, pois envolve uma variedade de materiais empíricos, como o estudo de caso, uma diversidade de textos e produções culturais, históricos que buscam descrever momentos significativos, rotineiros e problemáticos das vivências do ser humano em diversos contextos.

Segundo Yin (1989, p. 23), "o estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas". De modo específico, este método busca responder às questões "como" e "porque" a questões que requerem explicações e tratam de relações operacionais que ocorrem ao longo do tempo, ao invés de ocorrências ou incidências.

Em relação aos estudos de caso de traduções, Neubert (2004) afirma que qualquer tarefa de tradução pode ser considerada um estudo de caso, e a cada tarefa de tradução surge um novo caso. Isso se dá devido às especificidades de cada situação de produção que gera novos problemas a serem descritos e analisados. O autor explica que ao final de um programa empírico haverá semelhanças nos processos de tradução que gerarão generalizações, mas também haverá diferenças, o que necessariamente trará luz e novos encaminhamentos às discussões sobre processos de tradução. Os estudos de caso podem gerar *insights* para a prática sobre o que torna uma tradução possível, pois a sua função é entender, descrever e

explicar o que torna um texto traduzido uma adequação de um texto fonte, o que a torna aceitável e o que pode ser deduzido das estratégias aplicadas para que se tenha um texto equivalente.

Segundo Neubert (2004, p. 9), existem três tipos de caso em tradução: de um mesmo gênero textual, cujo foco deve ser exclusivamente no processo de um texto apenas, de aspectos específicos dos textos originais e traduzidos, ou seja, dos textos enquanto produtos e o terceiro tipo, textos em discurso, que visa à integração de ambas. Nas palavras do autor, os “estudos de caso não contribuem somente para a tradutologia e para o treinamento de tradutores. Eles também ajudam a criar uma imagem mais realista de uma das áreas da comunicação moderna que tem expandido de forma extraordinária”²¹. Desta forma, para o aluno de tradução, os estudos de caso são especialmente importantes por ligarem a teoria à prática, como ilustrações ou exemplos, pois os estudos de caso são um corpo de evidências por excelência, possibilitando à teoria um forte elo com a realidade além de contribuírem para o entendimento da importância do gerenciamento de outras traduções recorrentes ou do mesmo tipo.

Enfim, os estudos de caso que se concentram na análise do texto em discurso podem ser considerados casos de bons exemplos de tradução. Para que isso aconteça, ele deve ser produzido por tradutores altamente competentes e analisados em contextos reais incluindo contexto da situação e os bastidores do comissionamento e, acima de tudo, o objetivo e o lugar da tradução e do público-alvo leitor projetado. Acredito que estas recomendações foram atendidas na fundamentação teórica desenvolvida no primeiro capítulo da tese.

4.2 Noções e procedimentos da Linguística de *Corpus*

O propósito desta parte do trabalho é fornecer uma breve explicitação acerca dos principais conceitos utilizados na área a fim de contextualizar os procedimentos de montagem e análise dos dados.

A Linguística de *Corpus* é uma área destinada ao tratamento de grandes quantidades de dados de modo informatizado. Segundo Berber-Sardinha:

A LC ocupa-se da coleta e da exploração de corpora, ou conjunto de dados lingüísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a

²¹ “Case studies not only contribute to translatology and translator training. They also help to create a more realistic picture of an extraordinarily expanded area of modern communication.”

pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem por meio de evidências empíricas, extraídas por computador. (BERBER-SARDINHA, 2004, p.3)

Uma distinção pertinente a toda e qualquer pesquisa com corpora é saber se a abordagem adotada é *corpus based*, isto é, baseada em corpus ou *corpus driven*, dirigida por corpus. A abordagem baseada em corpus usa o *corpus* como um inventário de dados linguísticos, uma espécie de repositório a partir do qual se extrai informações que apóiam o conhecimento intuitivo do pesquisador, auxiliando-o a verificar expectativas além de permitir a quantificação dos fenômenos linguísticos que possam ser interpretados como evidências ou exemplos para teorias. A partir de perguntas, confirma-se explicações ou suposições linguísticas pré-estabelecidas:

Nesse caso, entretanto, a evidência do corpus é usada como bônus extra em vez de fator determinante em relação à análise que, além disso, é realizada de acordo com categorias pré-existentes, embora seja usada para refinar tais categorias, nunca está em uma oposição desafiadora em relação aos dados. (TOGNINI-BONELLI 2001, p. 66)

Já a abordagem *corpus driven* ou dirigida pelo corpus é uma metodologia por meio da qual um corpus servirá como base empírica para extração de dados e detecção de fenômenos linguísticos sem que haja uma suposição ou expectativas de pesquisa. As conclusões ou contradições são feitas exclusivamente com base na observação do corpus. Como parto da hipótese da tradução como processo mediador de textos, este trabalho está baseado em *corpora* pois tem a intenção de fornecer exemplos ou evidências que reforçam tal concepção.

Entende-se por *corpus* toda “coletânea de textos” (TAGNIN, 2004) ou “conjunto homogêneo de amostras de língua” (BIDERMAN, 2001, p.79) que sejam autênticos (MACIEL; VECHIA, 2009) e representativos de uma língua ou de uma parte sobre a qual se pretende estudar, compilados segundo critérios específicos, com o propósito de serem analisados eletronicamente, via ferramentas computacionais disponíveis e que atendam ao objetivo do pesquisador.

Esta última parte da definição é especialmente importante porque enfoca a importância da confecção de hipótese por parte do pesquisador, que, conseqüentemente, irá direcionar sua pesquisa, desde a montagem até os procedimentos de análise, o que indicará maior objetividade e foco de trabalho. A seguir, discorro sobre o percurso de seleção e montagem do *corpus*.

Após a ideia de se investigar traduções em um determinado período histórico, encontrei dois trabalhos na área de História Social que serviram de *insights* para minha decisão e posterior delimitação do corpus. A primeira foi a dissertação de Gonçalves (2010) intitulada de *Páginas golpistas: democracia e anticomunismo através do projeto editorial do Instituto de Pesquisa em Estudos Sociais, o IPES (1961-1964)*. Nela, a autora amplia a lista inicial de Dreifuss (1981) para 94 títulos. No entanto, além da dificuldade em reunir e categorizar o material original e traduzido, percebi que este se tratava de um projeto muito mais amplo e que merecia um prazo maior de pesquisa. Logo em seguida, após a leitura da tese de doutorado intitulada *Seleções do Reader's Digest 1954-1964: um mapa da intolerância política* (PEREIRA, 2006), optei por pesquisar os artigos anticomunistas pela facilidade em encontrar a maior parte do acervo das Seleções do *Reader's Digest* disponível para compra em lojas de livros usados.

Ao entrar em contato com a pesquisa de René Dreifuss (1981), logo percebi que ali havia fontes valiosas para o trabalho investigativo sobre esse período na história do Brasil devido a inúmeras dissertações, teses e artigos que utilizam seus dados como fonte de pesquisa (ANDRADE, 1989; ASSIS, 2001; CANTARINO, 1999; JUNQUEIRA, 2000; PEREIRA, 2006; GONÇALVES, 2010).

Mas o fato que mais me chamou atenção foi que no período entre 1961 a 1964 houve um *boom* na contratação de serviços de tradução, haja vista a lista de títulos presente no apêndice L do livro de Dreifuss com mais de 80 títulos traduzidos à época. Em vista de haver muito mais títulos de livros e panfletos do que de artigos de revistas na referida lista, a orientação inicial foi a de procurar os livros que versavam sobre a temática anticomunista. No entanto, ao ler os primeiros capítulos de sua tese, notei que o autor fazia muitas referências aos artigos publicados pela revista Seleções nas notas de rodapé, fato que determinou minha decisão por estudar tais artigos.

Em relação à constituição do *corpus* propriamente dita, inicialmente foram selecionados 101 textos a partir da leitura das Seleções do *Reader's Digest* publicadas em língua portuguesa que tratavam de temas políticos relacionados à defesa dos ideais anticomunistas, entre 1961 e 1964. Foram relacionados em uma tabela, por edição mensal, os títulos em língua portuguesa com os respectivos títulos originais em inglês, contendo o ano de publicação da revista, o número, o autor, o título em português, o título em inglês e a quantidade de páginas dos artigos em português. Percorri um site de compras²² que divulga o

²² www.e-bay.com

conteúdo de cada edição da revista, sendo que, em muitas delas, pude verificar os títulos com base nas capas de cada revista disponíveis ao acesso público. Com isso, foi possível ter uma noção de quais textos e edições deveriam ser adquiridos, em língua inglesa, uma vez que não se dispunha de uma fonte de informação sobre os procedimentos de escolha.

Com base nas capas e com o material em português, preparei uma tabela com os títulos em inglês, autores, edição e ano e comecei a enviar e-mails para algumas bibliotecas nos Estados Unidos, na esperança de que alguém pudesse fazer a gentileza de enviar os artigos escaneados. Por sorte, a bibliotecária Allison Thiessen da *Richland County Public Library*²³ gentilmente procurou, escaneou e enviou os arquivos por correio eletrônico. Assim, foi possível organizar o *corpus* de um modo mais coerente com os prazos e efetuar análises mais consistentes com os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa. Organizei as informações iniciais por meio de quatro tabelas distribuídas por ano. No entanto, para esta pesquisa, utilizei apenas a tabela organizada no Anexo 1.

Devido ao tamanho dos textos (em média 4.000 palavras cada um), optei por selecionar o total de cinco deles que foram corrigidos e alinhados manualmente no Word. Foi utilizada também a ferramenta Lista de Palavras (*Wordlist*) do programa *Wordsmith Tools 5.0* (SCOTT, 2010) para a contagem e comparação textual entre *tokens* e *types*. Preferi utilizar o alinhamento manual no Word ao invés do alinhador *Viewer* e *Aligner* do programa porque a intenção foi visualizar as diferenças no parágrafo e mostrar a dinamicidade da tradução pela omissão de parágrafos e frases que não foram traduzidos, uma vez que o alinhador do *Wordsmith* separa o texto em frases e não em parágrafos. Devido ao tamanho dos textos (em média 4.000 palavras cada um), optei por selecionar o total de cinco deles que foram corrigidos e alinhados manualmente no Word. Não foi utilizado alinhador automático porque a intenção foi mostrar a dinamicidade da tradução pela omissão de parágrafos e frases que não foram traduzidos.

Parti, assim, da proposta do levantamento das seguintes operações, com base em Grèsillon (1989) que explica que qualquer que seja o volume do segmento textual considerado, sempre pode-se observar a presença de operações de intervenção no interior de um contexto relativamente estável. As operações observadas na retextualização realizada pelos tradutores foram: i) operação de substituição (um segmento do texto original é substituído por outro); ii) operação de supressão (apagamento de um segmento presente no

²³ O contato se deu via este e-mail: contactper@myrcpl.com

texto original); iii) operação de acréscimo (ampliação por inserção ou adição de um segmento); iv) operação de deslocamento (segmento muda de lugar).

Como o objetivo foi descrever e analisar textos, independentemente de sua ocorrência ou de categorias específicas, não foi feita uma pré-análise ou escolha consciente que buscasse evidenciar tais marcas específicas. Assim, os cinco primeiros textos que compõem o *corpus* de análise foram descritos e analisados pela ordem sequencial em que ocorreu sua recepção e preparação, isto é, escaneamento, correção e alinhamento em tabelas, a partir do modo como foram dispostos na tabela no Anexo 1. Em suma, os textos analisados encontram-se no Anexo 3 e nos Anexos 4 e 5 contêm as primeiras páginas escaneadas dos textos retirados das três revistas (Figura 3 do capítulo 4) originais analisadas.

Optei também por não marcar os trechos do texto original em itálico na tese pelo fato de sua ocorrência, tal como a ocorrência de aspas, constituir objeto de descrição e análise. Saliento, além disso, que pelo caráter analítico sequencial-textual, não marquei a segmentação do texto em frases, mas parágrafos. A seguir, os dados sobre a publicação dos textos organizados na tabela:

Tabela 1: Textos analisados

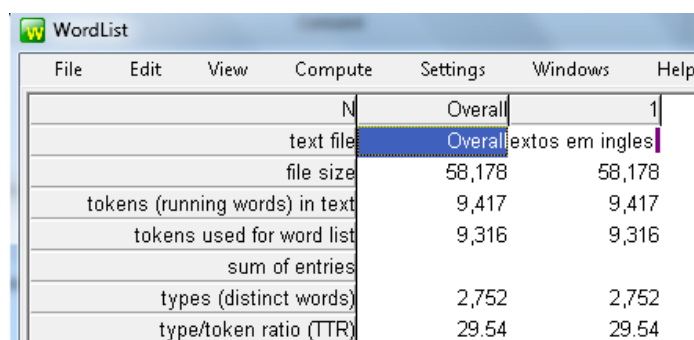
Texto	Mês	Edição	Autor	Título	Págs.
1	Nov 1960 Jan 1961	463 228	Charles Stevenson	<i>How the Soviets stole a march on us in Africa</i> Como os russos levaram a melhor na África	130-136 58-64
2	Nov 1960 Jan 1961	463 228	William Henry	<i>Why Europe turned away from Socialism</i> Por que a Europa abandonou o socialismo	105-108 96-100
3	Nov 1960 Fev 1961	463 228	Leland Stowe	<i>Red China reaches for World power</i> A China comunista quer ser potência mundial	239-246 43-48
4	Jan 1961 Mar 1961	465 230	Max Eastman	<i>World War II has already started!, I: The Communists Master Plan for Conquest</i> Já começou a terceira guerra mundial! (I)	36-39 23-27
5	Jan 1961 Mar 1961	465 230	Eugene Lyons	<i>World War II has already started!, II: The Shock troops and how they fight</i> Já começou a terceira guerra mundial! (II)	40-44 27-32

Após uma breve consideração sobre as informações estatísticas de cada *corpus*, foi realizada a identificação das diferenças/modificações textuais segundo critérios expostos acima. Em seguida, e analisei as mudanças por meio das categorias propostas por Adam (2008) para depois proceder a uma síntese das análises relacionando as categorias examinadas

ao padrão de normalização seguido pelos tradutores, que se encontra ao final das análises texto a texto.

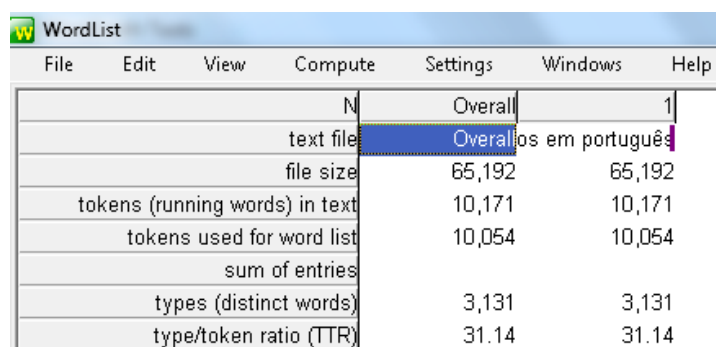
5. Descrição e Análise

Inicialmente, os textos foram introduzidos no aplicativo Bloco de Notas em forma de dois arquivos separados em inglês e português para a geração de estatística sobre os mesmos em relação ao número de frases, *types*, *tokens* e outros, conforme figura:



	Overall	1
text file	Overall	1
file size	58,178	58,178
tokens (running words) in text	9,417	9,417
tokens used for word list	9,316	9,316
sum of entries		
types (distinct words)	2,752	2,752
type/token ratio (TTR)	29.54	29.54

FIGURA 6. Aba *statistics* do *corpus* em inglês



	Overall	1
text file	Overall	1
file size	65,192	65,192
tokens (running words) in text	10,171	10,171
tokens used for word list	10,054	10,054
sum of entries		
types (distinct words)	3,131	3,131
type/token ratio (TTR)	31.14	31.14

FIGURA 6. Aba statistics do subcorpus em português

FIGURA 7. Aba statistics do corpus em inglês

A partir destes dados, foi montada a seguinte tabela para a análise comparativa:

Tabela 2. Dados para análise numérica comparativa

	<i>Corpus</i> em inglês	<i>Corpus</i> em português
<i>Sentences</i>	473	447
<i>Types</i>	2.752	3.131
<i>Tokens</i> (palavras no texto)	9.417	10.054
<i>Tokens used for Wordlist</i>	9.316	10.054
Relação <i>type/token</i>	29,54	31,14

Nota-se que com o número de frases em português, o que pode ser explicado pelas **omissões** de frases e, principalmente, de todo um parágrafo no texto 5.

Em relação ao número de *tokens*, o número de palavras do *corpus* em inglês é menor do que o do *corpus* em português. Isso significa que houve uma ampliação no número de palavras traduzidas. Este fato pode ser um reflexo da diferença de objetivo dos tradutores que, ao normalizarem sua escrita, expressaram-se de forma mais livre na língua materna valendo-se da **explicitação** (BAKER, 1993, 1996)), que é o uso de uma quantidade maior de palavras para expressão de uma ideia, como veremos pontualmente em alguns excertos traduzidos.

Esse processo está proporcionalmente relacionado ao aumento da variação lexical na tradução, pois o número de tipos de palavras em português, ou *types*, também se deu em maior número do que no *corpus* em inglês, isto é, as versões traduzidas contêm maior diversidade lexical em comparação com o original pelo aumento do uso de palavras diversificadas nos textos traduzidos.

Confirmando esta análise, nota-se que a relação *token-type* é relativamente menor em inglês do que em português, isto é, o *corpus* em inglês possui menos *types* que as traduções. Como *types* representam o número de ocorrências únicas e *tokens* o número total de palavras, conclui-se que os textos em inglês têm, de fato, uma densidade lexical menor que os textos

em português. Em outras palavras, o vocabulário dos textos em português pode ser considerado mais variado do que os textos originais, um indício de **normalização** (BAKER, 1993, 1996) por uso da norma culta.

Na sequência, apresentarei a descrição dos excertos modificados texto a texto iniciando com um resumo do mesmo, para, em seguida, analisar as categorias modificadas pelas operações de adição, supressão, deslocamento e substituição. Finalizo este capítulo com uma síntese das análises.

5.1 TEXTO 1

How do the Soviets stole a march on us in Africa (Como os russos levaram a melhor na África)

Resumo: O tema do texto 1 é o ataque à dominação comunista na Guiné, um país situado na África que havia se tornado independente da França em 1958. O autor Charles Stevenson constrói sua argumentação sobre a tese de que a Guiné havia procurado ajuda financeira da Rússia devido a morosidade do apoio dos norte-americanos, defendendo que o país estava tomado por comunistas da Cortina de Ferro, da China Vermelha e da Rússia que ocupavam cargos administrativos, técnicos, ministeriais com o intuito de doutrinar os jovens guinéus. O texto original, publicado para alertar os leitores norte-americanos que os Estados Unidos precisavam se impor mais na África, possui um tom de crítica à aceitação passiva da chegada do comunismo naquele continente.

ÍNDICE DE PESSOAS

A supressão do pronome catafórico *us* que se refere a “nós americanos” no título, (Excerto #1), indica que o tradutor optou por reposicionar os interlocutores do discurso, isto é, o texto, que originalmente havia sido escrito tendo como co-enunciador o leitor norte-americano, foi **recontextualizado** para o público leitor brasileiro, isto é, **localizado**. Com o apagamento da marca de oposição (eles/russos e nós/americanos), o **foco** recaiu mais sobre a esperteza dos russos do que o fracasso dos americanos. A presença norte-americana no texto ficou omitida, pois o objetivo do tradutor é a comunicação o que nos leva ao entendimento de que a tradução é um evento comunicativo (BAKER, 1993). Já a coesão referencial foi mantida ao longo do texto, como se pode ver a seguir.

Alguns subtítulos (parágrafos 10 e 23) também foram remodelados por supressão pronominal (Excertos #2 e #3). Neste caso, a escolha pela omissão parece ter motivado a exclusão total da frase em que o pronome *our* em *Our peril* ou “nossa desvantagem” e o pronome objetivo *us* ocorreram, retirando o locutor de cena. A remodelagem também ocorreu por meio da omissão do referente na tradução dos excertos #4 (parágrafo 12), #5 (parágrafo 27), #6 (parágrafo 30) e #7 (parágrafo 29). No último parágrafo do artigo (parágrafo 30), também há duas frases contendo pronomes (Excerto #8), um pessoal e outro adjetivo no original, que foram suprimidos:

Tabela 2. Índice de pessoas/Texto 1 (A)

<p>Excerto #1 How do the Soviets stole a march on us in Africa</p> <p>Excerto #2 How we lagged.</p> <p>Excerto #3 Our peril.</p> <p>Excerto #4 President Touré is a man of gigantic importance to the Communists—and to us.</p> <p>Excerto #5 The only weapon we have which the Communists cannot duplicate is private enterprise.</p> <p>Excerto #6 We dare not let the kind of disaster that overtook Guinea be repeated.</p> <p>Excerto #7 We need missions headed by American business experts who can swiftly go to the aid if needy countries.</p> <p>Excerto #8 We dare not let the kind of disaster that overtook Guinea be repeated. Our urgent need now is for swift and imaginative <i>action</i>.</p> <p>Excerto #9 The airport waiting room was a milling throng</p>	<p>Excerto #1 Como os russos levaram a melhor na África</p> <p>Excerto #2 Como Washington se atrasou.</p> <p>Excerto #3 (Nossa desvantagem)²⁴</p> <p>Excerto #4 (O presidente Touré é um homem de enorme importância para os comunistas – assim como para nós.)²⁵</p> <p>Excerto #5 A única arma de que os comunistas não dispõem é a da iniciativa privada.</p> <p>Excerto #6 O tipo de desastre que subjugou a Guiné não deve repetir-se.</p> <p>Excerto #7 Missões chefiadas por peritos norte-americanos em negócios poderiam ir rapidamente em auxílio dos países necessitados.</p> <p>Excerto #8 O tipo de desastre que subjugou a Guiné não deve repetir-se. Ação rápida e inteligente, eis o que é preciso, agora, com urgência.</p> <p>Excerto #9 O salão de espera do aeroporto estava apinhado</p>
--	--

²⁴ Frase não traduzida

²⁵ Frase não traduzida

of Russians, East Germans, Bulgarians, Chinese —Communists All.	de uma multidão remoinhante de russos, chineses -todos comunistas.
--	---

No excerto #9 (parágrafo 1) houve supressão dos referentes nominais de nacionalidade *East Germans* e *Bulgarians*, redirecionando toda a ênfase para os russos e chineses. Com isso, o tradutor prioriza o discurso da revista (ROBYNS, 1994), pois manteve o foco no tema anticomunista, pois as maiores ameaças comunistas partiam destes últimos, um conhecimento que o tradutor supõe como partilhado pelo leitor brasileiro. Seria inadequado se o tradutor fizesse o contrário, isto é, se tivesse mantido apenas “alemães e búlgaros” e suprimido russos e chineses.

A pronominalização “nós” também foi reconstruída por substituição, ou seja, houve mobilização das referências pronominais (*we, us, etc*), apagando totalmente as marcas dialógicas originais menos específicas. Assim, o foco também recaiu mais sobre o discurso anticomunista do que os detalhes específicos da narrativa. Veja nos excertos de #10 (parágrafo 8), #11 e #12 (parágrafo 7), #13 (parágrafo 11) #14 (parágrafo 27), designações como “Washington” e “norte-americana” tomando forma de **anáforas especificadoras** e gerando cadeias de co-referência. O tradutor garante a manutenção “de um *continuum* homogêneo de significação genérica, uma isotopia mínima do discurso por retomadas-repetições” (ADAM, 2008, p.145), assegurando, ao mesmo tempo, a progressão por meio dessas novas especificações:

Tabela 3. Índice de pessoas/Texto 1 (B)

<p>Excerto #10 While we vacillated, the Kremlin eagerly leaped forward.</p> <p>Excerto #11 At first we waited for the French and the Guineans to make up; but after that our ponderous bureaucracy just couldn't get going.</p> <p>Excerto #12 To this day our State Department has not even acknowledged receiving the weapons request!</p> <p>Excerto #13 Not until five months after Guinea had declared its independence did our State Department get around to sending over one of its old China hands and a young assistant to open up an embassy.</p>	<p>Excerto #10 Enquanto Washington vacilava, o Kremlin oferecia-se pressurosamente.</p> <p>Excerto #11 A princípio esperou que os franceses e guinéus se compusessem; mas além disso não pôde ir a poderosa burocracia norte-americana.</p> <p>Excerto #12 Até hoje o Departamento de Estado Norte-Americano ainda não acusou o recebimento do pedido de armas!</p> <p>Excerto #13 Só cinco meses após a Guiné ter declarado a sua independência o Departamento de Estado Norte-Americano providenciou o envio de um dos seus antigos representantes na China e de um jovem assistente para instalar uma</p>
---	--

<p>Excerto #14 The need for us to think in new dimensions is obvious.</p>	<p>embaixada.</p> <p>Excerto #14 É manifesta a necessidade de Washington imprimir novos rumos a sua orientação.</p>
--	--

Também houve supressão de índices de pessoas no plano macrotextual (Anexo 3), com omissão de parágrafos e frases no decorrer do texto, traços de **simplificação** (BAKER, 1993): a última frase do parágrafo 20 e outros dois parágrafos (25 e 26) foram suprimidos na tradução, supressão essa motivada pela omissão dos dêiticos referentes a pessoas e instituições norte-americanas. Como se pode perceber nos trechos traduzidos por mim, a situação comentada é vivenciada especificamente pelos norte-americanos e a mensagem está claramente direcionada a este público, pelo uso de pronomes que remetem ao nós/nação norte-americana, pela menção de nomes ligados à história política do país (*Alphaeus Hunton*), pela locução nominal “funcionário do Departamento de Estado” e pela menção a um instituto de pesquisa americano (*Stanford University Research Insitute*).

Tabela 4. Índice de pessoas/Texto 1 (C)

<p>Excerto #15 Outside, a big Soviet plane waited for a Red VIP</p> <p>Excerto #16 Nearby, Czech workers who had marched from their barracks singing Communist songs</p> <p>Excerto #17 Today Czech operators are key influences in the ministries of Economy and Plan and Finance.</p> <p>Excerto #18 The customs officers finally finished searching our luggage[...]</p>	<p>Excerto#15 [...]um personagem vermelho muito importante</p> <p>Excerto #16 Nas imediações, operários tchecos que tinham chegado de suas barracas cantando hinos comunistas.</p> <p>Excerto #17 Presentemente, homens de negócios tchecos exercem influência preponderante [...]</p> <p>Excerto #18 Os funcionários da alfândega cessaram por fim o exame de nossa bagagem[...]</p>
--	--

Os referentes nominais com sentido mais genérico, como o substantivo acrônimo VIP (*very importante person*), gíria de difícil tradução, além de *Communist songs*, *Czech workers* e *customs officers*, sendo este último inclusive um falso cognato, foram retextualizados por substantivos mais específicos, em que anáforas foram criadas pelo recurso da hiponímia, como em “personagem”, com o sentido figurado mantido; e “hinos”, “operários” e “funcionários” (excertos de #15, #16, #17, parágrafo 1; excerto #18, parágrafo 2). É

importante sublinhar que tais referentes pareceram mais gerais em contraste com a retextualização na língua portuguesa, em que o tradutor se preocupou mais em especificar buscando facilitar a compreensão, porém, sempre levando em conta os campos semânticos ao produzir soluções lexicais adequadas. Estas últimas reconstruções são exemplos de construção de **anáforas hiponímicas**:

Tabela 5. Índice de pessoa/Texto 1 (D)

<p>Excerto #19 Fiercely nationalistic, eager to an Africa united in freedom, he is not only president of his country but the moral leader of an independent African labor movement with roots in the whole French community from northern Senegal to the Congo.</p>	<p>Excerto #19 De um nacionalismo extremado, ansioso por uma África livre e unida, ele é não só o Presidente do seu país, mas também o líder espiritual de um movimento trabalhista africano independente, com raízes em toda a comunidade francesa, do Senegal, no extremo norte, ao Congo.</p>
--	---

O excerto #19 (parágrafo 12) é um exemplo de modalização de índice de pessoa. Ao utilizar “líder espiritual” o autor adiciona expressividade, contribuindo para a progressão, o aumento da argumentatividade, um indício de **normalização** (BAKER, 1993), ao construir uma predicação específica e representativa do seu conhecimento de mundo.

Tabela 6. Acréscimo de referente textual para retomada

<p>Excerto #20 When Toure pleaded for American technicians to help run his government, our multibillion-dollar International Cooperation Administration replied that its people could never take an active role in another country's government—they could only advise. The ICA made an economic survey of Guinea but refused to tell Toure what assistance it would give him unless he signed an agreement establishing an ICA mission and giving all ICA personnel the immunities and privileges of visiting diplomats.</p>	<p>Excerto #20 Quando Touré pediu técnicos norte-americanos para ajudá-lo a exercer o seu governo, a Administração de Cooperação Internacional (ACI), entidade norte-americana que dispõe de milhões de dólares, respondeu que o seu pessoal não poderia, em hipótese alguma, tomar parte ativa no governo de outro país - só poderia aconselhar. Procedeu a ACI a um levantamento econômico da Guiné, mas recusou-se a dizer a Touré que espécie de assistência lhe daria, se ele não assinasse um acordo criando uma missão de ACI e concedendo a todo o seu pessoal imunidades e privilégios diplomáticos.</p>
<p>Excerto 21 In despair, the president of Guinea, tall, handsome, 38-year-old Sekou Touré, appealed for U. S. emergency aid, especially police side arms.</p>	<p>Excerto #21 Em desespero, Sekou Touré, Presidente da Guiné, um homem de 38 anos de idade, elevada estatura e bela aparência, apelou para o auxílio de emergência dos Estados Unidos, pedindo em especial armas portáteis para a polícia.</p>
<p>Excerto #22 They came not as official representatives but in</p>	<p>Excerto #22 Não vinham como representantes oficiais do</p>

the guise of private work seekers.	Governo Russo , mas disfarçados de particulares à procura de emprego.
------------------------------------	--

No excerto #20 (parágrafo 14) foi inserida a abreviação da entidade americana *International Cooperation Administration* que é retomada nos parágrafos seguintes por meio da sigla ICA. Ausente no texto original, em português, o tradutor cria esta referência adicionando-a ao final da primeira ocorrência da designação da entidade para, então, retomá-la no decorrer da textualização, facilitando a retomada deste referente pelo leitor brasileiro e mantendo a **coesão sequencial** ao longo do texto.

No excerto #21 (parágrafo 7), em que o presidente Touré é descrito, foi inserida a nominalização “homem”, **anáfora especificadora** na medida em que especifica o sexo do referente, o “presidente Touré”, mas também **enfática**, devido à predicação que adiciona ênfase ao descrever o presidente por meio da construção “levada estatura” e “bela aparência”, inserindo maior expressividade à descrição. No excerto #22 (parágrafo 9), o tradutor insere a marca de desambiguação entre referentes para retomar o fato de que os representantes oficiais eram russos. Por meio da **anáfora especificadora**, o tradutor evita a ambiguidade na interpretação.

MODALIZAÇÕES SEMÂNTICAS

Houve, ainda, substituição na predicação formada pela expressão idiomática *steal a march* (excerto #23, título) e o referente *failure* (excerto #24, lide) cujos sentidos marcam culturalmente a presença contextual norte-americana. A expressão *stole a march* no título original ou “roubar uma marcha” no sentido de passar à frente, ultrapassar, remete a uma situação de competição que invoca guerra (*march*), expressão bastante significativa no contexto histórico do pós segunda guerra mundial, especialmente para os norte-americanos que se encontravam, também, em plena guerra com o Vietnã.

A ideia de perda e ganho no contexto de guerra, em geral, é sinônimo de fracasso. A opção por “levar a melhor” reflete marca de **normalização**, já que agora o texto seria recepcionado pelo leitor brasileiro que não compartilhava dos mesmos valores. Para os brasileiros, o contexto das guerras evocava outros sentidos diferentes daqueles partilhados pelos americanos. Nota-se que a preferência pela expressão “levar a melhor” é um indício de aproximação com valores presentes na cultura brasileira, dada a semelhança com a expressão

“levar vantagem”, posteriormente consolidada (em 1976) pelo que ficou conhecida como a Lei de Gerson. Tal escolha marca a presença do tradutor acionando seu **conhecimento de mundo partilhado**.

A palavra *failure*, que evoca situação de perda, também era mais significativa na cultura americana do que na brasileira, tendo sido suprimida no lide (excerto #24). Já os referentes nominais relacionados a itens culturais, como vestuário, paisagismo, foram mais generalizados. Isso ocorre por meio da estratégia da hiperonímia (excertos #25 e #26, parágrafo 3). Todas estas marcas configuram índices de omissão de referentes que remetem à cultura que podem ser sinais de **aculturação**, conforme apontou Bassnett (2005):

Tabela 8. Modalização semântica/Texto 1 (A)

<p>Excerto #23 How do the Soviets stole a march on us in Africa</p> <p>Excerto #24 While our government officials fiddled, the Soviets stepped in and put themselves in virtual control. The country of U.S. failure is a blueprint for more serious trouble ahead²⁶</p> <p>Excerto #25 [...] only the long-robed Negroes who speak French</p> <p>Excerto #26 [...] the tree-lined avenues and hibiscus hedged white, pink and yellow colonial homes</p>	<p>Excerto #23 Como os russos levaram a melhor na África</p> <p>Excerto #24 O país é a Guiné; o sucesso alcançado pelos comunistas é um exemplo de mais sérias complicações que estão por vir</p> <p>Excerto #25 [...] só os negros de vestes compridas que falam francês</p> <p>Excerto #26 [...] as avenidas arborizadas e as residências coloniais brancas, cor-de-rosa e amarelas, com sebes floridas</p>
---	--

Os numerais também foram referenciados à padronização de conversão do referencial de distância, ou seja, de milhas para quilômetros, de forma adequada ao leitor brasileiro (excerto #27, parágrafo 2). No caso de fatores culturais como os sistemas métricos e monetários, Paskal-Mazur (2005) explica que a **equivalência** é procedimento de tradução que tende ao processo de localização. Em relação aos diferentes sistemas monetários, o tradutor preferiu traduzir *180 million dollars* para 75 bilhões de francos no excerto #28 (parágrafo 3) para manter o paralelismo sintático “franceses – franco” na tradução.

²⁶ Enquanto os oficiais do governo norte-americano se retiram, os soviéticos dão um passo adiante e detêm o controle virtual da Guiné. O fracasso norte-americano é um indício de que problemas mais sérios estão por vir (tradução minha).

Tabela 9. Modalização sistema monetário/ Texto 1

<p>Excerto #27 All this took place this year 4500 miles south of Moscow—in deepest west-coast África.</p> <p>Excerto #28 In 11 years the French poured nearly 180 million dollars in investments, subsidies and public works into Guinea — population two and a half million.</p>	<p>Excerto #27 Tudo isto aconteceu no ano passado, a 7.500 quilômetros ao sul de Moscou, bem no interior da costa ocidental da África.</p> <p>Excerto #28 Em 11 anos os franceses derramaram na Guiné, cuja população é 2.500.000 habitantes, mais de 75 bilhões de francos de investimentos, auxílios e obras públicas.</p>
---	--

O excerto #29 e o #33 são exemplos de modalização de adjetivos. No #29, o autor usa *unsophisticated* para qualificar os guinéus. Em português, o qualificador “ingênuo” traz uma conotação mais positiva do que “pouco ou nada sofisticado”. Enquanto o autor faz uma avaliação cultural de civilidade dos guinéus, o tradutor construiu uma imagem mais branda que remete a uma ideia de ausência de vivência no mundo, amenizando a conotação pejorativa expressa no original. No #30 (parágrafo 7) também ocorre abrandamento descritivo, de forma similar no #29 (parágrafo 9). Tais opções revelam a subjetividade do tradutor, sua presença diplomática, de mediador intercultural.

Tabela 10. Modalização semântica/Texto 1 (B)

<p>Excerto #29 The Guineans were too unsophisticated to specify what technicians they needed to help set up their government, so every few weeks the Soviets sent in another planeload of assorted administrators, engineers and specialists to fit themselves into jobs wherever they could find them.</p> <p>Excerto #30 In despair, the president of Guinea, tall, handsome, 38-year-old Sekou Touré, appealed for U. S. emergency aid, especially police side arms.</p> <p>Excerto #31 Toure liked this and wanted to attract more such development.</p> <p>Excerto #32</p>	<p>Excerto #29 Os guinéus eram demasiado ingênuos para especificar de que técnicos precisavam para ajudar a organizar a sua administração, de sorte que de poucas em poucas semanas os soviéticos mandavam novos aviões cheios de administradores, engenheiros e especialistas escolhidos para se adaptarem a qualquer ocupação onde quer que a encontrassem.</p> <p>Excerto #30 Em desespero, Sekou Touré, Presidente da Guiné, um homem de 38 anos de idade, elevada estatura e bela aparência, apelou para o auxílio de emergência dos Estados Unidos, pedindo em especial armas portáteis para a polícia.</p> <p>Excerto #31 Touré apreciava isso e pretendia incentivar outros empreendimentos do mesmo gênero</p> <p>Excerto #32 A Guiné ficou sendo a mão-de-gato com que</p>
---	---

<p>Guinea was reduced to the role of a pawn in the Soviet power play.</p> <p>Excerto #33 Nearby, Czech workers who had marched from their barracks singing Communist songs were overseeing the lengthening of airport runways to accommodate Russia's biggest jet planes and a new airline to Moscow.</p> <p>Excerto # 34 Beware Africa America bargains for your soul.</p> <p>Excerto #35 All the uniforms of the police and native troops, their side arms, jeeps, even their typewriters were returned to France.</p>	<p>os soviéticos vão tirando de onde querem as suas sardinhas.</p> <p>Excerto #33 Nas imediações, operários tchecos que tinham chegado em marcha dos seus alojamentos, cantando hinos comunistas, superintendiam o alongamento das pistas do aeródromo para tornar possível o pouso dos maiores aviões a jato da Rússia e o estabelecimento de uma nova linha aérea até Moscou.</p> <p>Excerto #34 Cuidado, África, os Estados Unidos da América querem dominar-vos.</p> <p>Excerto #35 Os uniformes da polícia e das tropas nativas, suas armas portáteis, seus jipes e até suas máquinas de escrever foram totalmente devolvidos à França.</p>
---	--

No excerto #31 (parágrafo 13), vemos outra manifestação de modalização semântica de verbos e grupo nominal (designações e predicções), sobrepostas em uma frase, em que o tradutor prefere opções semânticas mais livres e distantes das opções literais tais como “gostar” por apreciar, “querer” por pretender, “atrair” por incentivar e o grupo nominal “outros empreendimentos do mesmo gênero” no lugar de *more such development*, marcando sua posição proficiente na língua materna, de seu **conhecimento linguístico e cultural local**. No #32 (parágrafo 23), o tradutor manteve a conotação, mas a frase figurativa no inglês foi totalmente remodelada e substituída por uma expressão idiomática proverbial significativa na língua portuguesa evitando o equivalente lexical “joguete” ou “bola da vez” no sentido de “manipulada” e optando por substituir todos estes termos na totalidade. Um outro exemplo de modalização verbal foi a escolha por “tornar possível” às custas do expressivo *accomodate* no excerto 33# (parágrafo 1), que, no original, exprime com afetividade a receptividade dos tchecos que “acomodariam” os maiores aviões russos e uma nova linha aérea para a Rússia no aeroporto. A escolha pela construção do paralelismo sintático com a adição dos dois substantivos masculinos (o pouso e o estabelecimento), causou uma certa prolixia na frase. Em nome da obediência à produção textual de acordo com a **norma culta**, o tradutor muitas vezes sacrifica efeitos expressivos de sentido.

Um outro exemplo de supressão da expressividade, neste caso, por substituição de uma locução verbal, é o excerto #34 (parágrafo 22) em que *bargains for your soul*, ou “quer

comprar a sua alma” foi traduzido por “querem dominar-vos”, que além de ser mais formal, é menos expressiva e apelativa. No excerto #35 (parágrafo 6), o advérbio “totalmente” foi usado no lugar de *all*, redirecionando a ênfase à ação da devolução dos uniformes.

Tabela 11. Modalização semântica/Texto 1 (C)

<p>Excerto #36 When the French withdrew from Guinea, all but 2000 of a 7000 got out as fast as they could.</p> <p>Excerto #37 For four months these two men —U. S. charges d'affaires —operated out of suitcases, in a hotel room, with portable typewriter.</p> <p>Excerto #38 -“Please, we specifically want no publicity, we just want to help.”</p> <p>Excerto #39 Six or seven more are in strategic jobs in the port of Conakry, -where a submarine base could dominate much of the Atlantic.</p> <p>Excerto #40 Five hundred French civil servants left almost overnight, paralyzing public services.</p> <p>Excerto #41 While we vacillated, the Kremlin eagerly leaped forward. Guinea possesses the world's largest and most accessible bauxite deposits-500 times as large as those of the United States and Russia combined—and extraordinarily rich iron reserves. Russia needs both.</p>	<p>Excerto #36 Quando os franceses se retiraram da Guiné, dos 7.000 integrantes da colônia francesa apenas 2.000 não deixaram o país o mais depressa que puderam.</p> <p>Excerto #37 Durante quatro meses esses dois homens - encarregados de negócios dos Estados Unidos - trabalharam num quarto de hotel, dispondo apenas do que haviam levado em suas malas e de uma máquina de escrever portátil.</p> <p>Excerto #38 "Por favor, fazemos questão de que não haja publicidade; só queremos ajudar.</p> <p>Excerto #39 Um número deles seis ou sete vezes maior ocupa posições estratégicas no porto de Conakry.</p> <p>Excerto #40 Quinhentos mil funcionários civis franceses desapareceram quase da noite para o dia, paralisando os serviços públicos.</p> <p>Excerto #41 Enquanto Washington vacilava, o Kremlin oferecia-se pressurosamente. A Guiné possui as cessíveis jazidas de bauxita - 500 vezes maiores do que as dos Estados Unidos e da Rússia juntas - e reservas de ferro extraordinariamente ricas. A Rússia precisa de ambos esses minérios.</p>
---	---

Na tabela 11, observa-se que a proposta de um novo texto que é fruto do diálogo com o autor, leitor e condições de produção, ele inevitavelmente passa por uma série de “ajustes, lapsos, ambigüidades, mal entendidos, hesitações e escolhas” (GONÇALVES TRAVAGLIA, 2003, p.28). A autora pontua que um tradutor competente é pressionado por uma série de fatores para produzir um texto coerente. O **respeito à norma culta**, nestes exemplos,

provocou alguns deslocamentos em função da dificuldade de textualização, mas percebe-se que o tradutor procura a legibilidade textual, mostrando a outra face que olha para o leitor. A frase iniciada pela conjunção *all but* de difícil tradução no excerto #36 (parágrafo 6), foi textualizada de forma mais longa e explicativa, porém nota-se a busca por clareza, pela adição do referente “integrantes da colônia francesa” para retomar “franceses”, em que o tradutor tira proveito da possibilidade de deixar o pronome “eles” (puderam) de forma elíptica em português.

Maior elaboração ou explicação devido ao uso da norma culta também pode ser notada nos excertos #37 e #38 (parágrafo 11). Muitas vezes, devido a uma determinada escolha durante o processo de tradução é necessário reformular trechos inteiros. Um estilo mais livre pode ou não produzir efeitos de sentido adequados. Os tradutores analisados nesta pesquisa demonstraram ter alta proficiência na língua portuguesa, a língua em que ocorreram as retextualizações. Na solução para o excerto #38, em que os russos explicam o porquê da ajuda à Guiné, o tradutor substitui “querer” por “fazer questão de”, adotando um registro mais formal de forma adequada. Já no excerto #39 (parágrafo 10), “more” significa “outros” (“Além destes, outros seis ou sete deles ocupam[...]”). Apesar da solução do tradutor ter criado um efeito de exagero, na retextualização não é possível perceber isso.

No excerto #40 (parágrafo 6), houve uma confusão entre *hundred* e *thousand* que também surtiu um efeito final hiperbólico, o que, para efeitos argumentativos, pode adicionar valor, apesar de constituir um erro. O excerto #41 (parágrafo 8) é um exemplo de **anáfora resumidora**, isto é, adição do substantivo hiperonímico “minérios” que ainda não havia sido mencionado e cuja abrangência retoma, por associação, os substantivos bauxita e ferro.

MODALIZAÇÃO INTERSUBJETIVA

Nos excertos #42 (parágrafo 17) e #43 (parágrafo 11), a pontuação foi modificada. A pergunta dialógica *The response?* foi substituída pela expressão “qual foi a resposta” no #42. Apesar do tradutor retirar o ponto de interrogação, marca dialógica autorial-leitorial, a presença do pronome “qual” evoca a presença da pergunta, mesmo mediante a ausência da marca gráfica interrogativa. No entanto, o efeito final foi uma certa diminuição da ênfase, devido ao “gesto” de homogeneização da sequência narrativa.

No excerto #44, novamente há homogeneização da sequência narrativa. No entanto, parece ter havido uma intenção de compensação por parte do tradutor, que ao suprimir a marca gráfica interrogativa, insere o modalizador “simplesmente”. Tais homogeneizações

foram necessárias devido ao **objetivo recontextualizador** do tradutor, pois como ele já havia suprimido índices pronominais que marcavam o diálogo entre o autor e o público norte-americano ao longo do texto, tais marcas de intersubjetividade poderiam soar como resquícios que marcavam a presença do contexto original no traduzido.

Tabela 12. Modalização Intersubjetiva/Texto 1

<p>Excerto #42</p> <p>Toure had also publicly appealed through the U. S. press for 30 American teachers because he wanted English to become Guinea's second language. The response? The U. S. Information Agency sent one teacher.</p>	<p>Excerto #43</p> <p>Touré apelara também, publicamente, através da imprensa norte-americana, para que lhe dessem 30 professores norte-americanos, pois era seu desejo fazer do inglês o segundo idioma da Guiné. Qual foi a resposta: a Agência de Informações dos Estados Unidos da América mandou um professor.</p>
<p>Excerto #44</p> <p>Just behind was a newly arrived vessel. Its cargo? An unsolicited 5000 tons of rice from Red China and a well-calculated message: - "Please, we specifically want no publicity, we just want to help."</p>	<p>Excerto #44</p> <p>Logo atrás estava um navio recém-chegado. A carga era simplesmente cinco mil toneladas de arroz da China Vermelha, que ninguém pedia, e uma mensagem bem estudada: "Por favor, fazemos questão de que não haja publicidade; só queremos ajudar."</p>

DÊITICOS TEMPORAIS E ESPACIAIS

Nos exemplos seguintes, houve reformulação de dêiticos de tempo, que fazem parte de uma sequência narrativa reveladora da posição do autor no tempo e no espaço do texto original. A mudança no excerto #45 (parágrafo 3) representa uma iniciativa de **recontextualização exofórica** em que o tradutor, ao reconhecer o intervalo de tempo da narrativa, reposiciona o tempo e o lugar no novo contexto.

Ao **evitar o estrangeirismo**, marca de enunciação do autor, o tradutor opta por traduzir a expressão *en route* do francês para o português (excerto #46, parágrafo 9), preferindo seguir à risca a norma da revista. A inserção do dêitico "ali" (excerto #47, parágrafo 9) na tradução marca a retomada pelo advérbio de lugar "Cortina de Ferro". No excerto #48 (parágrafos 17 e 18), em que há proximidade de ocorrência da palavra *now* em inglês, o tradutor se preocupou em não repetir o termo, optando por "hoje" e "agora", **evitando a redundância**.

Tabela 13. Dêiticos Temporais e Espaciais/Texto 1

<p>Excerto #45 Yet today, only the long-robed Negroes who speak French, the tree-lined avenues and hibiscus hedged white, pink and yellow colonial homes remind you that the French were once here.</p>	<p>Excerto #45 No entanto, hoje só os negros de vestes compridas que falam francês, as avenidas arborizadas e as residências coloniais brancas, cor-de-rosa e amarelas, com sebes floridas, lembram que os franceses estiveram ali noutro tempo.</p>
<p>Excerto #46 En route, the planes laid out the course of a new airline —to link not only Guinea but neighboring Ghana to the Soviets.</p>	<p>Excerto #46 Aproveitando a viagem, os pilotos traçaram os rumos de uma nova linha aérea - para ligar não só a Guiné, mas também o vizinho Estado de Ghana à União Soviética.</p>
<p>Excerto #47 There is an aggressive youth movement whose delegates are taken behind the Iron Curtain to be indoctrinated.</p>	<p>Excerto #47 Existe um agressivo movimento juvenil, cujos delegados são levados para trás da Cortina de Ferro, para ali serem doutrinados.</p>
<p>Excerto #48 Now his photograph hangs in Guinea's public buildings as big and as high as that of President Toure. Trappings of Communism. Now, with Soviet influences dominating Conakry, Guinea is taking on more and more of the trappings of Communism.</p>	<p>Excerto #48 Hoje seu retrato pode ser visto nos prédios públicos, do mesmo tamanho e com o mesmo destaque do retrato do Presidente da República. Enfeites do Comunismo. Agora, com a influência soviética predominando em Conakry, a Guiné está pondo cada vez mais enfeites do comunismo.</p>

OPERADORES ARGUMENTATIVOS

Podemos perceber, por meio dos excertos abaixo, que houve adição de operadores ao longo da argumentação, o que **promoveu coesão sequenciação textual**. Nos casos a seguir, foram adicionados os operadores “mas” (excerto #49, parágrafo 7), “e” (excerto #50, parágrafo 18 e excerto #51, parágrafo 5), que, de certa forma, retoma tudo que havia sido dito antes, marcando a sequenciação do que foi dito para frente, propiciando o efeito dinâmico de anterioridade-posterioridade das proposições-enunciado ao reforçar a ligação entre elas. A conjunção aditiva imprimiu mais conexão e sequenciação e, conseqüentemente, maior ritmo à narrativa.

A inserção do marcador “igualmente” no sentido de “também”, no excerto #52 (parágrafo 10) enfatiza a parceria entre os tchecos e os comunistas, explicitando que os tchecos estavam agindo de forma colaborativa com os russos, ocupando, igualmente, posições de poder na Guiné, **reforçando o efeito de argumentatividade anticomunista**. No excerto #53 (parágrafo 4), adição do “é só” suaviza a opção original pelo imperativo, marcando a

consciência do **efeito pragmático do uso do imperativo** no início dos enunciados em português e inglês, dando continuidade à explicação sobre o comportamento investigativo dos russos de modo mais polido. A escolha pela inserção do modalizador “a bem dizer” marca a **subjetividade do tradutor** por se tratar de um “comentário da forma como o enunciador se representa perante o outro no ato de enunciação” (KOCH, 2014, p. 95), no excerto #54 (parágrafo 24), cujo resgate semântico é possível por meio do advérbio *almost* (o povo africano está preparado para confiar em “praticamente” qualquer promessa). Apesar da forma diferente, um efeito de sentido modalizador semelhante pode ser resgatado na comparação do original com a tradução.

Tabela 13. Operadores argumentativos/Texto 1

<p>Excerto #49 If the French are absent, other foreigners are conspicuously present.</p> <p>Excerto #50 Then suddenly the loose was tightened.</p> <p>Excerto #51 The chilling truth is that under the guise of giving Guinea desperately sought assistance, Moscow is preparing the whole country as its staging area for a campaign whose goal is the domination of Africa. Even more chilling, developments in Guinea[...]</p> <p>Excerto #52 Czechs control and operate the airport.</p> <p>Excerto #53 If the French are absent, other foreigners are conspicuously present. Stroll through the wide lobby of the plush Hotel de France, and your every movement is studied by Soviet agents hiding self-consciously behind their newspapers.</p> <p>Excerto #54 The African people everywhere are ripe for almost any scheme which promises to transform economic ignorance and ineptitude into sudden wealth and happiness.</p>	<p>Excerto #49 Mas se os franceses estão ausentes, outros estrangeiros estão visivelmente presentes.</p> <p>Excerto #50 E então, subitamente, o laço foi apertado.</p> <p>Excerto #51 A arrepiante verdade é que a pretexto de dar à Guiné a ajuda de que ela tão desesperadamente precisa, Moscou está preparando o país inteiro para palco de ensaio de uma campanha cujo objetivo é a dominação da África. E, o que é ainda mais arrepiador, os acontecimentos da Guiné[...]</p> <p>Excerto #52 Tchecos controlam igualmente e administram o aeroporto.</p> <p>Excerto #53 É só dar uns passos pelo vasto saguão do luxuoso Hotel de France, para que todos os nossos movimentos sejam observados por agentes soviéticos que intencionalmente se ocultam por trás dos seus jornais.</p> <p>Excerto #54 O povo africano está preparado para confiar, a bem dizer, em qualquer promessa de transformação da sua ignorância e inépcia econômica em súbita riqueza e felicidade.</p>
---	--

5.2 TEXTO 2

**Why Europe turned away from socialism
(Por que a Europa abandonou o socialismo)**

Resumo: O artigo tem o objetivo de salientar basicamente duas tendências observadas na Europa Ocidental: a prosperidade do capitalismo e a decadência do socialismo. Pessoas prósperas perdem interesse pelos dogmas socialistas. Não existe mais o receio de golpe comunista e o partido socialista perde eleições em diversos países e, conseqüentemente, perde filiados e a intenção de participar dos governos de coalizão (governos da Bélgica e da Holanda). O sistema de liberdade de iniciativa resulta em prosperidade e exibe o caráter negativo do controle exercido pelo Estado na economia. A transformação na Europa diz aos socialistas inteligentes que é necessário reformular princípios. O marxismo decaiu na Europa com a vinda do sistema de vida americano, com a possibilidade de obtenção de imóvel próprio, sistema de férias anuais, comércio de eletrodomésticos, criando uma imagem de abundância em relação ao capitalismo.

ÍNDICE DE PESSOAS

A dinamicidade textual da construção da indicialidade pode ser percebida por adição e supressão dos referentes. No caso da designação *membership*, houve acréscimo do sintagma nominal “o número de”, adicionando coesão referencial na textualização devido à comparação numérica no excerto #54 (parágrafo 5). No #55 (parágrafo 15), vê-se que o tradutor suprimiu *you* do original, retirando a marca dialógica e enfocando a mensagem, marca de **recontextualização por focar o assunto** e não os interactantes (autor e leitor no contexto norte-americano):

Tabela 14. Índice de pessoas/Texto 2

<p>Excerto #54 Meanwhile the membership of the French Socialist Party has declined from 350,000 to 120,000.</p>	<p>Excerto #54 Enquanto isso, o número de filiados ao Partido Socialista Francês diminuiu de 350.000 para 120.000.</p>
<p>Excerto #55 [...]but you will probably hear no more about it.</p>	<p>Excerto #55 [...]mas é muito provável que tudo não passe do projeto</p>

DÊITICOS TEMPORAIS E ESPACIAIS

Nos exemplos que se seguem há vários mecanismos diferentes utilizados na retextualização dos dêiticos temporais e espaciais. No caso do excerto #56 (parágrafo 2), o dêitico “hoje” foi deslocado para a posição inicial, **redirecionando a ênfase** do fato para o tempo do acontecido. Nos excertos #57 (parágrafo 7) e #58 (parágrafo 9), nota-se uma movimentação tendendo à explicitação, quando o tradutor especifica o ano, marcando sua **presença subjetiva como mediador temporal**. No excerto #59 (parágrafo 18), o tradutor prefere um percurso de textualização diferente do autor: enquanto este último prefere repetir o referente *road*, o tradutor prefere fazer uso da **anáfora demonstrativa** “este último” para retomar o referente, incluindo pistas de inferência que leva o leitor a fazer a retomada ao invés de usar a reiteração, marcando sua presença pelo **estilo de textualizar**.

No excerto #60 (parágrafo 22), nota-se que o tradutor opta pela palavra “lema” para *slogan* e adiciona inclusive, a tradução do lema que está em alemão no original, **evitando o estrangeirismo, conforme norma da revista**, às custas do estilo do autor que prefere designar a campanha em alemão:

Tabela 15. Dêiticos temporais e espaciais/Texto 2

<p>Excerto #56 “Few workers give a pin now about nationalization.”</p> <p>Excerto #57 But the overriding element in the Conservative victory last year</p> <p>Excerto #58 [...]after a long period of wage and price control under the Nazis and under the occupation</p> <p>Excerto #59 Europe was faced at the end of the war with a choice of two roads, one leading to out-and-out socialism, the other to the mixed economies of the present.To the considerable benefit of its economic health and general well-being, Europe, for the most part, has chosen this second road.</p> <p>Excerto #60 In the last elections, one the most popular slogans of the winning part , the Christian Democratic Union, was Keine Experimente</p>	<p>Excerto #56 “Hoje poucos trabalhadores dão qualquer importância a nacionalização.”</p> <p>Excerto #57 Mas o elemento preponderante na vitória conservadora de 1959</p> <p>Excerto #58 [...]depois de um longo período de controle dos preços e dos salários, sob o domínio dos nazistas e no período da ocupação</p> <p>Excerto #59 Ao fim da guerra a Europa teve dois caminhos a escolher: um conduzia ao mais radical socialismo, o outro as economias mistas dos nossos dias. Com grande benefício para a sua saúde econômica e bem-estar, preferiu, na sua maior parte, seguir este último.</p> <p>Excerto #60 Nas últimas eleições um dos lemas mais populares do partido vencedor, a União Cristã-Democrática, foi Keine Experimente, "Nada de Experiências".</p>
--	---

MODALIZAÇÕES SEMÂNTICAS

Nos segmentos que se seguem, há vários casos de modalização verbal ou predicação verbal construídas no texto traduzido por meio da adição. No primeiro excerto (#61, lide), o paralelismo proporcionado pelo verbo *share*, que funcionava tanto modificando a locução “sistema competitivo” quanto “prosperidade” foi desmanchado na tradução, o que adicionou mais ênfase à ação “goza” em vez de manter a ênfase na substantivação “prosperidade”. No excerto #62 (parágrafo 1), apesar de ter escolhido “voltei de/com” em vez de “trouxe” (*brought back*), o tradutor **manteve a ênfase** em “impressões dominantes”, apesar de alterar a localização do segmento que no original estava posta logo no início da oração. No excerto #63 (parágrafo 2), a conjunção “a medida que” motivou o uso do gerúndio no português. Tal evidência pode ser um indício de proximidade com a língua falada, de **proximidade leitorial**. Já no excerto #64 (parágrafo 8), ocorre o contrário. Em vez do tradutor usar “é” ele prefere o “diz respeito a”, **mais formal**.

O excerto #65 (parágrafo 9) é um caso em que o tradutor preferiu dizer “começou a por em prática” a *started*, que pode ter sido motivada devido à mudança de “experimente” por “sistema”. No excerto #66 (parágrafo 9) trata-se de um caso de supressão do efeito de sentido do original evocado pelo verbo “bumerangue”. O tradutor evita este tipo de efeito, que poderia soar informal, **optando por um estilo mais formal**. No excerto #67, retirado do parágrafo 5, a frase foi totalmente remodelada.

A locução *no longer* que significa “não mais” foi designada por já e foi deslocada para o início da frase, a adjetivação *reasonable* foi substituída por “antes de certo modo justificável” que, ao adicionar o dêitico “antes” remete à experiência com guerras vivida pela Europa anteriormente, explicita seu **conhecimento de mundo** de forma adequada. O excerto # 68 (parágrafo 5) é um exemplo de **desconstrução de expressão idiomática** que significa “na maré baixa”. O objeto direto *penetration of American ways of life* (excerto #69, parágrafo 14) foi retomado no início da frase, por meio da adição da expressão de modo catafórico “o que”. Esta foi uma **estratégia textual** interessante porque havia a possibilidade do deslocamento do objeto para o início da frase (A penetração...). Com a retomada do objeto por “o que”, o tradutor consegue **priorizar a equivalência formal** com poucas mudanças textuais, **mantendo o efeito de sentido** do original e dinamizando a leitura por meio da

criação de um efeito de suspense até o leitor chegar em “penetração do sistema de vida norte-americana”.

Tabela 16. Modalizações semânticas/Texto 3

<p>Excerto #61 Almost every country in the Western Europe has had long and unhappy experience with a government-controlled restrictive economy. Today most of these nations share a freer and more competitive system—and unparalleled prosperity</p> <p>Excerto #62 I brought back two dominant impressions from a recent 15-week trip to Western Europe.</p> <p>Excerto #63 As people become more prosperous, they lose interest in socialist dogmas.</p> <p>Excerto #64 Another unhappy memory associated with Labor administration is of scores of little frustrations and inconveniences</p> <p>Excerto #65 When Finance Minister Erhard started his experiment in a free-market economy[...]</p> <p>Excerto #66 But this line of attack boomeranged as real wages increased rapidly and steadily.</p> <p>Excerto #67 There is no longer any reasonable fear of a Communist coup.</p> <p>Excerto #68 The socialists are also at a low ebb.</p> <p>Excerto #69 Effective in destroying Marxism as a vital faith in Europe has been the penetration of American ways of life.</p>	<p>Excerto #61 Quase todos os países da Europa Ocidental já tiveram longa e desagradável experiência de uma economia restritiva, controlada pelo governo. Hoje a maioria dessas nações adotou um sistema de mais liberdade e competição—e goza de prosperidade nunca vista</p> <p>Excerto #62 VOLTEI DE UMA recente viagem de 15 semanas pela Europa Ocidental com duas impressões predominantes.</p> <p>Excerto #63 A medida que as pessoas se tornam mais prósperas vão perdendo o interesse pelos dogmas socialistas.</p> <p>Excerto #64 Outra desagradável lembrança associada ao governo trabalhista diz respeito a uma porção de pequenas inconveniências e frustrações</p> <p>Excerto #65 Quando o Ministro da Economia Erhard começou a por em prática o seu sistema econômico de mercado-livre[...]</p> <p>Excerto #66 Mas os ataques dessa natureza recaíram sobre os próprios atacantes, quando se viu os salários aumentarem rápida e constantemente.</p> <p>Excerto #67 Já não existe o receio, antes de certo modo justificável, de um golpe comunista.</p> <p>Excerto #68 Os socialistas estão também em dificuldades.</p> <p>Excerto #69 O que efetivamente tem destruído o marxismo na Europa como fé inabalável é a penetração do sistema de vida norte-americana.</p>
---	---

--	--

OPERADORES ARGUMENTATIVOS

A adição do operador “contudo” nos excerto #70 (parágrafo 7) prioriza a **argumentatividade** por reforçar a relação adversativa com o que havia sido dito anteriormente sobre as condições de vida na Grã-Bretanha na retextualização em português. Já no excerto #71 (parágrafo 8), o tradutor preferiu **realocar a ênfase** no modo como a campanha fora recebida no país ao invés de manter a ênfase na receptividade do público. A escolha por “espírito público” também é uma escolha pela abstração ao invés da concretude da designação “público”.

Tabela 17. Operadores argumentativos/Texto 2

<p>Excerto #70 Various factors, some national, some international, have contributed to the political downfall of British socialism. But the overriding element in the Conservative victory last year was the relative ease of British living conditions after eight years of Conservative administration, compared with the bleak austerity from 1945 to 1951 when the Labor Party was in power. In fairness, it should be recognized that immediately after the war life would have been hard in Great Britain under any government.</p> <p>Excerto #71 -Conservative election posters showing the more comfortable, less harassed life of the present time, with the admonition, -“Don’t let Labor spoil it”.- found a receptive audience</p>	<p>Excerto #70 (Diversos fatores, uns nacionais, outros internacionais, têm contribuído para o desprestígio político do socialismo britânico. Mas o elemento preponderante na vitória conservadora de 1959 foi a relativa facilidade das condições de vida na Grã-Bretanha, depois de oito anos de governo conservador, em comparação com a fria austeridade dos anos de 1945 a 1951, em que o Partido Trabalhista esteve no poder.) Reconheça-se, contudo, com justiça, que imediatamente depois da guerra a vida na Grã-Bretanha teria sido difícil com qualquer governo.</p> <p>Excerto #71 Cartazes eleitorais dos conservadores, mostrando a vida melhor e menos atribulada dos dias de hoje, com a advertência, "Não deixe o Trabalhismo estragar isto", repercutiram favoravelmente no espírito público.</p>
---	---

5.3 TEXTO 3

**Red China reaches for world power
(A China comunista quer ser potência mundial)**

Resumo: O objetivo deste artigo é evidenciar o trabalho de expansão do comunismo realizado pela China na Ásia, África e América Latina. Segundo o autor, a estratégia chinesa abarca quatro ramos principais: penetração cultural, por meio de excursões à China de pessoas na opinião pública, e que se transformaram em eficientes e gratuitos propagandistas da China Vermelha; penetração econômica, com as exportações da China comunista se tornando a ponta de lança da expansão global, como no caso do acordo com Cuba para a compra de açúcar, intercâmbio econômico que conquista solidariedade na luta comum contra o imperialismo; penetração pela propaganda, por meio de publicação, filmes, radiodifusão, instalação de agência de notícias e penetração política, como nos casos de intervenção na Coreia, no Tibete, no Vietnã do Norte, do auxílio ao Egito e aos estados árabes.

ÍNDICE DE PESSOAS

O excerto #72 é o lide do artigo. Como pode ser observado, houve retextualização de “chineses vermelhos” por “emissários da China Comunista”. Segundo o Michaelis *online*²⁷, emissários são espões ou agentes secretos. Ao qualificar os chineses, o tradutor tornou explícita a função daqueles chineses naquele contexto. Já a escolha pela predicação “estão levando a cabo um intensivo trabalho de proselitismo” se distancia da conotação mais emotiva de *to make a concerted play for*, que remete à ideia de ter um plano para seduzir ou atrair alguém, inclusive romanticamente, segundo o *Cambridge Dictionaries online*²⁸, marca de **mudança de ênfase que passa a ser mais no fato**. No excerto #73, retirado do segundo parágrafo, o tradutor opta por explicitar que os comunistas chineses se ocupam de países e não de raças que se preocupam com questões raciais, **melhorando a referência original** por meio do uso de uma **anáfora hiperonímica**, pois, na sequência, o autor utiliza a palavra “nações”, que retoma “países” de forma mais adequada do que o referente “raças”. *Starting-from-scratch nations* são nações “começando do zero”, uma expressão idiomática mais informal, cuja conotação o tradutor preferiu não manter, optando por “nações que tentam recuperar-se”. Além disso, o tradutor fez uma **manobra lexical** para transmitir a ideia de que tais nações estavam superando o modelo marxista utilizado pela União Soviética, contida na expressão *out-Marx the Soviets*. O tradutor ainda muda a ênfase no início da frase, começando com a locução adverbial preposicionada “com grande habilidade”, mantendo a **argumentatividade** nesta sequência textual. No excerto #74, parágrafo 8, é interessante notar

²⁷ <http://michaelis.uol.com.br/>

²⁸ <http://dictionary.cambridge.org/>

há uma **correção na tradução**. Segundo Frédéric (2002, p.918), após a segunda guerra mundial, Mosaburo Suzuki ajudou a reviver o partido socialista do qual tornou-se presidente em 1951. No *site Modern Japanese Historical Figures*²⁹, há menção de que Yoshio Suzuki teria sido um dos colaboradores na formação do partido socialista:

Tabela 18. Índice de pessoas/Texto 3

<p>Excerto #72 In most of the countries of Asia, Africa and Latin America, new faces are beginning to appear. The Red Chinese, bearing gifts, invitations, trade offers and propaganda, are making a concerted play for friends, disciples and subjects</p> <p>Excerto #73 They shrewdly capitalize on their unique attraction for color-conscious races, present their country's industrial growth as the supreme model for all starting-from-scratch nations, and out-Marx the Soviets in aggressive support of revolutions everywhere.</p> <p>Excerto #74 Notable Peiping guests have included a Pakistani prime minister; an ex-prime minister of Morocco; the inspector-general of Cuba's army; Yoshio Suzuki, head of a Japanese socialist party; the speaker and many members of Indonesia's parliament; ministers of education from the United Arab Republic and Guinea; and, significantly, two intimates of Congo Premier Lumumba: his private secretary and his defense minister.</p>	<p>Excerto #72 Em quase todos os países da Ásia, da África e da América Latina estão aparecendo caras novas. São os emissários da China Comunista, que, com presentes, convites, ofertas de negócios e propaganda, estão levando a cabo um intensivo trabalho de proselitismo</p> <p>Excerto #73 Com grande habilidade, eles exploram urna atração muito própria pelos países que tem problemas raciais, apresentam o seu desenvolvimento industrial como supremo modelo para aquelas nações que tentam recuperar-se, e se mostram mais marxistas do que os próprios soviéticos nos processos de apoio agressivo as revoluções, onde quer que elas ocorram.</p> <p>Excerto #74 Entre os hóspedes ilustres de Peipim já se contaram um Primeiro-Ministro do Paquistão; um ex-primeiro-ministro de Marrocos; o Inspetor-Geral do Exército de Cuba; Mosaburo Suzuki (chefe de um partido socialista japonês); o Presidente e vários membros do Parlamento da Indonésia; os Ministros da Educação da República Árabe Unida e da Guiné; além de, sintomaticamente, dois íntimos do Premier Lumumba, do Congo: seu secretário particular e seu Ministro da Defesa.</p>
--	--

MODALIZAÇÃO SEMÂNTICA

Nos excertos #75 # 76 e #77 há mudança na ênfase. No #75, parágrafo 17, o tradutor escolhe a palavra “pressão econômica” ao invés de iniciativa econômica, adicionando mais força à **argumentatividade**, assim como no excerto #76, parágrafo 9, onde há um

²⁹ <http://www.ndl.go.jp/portrait/e/datas/419.html?cat=17>

deslocamento da locução “as delegações femininas” para o início da frase, também gerando uma **mudança na ênfase para mais**.

Tabela 19. Modalização semântica/Texto 3 (A)

<p>Excerto #75 Peiping does not conceal the political purposes of its economic drive.</p> <p>Excerto #76 Ardently wooed are women's delegations, especially from African and Asian countries.</p> <p>Excerto #77 We never saw the machinery of oppression", a high Tunisian official told me.</p>	<p>Excerto #75 Peipim não faz segredo das finalidades políticas de sua pressão econômica.</p> <p>Excerto #76 As delegações femininas, especialmente as dos países africanos e asiáticos, são calorosamente recebidas.</p> <p>Excerto #77 —“Jamais deparei com indícios da máquina de opressão”—disse-me um funcionário tunisino.—</p>
---	--

No excerto #77, parágrafo 6, ao adicionar a palavra “indícios”, o tradutor altera a ênfase do depoimento do funcionário tunisino, sugerindo que não havia sequer “sinais” da existência da máquina de opressão, isto é, os aspectos negativos do comunismo eram camuflados pela comunidade que recebia os jornalistas visitantes ao país. Os excertos #78 e #79, retirados dos parágrafos 15 e 22, respectivamente, são exemplos de modalização dos **referentes culturais relativos à moeda que foram adequadamente convertidos** para cruzeiro, a moeda circulante na época no Brasil, estratégia que tende à localização, comum em revistas segundo Paskal-Mazur (2005):

Tabela 20. Modalização sistema monetário/Texto 3

<p>Excerto #78 Chinese bicycles sell in Egypt for only \$20 — half the price of Indian-made models.</p> <p>Excerto #79 [..]the Chinese Communists now spend well over 250 dollars a year.</p>	<p>Excerto #78 As bicicletas chinesas são vendidas no Egito por cerca de 4.000 cruzeiros—a metade do preço das similares indianas.</p> <p>Excerto #79 [...]a China Comunista está gastando mais de 50 bilhões de cruzeiros por ano em propaganda e em "diplomacia popular".</p>
---	---

A adição da locução idiomática “fiel da balança” em #80, parágrafo 1, significando aquele ou aquilo de quem ou de que depende uma decisão, segundo o Michaelis *online*, denota a iniciativa do tradutor em **mudar o estilo, sofisticando a expressão do original**.

Outra forma de sofisticação está presente nos excertos #81 (parágrafo 9) e #82 (parágrafo 5), onde observa-se uma tendência ao uso de expressão mais formal para *said* e *get*:

Tabela 21. Modalização semântica/Texto 3 (B)

<p>Excerto #80 Its chief targets are Asia, Africa and Latin America, whose one billion people hold the balance of power in the struggle between Communism and freedom.</p> <p>Excerto #81 Said a veteran Western diplomat: "The Chinese Communists have recognized that women are a tremendous influence in underdeveloped areas."</p> <p>Excerto #82 The visitors get red-carpet treatment, with regal banquets, receptions, operas and plays.</p>	<p>Excerto #80 Principais objetivos: Ásia, África e América Latina, cujo bilhão de habitantes representa o fiel da balança do poder, na luta entre o comunismo e a liberdade.</p> <p>Excerto #81 Segundo um veterano diplomata ocidental, "os comunistas chineses reconheceram que as mulheres têm enorme influência nas regiões sub-desenvolvidas."</p> <p>Excerto #82 Os visitantes gozam do tratamento especial concedido aos mais ilustres hóspedes, com régios banquetes, recepções, óperas, etc.</p>
--	---

A escolha da locução “quer ser” para *reaches for* confere um tom mais informal ao excerto #83, o título, um recurso expressivo para chamar a atenção do leitor, uma tendência de localização quando o tema não envolve o leitor local, ao mesmo tempo em que confere ao texto uma maior **argumentatividade anticomunista**. De modo contrário, **ao longo do texto o estilo formal pode ser encontrado** no parágrafo 16, excerto #84, em que a forma mais expressiva *juggle interest rates* ou “manipulam taxas de juros” foi alterada para “facilitam pagamentos” e no excerto #85, parágrafo 10, quando ocorre perda da conotação *soft-pedal criticism* ou “desacelerar a crítica” por “inserir uma crítica tolerante.”

Tabela 22. Modalização semântica/Texto 3 (C)

<p>Excerto #83 Red China reaches for world power</p> <p>Excerto #84 The Chinese often sell below cost, juggle interest rates and make other concessions.</p> <p>Excerto #85 [...]as recent guests, feel impelled to soft-pedal criticism.</p>	<p>Excerto #83 A China comunista quer ser potência mundial</p> <p>Excerto #84 Os chineses muitas vezes vendem abaixo do custo, facilitam pagamentos e fazem outras concessões.</p> <p>Excerto #85 [...]como hóspedes recentes, se acham no dever de inserir uma crítica tolerante.</p>
--	---

A modulação da adjetivação nos seguintes exemplos sugere notas de ironia e sofisticação, marcando **ênfase na força ilocucionária** nestas sequências. No excerto #86 (parágrafo 16), a escolha por “amável” ao invés de “atrativo” (*buttering up*) é um sinal desta marcação. Já nos excertos de #87 (parágrafo 21), #88 (parágrafo 24) e #89 (parágrafo 3), tem-se casos de **opções mais formais de adjetivação**:

Tabela 23. Modalização semântica/Texto 3 (D)

<p>Excerto #86 As a buttering-up device to hard-pressed governments they may grant part-payments in solid Western currencies.</p> <p>Excerto #87 The Life-size China Pictorial, opulent in photographs and color, appears in 17 languages and is sold for a pittance.</p> <p>Excerto #88 The recent formal recognition by Cuba gives China a coveted bridgehead in the Western Hemisphere.</p> <p>Excerto #89 To undermine Western influences, they conduct a nonstop "Hate America" campaign.</p>	<p>Excerto #86 Aos governos em dificuldades financeiras eles oferecem pagamentos parciais em moedas ocidentais fortes—um artifício amável.</p> <p>Excerto #87 China Ilustrada, com o formato da Life, e profusamente ilustrada em várias cores e se publica em 17 idiomas, sendo vendida por um preço irrisório.</p> <p>Excerto #88 O recente reconhecimento formal por parte de Cuba representa valiosa ponta de lança no Hemisfério Ocidental.</p> <p>Excerto #89 Para solapar a influência do Ocidente, conduzem uma implacável campanha de ódio aos Estados unidos.</p>
---	--

DÊITICOS TEMPORAIS E ESPACIAIS

No excerto #90, parágrafo 7, a escolha da palavra “programa” para o dêitico *something* foi adequada por introduzir a remissão aos referentes “comemorações”, festivais”, “competições”. Os excertos de número #91 (parágrafo 12), #92 (parágrafo 13), #93 (parágrafo 25) e o #96 (parágrafo 25) são exemplos de **deslocamentos de dêiticos**. No original, o autor os posiciona no início ou fim dos enunciados, enquanto que em português, apesar desta ordem não ser mantida, **o sentido não foi alterado, pois o tradutor os posicionou de forma adequada** ao remodelar as frases traduzidas:

Os excertos #94 e #95, nos parágrafos 7 e 3, são exemplos de referenciação que tendem à formalidade e indicam sofisticação do tradutor. O excerto #97 é um exemplo de **explicitação de uma informação sobre a data da produção do texto, data que estava implícita para o leitor**.

Tabela 24. Dêiticos temporais e espaciais/Texto 3

<p>Excerto #90 In the capital, there are gigantic Mass rallies and spectacular pageantry designed to impress visitors with the regime's power and dynamism. There is always something going on: May Day fetes, youth and athletic festivals, "peace" demonstrations, Afro-Asian or trade-union conferences.</p> <p>Excerto #91 In the reverse direction, it is estimated that "people's diplomacy" in 1959 sent more than 5000 Chinese to some 45 countries.</p> <p>Excerto #92 Now Peiping's energetic traders are winning strong bases in the Middle East and are extending into Africa.</p> <p>Excerto #93 Red China's aggressive campaign is still in its first stages. But the Chinese are determined to pour more and more wealth, goods and trained manpower into every troubled area.</p> <p>Excerto #94 More than 3500 foreigners from some 75 countries attend the annual October anniversary celebrations.</p> <p>Excerto #95 Behind such smoke screens, China's strategy for subversion has four main branches:</p> <p>Excerto #96 Par.25 As to their ultimate goal China's Reds are obligingly frank.</p> <p>Excerto #97 Only last April the authoritative organ Red Flag announced:</p>	<p>Excerto #90 Organizam-se na capital comícios gigantescos e paradas espetaculares, buscando impressionar os visitantes com o poderio e o dinamismo do regime. Há sempre um programa em curso: comemorações de maio, festivais da juventude, competições atléticas, demonstrações em favor da "paz", conferências afro-asiáticas ou sindicais.</p> <p>Excerto #91 Estima-se que a "diplomacia popular" tenha enviado em 1959, em sentido contrário, mais de 5.000 chineses para cerca de 45 países.</p> <p>Excerto #92 Os ativos comerciantes de Peipim estão no momento conquistando fortes bases no Oriente Médio, estendendo-se para o interior da África.</p> <p>Excerto #93 A agressiva campanha da China Vermelha se encontra em seus primórdios, mas os chineses estão decididos a derramar, em todas as regiões conturbadas, quantidades cada vez maiores de dinheiro, de produtos e de pessoal especializado.</p> <p>Excerto #94 Mais de 3.500 estrangeiros, procedentes de cerca de 75 países, comparecem anualmente em outubro aos festejos de aniversário do regime.</p> <p>Excerto #95 A coberto de tais cortinas de fumaça, a estratégia de subversão chinesa tem quatro ramos principais:</p> <p>Excerto #96 Os chefes chineses são bem francos a respeito de seus objetivos finais.</p> <p>Excerto #97 Em abril de 1960, o órgão oficial Bandeira Vermelha anunciou:</p>
---	---

MODALIZAÇÃO AUTONÍMICA

No excerto #98 (parágrafo 12), há dois exemplos de modalização autonímica. O uso das aspas marca a ênfase para a locução nominal “inocente útil”, uma expressão típica deste contexto político anticomunista brasileiro que, segundo o Dicionário Informal³⁰, trata-se de uma pessoa que serve aos interesses e objetivos de uma causa sem estar vinculado a ela. Neste caso, o tradutor adicionou, com propriedade, expressividade à locução nominal “anticomunistas bem intencionados” que, literalmente, poderia ter gerado efeito de sentido contrário. O excerto #99 (parágrafo 12) é um outro exemplo de modalização autonímica em que a adição das aspas marcou a solução adequada proposta pelo tradutor. Ao invés de optar pelo inexpressivo “parceiros viajantes”, a força expressiva ficou evidente pela escolha de “linha auxiliar”, marca de **recontextualização cultural para o público brasileiro**. Já no excerto #99 (parágrafo 3), o tradutor marca novamente a recontextualização, retirando a ênfase ao nome da campanha “Odeie a América” por optar pela retirada das aspas e pela supressão do nome da campanha.

Tabela 25. Modalização autonímica/Texto 3

<p>Excerto #98 In the host countries Chinese Friendship Associations, patterned after the familiar Soviet originals, promote the infiltration. These groups are often founded by visitors who have returned from China. They stress mutual cultural interests and enlist well-intentioned non-Communists. Behind the scenes, manipulating the program for Peiping's benefit, are Communists and fellow-travelers.</p>	<p>Excerto #98 Nestes, Associações de Amigos da China, organizadas segundo os moldes soviéticos, se encarregam da infiltração. Tais associações são, muitas vezes, fundadas por visitantes que, regressando da China, realçam a importância do intercâmbio cultural e recrutam “inocentes úteis” bem intencionados. Atrás dos bastidores, manipulando os cordéis em proveito de Peipim, estão os comunistas e os da “linha auxiliar”.</p>
<p>Excerto #99 To undermine Western influences, they conduct a nonstop “Hate America” campaign.</p>	<p>Excerto #99 Para solapar a influência do Ocidente, conduzem uma implacável campanha de ódio aos Estados unidos.</p>

5.4 TEXTO 4

³⁰ <http://www.dicionarioinformal.com.br/inocente%20%C3%BAtil/>

World War III has already started! I: The Communists Master Plan for Conquest

Já começou a terceira guerra mundial! I. O Magistral Plano de Domínio dos Comunistas

Resumo: Este texto é uma sinopse do livro *Protracted Conflict*, escrito por quatro estudiosos do comunismo, que defendem a ideia de que uma terceira guerra mundial estaria em curso e que os comunistas estariam vencendo-a por saberem que já estão nela. Os autores afirmam que os comunistas desenvolvem teorias e métodos escusos para obterem controle de regiões até então mantidas pelo Ocidente, o qual, por falta de consciência sobre tais planos de dominação, não reagem ou revidam. O objetivo é mostrar o descompasso entre as estratégias adotadas pelos americanos, que é a manutenção do status quo, e as estratégias expansionistas adotadas pelos comunistas.

ÍNDICES DE PESSOAS

É possível observar uma **sobreposição de operações de supressão, substituição, deslocamento e adição no lide**: deslocamento do referente *book*, substituição do ponto por vírgula, deslocamento de *ever set forth* (já publicadas), adição do substantivo “incapacidade” e da locução “de autoria”. No excerto #101, parágrafo 2, o tradutor prefere “os responsáveis pela estratégia” ao invés de “os estrategistas comunistas”, evitando, assim, a cacofonia ao remodelar o referente. Em relação ao índice de pessoa, houve supressão do pronome adjetivo “our” em *our greatest failure* (excerto #101), com introdução da generalização na retextualização em “a maior falha” e em *our strategy* (excerto #102, parágrafo, 7). No #103 (parágrafo 8), houve supressão do pronome pessoal *we* e substituição pela locução “se deve ter presente”. No #104 (parágrafo 7), houve supressão do pronome pessoal *we* e do pronome objeto *us*, sendo todos estes **índices de recontextualização**, tal como já foi analisado no texto 1.

No excerto #105, parágrafo 10, em que o autor explica às ações políticas estratégicas de Lênin, foi suprimida toda a parte que está em negrito no excerto original. A tradução literal seria: “Não era a paz que ele estava buscando, mas uma retirada estratégica de um dos inimigos do comunismo no conflito já previsto com todos eles”. **O tradutor faz uma correção nesta frase, tornando-a mais objetiva por evitar a redundância e confusão de referentes de pessoas**. No excerto #106 (parágrafo 18), e no excerto #107, novamente, tem-se casos de omissões de referentes e **retextualização com várias soluções nominais para**

evitar a especificação de índices de pessoas relativas aos Estados Unidos e ao povo americano, redirecionando o foco à mensagem, ao tema para os brasileiros.

Tabela 26. Índice de pessoas/Texto 4

<p>Excerto #100 The book, Protracted Conflict, was written by four long-time students of Communist strategy for the Foreign Policy Research Institute of the University of Pennsylvania. It is one of the most penetrating analysis of Communist strategy and tactics ever set forth. To read it is to see clearly that our greatest failure to date has been to understand Communism as a method. Says Dr Henry Kissinger of Harvard: "Protracted Conflict should be read by everyone who wishes to understand the nature of our danger."</p> <p>Excerto #101 The communist strategist of global, pro-tracted conflict varies the mode of his approach — military, paramilitary, political, psychological, technological and economic—and suits each approach to place and time.</p> <p>Excerto #102 Our strategy must be planned to the scale, not of years, but of decades. We must view each clash, whether of arms or argument, not as an isolated incident, but as a phase, of the total struggle.</p> <p>Excerto #103 Another thing we must realize is that the weapons used by the Communists are of unlimited variety.</p> <p>Excerto #104 Stalin carried out this policy to the letter and our failure to understand it has cost us half of Asia.</p> <p>Excerto #105 This policy of protracted conflict became apparent in -World War I, when Lenin abandoned the Allies and made a Separate peace with Germany at Brest Litovsk. He ceded 34 percent of Russia's population, but he was only trading space for time as part of his long-term</p>	<p>Excerto #100 Protracted Conflict, de autoria de quatro veteranos estudiosos da estratégia comunista, foi escrito para o Instituto Americano de Pesquisa de Política exterior da Universidade de Pensilvânia, e constitui uma das mais penetrantes análises já publicadas sobre a estratégia e a tática comunistas. Ler este livro é comprovar que a maior falha, até agora, tem sido a incapacidade de compreender o comunismo como um método. Diz o Dr. Henry A. Kissinger, da Universidade de Harvard: "Protracted Conflict deveria ser lido por todos os que desejarem compreender a natureza do perigo que corre o mundo livre."</p> <p>Excerto #101 Os responsáveis pela estratégia do conflito global e contínuo encaram o problema sob diferentes aspectos—militar, para-militar, político, psicológico, tecnológico e econômico—ajustando cada um deles às condições próprias de tempo e de espaço.</p> <p>Excerto #102 A estratégia do mundo livre deve ser planejada em escala que se conte em décadas e não em anos. Devemos encarar cada conflito—seja de armas ou de argumentos—não como um incidente isolado, mas como uma das fases da luta integral.</p> <p>Excerto #103 Outro fato que se deve ter presente é que as armas utilizadas pelos comunistas apresentam uma variedade ilimitada.</p> <p>Excerto #104 Stalin seguiu esta orientação ao pé da letra; a incapacidade para compreendê-la custou ao mundo livre a metade da Ásia.</p> <p>Excerto #105 Esta política de conflito contínuo tornou-se evidente na Primeira Guerra Mundial, quando Lenine abandonou os Aliados e assinou a paz em separado com a Alemanha, em Brest</p>
---	--

<p>strategy. It was not peace he was making, but a strategic retreat from one of Communism's enemies in the conflict already foreseen with all of them.</p> <p>Excerto #106 Little in our history has prepared the American people for a protracted conflict with a remote terminal point and an indeterminate outcome. Yet the United States cannot escape the challenge. The question that faces us is how to reconcile the ethos of a society that has come to take its possessions for granted, and has elevated individual security to its principal goal, with the necessity to take risks in order to safeguard the security of the nation as whole.</p> <p>Excerto #107 Whether the American people can muster the requisite determination and preparedness will depend upon their recognition of the basic facts of the world today: we are in the midst of a world revolution; we are locked in a mortal conflict with the Communist system for mastery of that revolution; it will end only in total victory or total defeat.</p>	<p>Litovsk. Entregou 34% da população russa, mas realmente estava trocando espaço por tempo, corno parte de sua estratégia de longo alcance. Não era a paz que ele tinha em mira, mas uma retirada estratégica.</p> <p>Excerto #106 Não nos poderemos esquivar de um conflito contínuo, tendo um objetivo remoto e um final indeterminado. Todavia, o país não pode fugir a ameaça. O problema que ele deve resolver é como reconciliar a ética de uma sociedade, que se constituiu incorporando naturalmente suas conquistas e erigindo a liberdade individual como seu principal objetivo, com a necessidade de correr riscos para salvaguardar o conjunto da segurança nacional.</p> <p>Excerto #107 Para que as democracias possam concentrar-se na determinação e preparação imprescindíveis ser-lhes-á necessário reconhecer os fatos básicos da conjuntura internacional: o mundo está mergulhado em uma revolução; o Ocidente se encontra empenhado em um conflito mortal com o sistema comunista, buscando vencer essa revolução; e esta só terminaria com a vitória total ou a total derrota.</p>
--	---

MODALIZAÇÃO SEMÂNTICA

No excerto #108 (parágrafo 3), a supressão do itálico e a substituição do verbo *score*, que significa pontuar, marcar pontos, para “obter” amenizou a expressividade do verbo, porém foi uma escolha adequada. Já a opção por “encontrar” no lugar do “ser” **adiciona um tom mais formal ao texto**. No excerto #109, também houve mudança na força ilocucionária. *Locked* significa trancado, preso, o uso do adjetivo “empenhada” causou amenização e diminuição da expressividade. Por outro lado, nos excertos #108 e “110 há indícios de **formalidade na escolha** de “encontram” e “trata-se”:

Tabela 27. Modalização semântica/Texto 4 (A)

<p>Excerto #108 The Communists are scoring victories in World War because they know they are in it.</p> <p>Excerto #109 Communist theory holds that the whole world is a battlefield upon which opposing forces are</p>	<p>Excerto #108 Os comunistas estão obtendo vitórias na Terceira Guerra Mundial porque sabem que se encontram nela.</p> <p>Excerto #109 A teoria comunista sustenta que o mundo inteiro é um campo de batalha no qual as forças</p>
---	---

<p>locked in a titanic contest of indefinite duration</p> <p>Excerto #110 This is not a mood, or a passing state of mind, or a burst of nationalistic enthusiasm which we can assume will die away. It is a conviction and a life-program dictated by the secular religion revealed by Karl Marx.</p>	<p>adversárias estão empenhadas em um combate titânico de duração indefinida.</p> <p>Excerto #110 Isto não é disposição de ânimo, ou estado de espírito passageiro; nem se trata de explosão de entusiasmo nacionalista que podemos supor venha a desaparecer um dia. Trata-se de uma convicção, de um programa de vida ditado pela religião secular que Karl Marx revelou.</p>
---	---

Os seguintes excertos representam modalização de tempos verbais. Ambos foram retirados do lide, sendo que a mudança da voz passiva para a voz ativa em #111 gerou maior objetividade e dinamicidade ao trecho que representa a porta de entrada para o texto, **adicionando força argumentativa ao texto de opinião**. No excerto #112, o uso do presente remete a uma enunciação de verdade geral, ao invés de um acontecimento momentâneo caracterizado pelo uso do gerúndio:

Tabela 28. Modalização semântica/Texto 4 (B)

<p>Excerto #111 We are in the midst of World War III right now, say the authors of an important book on which this article is based.</p> <p>Excerto #112 The Communists are winning because they know they are in it. We are losing because we aren't sure whether we are at war or at peace.</p>	<p>Excerto #111 Segundo o livro em que se baseou este artigo, estamos em plena Terceira Guerra Mundial.</p> <p>Excerto #112 Os comunistas vencem porque sabem que estão em guerra; nós perdemos porque não temos certeza se o período atual e de paz ou de guerra.</p>
---	--

Nos excertos #113 e #114, ocorrem exemplos de modalização semântica. No primeiro caso, **o tradutor suprime a conotação**, optando pela referenciação “porções do mundo livre”, uma nominalização recorrente ao longo do texto, marca de **coesão referencial**. No segundo, o tradutor mantém a palavra *round*, proporcionando um efeito de sentido semelhante ao original, concluindo a ideia usando a palavra “terreno” ao invés de repetir *round*, **tomando a liberdade de criar no desfecho da proposição**:

Tabela 28. Modalização semântica/Texto 4 (C)

<p>Excerto #113 Inexorably, bit by bit, more pieces of the ice world are lost</p>	<p>Excerto #113 Inexoravelmente, pedaço a pedaço, foram-se perdendo novas porções do mundo livre.</p>
--	--

<p>Excerto #114 The West has been to give a round and take a round, but the result has been a steady loss of power. Whenever the West has won a round, as in Korea and Jordan, it was in the defense of the status quo. When the Communists has won a round, as in Czechoslovakia, China and Indo-china, they gained access to round previously closed to them.</p>	<p>Excerto #114 Ocidente conformou-se em ganhar um round e ser derrotado em outro, embora o resultado seja uma constante perda de poder. Sempre que ganha um round, como na Coréia e na Jordânia, o Ocidente defende apenas o status quo, mas quando o resultado é favorável aos comunistas, como na Tchecoslováquia e na Indo-China, eles obtêm acesso a um terreno que lhes era até então vedado.</p>
--	--

OPERADORES ARGUMENTATIVOS

Nos excertos #115 (parágrafo 5) e #116 (parágrafo 17), pode-se ver que **o tradutor se distanciou da tradução literal, adotando uma textualização mais informal, mais interlocutiva, que se aproxima mais do leitor, por chamar sua atenção:**

Tabela 29. Operadores argumentativos/Texto 4

<p>Excerto #115 For the Communists, what we call peace is merely war conducted by other than military means.</p> <p>Excerto #116 At the same time the Communists project an exaggerated image of their military strength. The West, inundated with reminders of Soviet-nuclear-missile prowess, is made to believe that any effort on its part to seize the tactical initiative will lead to general war. Thus it is as dangerous to overestimate Communist power as to underestimate it.</p>	<p>Excerto #115 Para os comunistas, o que chamamos de paz nada mais é do que a guerra conduzida por meios que não os militares.</p> <p>Excerto #116 Ao mesmo tempo, eles projetam uma imagem exagerada de seu poderio militar. O Ocidente, impressionado com as demonstrações da habilidade técnica dos soviéticos em mísseis nucleares, está propenso a acreditar que qualquer esforço de sua parte para tomar a iniciativa tática conduzirá a guerra geral. Como se vê, é tão perigoso avaliar o poderio comunista para mais como para menos.</p>
---	---

DÊITICOS TEMPORAIS E ESPACIAIS

O excerto #117 pertence ao lide e é um exemplo de **explicitação do dêitico temporal que estava implícito na textualização original**, adicionando ênfase ao tempo da ação no texto traduzido.

Tabela 30. Dêiticos temporais e espaciais/Texto 4

<p>Excerto #117 We are in the midst of World War III right now ,</p>	<p>Excerto #117 Segundo o livro em que se baseou este artigo,</p>
--	---

say the authors of an important book on which this article is based. The Communists are winning because they know they are in it. We are losing because we aren't sure whether we are at war or at peace.	estamos em plena Terceira Guerra Mundial. Os comunistas vencem porque sabem que estão em guerra; nós perdemos porque não temos certeza se o período atual é de paz ou de guerra.
---	---

MODALIZAÇÃO AUTONÍMICA

No parágrafo 1, há um exemplo de adição do travessão, fator que acrescentou maior destaque à proporção que o comunismo havia tomado no mundo (excerto #118), assim como no excerto #120, que chama a atenção para o fato de que conflitos se fazem não só de guerras armadas, mas de argumentos, **enfatizando a tese defendida pelo autor, mantendo a intencionalidade da argumentatividade**. No excerto #119 (parágrafo 6), ocorre o contrário, a supressão do travessão que homogeneizou a indicialidade pessoal *them*, conforme havia ocorrido também em outros artigos:

Tabela 31. Modalização autonímica/Texto 4

<p>Excerto #118 Within four decades Communist power has grown from a gleam in Lenin's eye to the absolute determination of nearly a billion people.</p> <p>Excerto #119 Delays are inevitable, defeats are taken in their stride, because—to them—the final outcome is sure.</p> <p>Excerto #120 We must view each clash, whether of arms or argument, not as an isolated incident, but as a phase, of the total struggle.</p>	<p>Excerto #118 EM QUATRO décadas o poderio do comunismo—inicialmente apenas um lampejo nos olhos de Lenine—alcançou o domínio absoluto de quase um bilhão de pessoas</p> <p>Excerto #119 Os retardamentos são aceitos como inevitáveis, e passageiras as derrotas, pois eles estão certos do resultado final.</p> <p>Excerto #120 Devemos encarar cada conflito—seja de armas ou de argumentos—não como um incidente isolado, mas como uma das fases da luta integral.</p>
---	--

Há, no plano composicional, omissão de frases nos últimos parágrafos do texto. Uma nota de correção sobre o parágrafo 14 foi publicada na página 158 do texto intitulado “Por que os comunistas estão vencendo”, em uma edição seguinte, a edição de junho de 1961:

<p>Excerto #121 Na sinopse de Protracted Conflict, publicada em Seleções do Reader's Digest de março de 1961, a preparação da matéria para publicação produziu um erro de interpretação. Em consequência disso, a seguinte frase da página 26: “Em termos claros: fomos ludibriados por</p>

Stalin, porque não compreendemos ou não receamos a tortuosa política que se escondia atrás de cada sorriso, de cada movimento do astuto georgiano”, não representou o pensamento dos autores de *Protracted Conflict*. Os autores preferem a seguinte: “Em termos claros, a boa fé dos Estados Unidos – a nossa crença de que os outros também têm o nosso espírito de lealdade – foi explorada pelo astuto georgiano. O povo americano não compreendeu, nem, muito menos, aceitou a política tortuosa que estava orientando todos os movimentos que Stalin fazia.”

Esta nota funcionou como uma espécie de errata que leva em consideração a intencionalidade dos autores que ressaltaram a bondade dos americanos e a maldade dos russos que, representados por Lênin, haviam explorado a boa fé e integridade dos puros e inocentes cidadãos americanos.

Os editores alegam que o material condensado possuía um erro de interpretação, ocasionando, por consequência, um erro na divulgação do material original, a ser traduzido, cuja condensação e divulgação às filiais internacionais fica a cargo da matriz norte-americana.

A correção de informações em contexto de comunicação de massa é uma tarefa comum e corriqueira praticada por qualquer agência ou jornalista no mundo. Conforme sugere Bassnett (2009), a confiança do leitor deve ser prerrogativa no processo de produção de uma notícia no contexto jornalístico. Neste caso, a preocupação com a correção faz parte do controle de qualidade da revista. A confiança é uma ação não somente esperada por parte do público-leitor, como bem recebida, pois faz parte de um plano estratégico representativo da imagem que a revista deseja que seus leitores façam dela.

De forma semelhante ao contexto literário, em que o texto é algo a ser preservado e respeitado em sua literalidade, o texto, no contexto jornalístico, também representa um material a ser remodelado, talvez por um número maior de pessoas e, com isso, pode-se ter interpretações diversificadas, o que ocasiona divergências entre original e tradução.

5.5 TEXTO 5

World War II has already started! II: The Shock troops and how they fight

Já começou a terceira guerra mundial! (II) II. As "Tropas de Choque" e Seus Processos de Combate

Resumo: Este texto foi produzido por Eugene Lyons, redator da revista *Reader's Digest* que havia trabalhado em Moscou como correspondente do jornal *United Press*. O objetivo do

artigo é dar continuidade ao tema desenvolvido no artigo anterior, que defende a ideia de que uma terceira guerra mundial estaria em curso. O autor constrói sua argumentação por meio de vários fatos que reuniu sobre os principais atores e acontecimentos globais, defendendo que haveria frentes de comando estratégicas espalhadas por todo o mundo.

ÍNDICES DE PESSOAS

No excerto #122 que pertence ao subtítulo, o pronome pessoal *they* foi omitido e uma substantivação foi introduzida (processos de combate). No excerto #123, parágrafo 1 o tradutor não utiliza a mesma predicação em referência aos “ianques”, forma utilizada pelo autor como autorreferência. No excerto #124, parágrafo 3, a repetição do dêitico de pessoa confere uma força enfática ao pronome *they*, “eles”, em referência aos comunistas. A elipse na frase traduzida retira a ênfase, amenizando o tom acusativo na versão brasileira:

Tabela 32. Índice de pessoas/Texto 5

<p>Excerto #122 The "Shock Troops", and How They Fight</p> <p>Excerto #123 Brought by the kremlin by diplomatic pouch, the funds will be used to finance an anti-Yanqui riot to infiltrate an student organization[...]</p> <p>Excerto #124 They are not merely filled with zeal for the cause; are skilled in the detailed operational knowhow of conspiracy an social conflict. They are the shock troops of a disciplined, centrally commanded army, deployed on fronts throughout the world.</p>	<p>Excerto #122 As "Tropas de Choque" e Seus Processos de Combate</p> <p>Excerto #123 Trazidos do Kremlin na mala diplomática, os fundos serão usados para financiar uma demonstração hostil aos Estados Unidos, para infiltrações em uma organização estudantil[...]</p> <p>Excerto #124 Não são apenas dedicados adeptos da causa, mas especialistas na detalhada técnica operacional da conspiração e do conflito social, constituindo a tropa de choque de um exército disciplinado, de comando centralizado e desdobrado em várias "frentes" por todo o mundo.</p>
--	---

No excerto #125, os advérbios de modo (*consciously, constantly, painstakingly*) a substantivação gerundiva (*planning/fighting*) e o uso de presente perfeito contínuo (*has been trained*) conferem à sequência a remissão a um tempo imediato, enfatizando o exato momento dos acontecimentos, o “agora”. Na retextualização, observa-se menor ênfase neste tempo. Observa-se que somente um advérbio foi mantido na tradução, sendo que “meticulosamente” (*painstakingly*) foi omitido. Os tempos gerundivos e contínuos foram substituídos pelo presente e pela voz passiva, ocasionando um maior distanciamento do fato e maior ênfase nas pessoas envolvidas no planejamento da guerra, efeito alcançado pelo uso do travessão. Nota-

se também que a designação *noncom* é uma designação informal de se referir aos “*noncomissioned officers*”. Em português, “*noncoms*” seriam os “soldados rasos” e “*noncomissioned officers*”, os suboficiais, sendo esta última forma a preferida pelo tradutor:

Tabela 33. Índice de pessoas/Texto 5

<p>Excerto #125 Because the Red high command is consciously at war, it constantly prepares the necessary experts in the use of all political psychological, economical and revolutionary weapons. Those planning and fighting the Communist war are professionals. Everyone, from the marshals in Moscow and Peiping to field commanders in free-world areas and noncoms in towns and villages, has been painstakingly trained for his job.</p> <p>Excerto #126 The great hope—and as yet it is only a hope—is that we will rally for effective defense for a bold counteroffensive before it is too late.</p> <p>Excerto #127 Beyond this, an academy in Soviet Russia and another in Red Ruma are training Africans as military pilots. Among those who have gotten at least part of their political training at such institutions is Fidel Castro's brother Raul, now Cuban Defense Minister.</p>	<p>Excerto # Porque está conscientemente em guerra, o alto comando vermelho não cessa de preparar os necessários especialistas para o emprego de todas as armas políticas, psicológicas, econômicas e revolucionárias. Os que planejam a guerra comunista e nela combatem são profissionais. Todos —desde os marechais em Moscou e Peipim até os comandantes nas áreas do mundo livre e os oficiais subalternos nas cidades e vilas—foram treinados para as suas missões.</p> <p>Excerto #126 A grande esperança—e até agora apenas uma esperança—é que nós, do mundo livre, nos congreguemos para a defesa efetiva e para uma contra-ofensiva enérgica, antes que seja demasiado tarde.</p> <p>Excerto #127 Além disso, uma academia na Rússia e outra na Romênia Vermelha estão aperfeiçoando africanos para serem pilotos militares. A América Latina figura em segundo lugar, depois da África, em número de diplomados. Entre os que realizaram pelo menos parte de sua instrução política em tais instituições figura o irmão de Fidel Castro, Raul, atual Ministro da Defesa cubano.</p>
---	---

No excerto #126 (parágrafo 26), houve adição do aposto na tradução, criando efeito novo em “nós”, que no original significa “nós americanos” e na tradução engloba os leitores que compartilham desta mesma ideologia. No excerto #127, retirado do parágrafo 16, uma informação inexistente no original foi acrescentada no texto traduzido.

DÊITICOS TEMPORAIS E ESPACIAIS

No excerto #128, detalhes sobre onde estavam ocorrendo os motins em São Francisco (em uma recente sessão judicial do Comitê local de atividades anti-americanas) foram

omitidos. Em #129 (parágrafo 9), o local onde a academia militar norte-americana está situada, *West Point*, Nova Iorque, foi omitido e substituído por “ocidente”, menos específico, mais genérico. Em #130, parágrafo 16, o tradutor, apesar de omitir a palavra “vermelha”, deixando-a implícita, mantém os elementos mais relevantes da oração ao remodelar completamente a referência, construindo período e utilizando adjetivação para retomar Tchecoslováquia.

Tabela 34. Dêiticos temporais e espaciais/Texto 5

<p>Excerto #128 Starting with the organization of strikes in French and Italian ports to obstruct the landing of Americans under the Marshall Plan, the work of the Red agents has extended to fomenting riots in India, Vienna, Singapore and even in San Francisco, at a recent courthouse session of the House Committee for Un-American activities.</p> <p>Excerto #129 There the manufacture of discontent, the fomenting of rebellion, the planting of agents in "enemy" governments and institutions, are as much a science as is traditional warfare at West Point.</p> <p>Excerto #130 The most important of these is in Prague, capital of Red Czechoslovakia. At Hoiska, near Prague, there is an additional “training center for Africans”.</p>	<p>Excerto #128 Iniciado com a organização de greves nos portos franceses e italianos para obstruir o desembarque do auxílio americano fornecido pelo Plano Marshall, o trabalho dos agentes vermelhos se estendeu ao fomento de motins na Índia, em Viena, em Cingapura e até em São Francisco.</p> <p>Excerto #129 Aí, a criação de descontentamentos, o fomento de rebeliões, a introdução de agentes em governos e instituições do “inimigo” constituem matérias do currículo, do mesmo modo que, nas grandes academias militares do ocidente, se estuda a conduta da guerra tradicional.</p> <p>Excerto #130 A mais importante se localiza em Praga. Em Hoitska, perto da capital tcheca, há um “centro de instrução para africanos” adicional.</p>
--	--

MODALIZAÇÕES SEMÂNTICAS

O excerto #131 (parágrafo 8), #132 (parágrafo 10), #133 (20), #134 (11), #135 (12) e #136 (26) são exemplos de escolhas mais livres, menos literais e com maior tendência ao uso de um registro mais formal:

Tabela 35. Modalizações semânticas/Texto 5 (A)

<p>Excerto #131 Two of his schools were in Bologna and Capri, with the Russian novelist Maxim Gorky footing</p>	<p>Excerto #131 Duas de suas escolas estavam situadas em Bolonha, cabendo ao novelista russo Maximo</p>
--	--

<p>the bills out of his royalties, a third was in Longjumeau, near Paris.</p> <p>Excerto #132 Textbooks for the trainees in the treason cover a wide range of skills, from the writing of leaflets to guerrilla tactics. Par 10</p> <p>Excerto #133 Meanwhile, Communist-bloc universities aren't just making engineers and scholars out of their, six million students. They are educating thousands to speak exotic languages like Swahili, Amharic, Hindi and Urdu, so they can operate where these languages prevail; to function as undercover agents while outwardly serving as mere technicians or merchants.</p> <p>Excerto #134 Having been steeped in the Communist faith, they return home equipped to impose it on their unwitting peoples.</p> <p>Excerto #135 These cadres have mastered the art of softening up free nations and sapping their self-confidence, setting class against class and race against race.</p> <p>Excerto #136 The fact that bombs are not falling must not blind us to this crucial reality.</p>	<p>Gorki pagar as despesas com o produto da venda de seus livros; uma terceira se localizava em Longjumeau, perto de Paris.</p> <p>Excerto #132 Os compêndios oficiais para os que se especializam em traição tratam de uma ampla série de especialidades, desde a redação de panfletos até a tática de guerrilhas.</p> <p>Excerto #133 Entrementes, as universidades do bloco comunista não se limitam a diplomar engenheiros e professores dentre seus seis milhões de estudantes. Elas estão ensinando milhares deles a falar idiomas exóticos, tais como o Suaíli, o Amárico, o Hindi e o Urdu, de forma a lhes permitir agirem nas regiões onde esses idiomas prevalecem, e a funcionar como agentes subterrâneos, enquanto ostensivamente servem como simples técnicos ou comerciantes.</p> <p>Excerto #134 Saturados de fé comunista, eles regressam em condições de transmiti-la a seus incautos compatriotas.</p> <p>Excerto #135 Tais quadros se especializaram na arte de solapar as nações livres e treinar-lhes a confiança, fomentando a luta de classes e os conflitos raciais.</p> <p>Excerto #136 O fato de as bombas não estarem caindo não deve ser de molde a esconder-nos a crucial realidade.</p>
--	---

Apesar de no original haver algumas marcas de informalidade, o tradutor preferiu se distanciar deste estilo, optando por uma textualização mais formal no #137 (11), cuja tradução literal seria “escolhido a dedo”, no #138 (15), “braço direito” e no #139 (15) “marionete” ou “boneco”. No excerto #140 (parágrafo 10) há a introdução do dêitico “tudo”, que resume as técnicas enumeradas anteriormente, retomando-as proporcionando continuidade à leitura:

Tabela 35. Modalizações semânticas/Texto 5 (B)

<p>Excerto #137 Often they are Communists hand-picked by the Red commissars of their native land; [...]</p>	<p>Excerto #137 Os estudantes são recrutados em várias nações do mundo. Muitas vezes são comunistas selecionados pelos comissários vermelhos nos</p>
---	--

<p>Excerto #138 The investment has paid off. In China, president Liu Shao-chi, the general Liu Po-cheng, Li-li-san, one of Mao Tse-tung's right hand men, and scores of others are Moscow-trained.</p> <p>Excerto #139 When Kremlin grabbed Eastern Europe after World War II, graduates of Lenin niversity, "Klement Gottwald" of Czechoslovakia, for instance, and Boleslaw Bierut of Poland —were available as Soviet-trained puppets.</p> <p>Excerto #140 Typical techniques taught include the blowing-up of bridges, seizure of telephone exchanges ad radio stations, erection of barricades, home manufacture of explosives—along with political arts like transforming a local strike into a general strike or the capture of directing roles in national independence movements.</p>	<p>respectivos países de origem [...]</p> <p>Excerto #138 O investimento pagou bons juros. Na China, o Presidente Liu Shao-chi, o General Liu Po-cheng, Li Li-san-homens de confiança de Mao Tse-Tung—e dezenas de outros foram treinados por Moscou.</p> <p>Excerto #139 Quando o Kremlin se apossou da Europa Oriental, após a Segunda Guerra Mundial, a Universidade Lenine dispunha de diplomados—Klement Gottwald, da Tchecoslováquia, e Boleslaw Bierut, da Polônia, por exemplo—para servirem como títeres soviéticos treinados.</p> <p>Excerto #140 Entre as técnicas típicas ensinadas destacam-se a destruição de pontes, a tomada de centrais telefônicas e estações de rádio, a ereção de barricadas, a manufatura domestica de explosivos—tudo aliado a ardis políticos, tais como a transformação de uma greve local em geral ou a conquista de posições de relevo em movimentos nacionais de independência.</p>
--	---

MODALIZAÇÃO AUTONÍMICA

Houve acréscimo de travessão no excerto #141 (parágrafo 3), enfatizando as pessoas envolvidas no treinamento comunista, adição de aspas destacando a palavra “frentes” e adicionando o adjetivo “várias”. No excerto # 143 (parágrafo 5), houve supressão do itálico, adicionando homogeneidade ao segmento. No #144 (parágrafo 19), o título do livro é traduzido e adicionado ao texto, entre parênteses.

Tabela 36. Modalizações autonímicas/Texto 5

<p>Excerto #141 The common element is that those involved, Red-empire and local citizens alike, have had training for their tasks.</p> <p>Exerto #142 They are not merely filled with zeal for the cause; are skilled in the detailed operational</p>	<p>Excerto #141 O elemento constante é que as pessoas envolvidas—tanto as do império vermelho como os cidadãos locais—foram treinadas para as suas tarefas.</p> <p>Excerto #142 Não são apenas dedicados adeptos da causa, mas especialistas na detalhada técnica operacional da</p>
---	--

<p>knowhow of conspiracy an social conflict. They are the shock troops of a disciplined, centrally commanded army, deployed on fronts throughout the world.</p> <p>Excerto #143 “Capitalism is doomed to die even if—and especially if—the third world war, <i>in the ordinary sense of the term</i>, does not occur.”</p> <p>Excerto #144 According to E. H. Cookridge, in his book The Net That Covers the World, some 25 of the 200 Soviet schools for the secret police specialize in espionage abroad.</p>	<p>conspiração e do conflito social, constituindo a tropa de choque de um exército disciplinado, de comando centralizado e desdobrado em várias "frentes" por todo o mundo.</p> <p>Excerto #143 “O capitalismo está fadado a morrer, mesmo se—e especialmente se—não ocorrer a terceira guerra mundial, no sentido comum do termo.”</p> <p>Excerto #144 De acordo com E. H. Cookridge, em seu livro The Net That Covers the World (A Rede que cobre o Mundo), cerca de 25 das 200 escolas de polícia secreta soviéticas se especializam em espionagem no exterior.</p>
---	--

5.6 Síntese das Análises

Todos os textos contêm traços de **normalização**, evidenciada tanto pelos números da análise lexical via programa *Wordsmith Tools*, quanto pelo levantamento textual das supressões, adições, deslocamentos e substituições. No **plano composicional**, tal normalização ocorreu principalmente no **lide** e nos **títulos, subtítulos**, níveis que operam no nível pragmático da contextualização. Nestes textos analisados, tais elementos contextualizadores se mostraram mais propícios a mudanças por conterem referentes dialógicos que fazem determinados sentidos para e na cultura norte-americana que não fariam na cultura brasileira e que, por isso, não foram mantidos literalmente na tradução.

Como se pode observar na Tabela 37, assim como no plano composicional, todos os textos apresentaram modificações em seis das categorias propostas por Adam no **plano textual** propriamente dito:

Ocorrências	Texto 1	Texto 2	Texto 3	Texto 4	Texto 5	Total
Índice pessoas	22	2	3	8	6	41
Modalização semântica	18	9	15	7	11	60
Modalização intersubjetiva	2	—	—	—	—	2
Dêiticos temporais e espaciais	4	5	8	1	3	21
Operadores argumentativos	6	2	—	2	—	10
Modalização autonímica	—	—	2	3	4	9

TOTAL	52	18	28	21	24	144
-------	----	----	----	----	----	-----

Tabela 37. Padrão de ocorrências

Sendo as duas principais categorias modificadas o **índice de pessoas** e a **modalização semântica**, farei um breve comentário final a respeito das mesmas.

Em relação ao **índice de pessoas**, na medida em que desconstroem tais índices presentes no texto original, deixam marcas que permearam todos os textos, marcas da **transtextualidade**, como se pode ver na tabela 37. Tal indicialidade pode ser observada pela **supressão de referentes** que remetiam ao “nós/norte-americanos”, pela **substituição por referentes** “eles/povo norte-americano” que marcam o distanciamento intercultural, operações estas que foram priorizadas na tessitura de todos os textos pelos tradutores. Além disso, a **coesão sequencial** foi mantida, pois tais referentes se faziam presentes nos subtítulos e em alguns parágrafos ao longo dos textos.

Como se pode ver, a principal mudança se deu no nível semântico, sendo que a **modalização semântica**, relacionada ao nível de **representação semântica** (N4), ocorre durante o processo de retexualização e **recontextualização**, que, no caso do texto de opinião, pode ser relacionado com decisões baseadas em fatores de coerência tais como intencionalidade, aceitabilidade, conhecimento de mundo, focalização, com adoção de um estilo formal, seguindo **a norma culta, a norma preliminar da revista** (N8).

O **texto 1** foi o que apresentou o maior índice de modificações. O tradutor evitou a literalidade na referenciação dos termos culturais e das ideias que remetem às especificidades da cultura norte-americana, procurando ora **omitir** itens do original, generalizando por falta de equivalentes em nossa cultura, ora **adicionar**, especificando quando há possibilidade de inserir equivalentes, como é o caso da referenciação do sistema monetário nos textos de chegada, introdução de provérbios e expressões do sistema linguístico da língua portuguesa, embora às vezes com certo exagero, conforme a definição de **normalização** (BAKER, 1993) resultando em sentidos hiperbólicos, porém, de certa forma, compatível com a força da argumentatividade necessária à temática anticomunista do texto de opinião.

Em relação à **predicação**, o tradutor tende a cooperar com a intenção do autor, buscando uma conotação mais positiva na descrição dos personagens que seriam favorecidos pelos ideais anticomunistas, favorecendo e mantendo a preservação da face polifônica; e mais irônica e negativa na referenciação às vozes e personagens comunistas. No plano da **sequenciação**, o tradutor insere pistas anafóricas e catafóricas para facilitar a retomada pelo leitor, reforçando a continuidade sequencial do texto e, portanto, melhorando o aspecto da

textualidade ou textura (N4). Por fim, em termos de **estilo**, o tradutor também prefere a elaboração e faz uso de um registro que tende mais à formalidade, o que resultou em trechos mais longos, com traços de **explicitação** (BAKER, 1993) no texto traduzido.

O **texto 2** foi o texto que menos apresentou modificações. O tradutor adota um **estilo mais literal** de traduzir, buscando manter a fidelidade. Contudo, foram detectadas modificações no plano da representação semântica as quais sugerem a adoção de um estilo localizador quando a estratégia utilizada é aquela da supressão da manutenção de expressões idiomáticas originais que podem ser entendidas com **indícios de simplificação** (BAKER, 1993).

Os **textos 3, 4 e 5** apresentaram um padrão semelhante de modificações semânticas, em que o tradutor adota estratégias de transposição de equivalentes. Há maior ênfase na **argumentatividade** quando do uso de locuções idiomáticas da língua portuguesa e afastamento da estratégia de tradução literal. Os tradutores adotaram estratégias compensatórias por meio do uso de termos e locuções mais formais, com elaboração e sofisticação.

Em suma, os tradutores, por mais que tenham se distanciado da literalidade nestas instâncias textuais, agiram com **responsabilidade enunciativa** (ADAM, 2008, 2011) em relação às vozes referenciadas pelos autores dos textos originais. Apesar de haver **supressão** na maior parte dos casos, o tradutor priorizou a temática, recontextualizando os textos com coesão e coerência, ao tomarem a iniciativa de **reconstruir os índices de pessoas**. Em termos semânticos, as mudanças evidenciaram a ocorrência da **substituição/adição** como recursos semântico-pragmáticos preferenciais, marcando a presença de um tradutor consciente das normas impostas pela revista, que adota um registro mais formal no contexto brasileiro, em detrimento da expressividade idiomática da língua original.

Considerações Finais

Nesta seção, retomo as perguntas de pesquisa que motivaram e nortearam a realização deste estudo. Na sequência, apresento as contribuições desta pesquisa para os interessados pelas questões de tradução e o papel do tradutor em contextos específicos. Posteriormente, discuto algumas limitações do estudo e ofereço sugestões para futuras pesquisas. Finalizo, então, tecendo algumas considerações finais.

O **objetivo geral** desta pesquisa foi evidenciar a visibilidade do papel de mediador linguístico do tradutor por meio da descrição e análise das diferenças que emergem da (re)construção textual-discursiva do inglês para o português em contexto jornalístico, a partir das seguintes perguntas norteadoras:

Quais instâncias foram modificadas?

As principais instâncias textuais modificadas estão no nível da estrutura composicional, isto é, no nível dos elementos que constituíram o gênero de opinião, tais como títulos, subtítulos, paragrafação. No nível textual propriamente dito, as modificações realizadas sugerem iniciativas de representação discursiva, da responsabilidade enunciativa e de manutenção da orientação argumentativa relativa ao gênero textual analisado.

Um elemento típico das notícias mas não muito comum neste tipo de texto, o **lide**, constituiu uma das instâncias textuais mais passível de modificações. Assim sendo, um dos fatores propiciadores da visibilidade da subjetividade linguístico-textual do tradutor foi o conceito de genericidade, isto é, a possibilidade de se tirar proveito da instabilidade de um gênero textual para significar. Ao exercitar a sua **competência genérica**, o tradutor foi capaz de realizar a recontextualização, isto é, reposicionar o texto em uma outra realidade, localizar o texto na língua portuguesa para que ele fosse lido pelos leitores brasileiros, de forma adequada e colaborativa, visível e preferencialmente por meio da manipulação do lide.

Quais foram as principais mudanças e recursos mobilizados pelos tradutores no texto?

As principais mudanças realizadas pelos tradutores no texto foram a adição, a supressão, a substituição e o deslocamento de segmentos que, por sua vez, propiciaram a identificação da presença dinâmica do tradutor na interação com o texto. Embora os tradutores *freelancers* tenham sido mantidos no anonimato, ou seja, não sabemos quem foram ou mesmo se um mesmo *freelancer* traduziu mais de um dos textos analisados, ficaram evidenciadas as suas vozes por meio, principalmente, das MODALIZAÇÕES SEMÂNTICAS, independentemente do texto analisado, ou seja, todos os textos apresentaram índices de normalização da linguagem por meio da modalização semântica, marcando a presença do tradutor realizável na representação semântica, através de gama variada de mecanismos de textualização.

Portanto, é natural para o tradutor ter que equilibrar obediência às normas e, ao mesmo tempo, “driblar” a expectativa de literalidade absoluta comum na nossa sociedade. Em outras palavras, as restrições do sistema não justificam a falta de competência textual-discursiva que caracteriza a atividade mediadora de traduzir. No caso de tradutores brasileiros que escrevem para seus pares, é comum que se utilize de recursos variados de supressão, acréscimo, deslocamento e adição, pois faz parte do dia a dia lidar com o desafio, mas, ao mesmo tempo, com a possibilidade de explorar as infinitas potencialidades dos gêneros textuais em termos de sua forma composicional e agir de forma colaborativa com a revista, o autor e o leitor, por meio de um estilo específico de escrita jornalística.

Pode-se dizer que o tradutor correspondeu ao papel de mediador linguístico na lógica global e local deste contexto jornalístico?

Pode-se perceber a mediação de várias maneiras. Com a revista, os tradutores precisaram se conformar às normas, evitando os estrangeirismos e privilegiando a literalidade, em nome da confiança, um valor primordial na transmissão de notícias segundo Bassnett e Bielsa (2009). Na lógica da globalização e localização, processos que, conforme Paskal-Mazur (2005) podem propiciar a amálgama literalidade-liberdade em textos traduzidos, a visibilidade do tradutor fica mais explícita quando ele, ao localizar um texto, atua como reconstrutor textual competente ao manobrar a língua por meio da escolha e mobilização de recursos a partir de um modelo mental contextual específico e adequado, que, neste caso, foi o momento histórico brasileiro.

Não se pode esquecer também de que vivia-se, no Brasil, um clima de incerteza política e a subversão temático-textual jamais seria permitida pelas Seleções do Reader's Digest por motivo de incompatibilidade ideológica entre a mensagem capitalista que a revista desejava propagar no globo. Acredito que, neste caso específico, o tradutor foi fiel ao estilo da revista por meio da exploração do gênero textual de opinião.

No gênero textual de opinião, a autoria é um dos principais ingredientes condicionadores à prática de tradução. Os tradutores demonstraram colaboração e respeito à mensagem a ser veiculada e o conteúdo a ser transmitido por meio da normalização, por um lado exagerando no uso de adjetivos que atenuaram ainda mais a face das pessoas e instituições referendadas pelos autores, por meio de recursos estilísticos de suavização, contribuindo para deixar ainda mais expressivas as filiações políticas dos autores; e, por outro, intensificando a elegância da argumentatividade quando enfatizou o registro formal e os sentidos que reforçavam a adesão ao discurso anticomunista.

Os conhecimentos linguístico, de mundo e partilhado, característicos da posição subjetiva do tradutor como *insider* na cultura da comunidade leitora local, possibilitaram a construção de uma redação fluente, coerente, localizada, por meio da domesticação e aculturação, estratégias as quais podem ser compreendidas como sub estratégias da macropolítica da localização, quando o tradutor buscou aproximar-se das expectativas ideológicas da revista e dos seus leitores. Esta fluência textual e discursiva foi construída por meio de uma referenciação consistente com a temática e com a orientação argumentativa do texto de opinião, elementos estes que precisaram ser sustentados e mantidos ao longo do texto, a fim de que houvesse compatibilidade entre a intenção comunicativa do autor do texto original e a intenção comunicativa do tradutor.

Em relação às contribuições desta pesquisa, acredito que o aparato teórico da Linguística Textual Discursiva tenha sido essencial para a descrição dos dados advindos dos textos para construir o perfil de mediador linguístico-discursivo do tradutor, que, ao construir sentido, o fez de maneira adequada, evidenciando possuir um modelo mental sociocognitivo propício para lidar com a prática de retextualização e constituição do objeto do discurso, o anticomunismo, de forma coesa e coerente.

Em relação às limitações da pesquisa, o principal impasse surgiu ao deparar-me com as grandes categorias de análise propostas por Adam. Por ser bastante abrangente, elas foram utilizadas como matriz norteadora no momento da classificação das modificações levantadas texto a texto. Por outro lado, a amplitude do termo “modalidades” permitiu o uso de “modalização semântica”, termo que utilizei para categorizar as modificações neste nível.

Durante o processo de identificação das operações (adição, supressão, etc.), um outro obstáculo foi encontrado. Na medida em que as operações iam sendo identificadas, sobreposições faziam-se notar. Neste caso, foi necessário selecionar quais operações prevaleceram em determinadas sequências do texto. Portanto, apesar da comparação representar um manancial de oportunidades para a descrição das diferenças intertextuais, o trabalho exige tomada de decisões constantes por parte do analista.

Outra dificuldade encontrada foi com o alinhamento dos textos. Durante a defesa, foi possível anotar a sugestão da professora-pesquisadora Paula Paiva de se usar um alinhador *online*, o *youalign*³¹ com vistas a evitar o trabalho com tabelas no *Word*. Por meio dela é possível visualizar o texto frase a frase de forma nítida, sem precisar de retoques manuais³². Apesar de não haver tempo hábil para maiores modificações nesta tese e por preferir a visualização dos segmentos em parágrafos, reitero a utilidade da ferramenta proposta e recomendo seu uso em futuras pesquisas com *corpora* paralelo.

A observação das diferenças por meio do *corpus* paralelo foi fundamental para poder perceber que as modificações foram resultado da dinâmica da retextualização, isto é, uma (re)construção verbal em que o tradutor participa não como senhor da língua, por se condicionar ao possível da captura do sentido e da perfeita e inatingível expressão escrita, mas como um sujeito agente e participativo na distribuição, transmissão das notícias e apresentação de um texto-produto final adequado ao público leitor local, quando age com responsabilidade enunciativa.

³¹<<http://www.youalign.com>>

³² Texto 1 alinhado no *youalign*

Para futuras pesquisas, sugiro que outros gêneros textuais sejam analisados nesta perspectiva de estudo de caso em busca de outros exemplos de tradutores como produtores de textos bem-sucedidos, seja em contexto jornalístico, seja em outros contextos, tal como o contexto de tradução literária, por exemplo, conforme atual orientação de pesquisa da professora Diva Camargo.

Os resultados alcançados proporcionaram a visão de que as condições de produção de uma tradução e a própria tradução enquanto processo não é levada em conta na maioria das vezes em que ela é avaliada, seja pela crítica, seja pelo teórico da tradução, seja pela sociedade em geral, pois se assim fosse, o tradutor não seria tão invisível e criticado neste universo de discurso.

Tal fato gera implicações para a formação de tradutores que necessitam desenvolver competências para um trabalho colaborativo em variadas dimensões que vão desde a análise de gêneros textuais e o entendimento das propriedades conferidas pelo conceito de genericidade mediante o procedimento de análise textual, passando pela exploração do significado de autoria que cada gênero textual propicia, até uma dimensão mais concreta, que é a compreensão das normas e regras do suporte ou veículo por meio do qual o artigo é transmitido, dimensões estas que coexistem na realidade da produção e da recepção textual. Assim, quando se vê a tradução como processo, vê-se que as decisões, as escolhas e as intervenções do tradutor não aparecem isoladas, e sim relacionadas com as forças que atuam conjuntamente.

O pertencimento ao contexto histórico, as normas do suporte (ao qual denominei de veículo nesta tese) em que a tradução está ancorada e o gênero textual são fatores que estão intimamente interligados condicionando e, ao mesmo tempo, possibilitando a prática leitora e produtora de textos do tradutor, que precisa estar consciente do seu papel de mediador, seja lá qual for sua opinião valorativa sobre o assunto a ser traduzido, pois, em se tratando de uma função remunerada, ela é passível de punição por desobediência e desacato.

A avaliação e a crítica literária contemporânea queixam-se da tendência em se domesticar a linguagem e, com isso, condenam o aspecto comunicativo da tradução, fato que geraria um certo simplismo ou até mesmo reducionismo da capacidade de se adaptar de um tradutor que permaneceria invisível a depender do contexto de atuação. Por meio desta pesquisa, foi possível perceber que a iniciativa, a escolha, a decisão, o estilo são marcas de subjetividade, de cognição, da capacidade singular dos tradutores que demonstraram possuir a competência de levar em conta as condições em que tiveram que produzir, o público leitor brasileiro, a tipicidade do meio jornalístico, o gênero que traduziram e a linguagem que subjaz

a tudo isso, ou seja, o tradutor demonstrou que possui habilidades linguístico textuais necessárias à mediação linguística.

O objetivo da revista, uma das variáveis mais limitadoras ao exercício da tradução, impôs métodos e condições muito precisos aos tradutores brasileiros: eles deviam respeitar as opiniões dos autores e a ideologia dos donos da revista por meio da adoção de um estilo formal. Vimos que os tradutores conseguiram congregiar todos estes aspectos por priorizarem a função comunicativa da linguagem. As modificações textuais evidenciaram um tradutor que apresenta habilidade de leitura, interpretação e produção textuais compatíveis com os objetivos do autor, ou seja, um tradutor linguisticamente visível.

As análises textuais discursivas das modificações textuais que emergem do cotejo entre texto original e traduzido são promissora aos interessados na visão da produção tradutória em contextos institucionais, tais como os jornalísticos e editoriais, como atividade essencial na nossa sociedade. Tal orientação de pesquisa visa o resgate do papel do tradutor não só como representante cultural, mas também como agente linguístico e textualmente competente do discurso, e que, por ser, em essência, um produtor de textos especializado, ele seja concebido com o valor semelhante ao de um autor em termos de produção de texto, de escritor, em detrimento a uma subjacência ou hierarquia comum em contextos institucionais altamente condicionantes.

Ressalto, por fim, a importância do questionamento constante em nossa sociedade da concepção atual de tradução como transferência para a concepção de tradução como negociação e construção de sentido passível tanto de receber como emitir influências culturais de forma dialógica, marcando irredutivelmente a condição única da existência humana do tradutor na linguagem.

Referências

ADAM, J. M. **A Linguística Textual**: Introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2008.

_____, J. M. **A Linguística Textual**: Introdução à análise textual dos discursos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ADAM, J. M.; HEIDEMANN, U. O texto literário: por uma abordagem interdisciplinar. São Paulo: Cortez, 2011.

ALMEIDA, H. **Brasil e Canadá**: o texto jornalístico como tradução cultural e a relação dos leitores nas revistas VEJA e MACLEAN'S. 2005. 125 f. Dissertação de mestrado, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

Álvarez, R.; Vidal, M.C. (1996). Translating: A political act. In R. Álvarez & M. C. Vidal (Ed.) *Translation, power, subversion*. Philadelphia: Multilingual Matters. 1996 (p. 1-9).

ANDRADE, M. C. **1964 e o Nordeste**: golpe, revolução ou contra-revolução? São Paulo: Contexto, 1989.

APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, M. M. et al (Org). **Referenciação**. São Paulo: Contexto: 2003. p. 52-84.

ASSIS, D.. **Propaganda e cinema a serviço do golpe: 1962/1964**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

AUBERT, F. Translation Modalities: a descriptive model for quantitative studies in Tradutology. **Romansk Forum**, no. 6. Oslo: Universidade de Oslo. 1998. p. 3-28.

BAKER, M. Corpus Linguistics and Translation Studies: Implications and Application. In: BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI-BONELLI, E. (Eds.). **Text and Technology**: in Honour of John Sinclair. Amsterdam: John Benjamins, 1993. p. 233-250.

_____, M. (1996) Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead. In: SOMERS, H. (org.). *Terminology, LSP and translation studies in language engineering*, in honour of Juan C. Sager. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins. 1996. p. 175-186.

_____, M. **Linguística e estudos culturais**: paradigmas complementares ou antagônicos em tradução. In: Tradução e Multidisciplinaridade. Trad. Márcia Martins e Patrícia Lehmmmer. 1999. Rio de Janeiro: Lucerna (PUC). 14-34.

_____. **Translation and Conflict**: A Narrative Account. Routledge: 2006.

BASSNETT, S. Bringing the news back home: strategies of acculturation and foreignisation. **Language and Intercultural Communication**. vol 5, no. 2, 2005. p.120-30.

_____; LEFEVERE, A. (Orgs.). **Translation, History and Culture**. London: Pinter, 1990.

_____; BIELSA, E. **Translation in global news**. New York: Routledge. 2009.

BAZERMAN, C. Gêneros Textuais, tipificação e interação. São Paulo: Cortez, 2006.

BENEVIDES, M. **O governo Jânio Quadros**. São Paulo: Brasiliense. 1981.

BEAUGRAND, R.; DRESSLER, W. **Introduction to textlinguistics**. London/New York: Longman, 1981.

BERBER-SARDINHA, Tony. **Linguística de Corpus**. São Paulo: Editoria Manole. 2004

BIDERMAN, Maria Tereza C. **Teoria Lingüística**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRÄKLING, K.L. Trabalhando com artigo de opinião: re-visitando o eu no exercício da (re)significação da palavra do outro. In: ROJO, R. (Org.). **A prática da linguagem em sala de aula**: praticando os PCN. São Paulo: EDUC, 2000. p. 221-247.

BRISSET, A. Perspectivas Culturais sobre a tradução. Tradução Marcos Bagno. **Traduzires**, Vol 1. 2012. p. 1-14.

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: Por um interacionismo Sociodiscursivo. São Paulo: Educ, 1999.

CAMARGO, D. Uma análise de semelhanças e diferenças na tradução de textos técnicos, jornalísticos e literários. **Revista D.E.L.T.A.** no. 20, vol. 1. 2004. p. 1-25.

_____. Tradução de textos de áreas especializadas e a presença de traços de normalização. **Tradterm**, São Paulo, v. 12, p. 55-67, 2006.

. Diferenças estilísticas entre o autor e o auto-tradutor em *Viva o Povo Brasileiro e An Invincible Memory*. **Estudos Lingüísticos** (São Paulo), v.37, p. 135-143, 2008.

CANTARINO, G. **1964**: A revolução para inglês ver. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

Chesterman, A. From “is” to “ought”: Laws, norms and strategies in translation studies. **Target**, 5, 1–27, 1993

CLAUSEN, L. Localizing the global: ‘domestication’ processes in international news production. **Media Culture & Society**. V.16, n. 1. 2004. p. 25-44

CONWAY, K.; Bassnett, S.. **Translation in Global News**. Proceedings of the Conference. University of Warwick (UK), 2006. 127 p. Disponível em: <http://humanities.ufs.ac.za/dl/userfiles/documents/00001/931_eng.pdf> Acesso em: 17 jan. 2015.

CULLETON, J. **Análise da tradução do espanhol para o português de textos jornalísticos na mídia impressa no Brasil**. 2005. 89 f. Dissertação de mestrado, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

DARIN, L. A tradução no contexto do mundo globalizado. **Revista Intercâmbio**. V. 14, 2010. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3959>> Acesso: 12 maio 2014.

DELL’ISOLA, R. **Retextualização de Gêneros escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DESLILE, J.; WOODSWORTH, J. **Translators through History**. Philadelphia: John Benjamins, 1995.

DINIZ, A. **Presença dos Estados Unidos no Brasil** (dois séculos de história). Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1978.

DREIFUSS, R. A. **1964**: a conquista do Estado. Trad. Laboratório de Tradução UFMG. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

ESTEVES, L. Da tradução como amortecimento. **Tradução em Revista**. no. 7, 2009. p.1-18.

FRÉDÉRIC, L. **Japan Encyclopedia**. Tradução de Katre Roth. Paris: Editions Robert Laffont SA, 2002.

GONÇALVES, M. S. **Páginas golpistas**: democracia e anticomunismo através do projeto editorial do IPES (1961-1964). 2010. 225 f. Dissertação de mestrado, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

GONÇALVES TRAVAGLIA, N. **Tradução como retextualização**. Uberlândia: Edufu, 2003.

GRESILLON, A. Fonctions du langage et gènesse du texte. In: HAY, L. (Org.). **La naissance du texte**. Paris: José Corti, 1989, p. 7-14.

HALL, C. SMITH, P; WICKASONO, R. Translation. In: _____. **Mapping Applied Linguistics: a guide for students and practioners**. London, NY: Routledge, 2011. p.223-247.

HEIDEMANN, U. Comparatismo e análise de discursos: a comparação diferencial como método. In: RODRIGUES, M. G.; SIVA NETO, J.; PASSEGI, L (Orgs.). **Análises textuais e discursivas: metodologias e aplicações**. São Paulo: Cortez, 2010. Capítulo 3. p.61-79

_____. Pôr as diferenças em diálogo: o exemplo da tradução do projeto de Constituição europeia. In: RODRIGUES, M. G.; SIVA NETO, J.; PASSEGI, L (Orgs.). **Análises textuais e discursivas: metodologias e aplicações**. São Paulo: Cortez, 2010. Capítulo 4, p. 83-91.

JUNQUEIRA, M. **Ao sul do Rio Grande-** imaginando a América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970). Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2000.

KOCH, I. G. V. As tramas do texto. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014. 239 p.

_____. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

_____.Linguística Textual hoje: questões e perspectivas. **Atas do II Encontro do GELCO**. Vol. I. Conferências, p. 21-33, 2004. Disponível em: <<http://www.gelco.org.br/web/downloads/volume1.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2012.

KUHN, T. S. **A Estrutura das revoluções científicas**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. 262 p.

KUO, S.; NAKAMURA, M. Translation or transformation? A case study of language and ideology in the Taiwanese press. **Discourse & Society**. vol. 16, no.3. 2005. p. 393-417. Disponível em: <<http://www.hss.nthu.edu.tw/~fl/faculty/shkuo/Translation%20or%20transformation.pdf>> Acesso em: 01 dez. 2012.

LAGE, N. **Estrutura da Notícia**. São Paulo: Ática, 2004

LEFEVERE, A. **Tradução, reescrita e a manipulação da fama literária**. Trad. Claudia M. Seligmann. Bauru, SP: EDUSC. 2007

LIMA, F. C. **Tradução como representação cultural: olhares sobre o Brasil**. Dissertação de Mestrado. 2008. 205 f. Dissertação de mestrado. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2008.

LIMONGI, E. M. L. **The interdependence of extratextual and intratextual factors in translated texts: A Sample of Ícaro Brasil, Varig's Bilingual In-Flight Magazine**. 2000. Dissertação de mestrado. 2000. 124 f.Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

- MARQUES DE MELO, J. (Org.). **Jornalismo Opinitivo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro, 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- MAZUTTI, S. **Marcas culturais em interface**: os caminhos de aproximação entre tradução e jornalismo. 2011. 203 f. Dissertação de mestrado, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos referenciais. In: CAVALCANTE, M. M. *et al* (Orgs.) **Referenciação**. São Paulo: Contexto: 2003. p. 17-52.
- MUNDAY, J. **Introducing translation studies**: Theories and applications. London, New York: Routledge. 2001
- NEUBERT, A. Case Studies in Translation: the study of translation cases. **Across Languages and Cultures**. no. 5. vol 1. 2004. p. 5-21.
- NIDA, E. **Toward a science of translation**. Leiden: J. B. Brill, 1964.
- _____, **TTR**: traduction, terminologie, rédaction, vol. 4, n° 1, 1991, p. 19-32. Disponível em: <<http://id.erudit.org/iderudit/037079ar>> Acesso em: 12 maio 2014.
- O'HAGAN, M.; ASHWORTH, D. **Translation-mediated communication in a digital world**: facing the challenges of globalization and localization. Clevedon: Multilingual Matters. 2002.
- ORENGO, A. Localising News: Translation and the Global-national Dichotomy. **Language and Intercultural Communication**. vol 5. n. 2, 2005. p.168–187
- PAIVA, V. L. M. O.; NASCIMENTO, M. Texto, hipertexto e (re)configuração de (con)textos. In: LARA, G. M. P. **Lingua(gem), texto, discurso**: entre a reflexão e a prática. Belo Horizonte: Lucerna, 2006. p.155-179.
- PASKAL-MAZUR, I. **Globalization and translation**: Localized English Language Magazines in Poland. Tese de Doutorado. Universidade de Poznan, Polônia. 2005. 301 fls.
- PEREIRA, S, L. G. **Seleções do Reader's Digest 1954-1964**: um mapa da intolerância política. 2006. 313 f. Tese de doutorado, Departamento de História, Universidade de São Paulo, 2006.
- POLCHLOPEK, S. **A Interface Tradução-Jornalismo**: Um Estudo de Condicionantes Culturais e Verbos Auxiliares Modais sobre Textos Comparáveis das Revistas Veja e TIME. 2005. 214 f. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.
- PYM, A. **The Moving Text**. Localization, Translation, and Distribution. Amsterdam and Philadelphia: Benjamins. 2004
- ROBERTS, R. **The Oxford handbook of Applied Linguistics**. Ed. Robert B. Kaplan. Chapter 33: Translation. New York: Oxford University Press, 2002. p. 429-442.

ROBYNS, C. **A Internacionalização de valores sociais e culturais**: sobre as estratégias de homogeneização e localização da revista *Seleções*. Tradução: Hanna Betina Götz (PGET – UFSC).1994. Disponível em: http://www.pget.ufsc.br/in-traducoes/edicao_4/Traducao02-Gotz_RobynsREVISADA.pdf Último acesso: junho de 2012.

RODRIGUES, R. Os gêneros do Discurso na perspectiva dialógica da linguagem: A abordagem de Bakhtin. In: **Gêneros**: teorias, métodos, debates. MEURER, J.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. São Paulo: Parábola, 2005.

ROBERTSON, R. *Globalization: Social Theory and Global Culture*. London: Sage. 1992.

SACHET, S. **A interface tradução e jornalismo**: marcas culturais no texto de revista. Dissertação de Mestrado. 2005. 96 f. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

SCOTT, M. *WordSmith Tools version 5*. Liverpool: Lexical Analysis Software, 2010.

SEIXAS, L. Por uma outra classificação: gêneros discursivos jornalísticos e gêneros discursivos jornalísticos. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 70-84, dez. 2009.
SKIDMORE, T. **Brasil**: de Getúlio a Castelo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

SOUZA, J. Teorias da tradução: uma visão integrada. **Revista de Letras**, vol 20, n. ½, 1998. p. 51-67.

TAGNIN, Stella. **Corpora**: o que são e para que servem. Minicurso. 2004

TOGNINI-BONELLI, E. **Corpus Linguistics at Work** . Studies in Corpus Linguistics: 6. Amsterdam/Atlanta,GA: John Benjamins. 2001

TOURY, G. **In search of a theory of translation**. Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics, 1980.

TYULENEV, S. Applying Luhmman to translation studies. **Translation in society**. New York: Routledge, 2012. p. 25-45

VECCHIA; A. D.; MACIEL, A. M. B. **Corpora paralelos e concordanciadores alinhados**: estado da questão. VIII Encontro de Lingüística de Corpus, Rio de Janeiro, UFRJ, 2009.

_____. **News as discourse**. Universidade de Amsterdã. 1988.

VENUTI, L. **The translator's invisibility**. New York: Routledge. 2002.

_____. **Escândalos da tradução**: por uma ética da diferença. Bauru, SP: EDUSC. 2002

VERMEER, H. J. Skopos and comission in translation action. Trad. Andrew Chesterman. **The translation studies reader**. New York: Routledge. 2000. p. 221-233.

VOURINEN, E. Crossing cultural barriers in news translation. **Cross cultural news transmission**. 1997. p. 61-82

VOLKERSZ, E. McBook: the Reader's Digest Condensed Books Franchise. **Publishing Research Quarterly**, Vol 1, n. 2. 1995. p-52-61.

YIN, Robert K. Case Study Research: Design and Methods. **Sage Publications Inc.** 1989.

ZIPSER, M. **Do fato à reportagem**: as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural. Tese de doutorado. 2002. Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2002

Anexos

Anexo 1. Artigos traduzidos para o português da revista *Reader's Digest* em 1960 e 1961 e os respectivos títulos em inglês

Artigo	Mês	Edição	Autor	Título	Páginas
1	Janeiro November 1960	228 463	Charles Stevenson	Como os russos levaram a melhor na África <i>How the Soviets stole a march on us in Africa</i>	58-64
2	Janeiro Nov 1960	228	William Henry	Por que a Europa abandonou o socialismo <i>Why Europe turned away from Socialism</i>	96-100
3	Fevereiro Nov 1960	229 463	Leland Stowe	A China comunista quer ser potência mundial <i>Red China reaches for World power</i>	43-48
4	Fevereiro Dec 1960	229 463	Hanson W. Baldwin	Nuvens sobre Guantánamo <i>Clouds Over Guantanamo</i>	77-81
5	Março Jan, 1961	230	Max Eastman	Já começou a terceira guerra mundial! <i>World War II has already started!, I: The Communists Master Plan for Conquest</i>	23-27
6	Março Jan 1961	230	Eugene Lyons	Já começou a terceira guerra mundial! <i>World War II has already started!, II: The Shock troops and how they fight</i>	27-32
7	Março Jan 1961	230	J. Edgar Hoover	O caso do espião sem cara <i>The Case of the Faceless Spy</i>	44-47
8	Março February 1961	230	Lester Velie	O latino americano a quem os comunistas mais temem <i>The latin American the communist most</i>	75-81

				<i>fear</i>	
9	Abril Mar 1961	231	David Reed	Voltando à Cuba <i>CUBA revisited</i>	41-44
10	Abril Feb 1961	231	Condensado de Time	Na Nigéria a democracia funciona! <i>Democracy is working in Nigeria!</i>	72-78 105
11	Maió Mar 1961	232	Lester Velie	A China ameaça a América Latina <i>Chinese Red Star over Latin America</i>	155- 164
12	Junho February 18, 1961	233	Norman Cousings <i>Condensed from Saturday Review (newspaper article)</i>	Atrás da cortina do Laos <i>Behind the turmoil of Laos</i>	73-79
13	Junho April, 1961	233	John G. Hubbell	“Ataque desencadeado!” <i>"You Are Under Attack!" -- The Strange Incident of October 5</i>	86-92
14	Junho April 1961	233	Emery Reves	Nem o desarmamento evitará a guerra <i>Neither Armament nor Disarmament Will Prevent War</i>	121- 126
15	Junho April 1961	233	Max Eastman	Por que os comunistas estão vencendo <i>Why the Communists Are Winning</i>	153- 164
16	Julho May 1961	234	John Gunther	A Alemanha que eu vi <i>Inside Germany Today</i>	49-56
17	Agosto July 1961	235	Max Frankel	Cuba – um histórico da dominação comunista <i>Cuba -- A Case History of Communist Take-Over</i>	78-84
18	Agosto May 1961	235	Stewart Alsop	África – o enigma negro <i>Africa: The Riddle Without an Answer</i>	123- 134
19	Agosto May 1961	235	Harry E Bonaro Overstreet	De como não fazer o jogo de Khrushchev <i>How Not to Help Khrushchev</i>	162- 165
20	Setembro August 1961	236	Condensado da Times (sem autoria)	Jânio – nova era para o Brasil <i>Brazil's Quadros: Question Mark in Latin America.</i>	39-46
21	Setembro July 1961	236	Everest Mulezeki	Fui “estudante” na universidade de Moscou <i>I Was a "Student" at Moscow State</i>	88-101
22	Novembro August 1961	238	José Figueres	Estados Unidos e América Latina <i>North Americans, Share Your Democracy With Us</i>	47-54
23	Novembro July 1961	238	James Burnham	A velha tática continua ganhando batalhas <i>The War We're Not Prepared to fight</i>	70-73
24	Dezembro Aug 1961	239	Francis Vivian Drake	O SAC está preparado! <i>SAC Is Ready!</i>	221- 232
25	Dezembro Nov 1961	239	Robert Coughlan	A hora da América Latina <i>Which Way Latin America?</i>	43-48
26	Dezembro Nov 1961	239	Eugene Lyons	Sempre haverá uma crise de Berlim <i>There Will Always Be a "Crisis"</i>	188- 196

Anexo 2. Questionário para o Departamento Editorial da revista *Seleções do Reader's Digest*

1. Quem faz as traduções dos artigos e dos livros? São as mesmas pessoas ou equipes ou há requisitos distintos para cada um deles? A autoria da tradução é publicada ou não? De que forma (notas de rodapé, capa) aparece?
Contratamos colaboradores *freelancers* para fazer as traduções e não divulgamos os nomes dos tradutores.
2. Qual é a formação dos profissionais que realizam as traduções? Que tipo de processo seletivo é realizado para a contratação destes profissionais? Como ele é realizado?
Buscamos profissionais com experiência em tradução, principalmente de textos informativos. Para isso, analisamos os currículos para checar os cursos e trabalhos realizados pelo candidato e aplicamos um teste composto por um artigo em inglês da revista.
3. Existe alguma política de tradução do tipo manual ou normas a serem seguidas? Por quem ela foi idealizada? Há quanto tempo? (Se possível, gostaria de obter uma cópia).
Seguimos o *Manual de redação e estilo de O Estado de S. Paulo* para publicar nossos artigos, mas os tradutores nem sempre se prendem a ele. O mais importante é que eles tomem as melhores decisões a nível de conteúdo, pesquisando e adaptando tudo o que for necessário. Para a questão do estilo, temos os revisores que fazem a adequação, quando é o caso.
4. Como é o processo de tradução desde a seleção do artigo (livro ou material a ser traduzido) até o produto final? Descreva, se possível, o processo, do início ao fim, detalhadamente (incluindo a revisão e os critérios de edição e publicação).
Enviamos ao tradutor o texto original a ser traduzido. Quando recebemos dele, mandamos a um revisor que verifica se houve alguma parte mal ou não traduzida. Em seguida, o

texto é aplicado ao layout e fazemos ainda outras revisões, desta vez verificando se não há desvios de linguagem e dos padrões que seguimos. Quando todos os artigos estão finalizados, mandamos para a impressão na gráfica.

5. Quem seleciona e como são selecionados os textos para a tradução? Com base em quê? De que língua (s) e a partir de que fonte (s) os textos são geralmente traduzidos? Nossa editora-executiva, junto com a comissão de editores de outros países, seleciona os textos para serem traduzidos a partir do inglês.

6. Quais os principais recursos utilizados na tradução dos artigos e livros? (se possível, fazer a referência ao nome dos mesmos, por exemplo, se for dicionário, dizer o nome do que usa, sites de consulta, etc) Acredito que os tradutores sejam os mais indicados para falar sobre o método de trabalho deles.

7. Existe algum tipo de controle externo de qualidade da tradução (levantamento de opinião dos leitores, avaliações *ad hoc*, consultorias)? Os leitores costumam enviar suas opiniões sobre os textos, e isso serve de *feedback* externo.

8. Qual é o papel da tradução e do tradutor na revista? Considerando que a maior parte da revista é composta por material estrangeiro, a tradução é essencial. E um bom tradutor é fundamental para nosso processo de produção.

Anexo 3. Textos analisados em paralelo com resumo em português

TEXTO 1

HOW THE SOVIETS STOLE A MARCH ON US IN AFRICA	COMO OS RUSSOS LEVARAM A MELHOR NA ÁFRICA
<p>While our government officials fiddled, the Soviets stepped in and put themselves in virtual control. The country of U.S. failure is a blueprint for more serious trouble ahead</p> <p>By Charles Stevenson</p> <p>(1) The airport waiting room was a milling throng of Russians, East Germans, Bulgarians, Chinese—Communists All. Outside, a big Soviet plane waited for a Red VIP, -No photographs,- snapped out the armed guard. Nearby, Czech workers who had marched from their barracks singing Communist songs were overseeing the lengthening of airport runways <u>to</u> accommodate Russia's biggest jet planes and a new airline to Moscow.</p>	<p>O país é a Guiné; o sucesso alcançado pelos comunistas é um exemplo de mais sérias complicações que estão por vir.</p> <p>Charles Stevenson</p> <p>(1) O salão de espera do aeroporto estava apinhado de uma multidão remoinhante de russos, chineses-todos comunistas. Lá fora, um enorme avião soviético esperava por um personagem vermelho muito importante. -Nada de fotografias- previnha o guarda armado. Nas imediações, operários tchecos que tinham chegado em marcha dos seus alojamentos, cantando hinos comunistas, superintendiam o alongamento das pistas do aeródromo para tornar possível o pouso dos maiores aviões a jato da Rússia e o estabelecimento de uma nova linha aérea até Moscou.</p>

(2) The customs officers finally finished searching our luggage, the police ceased their suspicious questioning, and my wife and I were allowed into the country. No, we were not behind the Iron Curtain. All this took place this year 4500 miles south of Moscow—in deepest west-coast África. We were in Conakry, the capital of Guinea, a semi-autonomous part of France until it voted in 1958 to become an independent republic.

(3) In 11 years the French poured nearly 180 million dollars in investments, subsidies and public works into Guinea — population two and a half million. Yet today, only the long-robed Negroes who speak French, the tree-lined avenues and hibiscus hedged white, pink and yellow colonial homes remind you that the French were once here.

(4) If the French are absent, other foreigners are conspicuously present. Stroll through the wide lobby of the plush Hotel de France, and your every movement is studied by Soviet agents hiding self-consciously behind their newspapers. In the ministries Soviet technicians sit at their desks confidently shaping the new government. The bulk of the trade that used to go to the West is now going to the East. The Communists are building and staffing a printing plant and a radio station big enough to propagandize almost the entire African continent.

(5) The chilling truth is that under the guise of giving Guinea desperately sought assistance, Moscow is preparing the whole country as its staging area for a campaign whose goal is the domination of Africa. Even more chilling, developments in Guinea are living proof

(2) Os funcionários da alfândega cessaram por fim o exame de nossa bagagem, os policiais concluíram o seu desconfiado interrogatório, e eu e minha esposa tivemos permissão para entrar no país. Não, não estávamos atrás da Cortina de Ferro. Tudo isto aconteceu no ano passado, a 7.500 quilômetros ao sul de Moscou, bem no interior da costa ocidental da África. Estávamos em Conakry, a capital da Guiné, território semi-autônomo da França até 1958, quando, pelo voto popular, se tornou uma república independente.

(3) Em 11 anos os franceses derramaram na Guiné, cuja população é 2.500.000 habitantes, mais de 75 bilhões de francos de investimentos, auxílios e obras públicas. No entanto, hoje só os negros de vestes compridas que falam francês, as avenidas arborizadas e as residências coloniais brancas, cor-de-rosa e amarelas, com sebes floridas, lembram que os franceses estiveram ali noutro tempo.

(4) Mas se os franceses estão ausentes, outros estrangeiros estão visivelmente presentes. É só dar uns passos pelo vasto saguão do luxuoso Hotel de France, para que todos os nossos movimentos sejam observados por agentes soviéticos que intencionalmente se ocultam por trás dos seus jornais. Nos ministérios, técnicos soviéticos sentam-se confiantes em suas mesas de trabalho, organizando a seu modo o novo governo. O grosso dos negócios que antes costumavam ser feitos com o Ocidente hoje se faz com o Oriente. Os comunistas estão construindo e equipando com gente sua oficina tipográfica e uma estação de rádio suficientemente forte para fazerem propaganda em quase todo o continente africano.

(5) A arrepiante verdade é que a pretexto de dar à Guiné a ajuda de que ela tão desesperadamente precisa, Moscou está preparando o país inteiro para palco de ensaio de uma campanha cujo objetivo é a dominação da África. E, o que é ainda mais arrepiador, os acontecimentos da

that our diplomatic and foreign-aid apparatus, as now constituted, is scandalously incapable of combating the Soviets when they seriously set out to capture emerging nations.

(6) The Background. When the French withdrew from Guinea, all but 2000 of a 7000 got out as fast as they could. Five hundred French civil servants left almost overnight, paralyzing public services. Along with them disappeared important administrative records and the country's store of maps, even those that showed where phone wires reached. All the uniforms of the police and native troops, their side arms, jeeps, even their typewriters were returned to France.

(7) Few Guineans knew how to organize or maintain government and its services. With weapons gone, the police lacked means to preserve order. In despair, the president of Guinea, tall, handsome, 38-year-old Sekou Touré, appealed for U. S. emergency aid, especially police side arms. To this day our State Department has not even acknowledged receiving the weapons request! At first we waited for the French and the Guineans to make up; but after that our ponderous bureaucracy just couldn't get going.

(8) While we vacillated, the Kremlin eagerly leaped forward. Guinea possesses the world's largest and most accessible bauxite deposits-500 times as large as those of the United States and Russia combined—and extraordinarily rich iron reserves. Russia needs both.

(9) Within weeks Soviet-built airplanes piloted by Czechs were bringing in

Guiné são a prova palpável de que a diplomacia ocidental e o nosso sistema de auxílio ao estrangeiro, tal como hoje existem, são espantosamente incapazes de fazer frente aos soviéticos quando eles deliberarem seriamente conquistar novas nações.

(6) Causas Remotas. Quando os franceses se retiraram da Guiné, dos 7.000 integrantes da colônia francesa apenas 2.000 não deixaram o país o mais depressa que puderam. Quinhentos mil funcionários civis franceses desapareceram quase da noite para o dia, paralisando os serviços públicos. Juntamente com eles desapareceram importantes documentos públicos de natureza administrativa e a coleção de mapas e plantas do país, até mesmo as que indicavam a posição dos cabos telefônicos. Os uniformes da polícia e das tropas nativas, suas armas portáteis, seus jipes e até suas máquinas de escrever foram totalmente devolvidos à França.

(7) Poucos guinéus sabiam como organizar e manter um governo com seus serviços públicos. Sem armas, a polícia não tinha meios de manter a ordem. Em desespero, Sekou Touré, Presidente da Guiné, um homem de 38 anos de idade, elevada estatura e bela aparência, apelou para o auxílio de emergência dos Estados Unidos, pedindo em especial armas portáteis para a polícia. Até hoje o Departamento de Estado Norte-Americano ainda não acusou o recebimento do pedido de armas! A princípio esperou que os franceses e guinéus se compusessem; mas além disso não pôde ir a poderosa burocracia norte-americana.

(8) Enquanto Washington vacilava, o Kremlin oferecia-se pressurosamente. A Guiné possui as maiores e mais acessíveis jazidas de bauxita - 500 vezes maiores do que as dos Estados Unidos e da Rússia juntas - e reservas de ferro extraordinariamente ricas. A Rússia precisa de ambos esses minérios.

(9) Em poucas semanas aviões soviéticos pilotados por pilotos tchecos estavam

firearms, ammunition and police uniforms. En route, the planes laid out the course of a new airline —to link not only Guinea but neighboring Ghana to the Soviets. Iron Curtain and Red Chinese embassies were established. Trade pacts exchanging manufactured goods for Guinean bananas, pineapples and grapefruit were negotiated. The Guineans were too unsophisticated to specify what technicians they needed to help set up their government, so every few weeks the Soviets sent in another planeload of assorted administrators, engineers and specialists to fit themselves into jobs wherever they could find them. They came not as official representatives but in the guise of private work seekers, ready to live in a hotel or rooming house and get along on their own.

(10) Today Czech operators are key influences in the ministries of Economy and Plan and Finance. Czechs control and operate the airport. A Czech military mission has been instructing the army. A key man in the Bureau of Mines is a Pole. At least 60 Chinese specialists have moved in on the country's agriculture. The Russians make maps. A dozen Russians have already entrenched themselves in the educational system. Six or seven more are in strategic jobs in the port of Conakry, -where a submarine base could dominate much of the Atlantic. The only news-service in the country is that of the Soviets' official propaganda machine. All together, there are now about 200 Soviet-bloc technicians in the country, exerting their influence.

(11) How We Lagged. Not until five months after Guinea had declared its independence did our State Department

levando armas, munição e uniformes para a polícia. Aproveitando a viagem, os pilotos traçaram os rumos de uma nova linha aérea - para ligar não só a Guiné, mas também o vizinho Estado de Ghana à União Soviética. Estabeleceram-se embaixadas dos países da Cortina de Ferro e da China Vermelha. Firmaram-se acordos comerciais para a troca de produtos manufaturados por bananas, abacaxis e toronjas da Guiné. Os guineus eram demasiado ingênuos para especificar de que técnicos precisavam para ajudar a organizar a sua administração, de sorte que de poucas em poucas semanas os soviéticos mandavam novos aviões cheios de administradores, engenheiros e especialistas escolhidos para se adaptarem a qualquer ocupação onde quer que a encontrassem. Não vinham como representantes oficiais do Governo Russo, mas disfarçados de particulares à procura de emprego, dispostos a morar num hotel ou numa hospedaria e a viver à própria custa.

(10) Presentemente, homens de negócios tchecos exercem influência preponderante nos ministérios da Economia, das Finanças e do Planejamento. Tchecos controlam igualmente e administram o aeroporto. Uma missão militar tcheca esteve dando instruções ao Exército. Um dos homens mais credenciados do Departamento de Minas é um polonês. Pelo menos 60 especialistas chineses imigrantes foram dedicar-se à agricultura do país. Os russos fazem mapas. Uma dezena de russos já se entrincheirou no sistema educacional. Um número deles seis ou sete vezes maior ocupa posições estratégicas no porto de Conakry, onde uma base de submarinos poderia dominar a maior parte do Atlântico. O único serviço noticioso do país é o fornecido pela máquina oficial de propaganda soviética. Ao todo, existem hoje no país, exercendo influência em sua vida pública, cerca de 200 técnicos do bloco soviético.

(11) Como Washington se atrasou. Só cinco meses após a Guiné ter declarado a sua independência o Departamento de

get around to sending over one of its old China hands and a young assistant to open up an embassy. For four months these two men —U. S. charges d'affaires—operated out of suitcases, in a hotel room, with portable typewriter. Not until late July 1959 did John Howard Morrow, a personable Negro educator from North Carolina, arrive as the American ambassador. Our embassy finally was permitted to over 5000 tons of rice and 8000 tons of flour, on condition that Touré publicize the gift as generosity from America: When the first part of the shipment — 1500 tons of rice—arrived, the Guinean foreign minister dutifully went to the dock to be photographed watching it being unloaded. Just behind was a newly arrived vessel. Its cargo? An unsolicited 5000 tons of rice from Red China and a well-calculated message: - "Please, we specifically want no publicity, we just want to help."

- (12) President Touré is a man of gigantic importance to the Communists—and to us. He grew up in the African wing of the French Communist labor unions. Yet broke away from it. Fiercely nationalistic, eager to an Africa united in freedom, he is not only president of his country but the moral leader of an independent African labor movement with roots in the whole French community from northern Senegal to the Congo. Toure persisted in seeking American aid, for he knew what it could do. Before independence, the Olin Mathieson Chemical Corp. had invested in a Guinean bauxite and alumina enterprise which continued construction despite the sweeping political change. (The investment now totals 72 million dollars.)

- (13) Toure liked this and wanted to attract more such development. "Africa

Estado Norte-Americano providenciou o envio de um dos seus antigos representantes na China e de um jovem assistente para instalar uma embaixada. Durante quatro meses esses dois homens - encarregados de negócios dos Estados Unidos - trabalharam num quarto de hotel, dispendo apenas do que haviam levado em suas malas e de uma máquina de escrever portátil. Só em julho de 1959 John Howard Morrow, um educador negro, chegou ao país na qualidade de embaixador norte-americano. Afinal se permitiu que a embaixada oferecesse 5.000 toneladas de arroz e 8.000 toneladas de farinha de trigo, sob a condição de Touré dar publicidade àquele gesto de generosidade dos Estados Unidos da América. Ao chegar a primeira parte do embarque - 1.500 toneladas de arroz - o ministro do exterior guinéu compareceu devidamente ao cais para ser fotografado assistindo ao descarregamento. Logo atrás estava um navio recém-chegado. A carga era simplesmente cinco mil toneladas de arroz da China Vermelha, que ninguém pedia, e uma mensagem bem estudada: "Por favor, fazemos questão de que não haja publicidade; só queremos ajudar."

- (12) O Presidente Touré surgiu da ala africana dos sindicatos controlados pelos comunistas franceses, mas rompeu com eles. De um nacionalismo extremado, ansioso por uma África livre e unida, ele é não só o Presidente do seu país, mas também o líder espiritual de um movimento trabalhista africano independente, com raízes em toda a comunidade francesa, do Senegal, no extremo norte, ao Congo. Touré persistia em obter a ajuda dos norte-americanos. Antes da independência, a Olin Mathieson Chemical Corp. empregara capitais numa empresa de mineração da bauxita e do alumínio da Guiné, empresa que prosseguiu em suas atividades apesar da radical transformação política por que passara o país. (Seus investimentos totalizam hoje 72 milhões de dólares).

- (13) Touré apreciava isso e pretendia incentivar outros empreendimentos do mesmo gênero. "A África sabe que sem

knows that without capital it will have to wait years, perhaps Centuries, to develop itself,"- he said. Moreover, he needed the aid to offset the mounting Soviet influences and the demands of some of his politicians that they officially join the Soviet bloc in return for its favors.

(14) But nothing happened. When Toure pleaded for American technicians to help run his government, our multibillion-dollar International Cooperation Administration replied that its people could never take an active role in another country's government—they could only advise.

(15) The ICA made an economic survey of Guinea but refused to tell Toure what assistance it would give him unless he signed an agreement establishing an ICA mission and giving all ICA personnel the immunities and privileges of visiting diplomats. "If I grant such immunity I'll have to give it to all the Russians, Czechs, Poles and all their technicians,- Toure protested. "Why do your people have to be above our laws?- But ICA remained adamant.

(16) Touré journeyed to the United States in October 1959 seeking development loans, aid in attracting private investment and assistance for an educational program. But, because he still refused to grant diplomatic immunities to ICA personnel, he carried back home only 150 assorted scholarships to study in the United States.

(17) Toure had also publicly appealed through the U. S. press for 30 American teachers because he wanted English to become Guinea's second language. The response? The U. S. Information Agency sent one teacher. Only this summer did ICA belatedly send five Americans to conduct a short training course for

capital terá que esperar anos, talvez séculos para desenvolver-se.", afirmou ele. Além disso, necessitava de ajuda para anular a crescente influência soviética e as exigências de alguns políticos, no sentido de que o país aderisse oficialmente ao bloco soviético em retribuição pelos favores recebidos.

(14) Mas nada aconteceu. Quando Touré pediu técnicos norte-americanos para ajudá-lo a exercer o seu governo, a Administração de Cooperação Internacional (ACI), entidade norte-americana que dispõe de milhões de dólares, respondeu que o seu pessoal não poderia, em hipótese alguma, tomar parte ativa no governo de outro país - só poderia aconselhar.

(15) Procedeu a ACI a um levantamento econômico da Guiné, mas recusou-se a dizer a Touré que espécie de assistência lhe daria, se ele não assinasse um acordo criando uma missão de ACI e concedendo a todo o seu pessoal imunidades e privilégios diplomáticos. "Se eu conceder essas imunidades, terei de concedê-las também a todos os russos, tchecos e poloneses, e a todos os seus técnicos.", protestou Touré. "Por que razão há de o seu pessoal sobrepor-se às nossas leis" A ACI, entretanto, continuou intransigente.

(16) Touré viajou para os Estados Unidos em outubro de 1959, pedindo empréstimos para o desenvolvimento do país, auxílio para atrair capitais privados e assistência para um programa educacional. Como, porém, continuava recusando imunidades diplomáticas ao pessoal da ACI, voltou levando apenas 150 bolsas de estudo nos Estados Unidos da América.

(17) Touré apelara também, publicamente, através da imprensa norte-americana, para que lhe dessem 30 professores norte-americanos, pois era seu desejo fazer do inglês o segundo idioma da Guiné. Qual foi a resposta: a Agência de Informações dos Estados Unidos da América mandou um professor. Só em

Guinean English teachers. Meantime, however, Sailoulaye Drallo, the shrewd, thin-faced president of Guinea's parliament, went on his own good-will tour—to Moscow—and returned with a 15 million-dollar loan. Now his photograph hangs in Guinea's public buildings as big and as high as that of President Toure.

(18) Trappings of Communism. Now, with Soviet influences dominating Conakry, Guinea is taking on more and more of the trappings of Communism. There is an aggressive youth movement whose delegates are taken behind the Iron Curtain to be indoctrinated. More than 300 Guineans are undergoing training in Communist countries. More and more merchants are told to buy from large supplies imported by the government from behind the Iron Curtain as the result of the barter agreements and Soviet loans. Enough goods came through to enable a taltering economy somehow to cling together. Then suddenly the loose was tightened.

(19) Last March. The day is still known as Black Tuesday—it was announced at dawn over the radio that French African community francs henceforth were no longer legal currency and had to be turned in immediately for new national Guinean paper notes reportedly flown in from Czechoslovakia. foreign exchange. The new money could be used only locally, not for foreign exchange. By this slick maneuver the currency manipulators made it impossible for countries outside the Iron Curtain to do business with Guinea except on a barter basis. A ship en route to Guinea with too French automobiles had to unload at Bordeaux. Other non-

meados do ano passado, enviou a ACI, tardiamente, cinco cidadãos norte-americanos com a incumbência de ministrar um breve curso de treinamento para professores guinéus em língua inglesa. Nesse meio tempo, porém, Saifoulaye Diallo, o magricela e astuto presidente do Parlamento guinéu, efetuava a sua própria viagem de boamizade a Moscou, de lá regressando com um empréstimo de 35 milhões de Mares. Hoje seu retrato pode ser visto nos prédios públicos, do mesmo tamanho e com o mesmo destaque do retrato do Presidente da República.

(18) Enfeites do Comunismo. Agora, com a influência soviética predominando em Conakry, a Guiné está pondo cada vez mais enfeites do comunismo. Existe um agressivo movimento juvenil, cujos delegados são levados para trás da Cortina de Ferro, para ali serem doutrinados. Mais de 300 guinéus estão sendo treinados em países comunistas. Cada vez mais se recomenda aos comerciantes que se abasteçam com os grandes suprimentos de mercadorias importadas pelo governo dos Países situados atrás da Cortina de Ferro, em virtude de acordos comerciais e empréstimos soviéticos. Por esse processo vai o país recebendo mercadorias bastantes para permitir que dê certo modo a sua vacilante economia se firme. E então, subitamente, o laço foi apertado.

(19) No dia 1o. de marco de 1960-o dia ficou sendo conhecido como a Terça-Feira Negra—o rádio anunciou, de madrugada, que os francos em circulação nos países da comunidade de nações francesas já não seriam considerados moeda de curso legal, devendo ser trocados imediatamente pelo novo papel-moeda nacional da Guiné, cujas cédulas se diziam importadas da Tchecoslováquia. O novo dinheiro só poderia ter uso local, não se prestando ao câmbio. Mediante essa habilidosa manobra, os manipuladores da moeda corrente impediram que os países fora da Cortina de Ferro negociassem com a Guiné, a não ser na base de trocas. Um navio em viagem para a Guiné com um

Communist vessels struck Conakry oil as a port of call. The French who had continued to buy half the banana crop after independence, now had to cut off the market entirely. Shipping dropped off. Unemployment grew.

(20) The total effect has been to put the country virtually at the mercy of the Communists. To console the Guineans there are dazzling promises of a cement works, a timber mill, a dual highway, a cannery, a cold-storage plant, a luxury hotel, a stadium seating 25,000, a 17,000-acre state rice farm (to be established by 700 Red Chinese), a polytechnic institute. For the latter, Toure wanted an American to teach American civilization, so who turned up in the job but Alphaeus Hunton, trustee of a fund which put up bond for the 11 top Communists convicted 11 years ago in Federal Court.

(21) Recently Guinea was inveigled into hosting a Communist-dominated Afro-Asian People's Solidarity Conference which adopted resolutions denouncing the "crimes, shameful repression and genocide of the French, British and American imperialists." Indeed, the country is being so shaped by the Communists that when 19 persons were condemned to die not long ago for plotting against the new government, they were tried not in courts of law but in Communist-style "people's courts" made up of party and youth-movement leaders.

carregamento de 100 automóveis de fabricação francesa teve de desembarcar a sua carga em Bordéus. Outros navios não comunistas riscaram Conakry do seu itinerário como porto de escala. Os franceses, que tinham continuado a comprar a metade da produção de bananas do país, depois da sua independência, tiveram então de interromper por completo as suas compras. Caíram os embarques. Aumentou o desemprego.

(20) De modo geral, o resultado foi ficar o país praticamente a mercê dos comunistas. Para consolar os guinéus, foram-lhes feitas promessas sedutoras—uma fábrica de cimento, uma serraria, uma auto-estrada com duas pistas, uma fábrica de enlatados, um frigorífico, um hotel de luxo, um estádio com 25.000 lugares, uma plantação de arroz com uma área de 7.000 hectares, administrada pelo governo (a ser preparada por 700 comunistas chineses), e uma escola politécnica. Para este último, Touré queria um americano para ensinar civilização americana, e quem apareceu para o trabalho senão Alfeu Hunton, administrador de um fundo para 11 comunistas condenados há 11 anos pela Justiça Federal Norte-Americana

(21) Há pouco a Guiné foi seduzida a realizar uma Conferência de Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos patrocinada pelos comunistas, a qual adotou resoluções que denunciam os "crimes, a vergonhosa pressão e o genocídio praticados pelos imperialistas franceses, ingleses e norte-americanos". Com efeito, de tal modo o país está sendo moldado pelos comunistas, que, recentemente, quando 19 pessoas foram condenadas a morte, por conspirarem contra o novo governo, o seu julgamento não se fez nos tribunais regulares, mas sim, segundo o estilo comunista, perante os tribunais populares compostos de líderes do Partido Comunista e dos movimentos juvenis influenciados por este.

(22) Nas suas transmissões, a rádio da

(22) The Chinese Communist radio in broadcasts beamed to all Africa continues its warning: "Beware Africa America bargains for your soul. Don't let the West invest. White Americans seek an investment at high interest to bind you in serfdom to their businesses. America is tempting your leaders." Guinea was assured that Red China would come to its aid "within 48 hours in the event of imperialist attack."

(23) Then, finally, the Communists used Guinea as a hop-off point for their designs on the Congo. Indoctrinated Guineans were filtered down to Leopoldville to influence Premier Patrice Lumumba toward Moscow. Guinea was reduced to the role of a pawn in the Soviet power play.

(24) Our Peril. Americans in Africa know that the conditions which paralyzed our federal aid in Guinea will turn up in country after country. They also know that a glittering Red showcase in Guinea can spread the cancer of Communism far and wide. The African people everywhere are ripe for almost any scheme which promises to transform economic ignorance and ineptitude into sudden wealth and happiness.

(25) Nevertheless, too many of our policy-makers and legislators in the past have brushed aside both the threat and the opportunity, giving as their excuse that America is somehow not geared to cope with the problems that are entailed. "We can't be as efficient as the Communists in getting aid to these underdeveloped countries," a high State Department official insisted to me. -The Reds can be flexible and make up their rules as they go along. We have to answer to Congress."

China Comunista berrava para que toda a África continuasse vigilante: "Cuidado, África, os Estados Unidos da America querem dominar-vos. Não aceiteis capitais do Ocidente. Os brancos norte-americanos pretendem, empregando o seu capital a juros elevados, manter-vos escravizados aos seus negócios. Os Estados Unidos estão seduzindo os vossos líderes." Assegurou-se a Guiné que a China Vermelha iria em seu socorro "dentro de 48 horas, no caso de uma agressão imperialista".

(23) E, finalmente, os comunistas utilizaram a Guiné como trampolim para alcançar os seus objetivos no Congo. Guinéus doutrinados filtraram-se até Leopoldville, para influenciar o Primeiro-Ministro Patrice Lumumba, atraindo-o para Moscou. A Guiné ficou sendo a mão-de-gato com que os soviéticos vão tirando de onde querem as suas sardinhas.

(24) Os norte-americanos que vivem na África sabem que as condições que fizeram cessar o auxílio federal de seu país a Guiné se reproduzirão em muitos outros países, um após outro. Sabem também que uma reluzente vitrina vermelha montada na Guiné poderá propagar o câncer do comunismo numa extensão sem limites. O povo africano está preparado para confiar, a bem dizer, em qualquer promessa de transformação da sua ignorância e inépcia econômica em súbita riqueza e felicidade.

(25) No entanto, muitos dos nossos políticos e legisladores, no passado, deixaram de lado tanto a ameaça quando a oportunidade, afirmando como desculpa que a América é de alguma forma não orientada para lidar com os problemas que lhe são inerentes. "Nós não somos tão eficientes quanto os comunistas na obtenção de ajuda a esses países subdesenvolvidos", insistiu um alto funcionário do Departamento de Estado. - Os Vermelhos podem ser flexíveis e fazer suas regras à medida que avançam. Nós temos que responder ao Congresso."

(26) Ouve-se esta reclamação

(26) One hears this disclaimer time and again. But it is just not true. What has happened in Guinea only proves that we haven't used our imaginations and brains. As is stressed by a recent study of the Stanford University Research Institute, neither have we used our greatest economic asset: the resources of our free-enterprise system. In the 18 months since an Office of Private Enterprise was established within ICA to answer demands from underdeveloped nations: 40 of our aid missions around the world have sought its assistance. As yet only three full-time "private enterprise officers" have been sent abroad.

(27) The need for us to think in new dimensions is obvious. The only weapon we have which the Communists cannot duplicate is private enterprise. Indeed, even through the months while the U. S. government permitted Guinea to drift toward Communism, the Olin Mathieson Corp. and other industrial leaders stood ready to pour perhaps 150 million dollars into Guinea to develop its bauxite resources further, and to open the Way to other vast undertakings, including a mighty power dam—if the U.S. government would provide certain guarantees and small amounts of supporting aid. However, only recently did the State Department yield to the pleas of the businessmen and its own African specialists and make Guinea a firm offer in support of the development program.

(28) By this time Touré had been pulled so close to Moscow that there was little confidence in his ability to turn back. Help from the United States could mean only a foot-in-the-door opportunity to fight back the Red colonialism that has been swallowing his country. But it is the business-type trading proposition that Touré wanted; had it been granted at the

constantemente. Mas não é apenas a verdade. O que aconteceu na Guiné é prova de que nós não usamos nossa imaginação e cérebro. Como foi ressaltado por um estudo recente do Instituto de Pesquisa da Universidade de Stanford, não temos usado o nosso maior patrimônio econômico: os recursos do nosso sistema de livre iniciativa. Desde que o Gabinete da Indústria Privada foi criado há 18 meses pela ACI para responder às demandas de países subdesenvolvidos; 40 de nossas missões de ajuda ao redor do mundo têm procurado sua assistência. Até o momento apenas três "oficiais da iniciativa privada" foram enviados para o exterior onde estão trabalhando em tempo integral.

(27) É manifesta a necessidade de Washington imprimir novos rumos a sua orientação. A única arma de que os comunistas não dispõem é a da iniciativa privada. De fato, mesmo nos meses em que o Governo Norte-Americano deixou que a Guiné derivasse para o comunismo, a Olin Mathieson Corp. e outras importantes organizações industriais norte-americanas continuavam dispostas a verter talvez até 150 milhões de dólares na Guiné, para aproveitar ainda mais os seus recursos de bauxita e abrir caminho para outros grandes empreendimentos, entre os quais se incluía uma importante represa hidrelétrica desde que o Governo Norte-Americano lhes desse certas garantias e pequeno auxílio em dinheiro. Mas há pouco o Departamento de Estado atendeu a tais apelos, fazendo a Guiné uma proposta séria de auxílio ao seu programa de desenvolvimento.

(28) A essa altura Touré se aproximara tanto de Moscou que restava pouca esperança de que fosse capaz de recuar. A ajuda dos Estados Unidos da América poderia significar apenas uma fugaz oportunidade de combater o colonialismo vermelho que vem tragando o país. Mas o que Toure desejava eram as propostas de intercâmbio em bases comerciais; se lhe tivessem sido feitas no começo, o país já poderia estar consolidando uma economia em que poderia assentar uma infalível

<p>outset the country could already be building an economy on which to found a strong independence.</p> <p>(29) Why not consider this kind of approach in meeting Moscow's threat around the world? We need missions headed by American business experts who can swiftly go to the aid of needy countries. Free of diplomatic encumbrances and the red tape that bog down government officials, such men could make a significant impact. If they were responsible directly to the White House, they could devise ways to combine our free-enterprise resources with supplemental federal aid and start the underdeveloped nations toward <i>real</i> independence.</p> <p>(30) We dare not let the kind of disaster that overtook Guinea be repeated. Our urgent need now is for swift and imaginative <i>action</i>.</p>	<p>independência.</p> <p>(29) Por que não considerar essa forma de combate a ameaça moscovita no mundo inteiro? Missões chefiadas por peritos norte-americanos em negócios poderiam ir rapidamente em auxílio dos países necessitados. Livres das complicações diplomáticas e da burocracia que atola os representantes do poder público, esses homens poderiam causar um impressionante impacto. Subordinados diretamente a Casa Branca, poderiam imaginar meios de combinar os recursos da livre-empresa com o auxílio suplementar federal, conduzindo assim os países subdesenvolvidos a uma verdadeira independência.</p> <p>(30) O tipo de desastre que subjogou a Guiné não deve repetir-se. Ação rápida e inteligente, eis o que é preciso, agora, com urgência.</p>
--	---

TEXTO 2

WHY EUROPE TURNED AWAY FROM SOCIALISM

Almost every country in the Western Europe has had long and unhappy experience with a government-controlled, restrictive economy. Today most of these nations share a freer and more competitive system—and unparalleled prosperity

Condensed from *The Freeman*

William Henry Chamberlin

- (1) I brought back two dominant impressions from a recent 15-week trip to Western Europe. The first was of self-sufficient well-being, reflected in full shop windows, roads jammed with automobiles, resort centers crowded, industrial-output figures zooming to new heights. The second was that socialism in Europe has gone into deep

POR QUE A EUROPA ABANDONOU O SOCIALISMO

Quase todos os países da Europa Ocidental já tiveram longa e desagradável experiência de uma economia restritiva, controlada pelo governo. Hoje a maioria dessas nações adotou um sistema de mais liberdade e competição—e goza de prosperidade nunca vista

William Henry Chamberlin

Condensado de "*The Freeman*"

- (1) VOLTEI DE UMA recente viagem de 15 semanas pela Europa Ocidental com duas impressões predominantes. A primeira foi a do bem-estar auto-suficiente refletido nas vitrinas repletas das lojas, nas estradas congestionadas de automóveis, nas multidões que afluem aos lugares de recreio, nas cifras que exprimem a produção industrial elevando-se a novas

<p>eclipse.</p> <p>(2) Indeed, these two impressions are closely interrelated. As people become more prosperous, they lose interest in socialist dogmas. And as they discard or abate such socialist practices as rationing, rent control and nationalization, they automatically become more prosperous.</p> <p>(3) It is in fact remarkable how the simple truths of classical economics, if given a chance to work, prove their validity in practice. Belgium, for instance, is the one country in Western Europe that has thoroughly scrapped rent control. It is also one where getting an apartment is not a major problem. Similarly, though the British Conservatives had considerable misgivings when they gave up meat rationing and carried out a limited decontrol of rents after coming into power in 1951, neither of these measures led to dire consequences. Meat prices did not go into the stratosphere. The British people today enjoy the widest range of food and consumer goods since the end of the war. And private building of apartments, stimulated by the partial rent decontrol, has picked up enormously.</p> <p>(4) The eclipse of European socialism can best be measured by taking a backward look—at Western Europe as it was immediately after the war. Britain had swept the Labor Party into power. In France, Italy and Belgium at that time, Communists as well as socialists sat in coalition governments. In occupied Germany. American military-government officials, naively misguided, were forcing Communists on German newspapers and radio stations.</p>	<p>alturas. A segunda foi a de que o socialismo, na Europa, entrou em profundo eclipse.</p> <p>(2) A bem dizer, estas duas impressões se relacionam intimamente. A medida que as pessoas se tornam mais prósperas vão perdendo o interesse pelos dogmas socialistas. E, quando abrem mão de práticas socialistas como racionamento, leis de inquilinato e nacionalização de empresas, automaticamente se tornam mais prósperas.</p> <p>(3) É na verdade notável como elementares verdades econômicas, desde que se lhes dê oportunidade de atuação provam na prática a sua validade. A Bélgica, por exemplo, é o único país da Europa Ocidental que aboliu definitivamente o controle dos aluguéis. É também onde não se tem dificuldade em arranjar um apartamento. Assim também, embora os conservadores britânicos tenham tido sérias preocupações, ao acabarem com o racionamento da carne e aprovarem leis que diminuíram o controle dos aluguéis, após subirem ao poder, em 1951, nenhuma dessas medidas teve conseqüências lamentáveis. Os preços da carne não chegaram a estratosfera. O povo inglês dispõe hoje da maior variedade de gêneros alimentícios e de artigos de consumo desde o fim da guerra. E a construção de apartamentos por particulares, estimulada pelo parcial descongelamento dos aluguéis, aumentou enormemente.</p> <p>(4) O eclipse do socialismo europeu pode ser mais bem avaliado se olharmos para trás—para a Europa Ocidental como era imediatamente após a guerra. A Grã-Bretanha alçara o Partido Trabalhista ao poder. Na França, na Itália e na Bélgica, a esse tempo, comunistas e socialistas participavam de governos de coalizão. Na Alemanha ocupada, funcionários do governo militar norte-americano, ingenuamente mal orientados, estavam impondo comunistas aos jornais e estações de rádio alemães.</p> <p>(5) As modificações políticas que se</p>
---	--

(5) The political changes which one finds in Europe today are profound. There is no longer any reasonable fear of a Communist coup. The socialists are also at a low ebb. Three times running, in both Great Britain and Germany, a socialist party and a conservative party have fought in national elections. In both countries the conservatives won three straight and, what is more significant, increased their majority each time. Meanwhile the membership of the French Socialist Party has declined from 350,000 to 120,000. And in Belgium and the Netherlands, socialists are now out of the coalition governments which normally rule these countries. Only in Scandinavia, where a mild brand of socialism has become a habit, and in Austria do socialists have any direct influence on administration.

(6) Europe's economic orchestra is now in tune. In all the larger countries the men who make the vital economic decisions are in agreement on such points as the desirability of currency convertibility and free movement of men, goods and capital across frontiers: and in rejecting direct measures of state intervention in times of economic stress, in favor of indirect measures such as raising interest rates.

(7) Various factors, some national, some international, have contributed to the political downfall of British socialism. But the overriding element in the Conservative victory last year was the relative ease of British living conditions after eight years of Conservative administration, compared with the bleak austerity from 1945 to 1951 when the Labor Party was in power. In fairness, it should be recognized that immediately after the war life would have been hard in Great Britain under any government. But what can reasonably be charged against the Laborites—and what cost them a good many marginal votes at the

observam na Europa de hoje são profundas. Já não existe o receio, antes de certo modo justificável, de um golpe comunista. Os socialistas estão também em dificuldades. Três vezes seguidas, não só na Grã-Bretanha como na Alemanha, um partido socialista tem disputado eleições com outro conservador. Em ambos os países os conservadores ganharam sucessivamente e, o que é mais significativo, aumentaram cada vez a sua maioria. Enquanto isso, o número de filiados ao Partido Socialista Francês diminuiu de 350.000 para 120.000. Na Bélgica e na Holanda os socialistas estão hoje fora dos governos de coalizão que normalmente ocupam o poder nesses países. Só na Escandinávia, onde uma forma branda de socialismo se tornou um hábito, e na Áustria, os socialistas exercem efetivamente alguma influência direta na administração.

(6) A orquestra econômica da Europa está agora afinada. Em todos os grandes países os homens que tomam as decisões econômicas de importância vital concordam em pontos como a conveniência da conversibilidade monetária e da livre movimentação de indivíduos, bens e capitais através das fronteiras, e a rejeição de medidas de intervenção direta do Estado em momentos de crise, preferindo as medidas indiretas, como o aumento das taxas de impostos.

(7) Diversos fatores, uns nacionais, outros internacionais, têm contribuído para o desprestígio político do socialismo britânico. Mas o elemento preponderante na vitória conservadora de 1959 foi a relativa facilidade das condições de vida na Grã-Bretanha, depois de oito anos de governo conservador, em comparação com a fria austeridade dos anos de 1945 a 1951, em que o Partido Trabalhista esteve no poder. Reconheça-se, contudo, com justiça, que imediatamente depois da guerra a vida na Grã-Bretanha teria sido difícil com qualquer governo. Mas o que razoavelmente se pode alegar contra os trabalhistas—e o que lhes custou uma boa quantidade de votos flutuantes nas

<p>polls—is that they continued rationing and other controls far beyond the time when austerity was really unavoidable.</p> <p>(8) Another unhappy memory associated with Labor administration is of scores of little frustrations and inconveniences: without special permits it was a crime for a man to repair the leaky roof of his own house, for example. Conservative election posters showing the more comfortable, less harassed life of the present time, with the admonition, -Dont let Labor spoil it.- found a receptive audience.</p> <p>(9) One finds this same drift away from conventional socialism in German. When Finance Minister Erhard started his experiment in a free-market economy (after a long period of wage and price control under the Nazis and under the occupation), Social Democratic spokes-men thundered that it would make the rich richer and the poor poorer. But this line of attack boomeranged as real wages increased rapidly and steadily.</p> <p>(10) In the last elections, one the most popular slogans of the winning part , the Christian Democratic Union, was Keine Experimente, - Proved prosperity under a system of comparative free enterprise was attractive to the majority of the voters and there was no desire to tamper with it.</p> <p>(11) It was a special national problem, the protracted guerrilla war in Algeria, that made for the return to power in France of General Charles de Gaule. But, once in, de Gaulle impised a regime of order and sanity in French economics and finance which has worked wonders in giving France a stable currency and in replenishing its</p>	<p>urnas—e que eles levaram o racionamento e as outras formas de contrôle estatal muito além do período em que a austeridade era realmente inevitável.</p> <p>(8) Outra desagradável lembrança associada ao governo trabalhista diz respeito a uma porção de pequenas inconveniências e frustrações: sem licença especial era crime, por exemplo, alguém reparar as goteiras do telhado de sua própria casa. Cartazes eleitorais dos conservadores, mostrando a vida melhor e menos atribulada dos dias de hoje, com a advertência, "Não deixe o Trabalhismo estragar isto", repercutiram favoravelmente no espírito público.</p> <p>(9) Observa-se esse mesmo afastamento do socialismo convencional na Alemanha. Quando o Ministro da Economia Erhard começou a por em prática o seu sistema econômico de mercado-livre (depois de um longo período de contrôle dos preços e dos salários, sob o domínio dos nazistas e no período da ocupação, porta-vozes social-democratas vociferaram que o sistema tornaria os ricos mais ricos e os pobres mais pobres. Mas os ataques dessa natureza recaíram sôbre os próprios atacantes, quando se viu os salários aumentarem rápida e constantemente.</p> <p>(10) Nas últimas eleições um dos lemas mais populares do partido vencedor, a União Cristã-Democrática, foi Keine Experimente, "Nada de Experiências". A comprovada prosperidade sob um sistema de relativa liberdade de iniciativa atraiu a maioria dos eleitores, e ninguém tinha desejo de mexer com ele.</p> <p>(11) Um problema nacional particular, as prolongadas guerrilhas na Argélia, contribuiu para o retorno ao poder, na França, do General Charles de Gaulle. Porém, uma vez no governo, de Gaulle impôs um regime de ordem e sanidade às finanças e à economia francesas, que tem operado maravilhas, dando a França uma moeda estável e restaurando as suas reservas de ouro e Mares. O comércio</p>
---	---

gold and dollar reserves. Foreign trade has been liberalized and France, as a member of the European Economic Community, has assumed the obligation of exposing its industry to the increasingly free competition of the other members of the Community.

(12) Far from being a wave of the future, socialism in Western Europe now looks more and more like an obsolete relic of the past. For Europe today, having turned away from rationing and controls and full-scale state planning and state meddling, which were characteristic immediately after the war, is riding the crest of a wave of prosperity. Several European countries—Great Britain, Germany, France, Belgium and Switzerland (always true to the principles of economic individualism)—could quite conceivably within the next decade rival today's America in terms of per capita consumption of food and consumer goods, in housing, even in motor transport. Intelligent socialists are more and more willing to admit the need for rethinking their principles. A prominent British trade-unionist made these remarks on the eve of the recent British election:

(13) "Few workers give a pin now about nationalization. Just as a matter of prestige and consistency the Labor Party put in a proposal to renationalize steel and motor trucking; but you will probably hear no more about it. What the workers in Great Britain are interested in is not socialism in the Marxist sense; it is more social equality—the sort of thing you have in America—more chance, for instance, for the poor boy who is bright and capable to go to the best schools and colleges."

(14) Effective in destroying Marxism as a vital faith in Europe has been the

exterior foi liberado, e a França, como membro da Comunidade Econômica Européia, comprometeu-se a deixar a sua indústria sujeita a crescente livre-concorrência dos demais membros da comunidade.

(12) Longe de ser uma vaga do futuro, o socialismo na Europa Ocidental parece cada vez mais uma obsoleta relíquia do passado. Porque a Europa de hoje, tendo-se afastado do racionamento e de todas as outras formas de controle exercido pelo Estado, que caracterizaram o período administrativo imediatamente posterior a guerra, está avançando na crista de uma onda de prosperidade. Vários países europeus—a Grã-Bretanha, a Alemanha, a França, a Bélgica e a Suíça (sempre fiel aos princípios da economia individualista)—poderão perfeitamente, dentro do próximo decênio, rivalizar com a América de hoje, em termos de consumo de alimentos e mercadorias per capita, assim como em disponibilidades de habitações ou mesmo de transporte motorizado. Os socialistas inteligentes cada vez mais tendem a admitir a necessidade de reformular seus princípios. Um destacado líder sindical britânico fez as seguintes observações às vésperas das recentes eleições na Grã-Bretanha:

(13) "Hoje poucos trabalhadores dão qualquer importância a nacionalização. Apenas por uma questão de prestígio e Constância, o Partido Trabalhista apresentou um projeto de renacionalização das fundições de aço e fábricas de automóveis; mas é muito provável que tudo não passe do projeto. O que interessa aos trabalhadores na Grã-Bretanha não é o socialismo no sentido marxista; é a maior igualdade social—que se encontra nos Estados Unidos—maior oportunidade, por exemplo, para o menino pobre inteligente frequentar os melhores colégios."

(14) O que efetivamente tem destruído o marxismo na Europa como fé inabalável é a penetração do sistema de vida norte-americana. Pela primeira vez o operário europeu especializado vê uma

penetration of American ways of life. The first time in history, the European skilled worker sees the opportunity of becoming a house owner and a car owner, of enjoying an annual vacation in some foreign land. His wife is getting used to such household laborsaving devices as the refrigerator and washing machine. And the American image of individual opportunity and un-planned abundance looks more attractive to him than the Soviet image of planned scarcity and continual sacrifice of present enjoyment for what is represented as the benefit of future generations.

(15) The “proletariat,” or industrial working class, never became as badly off as Marx prophesied. But up to World War II there was a gulf, social and economic, between the manual workers and the middle classes in Europe that was not paralleled in the United States. It was much more difficult to move from one “class” into another.

(16) Now, however, the European “proletariat,” - instead of becoming poorer, more numerous and more revolutionary as Marx-predicted, is fully sharing in the improved well-being. Indeed, it is almost disappearing as a result of the leveling, upward and downward, that has been a marked feature of postwar Europe.

(17) To say that European socialism is in eclipse does not mean that European economies are run along lines which economic libertarians would endorse. Conservative and moderate parties today accept measures of government intervention and social welfare legislation that their fathers and grandfathers would have vigorously fought as socialistic.

(18) But what is unmistakably true and significant is that Marxism, once a powerful faith in Europe, has been consigned to the mothballs. Europe was

oportunidade de ter casa e automóvel próprios, e de férias anuais num país qualquer do estrangeiro. Sua esposa está se acostumando aos aparelhos domésticos que lhe poupam trabalho. E a imagem norte-americana da oportunidade individual e da abundância não planejada parece-lhe mais atraente do que a soviética, de escassez planejada e de permanente sacrifício do conforto no presente pelo que representado como o benefício das gerações futuras.

(15) O “proletariado”, ou a classe operária industrial, jamais se tornou tão necessitado quanto Marx profetizou. Mas até a Segunda Guerra Mundial havia entre o trabalhador manual e as classes médias da Europa uma barreira, social e econômica, que não tinha paralelo nos Estados Unidos. Era muito mais difícil ascender de uma “classe” para outra.

(16) Hoje, porém, o “proletariado” europeu, em vez de se tornar mais pobre, mais numeroso e mais revolucionário, como Marx predisse, beneficia-se plenamente do maior bem-estar geral. Em verdade, está quase desaparecendo, em consequência do nivelamento para cima e para baixo, que tem sido um traço característico da Europa do pós-guerra.

(17) Alegar que o socialismo europeu está em eclipse não quer dizer que a economia europeia esteja sendo orientada por normas que os economistas liberais endossariam. Os partidos conservadores moderados admitem hoje medidas de intervenção governamental e leis de previdência social que seus pais e avós teriam combatido energicamente como socialistas.

(18) Mas o que é verdadeiro e significativo e que o marxismo, antes poderosa doutrina na Europa, está hoje guardado em naftalina. Ao fim da guerra a Europa teve dois caminhos a escolher: um conduzia ao mais radical socialismo, o outro as economias mistas dos nossos dias. Com grande benefício para a sua

<p>faced at the end of the war with a choice of two roads, one leading to out-and-out socialism, the other to the mixed economies of the present. To the considerable benefit of its economic health and general well-being, Europe, for the most part, has chosen this second road.</p>	<p>saúde econômica e bem-estar, preferiu, na sua maior parte, seguir este último.</p> <p>Nota de rodapé: WILLIAM HENRY CHAMBERLIN, há muito um correspondente estrangeiro e comentarista político de renome, é o autor de <i>The Russian Enigma</i>, <i>America's Second Crusade</i> e outros livros.</p>
--	---

TEXTO 3

<p>RED CHINA REACHES FOR WORLD POWER</p> <p>In most of the countries of Asia, Africa and Latin America, new faces are beginning to appear. The Red Chinese, bearing gifts, invitations, trade offers and propaganda, are making a concerted play for friends, disciples and subjects</p> <p>By LELAND STOWE Former chief of the News and Information Service of Radio Free Europe; author of "Conquest by Terror: The Story of Satellite Europe</p> <p>(1) For the first time in its 4000-year history, China today is conducting a vast, openly avowed offensive for world-wide political-economic expansion and domination. Its chief targets are Asia, Africa and Latin America, whose one billion people hold the balance of power in the struggle between Communism and freedom.</p> <p>(2) The Red Chinese use all the Kremlin's devious techniques and have added some new ones. They shrewdly capitalize on their unique attraction for color-conscious races, present their country's industrial growth as the supreme model for all starting-from-scratch nations, and out-Marx the Soviets in aggressive support of revolutions everywhere.</p>	<p>A CHINA COMUNISTA QUER SER POTÊNCIA MUNDIAL</p> <p>Em quase todos os países da Ásia, da África e da América Latina estão aparecendo caras novas. São os emissários da China Comunista, que, com presentes, convites, ofertas de negócios e propaganda, estão levando a cabo um intensivo trabalho de proselitismo.</p> <p>Leland Stowe Ex-chefe do Serviço de Noticiário e Informações da Rádio Europa Livre</p> <p>(1) PELA PRIMEIRA vez em seus 4.000 anos de História a China está desencadeando uma vasta e confessada ofensiva de âmbito mundial em busca de expansão e domínio no campo econômico-político. Principais objetivos: Ásia, África e América Latina, cujo bilhão de habitantes representa o fiel da balança do poder, na luta entre o comunismo e a liberdade.</p> <p>(2) Os chineses comunistas utilizam todas as técnicas escusas do Kremlin e acrescentaram outras novas. Com grande habilidade, eles exploram uma atração muito própria pelos países que tem problemas raciais, apresentam o seu desenvolvimento industrial como supremo modelo para aquelas nações que tentam recuperar-se, e se mostram mais marxistas do que os próprios soviéticos nos processos de apoio agressivo as revoluções, onde quer que elas ocorram.</p>
---	--

(3) To undermine Western influences, they conduct a nonstop "Hate America" campaign. The United States, to quote a recent Peiping harangue, is the "most rapacious of colonialists," the "most vicious enemy of independence movements." Behind such smoke screens, China's strategy for subversion has four main branches: cultural "person-to-person" contacts; foreign trade; propaganda; political infiltration.

(4) Cultural Penetration. What Peiping calls "people's diplomacy"—exchange visits by private citizens—provides an extraordinarily effective weapon to win sympathy and support abroad. Three- and six-week China tours—free—lure thousands from every continent.

(5) Usually recruited in groups of ten to 30 persons, these "delegations" consist largely of non-Communist opinion-molders: journalists, politicians, scholars and teachers, artists and musicians, businessmen. To make guests feel important—and grateful—high Communist officials greet nearly all tourist groups. The visitors get red-carpet treatment, with regal banquets, receptions, Operas and plays. They are carefully escorted away from the seamy sides of life in China.

(6) "We never saw the machinery of oppression," a high Tunisian official told me. "For us the secret police were invisible." An alert Arab editor, during his two-week stay in Peiping, was never permitted to enter one public restaurant or café. When he tried to mingle with Shanghai's after-dinner street life, his guide hustled him to the hotel "to get a good sleep for an early start tomorrow."

(3) Para solapar a influência do Ocidente, conduzem uma implacável campanha de ódio aos Estados Unidos. Estes—segundo uma recente arenga de Peipim—representam "o mais rapace dos colonialistas", o "mais vil inimigo dos movimentos de independência". A coberto de tais cortinas de fumaça, a estratégia de subversão chinesa tem quatro ramos principais: contatos culturais entre pessoas, individualmente; comércio internacional; propaganda; infiltração política.

(4) Penetração Cultural. O que Peipim denomina "diplomacia popular"—troca de visitas entre cidadãos comuns—corresponde a um instrumento extraordinariamente eficaz para conquistar a simpatia e o apoio no exterior. Excursões de três a seis semanas na China, com as despesas pagas, atraem milhares de visitantes de todos os continentes.

(5) Recrutadas geralmente em grupos de dez a 30 pessoas, essas "delegações" são integradas principalmente por não comunistas com influência na formação da opinião pública: jornalistas, políticos, estudantes, professores, artistas, músicos, homens de negócio. Para que os hóspedes se sintam importantes—e gratos—quase todos os grupos são recebidos por autoridades comunistas graduadas. Os visitantes gozam do tratamento especial concedido aos mais ilustres hóspedes, com régios banquetes, recepções, óperas, etc., mas são mantidos cuidadosamente a margem dos aspectos negativos da vida na China.

(6) —"Jamais deparei com indícios da máquina de opressão"—disse-me um funcionário tunisino.—Para nós a polícia secreta se manteve invisível. Um atilado jornalista árabe, durante duas semanas de estada em Peipim, não conseguiu entrar num restaurante ou num bar. Quando tentou passear de noite pelas ruas de Xangai, seu guia forçou a recolher-se ao hotel "para um sono reparador, pois vamos sair cedo amanhã".

(7) In the capital, there are gigantic Mass rallies and spectacular pageantry designed to impress visitors with the regime's power and dynamism. There is always something going on: May Day fetes, youth and athletic festivals, "peace" demonstrations, Afro-Asian or trade-union conferences. More than 3500 foreigners from some 75 countries attend the annual October anniversary celebrations.

(8) Notable Peiping guests have included a Pakistani prime minister; an ex-prime minister of Morocco; the inspector-general of Cuba's army; Yoshio Suzuki, head of a Japanese socialist party; the speaker and many members of Indonesia's parliament; ministers of education from the United Arab Republic and Guinea; and, significantly, two intimates of Congo Premier Lumumba: his private secretary and his defense minister.

(9) Ardently wooed are women's delegations, especially from African and Asian countries. Said a veteran Western diplomat: "The Chinese Communists have recognized that women are a tremendous influence in underdeveloped areas."

(10) Many tourists are awed by what they are "allowed to see, and on their return home serve as effective unpaid propagandists for Red China. Most influential are prominent non-Communists, even conservatives, who publicly laud the regime's material accomplishments but, as recent guests, feel impelled to soft-pedal criticism. Dailies in Montevideo, Bogotá and other South American capitals have headlined tributes to China's "impressive experiment", based on tourist testimony.

(7) Organizam-se na capital comícios gigantescos e paradas espetaculares, buscando impressionar os visitantes com o poderio e o dinamismo do regime. Há sempre um programa em curso: comemorações de maio, festivais da juventude, competições atléticas, demonstrações em favor da "paz", conferências afro-asiáticas ou sindicais. Mais de 3.500 estrangeiros, procedentes de cerca de 75 países, comparecem anualmente em outubro aos festejos de aniversário do regime.

(8) Entre os hóspedes ilustres de Peipim já se contaram um Primeiro-Ministro do Paquistão; um ex-primeiro-ministro de Marrocos; o Inspetor-Geral do Exército de Cuba; Mosaburo Suzuki (chefe de um par-tido socialista japonês); o Presidente e vários membros do Parlamento da Indonésia; os Ministros da Educação da República Árabe Unida e da Guiné; além de, sintomaticamente, dois íntimos do Premier Lumumba, do Congo: seu secretário particular e seu Ministro da Defesa.

(9) As delegações femininas, especialmente as dos países africanos e asiáticos, são calorosamente recebidas. Segundo um veterano diplomata ocidental, "os comunistas chineses reconheceram que as mulheres têm enorme influência nas regiões sub-desenvolvidas."

(10) Muitos turistas ficam admirados com o que lhes permitem ver e, de regresso, servem como eficientes e gratuitos propagandistas da China Vermelha. Ainda de maior influência são os não comunistas preeminentes, até mesmo conservadores, que publicamente louvam as realizações materiais do regime, mas, como hóspedes recentes, se acham no dever de inserir uma crítica tolerante. Jornais de Montevideo, de Bogota e de outras capitais sul-americanas têm publicado com destaque, baseando-se em depoimentos de turistas, referências elogiosas às "impressionantes experiências" que a China realiza.

- (11) The magnitude of the political hospitality is spotlighted by a verified but incomplete list of China's foreign guests during 1959: 168 delegations from 38 African and Asian countries; 112 from 20 North and South American nations; 85 from 19 West European countries; ten from Australia, four from New Zealand.
- (12) In the reverse direction, it is estimated that "people's diplomacy" in 1959 sent more than 5000 Chinese to some 45 countries. In the host countries Chinese Friendship Associations, patterned after the familiar Soviet originals, promote the infiltration. These groups are often founded by visitors who have returned from China. They stress mutual cultural interests and enlist well-intentioned non-Communists. Behind the scenes, manipulating the program for Peiping's benefit, are Communists and fellow-travelers.
- (13) Economic Penetration. Since 1956 Red China's exports have become a spearhead of global expansion. This world-trade onslaught is just gathering impetus, but it has already dealt severe blows to Japan's Southeast Asian markets in textiles, toys and other former Tokyo monopolies. It has undercut British goods in Burma, Malaya and elsewhere. Now Peiping's energetic traders are winning strong bases in the Middle East and are extending into Africa.
- (14) The recent five-year deal to buy 500,000 tons of Cuban sugar annually, with 80% percent of payments in Chinese goods, foreshadows large-scale efforts in Latin America. The official magazine *China Reconstructs* has stressed Latin America's "rich raw materials which China needs in her
- (11) A amplitude da hospitalidade política pode ser avaliada pela seguinte relação—comprovada, embora incompleta—dos hóspedes estrangeiros em 1959: 168 delegações de 38 países africanos e asiáticos; 112 de 20 nações das Américas; 85 de 19 países da Europa Ocidental; dez da Austrália e quatro da Nova Zelândia.
- (12) Estima-se que a "diplomacia popular" tenha enviado em 1959, em sentido contrário, mais de 5.000 chineses para cerca de 45 países. Nestes, Associações de Amigos da China, organizadas segundo os moldes soviéticos, se encarregam da infiltração. Tais associações são, muitas vezes, fundadas por visitantes que, regressando da China, realçam a importância do intercâmbio cultural e recrutam "inocentes úteis" bem intencionados. Atrás dos bastidores, manipulando os cordéis em proveito de Peipim, estão os comunistas e os da "linha auxiliar".
- (13) Penetração Econômica. A partir de 1956, as exportações da China Comunista se tornaram a ponta de lança da expansão global. Esta ofensiva econômica, de âmbito mundial, está recém-adquirindo impulso, mas já desferiu severos golpes nos mercados de tecidos, brinquedos e outros monopólios que o Japão mantinha no Sudeste da Ásia. Caíram as vendas dos produtos ingleses na Birmânia, na Malásia e em outras regiões. Os ativos comerciantes de Peipim estão no momento conquistando fortes bases no Oriente Médio, estendendo-se para o interior da África.
- (14) O recente acordo quinquenal com Cuba, para aquisição de 500.000 toneladas de açúcar por ano, a base de 80% do pagamento em produtos chineses, antecipa uma campanha em larga escala na América Latina. A publicação oficial *China Reconstroi* tem acentuado que a América Latina possui "ricas matérias-primas de que a China necessita para seu rápido desenvolvimento econômico"; especificamente são citados a lã da Argentina e do Uruguai, o cobre e os

rapid economic development named specifically were Argentine and Uruguayan wool, Chile's copper and nitrates, Brazil's sisal hemp, Venezuela's oil.

(15) Because a totalitarian economy can ignore normal market elements — including profits—Red Chinese competition leaves non-Communist traders gaping and demoralized. Chinese bicycles sell in Egypt for only \$20 — half the price of Indian-made models. Commenting on their pedal-operated sewing machines at an incredibly low \$10 each, an Arab importer exclaimed : "How can they do it? We're selling them by the thousands.- A Cairo retailer showed me Chinese fountain pens at \$1.50 dozen.; he sells over a million a year and buys Chinese ink at one third the cost of its U.S. equivalent. Directing this economic offensive, Red China's Corporation for Foreign Trade maintains regional display houses which exhibit more than 20,000 samples to prospective foreign buyers.

(16) The Chinese often sell below cost, juggle interest rates and make other concessions. As a buttering-up device to hard-pressed governments they may grant part-payments in solid Western currencies. Thus 20 percent of their Cuban sugar payments will provide Castro's regime with dollars it urgently needs.

(17) Peiping does not conceal the political purposes of its economic drive. Discussing Latin America recently, China Reconstructs commented: "By exchanging mutually needed goods we can strengthen our solidarity in the common struggle against imperialism." In Communist semantics "imperialism" means the United States and its allies.

nitratos do Chile, a fibra de sisal do Brasil e o petróleo da Venezuela.

(15) Uma vez que a economia totalitária pode ignorar os fatores condicionantes dos mercados—inclusive o lucro—a concorrência dos chineses vermelhos confunde e desmoraliza os comerciantes não comunistas. As bicicletas chinesas são vendidas no Egito por cerca de 4.000 cruzeiros—a metade do preço das similares indianas. Ante a oferta incrivelmente baixa de 2.000 cruzeiros por máquina de costura de pedal, comentava um importador Árabe: "Como podem fazer isso? Estamos vendendo máquinas aos milhões." Um comerciante do Cairo mostrou-me canetas-tinteiro a menos de 300 cruzeiros a dúzia; ele vende mais de um milhão por ano e compra tinta chinesa por um preço três vezes menor que o dos outros concorrentes. Dirigindo essa ofensiva econômica, a Corporativa da China Vermelha para o Comércio Exterior mantém estabelecimentos regionais que exibem mostruários, com mais de 20.000 produtos, a fregueses estrangeiros em potencial.

(16) Os chineses muitas vezes vendem abaixo do custo, facilitam pagamentos e fazem outras concessões. Aos governos em dificuldades financeiras eles oferecem pagamentos parciais em moedas ocidentais fortes—um artifício amável. Assim, 20% do açúcar cubano, pagos em Mares, fornecem ao regime de Castro meios de que ele muito necessita.

(17) Peipim não faz segredo das finalidades políticas de sua pressão econômica. Analisando recentemente o caso da América Latina, China Reconstrói comentou,: "Pelo intercâmbio de produtos mutuamente necessários, podemos reforçar nossa solidariedade na luta comum contra o imperialismo." Na semântica comunista, "imperialismo" significa Estados Unidos e seus aliados.

(18) Penetração Pela Propaganda. Peipim investe somas enormes e esforços consideráveis em publicações, filmes e

(18) Penetration by Propaganda. Peiping pours enormous sums and effort into publications, films and other opinion-making media. After entrenching itself in Asia, the New China News Agency (NCNA) has expanded steadily on other continents. Like Moscow's Tass agency, its correspondents everywhere serve as propaganda and intelligence agents, with news-gathering often a minor function. Already NCNA has bureaus in Egypt, the Sudan, Lebanon, Iraq, Morocco, Guinea and Ghana. Promptly after Castro's debut it planted a several-man bureau in Havana. One is scheduled to open soon in the Congo.

(19) These bureaus not only gather but distribute information. NCNA floods national press offices with Communist China "news," editorials and feature articles. Even Nehru, the long-patient prime minister of India, repeatedly accused the Chinese of spreading subversive literature and organizing whispering campaigns against his government means better. These activities became so irritating that recently he forced NCNA to close its office in India.

(20) NCNA "newsmen" do not hesitate to subvert foreign press executives through bribes and blackmail. In Burma in 1956, for instance, the Chinese silenced one anti-Communist paper by making its publisher a fat shareholder in their Oriental Trading Co.; the managing director of another received a block of shares in the China-Burma Trading Co. and was made its chief executive; "loans" were extended to several editors, on condition that their children attend Communist-run schools. By the year's end Burma had five pro-Peiping newspapers.

outros meios de influenciar a opinião. Depois de entrenchear-se na Ásia, a Agência de Notícias da Nova China (NCNA) se tem expandido em outros continentes. A semelhança da Agência Tass, de Moscou, seus correspondentes servem, em toda a parte, como agentes de propaganda e informação, relegando frequentemente para plano secundário a função dita jornalística. A NCNA já dispõe de agências no Egito, Sudão, Líbano, Iraque, Marrocos, Guiné e Ghana. Logo após o advento de Castro, ela instalou em Havana um escritório com pessoal numeroso. Outro está previsto para iniciar em breve suas atividades no Congo.

(19) Esses escritórios não apenas colhem informações, mas também as divulgam. A NCNA inunda as redações dos jornais com "notícias", editoriais e artigos especiais sobre a China Comunista. Até Nehru, há tanto tempo o paciente Primeiro-Ministro da Índia, tem repetidamente acusado os chineses de difundirem literatura subversiva e organizarem campanhas de rumores contra seu governo. Tais atividades se tornaram tão irritantes que, não há muito, a NCNA foi obrigada a fechar seus escritórios na Índia.

(20) Os "jornalistas" da NCNA não hesitam em corromper os diretores de jornais estrangeiros, utilizando o suborno e a chantagem. Na Birmânia, por exemplo, em 1956, os chineses silenciaram um diário anticomunista com o simples expediente de fazer o seu diretor um grande acionista da Oriental Trading Co; o gerente de outro recebeu um punhado de ações da China-Burma Trading Co. e foi nomeado superintendente da companhia; concederam-se "empréstimos" a vários redatores-chefes, em troca da matrícula de seus filhos em escolas de orientação comunista. No fim do ano, a Birmânia tinha cinco jornais favoráveis a Peipim.

(21) As revistas da China Vermelha, para distribuição no exterior, apresentam aspecto semelhante ao das ocidentais.

(21) Red Chinese magazines for distribution abroad imitate Western media format. The Life-size China Pictorial, opulent in photographs and color, appears in 17 languages and is sold for a pittance. China Reconstructs has just added a Spanish edition for Latin America to its numerous foreign issues. Propaganda books, many of them for children, are printed in the languages of the countries to which they are shipped.

(22) At the same time, airwave propaganda drums Red China slogans without letup. Radio Peiping reaches most of the world. Besides blanketing the Far East, it broadcasts heavily to the Middle East in Arabic and Turkish and to North Africa in French; one-hour daily programs are beamed to Europe in French, English and Spanish. With good Congo-area reception, Peiping now broadcasts seven hours weekly to Central Africa, and recently its Latin American programs were boosted to 21 hours a week. For their combined propaganda and "people's diplomacy," Western experts estimate, the Chinese Communists now spend well over 250 dollars a year.

(23) Political Penetration. "China will aid all wars of national liberation in all colonial countries," Liu Shao-chi, now head of state, pledged in 1949. The Red regime has been fishing in troubled global waters ever since. Having intervened in Korea, occupied Tibet and wrested the northern half of Vietnam from France, Peiping then injected itself vigorously into the Middle East and North Africa. It offered "volunteers" and arms to Egypt in the Suez war in 1956, and support to the Arab states in the 1958 Lebanon crisis and to the rebels in Algeria. Egypt turned down the military aid but accepted Chinese gift of 20 million Swiss francs. For three years Egypt was the chief base of Chinese operations in the Arab world.

China Ilustrada, com o formato da Life, e profusamente ilustrada em várias cores e se publica em 17 idiomas, sendo vendida por um preço irrisório. China Reconstroí acaba de acrescentar as suas numerosas edições uma em espanhol, destinada a América Latina. Livros de propaganda, muitos dos quais para crianças, são impressos nos idiomas dos países para onde são enviados.

(22) Simultaneamente, a propaganda pelo rádio inunda o seu auditório de slogans da China Vermelha. A Rádio Peipim pode ser ouvida em quase todo o mundo. Além de cobrir o Extremo Oriente, ela irradia muito para o Oriente Médio), em Árabe e em turco, bem como para a África do Norte, em francês; para a Europa são dirigidos programas diários de uma hora em francês, inglês e espanhol. Com urna boa área de recepção no Congo, Peipim está agora irradiando sete horas por semana para a África Central; recentemente, seus programas latino-americanos atingiram 21 horas por semana. Técnicos ocidentais calculam que a China Comunista está gastando mais de 50 bilhões de cruzeiros por ano em propaganda e em "diplomacia popular".

(23) Penetração Política. "A China auxiliará todas as guerras de libertação nacional em qualquer país colonial", prometeu em 1949 o hoje Premier Liu Shao-chi. O regime vermelho vem, desde então, pescando nas águas turvas internacionais. Depois de intervir na Coréia, de ocupar o Tibete e de arrebatar da França o Vietnã do Norte, Peipim orientou-se vigorosamente para o Oriente Médio e para a África do Norte, tendo oferecido "voluntários" e armamento ao Egito em 1956, para a guerra de Suez; apoiou os Estados Árabes na crise do Líbano em 1958, bem como os rebeldes argelinos. O Egito rejeitou a ajuda militar, mas aceitou uma contribuição chinesa de 20 milhões de francos suíços. Durante três anos o Egito foi a principal base de operações chinesa no mundo Árabe.

(24) Entrementes, Peipim se bate pelo reconhecimento diplomático e pela sua

<p>(24) Meanwhile, Peiping drives energetically for diplomatic recognition and ultimate admission to the United Nations. In the last two years it has installed embassies in Iraq, the Sudan, Morocco, Guinea and Ghana. The recent formal recognition by Cuba gives China a coveted bridgehead in the Western Hemisphere.</p> <p>(25) Red China's aggressive campaign is still in its first stages. But the Chinese are determined to pour more and more wealth, goods and trained manpower into every troubled area. As to their ultimate goal China's Reds are obligingly frank. Only last April the authoritative organ Red Flag announced: "If the imperialists should launch a war using nuclear weapons the result will not be the elimination of mankind. On the debris of a dead civilization the victorious people would create with extreme rapidity a civilization thousands of times higher than the capitalist system, and a truly beautiful future for themselves." This is the philosophy which motivates Red China as that nation takes its first steps on the world stage.</p>	<p>admissão nas Nações Unidas. Nos últimos dois anos, a China instalou embaixadas no Iraque, Sudão, Marrocos, Guiné e Ghana. O recente reconhecimento formal por parte de Cuba representa valiosa ponta de lança no Hemisfério Ocidental.</p> <p>(25) A agressiva campanha da China Vermelha se encontra em seus primórdios, mas os chineses estão decididos a derramar, em todas as regiões conturbadas, quantidades cada vez maiores de dinheiro, de produtos e de pessoal especializado. Os chefes chineses são bem francos a respeito de seus objetivos finais. Em abril de 1960, o Órgão oficial Bandeira Vermelha anunciou: "Se os imperialistas desencadearem uma guerra com armas nucleares, o resultado não será a extinção da humanidade. Nas ruínas de uma civilização moribunda o povo vitorioso criará uma outra, mil vezes melhor que o sistema capitalista, com perspectivas realmente belas." Esta é a filosofia que anima a China Comunista no momento em que a nação ensaia seus primeiros passos no cenário mundial.</p>
--	---

TEXTO 4

<p>WORLD WAR III HAS ALREADY STARTED</p> <p>I. The Communists' Master Plan for Conquest</p> <p>We are in the midst of World War III right now, say the authors of an important book on which this article is based. The Communists are winning because they know they are in it. We are losing because we aren't sure whether we are at war or at peace.</p> <p>The book, Protracted Conflict, was written by four long-time students of Communist strategy for the Foreign Policy Research Institute of the University of Pennsylvania. It is one of the most penetrating analysis of Communist strategy and tactics ever set forth. To read it is to see clearly</p>	<p>JÁ COMEÇOU A TERCEIRA GUERRA MUNDIAL!</p> <p>I. O Magistral Plano de Domínio dos Comunistas</p> <p>Segundo o livro em que se baseou este artigo, estamos em plena Terceira Guerra Mundial. Os comunistas vencem porque sabem que estão em guerra; nós perdemos porque não temos certeza se o período atual é de paz ou de guerra.</p> <p>Protracted Conflict, de autoria de quatro veteranos estudiosos da estratégia comunista, foi escrito para o Instituto Americano de Pesquisa de Política exterior da Universidade de Pensilvânia, e constitui uma das mais penetrantes análises já publicadas sobre a estratégia e a tática comunistas.</p>
---	--

that our greatest failure to date has been to understand Communism as a method. Says Dr Henry Kissinger of Harvard: "Protracted Conflict should be read by everyone who wishes to understand the nature of our danger."

Condensation-Synopsis from the book "Protracted Conflict"
MAX EASTMAN

- (1) Within four decades Communist power has grown from a gleam in Lenin's eye to the absolute determination of nearly a billion people. One of the principal reasons for the enormous gains has been the Communist's ability to conceive 'of the struggle for power in larger dimensions than their opponents.
- (2) Communist theory holds that the whole world is a battlefield upon which opposing forces are locked in a titanic contest of indefinite duration, To the Communists. This does not mean all-out military action — until success is certain. The communist strategist of global, pro-tracted conflict varies the mode of his approach —military, paramilitary, political, psychological, technological and economic—and suits each approach to place and time.
- (3) *The Communists are scoring victories in World War because they know they are in it.* The Third World War was not openly declared - by the Communists in 1946. Nor was a state of war recognized by the West. If it had been, probably none of the positions forfeited since then, would have been abandoned without determined resistance. That we are still not conscious of having suffered defeats does not make our appalling defeats less real. On the contrary, the measure of success of Communist strategy is that the Reds have gained control of regions heretofore firmly held by the Western power — without provoking a counterattack by the West.
- (4) Inexpably, bit by bit, more pieces of the

Ler este livro é comprovar que a maior falha, até agora, tem sido a incapacidade de compreender o comunismo como um método. Diz o Dr. Henry A. Kissinger, da Universidade de Harvard: "Protracted Conflict deveria ser lido por todos os que desejarem compreender a natureza do perigo que corre o mundo livre."
Sinopse por Max Eastman do livro "Protracted Conflict"

- (1) EM QUATRO décadas o poderio do comunismo—inicialmente apenas um lampejo nos olhos de Lenine—alcançou o domínio absoluto de quase um bilhão de pessoas. Uma das principais razões dessa extraordinária expansão foi a habilidade dos comunistas para conceber, em um quadro mais amplo que o de seus oponentes, a luta pelo poder.
- (2) A teoria comunista sustenta que o mundo inteiro é um campo de batalha no qual as forças adversárias estão empenhadas em um combate titânico de duração indefinida. Para os comunistas, isso não significa apenas uma ação militar—até que seja alcançada a vitória. Os responsáveis pela estratégia do conflito global e contínuo encaram o problema sob diferentes aspectos—militar, para-militar, político, psicológico, tecnológico e econômico—ajustando cada um deles às condições próprias de tempo e de espaço.
- (3) Os comunistas estão obtendo vitórias na Terceira Guerra Mundial porque sabem que se encontram nela. A Terceira Guerra Mundial não foi por eles abertamente declarada em 1946. Tampouco o Ocidente reconheceu a existência de um estado de guerra. Se o tivesse feito, provavelmente nenhuma das posições desde então perdidas teria sido abandonada sem tenaz resistência. O fato de ainda não estarmos persuadidos das consternadoras derrotas sofridas não as torna menos reais. Muito ao contrário, a medida do êxito da estratégia comunista está em que os vermelhos obtiveram o controle de regiões até então solidamente mantidas pelas potências ocidentais, sem provocar um contra-ataque do Ocidente.

ice world are lost. The West has been to give a round and take a round, but the result has been a steady loss of power. Whenever the West has won a round, as in Korea and Jordan, it was in the defense of the status quo. When the Communists has won a round, as in Czechoslovakia, China and Indo-china, they gained access to round previously closed to them.

(5) For the Communists, what we call peace is merely war conducted by other than military means. Thus war, to them, whether fought with military hardware or with nonviolent, political and psychological instruments, is a single thing. "Hot" and "cold" are simply phases of intensity in the same war,

(6) This is not a mood, or a passing state of mind, or a burst of nationalistic enthusiasm which we can assume will die away. It is a conviction and a life-program dictated by the secular religion revealed by Karl Marx. It promises the Communists ultimate victory in this conflict, no matter how protracted it may be. Delays are inevitable, defeats are taken in their stride, because—to them—the final outcome is sure.

(7) Until this fact is grasped, there can be no understanding of the continual "crises" through which we're passing, and there can be no counter-strategy that will have any lasting effect. Our strategy must be planned to the scale, not of years, but of decades. We must view each clash, whether of arms or argument, not as an isolated incident, but as a phase, of the total struggle. To the Communists, the aim of the argument, as of the armaments, is not truth or agreement, but always, and only further step toward victory. And we must remember, as the Communists do, that there is no decisive defeat or victory except the last.

(4) Inexoravelmente, pedaço a pedaço, foram-se perdendo novas porções do mundo livre. O Ocidente conformou-se em ganhar um round e ser derrotado em outro, embora o resultado seja uma constante perda de poder. Sempre que ganha um round, como na Coreia e na Jordânia, o Ocidente defende apenas o status quo, mas quando o resultado é favorável aos comunistas, como na Tchecoslováquia e na Indo-China, eles obtêm acesso a um terreno que lhes era até então vedado.

(5) Para os comunistas, o que chamamos de paz nada mais é do que a guerra conduzida por meios que não os militares. Para eles, a guerra, quer combatida com instrumentos militares, quer com os meios não violentos, políticos e psicológicos, significa a mesma coisa. "Quente" e "fria" são simplesmente fases de intensidade dessa mesma guerra.

(6) Isto não é disposição de ânimo, ou estado de espírito passageiro; nem se trata de explosão de entusiasmo nacionalista que podemos supor venha a desaparecer um dia. Trata-se de uma convicção, de um programa de vida ditado pela religião secular que Karl Marx revelou. Ela promete aos comunistas a vitória final no conflito, por mais prolongado que este possa ser. Os retardamentos são aceitos como inevitáveis, e passageiras as derrotas, pois eles estão certos do resultado final.

(7) Até que este fato seja apreendido não se poderá compreender as "crises" contínuas que temos atravessado, não podendo haver qualquer contra-estratégia que possa ter efeito duradouro. A estratégia do mundo livre deve ser planejada em escala que se conte em décadas e não em anos. Devemos encarar cada conflito—seja de armas ou de argumentos—não como um incidente isolado, mas como uma das fases da luta integral. Para os comunistas, o objetivo do argumento como o das armas não é a verdade ou o acordo, mas ironicamente um passo rumo a vitória. Devemos ter em mente, como o fazem eles, que não há derrota nem vitória

<p>(8) Another thing we must realize is that the weapons used by the Communists are of unlimited variety. They see weapons where the West sees only the instruments of human aspiration or of peaceful international relations. The United Nations, for example, from the very beginning has been regarded by the Communists as a weapon. Thus, also, diplomacy, science, finance, economics are used by the Communists as weapons, all of them, together with propaganda, espionage, sabotage, subversion are closely integrated in their foreign policy</p> <p>(9) Even the latest discoveries in psychology are converted by them into weapons in the protracted conflict. In their propaganda they have applied Freudian techniques to induce a guilt complex in the- West about succ things as wealth, armament, foreign bases, former colonial possessions, in order to paralyze the West's will take a firm stand anywhere.</p> <p>(10) This policy of protracted conflict became apparent in -World War I, when Lenin abandoned the Allies and made a Separate peace with Germany at Brest Litovsk. He ceded 34 percent of Russia's population, but he was only trading space for time as part of his long-term strategy. It was not peace he was making, but a strategic retreat from one of Communism's enemies in the conflict already foreseen with all of them.</p> <p>(11) Even then the struggle was in his conception as it is now in fact a global war in which nations arc mere "salients" to, be reduced and continents mere flanks to be turned. His chief contribution to the strategy of the conflict was to advise undertaking the overthrow of the capitalist governments</p>	<p>decisivas, exceto a derradeira.</p> <p>(8) Outro fato que se deve ter presente é que as armas utilizadas pelos comunistas apresentam uma variedade ilimitada. Eles veem armas onde o Ocidente vê apenas instrumentos de aspiração humana ou de relações internacionais pacíficas. A Organização das Nações Unidas, por exemplo, têm sido encarada pelos comunistas, desde o início, como uma arma. Do mesmo modo a Diplomacia, a Ciência, o Jornalismo, as Artes, as Finanças, a Economia são usadas por eles como armas; todas estas, aliadas a propaganda, a espionagem, a sabotagem, subversão, se encontram intimamente integradas na política exterior comunista.</p> <p>(9) Mesmo as mais recentes descobertas no campo da Psicologia estão convertidas em armas para o conflito contínuo. Em sua propaganda os comunistas aplicaram técnicas freudianas, procurando criar no Ocidente um complexo culposos a respeito de problemas tais como riqueza, armamento, bases no estrangeiro, antigas possessões coloniais, a fim de paralisar a vontade do Ocidente de tomar uma posição de firmeza em qualquer parte.</p> <p>(10) Esta política de conflito contínuo tornou-se evidente na Primeira Guerra Mundial, quando Lenine abandonou os Aliados e assinou a paz em separado com a Alemanha, em Brest Litovsk. Entregou 34% da população russa, mas realmente estava trocando espaço por tempo, corno parte de sua estratégia de longo alcance. Não era a paz que ele tinha em mira, mas uma retirada estratégica.</p> <p>(11) Já então a luta era, na concepção dele, como o é hoje, de fato, uma guerra global, em que as nações são meros "salientes" que devem ser reduzidos, e os continentes meros "flancos" que devem ser desbordados. Sua principal contribuição à estratégia do conflito foi reconhecer a derrubada dos governos capitalistas do Ocidente através do apoio às revoltas nacionalistas de suas colônias.</p>
---	--

of the West by backing up nationalistic revolts of their colonies. He reaped the assurance of ultimate world Victory on the immense population of China and the Far East. The road to New York and London, he is reported to have said, lies through Peiping. Stalin carried out this policy to the letter. and our failure to understand it has cost us half of Asia.

(12) Even during World War II when Russia, for her own survival; was compelled to side with the Allies against Germany, she never for one moment forgot that she was at war with both contending powers. When the war entered its final phase; Stalin saw a golden opportunity in Central and Eastern Europe. He disdained the chance to negotiate armistices with the indigenous armies of the former Nazi satellites. Instead, the Soviets sought, even at risk of delaying their westward military advance, to create a political vacuum in each of the countries – a vacuum which could later be filled by a Communist provisional government.

(13) The best documented incident in this truly Machiavellian strategy occurred in Poland. As the Russian army approached Warsaw in July 1944; the Soviet radio repeatedly urged the underground army of Polish patriots in the capital, led by General Kir - Komorowski, to rise up and fight the Nazis. But when the Poles launched their insurrection, the Soviet forces immediately brought their offensive to a standstill outside Warsaw and waited patiently while the Nazis liquidated General Bor's 40,000 men. Then the Red Army resumed its advance, "liberated" Warsaw and established the hand-picked Lublin Communist government in power.

(14) How different the map would be if it would look today if the Allied leaders had been aware of the Communist

Ele baseou a certeza da vitória final e mundial nas imensas populações da China e do Extremo Oriente. Segundo frase a ele atribuída, a estrada para Nova York e Londres passa por Pequim. Stalin seguiu esta orientação ao pé da letra; a incapacidade para compreendê-la custou ao mundo livre a metade da Ásia.

(12) Mesmo durante a Segunda Guerra Mundial, quando a Rússia foi compelida, para sua própria sobrevivência, a formar com os Aliados contra a Alemanha, nem por um momento sequer esqueceu que estava em guerra com ambos os contendores. Quando a luta entrou em sua fase final, Stalin vislumbrou uma oportunidade de ouro na Europa Central e Oriental, e desdenhou o ensejo de negociar armistícios com os próprios governos dos antigos satélites nazistas. Ao invés disso, os soviéticos buscaram, mesmo arriscando atrasar o avanço de suas forças na direção de Oeste, criar um vácuo político em cada um daqueles países—um vácuo que poderia mais tarde ser preenchido por um governo provisório comunista.

(13) O incidente mais bem documentado, nesta estratégia verdadeiramente maquiavélica, ocorreu na Polônia. A medida que o Exército Russo se aproximava de Varsóvia, em julho de 1944, a rádio soviética repetidamente encarecia a urgência de as forças do movimento subterrâneo dos patriotas poloneses na capital, liderados pelo General Bor-Komorowski, levantarem-se e combaterem os nazistas. Quando os poloneses desencadearam a insurreição, os soviéticos imediatamente suspenderam sua ofensiva as portas de Varsóvia e esperaram pacientemente que os nazistas liquidassem os 40.000 homens do General Bor. Somente depois os vermelhos retornaram o avanço, "libertaram" Varsóvia e colocaram no poder o governo comunista de Lublin, escolhido a dedo.

(14) Quão diferente seria o mapa do mundo de hoje se os líderes dos Aliados se apercebessem do plano magistral dos comunistas! (Nas conferências de

master plan! At the conferences of Moscow, Teheran, Yalta, Postdan and after, Stalin, while collaborating in the defeat of Germany, was also waging a protracted war against his allies. In plain language, Roosevelt, Churchill, Truman, Mar-shall, Acheon and the rest were played for suckers by the wily Georgian because they did not understand or could not believe in the devious policy that was guiding every smile, every move Stalin made.

(15) The Soviets are masters of the indirect approach. They apply local pressure to nibble away Western positions. The pressure is increased gradually so that the enemy remains uncertain as to its full dimensions and is not provoked into committing full capabilities to the struggle. It may begin with an arms shipment to, say, Egypt, followed by a dispatch of Soviet technicians. This tactic of the gradual challenge encourages temporizing by the democracy.

(16) Also, the Communists discerned long ago how the legalistic preconceptions of the West could be turned to their advantage. The nations of the West have usually gone to war only after fastening precise legal blame on the culprit government responsible for violating international law. Therefore, the Communists present their challenges indirectly or by proxy.

(17) At the same time the Communists project an exaggerated image of their military strength. The West, inundated with reminders of Soviet-nuclear-missile prowess, is made to believe that any effort on its part to seize the tactical initiative will lead to general war. Thus it is as dangerous to

Moscou, Teerã, Yalta, Postdan e após elas, Stalin, colaborando com a derrota da Alemanha, também estava travando uma guerra prolongada contra os seus aliados. Em linguagem simples, Roosevelt, Churchill, Truman, Marshall, Acheon e os outros foram tratados como otários pelo georgiano astuto, porque eles não entendiam ou não podiam acreditar na política desonesta que estava guiando cada sorriso, cada movimento que Stalin fazia). Em termos claros: fomos ludibriados por Stalin, porque não compreendemos ou não recebemos a tortuosa política que se escondia atrás de cada sorriso, de cada movimento do astuto georgiano.

(15) Os soviéticos são especialistas em abordagem indireta. Eles aplicam a pressão local para abocanhar as posições ocidentais. A pressão aumenta gradualmente para que os inimigos permaneçam na incerteza das suas dimensões reais e assim se estabelece até adquirir capacidade máxima para funcionar. Ela pode começar com um embarque de armas para o Egito, por exemplo, passando para o envio de técnicos soviéticos. Essa tática de repto gradativo propicia a contemporização por parte das democracias.

(16) Além disso, os comunistas já descobriram há muito como explorar em proveito próprio os preconceitos de legalidade do Ocidente. As nações do bloco ocidental têm em geral ido a guerra somente depois de haverem imputado com precisão a culpa legal ao governo transgressor das normas do direito internacional.

(17) Ao mesmo tempo, eles projetam uma imagem exagerada de seu poderio militar. O Ocidente, impressionado com as demonstrações da habilidade técnica dos soviéticos em mísseis nucleares, está propenso a acreditar que qualquer esforço de sua parte para tomar a iniciativa tática conduzirá a guerra geral. Como se vê, é tão perigoso avaliar o poderio comunista

<p>overestimate Communist power as to underestimate it.</p> <p>(18) Little in our history has prepared the American people for a protracted conflict with a remote terminal point and an indeterminate outcome. Yet the United States cannot escape the challenge. The question that faces us is how to reconcile the ethos of a society that has come to take its possessions for granted, and has elevated individual security to its principal goal, with the necessity to take risks in order to safeguard the security of the nation as a whole.</p> <p>(19) Whether the American people can muster the requisite determination and preparedness will depend upon their recognition of the basic facts of the world today: we are in the midst of a world revolution; we are locked in a mortal conflict with the Communist system for mastery of that revolution; it will end only in total victory or total defeat.</p>	<p>para mais como para menos.</p> <p>(18) Não nos poderemos esquivar de um conflito contínuo, tendo um objetivo remoto e um final indeterminado. Todavia, o país não pode fugir a ameaça. O problema que ele deve resolver é como reconciliar a ética de uma sociedade, que se constituiu incorporando naturalmente suas conquistas e erigindo a liberdade individual como seu principal objetivo, com a necessidade de correr riscos para salvaguardar o conjunto da segurança nacional.</p> <p>(19) Para que as democracias possam concentrar-se na determinação e preparação imprescindíveis ser-lhes-á necessário reconhecer os fatos básicos da conjuntura internacional: o mundo esta mergulhado em uma revolução; o Ocidente se encontra empenhado em um conflito mortal com o sistema comunista, buscando vencer essa revolução; e esta só terminaria com a vitória total ou a total derrota.</p> <p>Nota de rodapé: "Protracted Conflict" foi escrito por Robert Strausz-Hupl, William R. Kintner, James E. Dougherty e Alvins J. Cottrell para o Instituto de Pesquisa de Política Exterior. Copyright, 1959, dos Curadores da Universidade de Pensilvânia</p>
--	--

TEXTO 05

<p>WORLD WAR III HAS ALREADY STARTED</p> <p>II. The "Shock Troops, and How They Fight EUGENE LYONS</p> <p>(1) At this very moment, a Red diplomat in a Latin American capital is passing money to a local Communist leader. Brought by the kremlin by diplomatic pouch, the funds will be used to finance an anti-Yanqui riot to infiltrate an student organization, to help control a key trade union. Both, men know they</p>	<p>JÁ COMEÇOU A TERCEIRA GUERRA MUNDIAL!</p> <p>II. As "Tropas de Choque" e Seus Processos de Combate Eugene Lyons</p> <p>(1) Neste preciso instante, em alguma capital da América Latina um diplomata soviético está entregando dinheiro a um líder comunista local. Trazidos do Kremlin na mala diplomática, os fundos serão usados para financiar uma demonstração hostil aos Estados Unidos, para infiltrações em uma organização</p>
--	--

<p>will get results, because they have had years of instruction in underground activity – the diplomat in Moscow, the local comrade in Prague.</p> <p>(2) At the same time, another Moscow-trained agent is preparing and “anti-imperialist” demonstration in Burma. In a Middle East country, a soviet “trade representative” is plotting with local communists to topple a pro-Western prime minister. In one of Africa’s newly independent nations a Czech or Red Chinese “technician” is transmitting orders to native graduates of special schools for Africans behind the Iron and Bamboo curtains.</p> <p>(3) Such cases are being reported to the U.S. State Department every day. The common element is that those involved, Red-empire and local citizens alike, have had training for their tasks. They are not merely filled with zeal for the cause; are skilled in the detailed operational knowhow of conspiracy an social conflict. They are the shock troops of a disciplined, centrally commanded army, deployed on fronts throughout the world.</p> <p>(4) The war they are fighting is not the conventional war bombs and bullets, which we understand and would resist to the death, but a revolutionary war that seems to have us baffled. But if we do not grasp the nature of this offensive, the fault is our own, since the Communists have never concealed it.</p> <p>(5) Talking to a group of French deputies visiting Moscow in October 1955, Nikita Khrushchev said, “Capitalism is doomed to die even if—and especially if—the third world war, <i>in the ordinary sense of the term</i>, does not occur.- In the special Communist sense, he thus confirmed, the third world war has long been under way, and the aggressors mean</p>	<p>estudantil, para auxiliar o controle de um sindicato-chave. Os dois homens sabem que obterão resultados, porque ambos têm anos de instrução em atividades subterrâneas-o diplomata, em Moscou; o camarada local, em Praga.</p> <p>(2) Ao mesmo tempo, outro agente treinado em Moscou está preparando uma demonstração “antiimperialista” na Birmânia. Em certo país do Oriente Médio, um “representante comercial” soviético, está arquitetando com os comunistas locais a derrubada de um primeiro-ministro favorável ao Ocidente. Em uma das novas nações independentes da África, um “técnico” da Tchecoslováquia ou da China Vermelha está transmitindo ordens a nativos diplomados em escolas mantidas especialmente para africanos atrás da</p> <p>(3) Casos como estes são relatados todos os dias por diplomatas e agentes de informações. O elemento constante é que as pessoas envolvidas—tanto as do império vermelho como os cidadãos locais—foram treinadas para as suas tarefas. Não são apenas dedicados adeptos da causa, mas especialistas na detalhada técnica operacional da conspiração e do conflito social, constituindo a tropa de choque de um exército disciplinado, de comando centralizado e desdobrado em várias “frentes” por todo o mundo.</p> <p>(4) A guerra que estão travando não é a convencional de bombas e projetes que nós, do mundo livre, compreendemos e enfrentaríamos até a morte, mas uma guerra revolucionária, que parece baldar nossos esforços. E se não percebemos a natureza dessa ofensiva, a culpa é toda nossa, uma vez que os comunistas jamais a esconderam.</p> <p>(5) Falando a um grupo de deputados franceses que visitaram Moscou em outubro de 1955, Nikita Khrushchev declarou: “O capitalismo está fadado a morrer, mesmo se—e especialmente se— não ocorrer a terceira guerra mundial, no sentido comum do termo.” No sentido especial dos comunistas, confirmou ele,</p>
--	--

to continue it until our world is "buried". Yet the West persists in ignoring this declaration of hostilities, by leaders from Lenin to Khrushchev and Mao Tse-tung.

(6) Because the Red high command is consciously at war, it constantly prepares the necessary experts in the use of all political, psychological, economical and revolutionary weapons. Those planning and fighting the Communist war are professionals. Everyone, from the marshals in Moscow and Peiping to field commanders in free-world areas and noncoms in towns and villages, has been painstakingly trained for his job.

(7) None of this is recent or accidental. Nearly 60 years ago, Nikolai Lenin, the father of modern Communism, demanded a revolutionary elite who would bring to the cause "not their spare evenings but the whole of their lives." Give me a handful of professionals, he said in substance, and I will overturn the established order. This concept has been at the heart of Communist operations ever since.

(8) Lenin set up courses for promising followers. Two of his schools were in Bologna and Capri, with the Russian novelist Maxim Gorky footing the bills out of his royalties, a third was in Longjumeau, near Paris. The significant fact is that graduates of these schools were in the "handful" with which Lenin and Trotsky in 1917 hijacked the revolution in Russia from its makers, then turned that country into a staging area for world revolution.

(9) The Communists have steadily molded their cadres for conquest in specialized academies of revolution. There the manufacture of discontent, the fomenting of rebellion, the planting of

essa terceira guerra mundial há muito está sendo travada, e os agressores estão dispostos a prolongá-la até que o nosso mundo seja "enterrado". Entretanto, o Ocidente persiste em ignorar esta declaração de hostilidade, feita por líderes desde Lenine a Khrushchev e Mao Tsé-Tung.

(6) Porque está conscientemente em guerra, o alto comando vermelho não cessa de preparar os necessários especialistas para o emprego de todas as armas políticas, psicológicas, econômicas e revolucionárias. Os que planejam a guerra comunista e nela combatem são profissionais. Todos —desde os marechais em Moscou e Peipim até os comandantes nas áreas do mundo livre e os oficiais subalternos nas cidades e vilas— foram treinados para as suas missões.

(7) Nada disso é recente ou acidental. Há quase 60 anos, Nikolai Lenine, o pai do moderno comunismo, pediu a uma elite revolucionária que trouxesse para a causa "não suas horas de folga, mas a totalidade de suas vidas". Deem-me um punhado de profissionais, disse ele em resumo, e eu subverterei a ordem estabelecida. Este conceito tem estado desde então no âmago das operações comunistas.

(8) Lenine fundou cursos para adeptos promissores. Duas de suas escolas estavam situadas em Bolonha, cabendo ao novelista russo Maximo Gorki pagar as despesas com o produto da venda de seus livros; uma terceira se localizava em Longjumeau, perto de Paris. O fato marcante é que os diplomados por essas escolas faziam parte do "punhado" com o qual Lenine e Trotsky, em 1917, roubaram a Revolução Russa de seus organizadores, transformando o país em palco da revolução mundial.

(9) Os comunistas vêm formando incessantemente, nas academias especializadas em revolução, os quadros de que necessitam. Aí, a criação de descontentamentos, o fomento de

agents in "enemy" governments and institutions, are as much a science as is traditional warfare at West Point.

(10) Textbooks for the trainees in the treason cover a wide range of skills, from the writing of leaflets to guerrilla tactics. Typical subjects include "Preparation for Armed Insurrection". "Ideological Penetration of Armed Services," "The Tactic of the United Front." Typical techniques taught include the blowing-up of bridges, seizure of telephone exchanges and radio stations, erection of barricades, home manufacture of explosives—along with political arts like transforming a local strike into a general strike or the capture of directing roles in national independence movements.

(11) The students are drawn from every nation on earth. Often they are Communists hand-picked by the Red commissars of their native land; sometimes they are innocents lured with scholarships, then indoctrinated. Having been steeped in the Communist faith, they return home equipped to impose it on their unwitting peoples. Students who show special directions are selected for more focused training in higher leadership schools, espionage institutes run by the secret police, and advanced military academics.

(12) Since the opening years of the Soviet regime, these schools, it is estimated, have graduated at least 100,000 agents. These cadres have mastered the art of softening up free nations and sapping their self-confidence, setting class against class and race against race.

(13) Many of the graduates today hold strategic post in propaganda bureaus, espionage rings, and disguised

rebeliões, a introdução de agentes em governos e instituições do "inimigo" constituem matérias do currículo, do mesmo modo que, nas grandes academias militares do ocidente, se estuda a conduta da guerra tradicional.

(10) Os compêndios oficiais para os que se especializam em traição tratam de uma ampla série de especialidades, desde a redação de panfletos até a tática de guerrilhas. Entre as matérias típicas se incluem: "Preparação da Insurreição Armada", "Penetração Ideológica nas Forças Armadas", "A Tática da Frente Única". Entre as técnicas típicas ensinadas destacam-se a destruição de pontes, a tomada de centrais telefônicas e estações de rádio, a ereção de barricadas, a manufatura doméstica de explosivos—tudo aliado a ardis políticos, tais como a transformação de uma greve local em geral ou a conquista de posições de relevo em movimentos nacionais de independência.

(11) Os estudantes são recrutados em várias nações do mundo. Muitas vezes são comunistas selecionados pelos comissários vermelhos nos respectivos países de origem; outros são inocentes atraídos por bolsas de estudo e depois doutrinados. Saturados de fé comunista, eles regressam em condições de transmitila a seus incautos compatriotas. Os estudantes que demonstram talento em determinados setores são destacados para treinamento mais intenso em escolas superiores de liderança, em institutos de espionagem mantidos pela policia secreta e em academias militares de aperfeiçoamento.

(12) Desde os primeiros anos do regime soviético essas escolas devem ter diplomado pelo menos 100.000 agentes. Tais quadros se especializaram na arte de solapar as nações livres e treinar-lhes a confiança, fomentando a luta de classes e os conflitos raciais.

(13) Muitos dos diplomados mantêm hoje postos estratégicos nos escritórios de

Red organizations. The foreigners among them fan out to lead local and national parties, to infiltrate youth and labor groups, to organize and manipulate the endless varieties of false-fronts outfits and “innocent’s clubs”.

(14) This training system today flourishes not merely in Soviet Russia but in all Soviet satellite nations and Communist China. As early as 1921, San Yatsen University opened its door in Moscow school to select young Asians. A few years later, Lenin University was set up to prepare West Europeans and North Americans for Communist leadership. A special Moscow school trained students from Eastern Europe, and another in Tiflis, trained Middle Eastern recruits.

(15) The investment has paid off. In China, president Liu Shao-chi, the general Liu Po-cheng, Li-li-san, one of Mao Tse-tung’s right hand men, and scores of others are Moscow-trained. Ho Chi Minh, dictator of North Vietnam and the number one communist in Southeast Asia, is an alumnus of Sun Yat-sen University. When Kremlin grabbed Eastern Europe after World War II, graduates of Lenin University, “Klement Gottwald” of Czechoslovakia, for instance, and Boleslaw Bierut of Poland —were available as Soviet-trained puppets. Both Gus Hall, the present secretary general of the American Communist Party, and his predecessor, Eugene Dennis, studied at Lenin University as did most of the important American Negro Communists. According to Joseph Z. Kornfeder, an ex-communist who himself completed a three-year course at the institution, nearly 600 leaders and “activists” of US Communism were trained in Soviet schools.

(16) Behind the Iron Curtain there

propaganda, nas redes de espionagem e nas organizações vermelhas mascaradas. Os estrangeiros se misturam com eles e lideram partidos locais e nacionais, infiltram-se nos grupos estudantis e trabalhistas, organizam e controlam uma infinidade de variadas agremiações e “clubes de inocentes” cujos títulos escondem seus verdadeiros objetivos.

(14) Este sistema de treinamento floresce hoje não apenas na Rússia, mas em várias nações-satélites soviéticas e na China Comunista. Já em 1921, a Universidade Sun Yat-Sen abria suas portas em Moscou para selecionar jovens asiáticos. Poucos anos depois foi criada a Universidade Lenine, destinada a preparar europeus ocidentais e norte-americanos para funções de liderança comunista. Uma escola especial em Moscou instruía estudantes da Europa Oriental, enquanto outra, em Tiflis, treinava candidatos do Oriente Médio.

(15) O investimento pagou bons juros. Na China, o Presidente Liu Shao-chi, o General Liu Po-cheng, Li Li-san-homens de confiança de Mao Tse-Tung—e dezenas de outros foram treinados por Moscou. Ho Chi Minh, ditador do Vietnam Setentrional e comunista número um do Sudeste da Ásia, e ex-aluno da Universidade Sun Yat-Sen. Quando o Kremlin se apossou da Europa Oriental, após a Segunda Guerra Mundial, a Universidade Lenine dispunha de diplomados—Klement Gottwald, da Tchecoslováquia, e Boleslaw Bierut, da Polônia, por exemplo—para servirem como líderes soviéticos treinados. Tanto Gus Hall, atual Secretário-Geral do Partido Comunista Americano, como seu antecessor, Eugene Dennis, estudaram na Universidade Lenine, da mesma forma como o fizeram quase todos os comunistas negros mais importantes dos Estados Unidos. Segundo declarou Joseph Z. Kornfeder, ex-comunista que também completou um curso de três anos naquela instituição, cerca de 600 líderes e “ativistas” do comunismo norte-americano foram treinados em escolas soviéticas.

are today at least six schools for Africans. The most important of these is in Prague, capital of Red Czechoslovakia. At Hoiska, near Prague, there is an additional "training center for Africans". Other centers for Africans operate in East Germany and Poland while a special institute for African trade-unionists was opened in Budapest in 1959. Beyond this, an academy in Soviet Russia and another in Red Ruma are training Africans as military pilots. Among those who have gotten at least part of their political training at such institutions is Fidel Castro's brother Raul, now Cuban Defense Minister.

(17) Not less important than this program for producing non-Soviet "conflic managers" is the systematic and large-scale preparation of Soviet citizens themselves for cold-war operations abroad. Without doubt an equivalent training process is going on in Red China. William Benton, publisher of the Encyclopaedia Britannica, wrote after a study of the subject in 1956: "Throughout the Soviet Union there are about six thousand special schools maintained by the Party and devoted exclusively to training professional propagandists". These have an enrollment at any one time of 150,000 students. Above these schools are 177 regional "propaganda colleges" to train 135,000 'alumni' of the local schools. And above the regional schools are a dozen higher institutions giving 'graduate training' to several thousand advanced students. Propaganda is by far the biggest industry in the U.S.S.R.

(18) hordes of propagandists are engaged primarily in selling Communism to the Kremlins' own subjects, but substantial numbers, those with a gift for languages and other talents useful abroad; end up in foreign countries as diplomats, traders,

(16) Atrás da Cortina de Ferro há hoje pelo menos seis escolas para africanos. A mais importante se localiza em Praga. Em Hoitska, perto da capital tcheca, há um "centro de instrução para africanos" adicional. Outros centros com a mesma finalidade operam na Alemanha Oriental e na Polônia, enquanto um instituto especial para sindicalizados africanos foi instalado em Budapeste, em 1959. Além disso, urna academia na Rússia e outra na Romênia Vermelha estão aperfeiçoando africanos para serem pilotos militares. A América Latina figura em segundo lugar, depois da África, em número de diplomados. Entre os que realizaram pelo menos parte de sua instrução política em tais instituições figura o irmão de Fidel Castro, Raul, atual Ministro da Defesa cubano.

(17) Não menos importante do que este programa para produzir "administradores de conflitos" não soviéticos e a preparação sistemática e em larga escala dos próprios cidadãos soviéticos para as operações de guerra fria no exterior. Não há dúvida de que um equivalente processo de treinamento está sendo levado a cabo na China Vermelha. William Benton, editor da Enciclopédia Britânica, escreveu depois de um estudo feito sobre o assunto em 1956: "Em toda a União Soviética há cerca de seis mil escolas especiais mantidas pelo Partido e exclusivamente devotadas ao treinamento de propagandistas profissionais. O número de estudantes matriculados chega a alcançar 185.000. Em nível superior ao destas escolas ha 177 'colégios de propaganda' regionais, para aperfeiçoar 135.000 'ex-alunos' das escolas locais. E mais acima se encontra uma dúzia de instituições destinadas a 'instrução de diplomados', para milhares de estudantes. A propaganda é, sem termo de comparação, a maior indústria da U. R. S. S.

(18) Estas hordas de propagandistas são empenhadas inicialmente em vender comunismo aos próprios súditos do Kremlin; mas um número substancial,

technicians, secret agents. clandestine bosses of Communist move-ments.

(19) According to E. H. Cookridge, in his book *The Net That Covers the World*, some 25 of the 200 Soviet schools for the secret police specialize in espionage abroad. The most apt students are selected for an academy in Kuchino, a Moscow suburb; run by ‘Sector 9, for Terror and Diversion,’ where the curriculum includes judo, kidnapping, poisons and unique murder weapons.

(20) Meanwhile, Communist-bloc universities aren’t just making engineers and scholars out of their, six million students. They are educating thousands to speak exotic lan-guages like Swahili, Amharic, Hindi and Urdu, so they can operate where these languages prevail; to function as undercover agents while out-wardly serving as mere technicians or merchants.

(21) This many-sided- operation for training the shock troops of world revlution has been called ‘the most successful cold-war weapon yet developed by the Reds.’ In large measure, it accounts for the many battles and countries lost by our free world.

(22) Starting with the organization of strikes in French and Italian ports to obstruct the landing of Americans under the Marshall Plan, the work of the Red agents has extended to fomenting riots in India, Vienna, Singapore and even in San Francisco, at a recent courthouse session of the House Committee for Un-American activities. Other Moscow-trained operatives have taken over the Cuban revolution and made it their own. Shrewdly directed mob action — “carrying the struggle to the skreets,” as

constituído pelos que tem queda para idiomas ou outras habilidades úteis no exterior e encaminhado para países estrangeiros como diplomatas, comerciantes, técnicos, agentes secretos ou chefes de movimentos comunistas clandestinos.

(19) De acordo com E. H. Cookridge, em seu livro *The Net That Covers the World (A Rede que Cobre o Mundo)*, cerca de 25 das 200 escolas de polícia secreta soviéticas se especializam em espionagem no exterior. Os melhores estudantes são encaminhados para Kuchino, subúrbio de Moscou, onde se localiza uma academia dirigida pela "Seção 9— Terror e Diversão", e cujo currículo inclui judô, seqüestro de pessoas, envenenamentos e outras formas especiais de assassinato.

(20) Entrementes, as universidades do bloco comunista não se limitam a diplomar engenheiros e professores dentre seus seis milhões de estudantes. Elas estão ensinando milhares deles a falar idiomas exóticos, tais como o Suaili, o Amárico, o Hindi e o Urdu, de formna a lhes permitir agirem nas regiões onde asses idiomas prevalecem, e a funcionar como agentes subterrâneos, enquanto ostensivamente servem como simples técnicos ou comerciantes.

(21) Esta operação multiface para treinar as tropas de choque da revolução mundial tem sido denominada “a mais eficiente arma da guerra fria jamais aperfeiçoada pelos vermelhos.” Ela é responsável, em larga escala, pelas numerosas batalhas e países perdidos pelo mundo livre.

(22) Iniciado com a organização de greves nos portos franceses e italianos para obstruir o desembarque do auxílio americano fornecido pelo Plano Marshall, o trabalho dos agentes vermelhos se estendeu ao fomento de motins na Índia, em Viena, em Cingapura e até em São Francisco. Outros agentes treinados por Moscou se assenhorearam da revolução cubana. A ação das massas habilmente

the Communists term it—has been on view in South Korea, Venezuela, Italy and Japan.

(23) In these maneuvers, local grievances are so easily redirected by experts that, in Calcutta, a crowd gathered for a teachers strike was led to vent its wrath on a United States Information Agency library. People assembled to mourn the death of President Vargas in Brazil ended up attacking the US consulate. Mob action in Tokyo was so expertly directed that the authorities had to cancel the visit of the President of the United States. Such is the pattern in country after country.

(24) Meanwhile, what are we doing to train fighters around the world? As far as numbers go, the United States educates more foreign students than Soviet Russia and its satellites combined: last year some 50,000 from 131 countries were enrolled in 1680 institutions. The fateful difference, however, is that we do not attempt to indoctrinate them; there are no schools to train any of them for the political challenges in their homelands. Many active Asians and African Communists are U. S. educated, but not a few of these, alas, first caught the Marxist dispse on American campuses.

(25) While we have fine academies-for training men to use military weapons, we have none that trainn either Americans or outsiders to compete with the enemy in the uee of cold-war weapons. State Detartment personnel attend a Foreign Service. Institute for instruction along traditional career lines, with a two-week seminar on Communism thrown in. Considering the expertness of the Soviet attack, this is equivalent to a two week course in nuclear physics. It reflects the failure to recognize that we are engaged in a war, with Western civilization at stake.

(26) The fact that bombs are not

orientada—“levar a luta para as ruas”, como os comunistas a classificam—foi demonstrada na Coréia do Sul, na Venezuela, na Itália e no Japão.

(23) Nessas manobras, as insatisfações locais são tão facilmente exploradas pelos especialistas que, em Calcutá, a multidão reunida para uma greve de professores foi levada a extravasar sua ira contra a biblioteca de uma Agencia de Informações dos Estados Unidos. No Brasil, o povo reunido para acompanhar o enterro do Presidente Getúlio Vargas acabou atacando o Consulado Norte-Americano. A ação das massas foi tão bem dirigida em Tóquio que as autoridades tiveram de cancelar a visita do Presidente dos Estados Unidos. Tais são os exemplos, em diferentes países.

(24)

(25)

falling must not blind us to this crucial reality. The great hope—and as yet it is only a hope—is that we will rally for effective defense for a bold counteroffensive before it is too late. Already the enemy has a “lead time” of 40 years in training professionals in the art and sciences of non military warfare. Isn’t it about time that we did likewise?

(26)O fato de as bombas não estarem caindo não deve ser de molde a esconder-nos a crucial realidade. A grande esperança—e até agora apenas uma esperança—é que nós, do mundo livre, nos congreguemos para a defesa efetiva e para uma contra-ofensiva enérgica, antes que seja demasiado tarde. O inimigo tem uma “dianteira” de 40 anos no treinamento de profissionais nas artes e nas ciências da conduta da guerra não militar. Não é chegada a hora de fazermos o mesmo?

Nota de rodapé: EUGENE LYONS, redator do Reader's Digest, estudou durante muitos anos os processos de operação dos comunistas. De 1928 a 1934 trabalhou como correspondente da United Press na Rússia Soviética.

Anexo 4. *Printscreen* das primeiras páginas dos textos originais em inglês

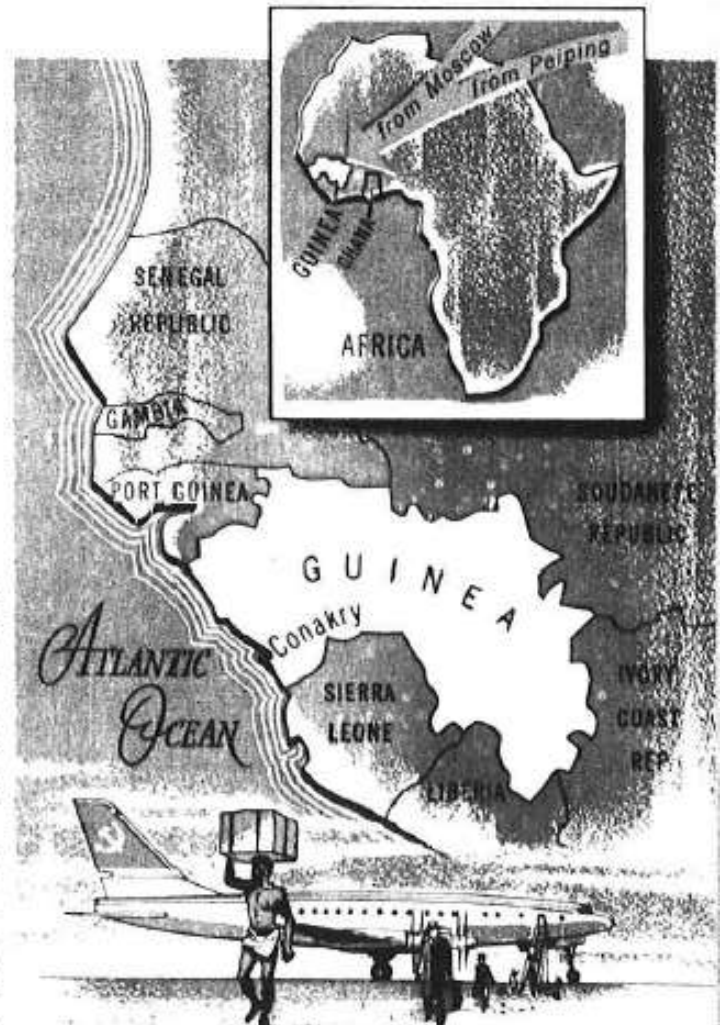
Texto 1

Stole a March on Us in Africa

While our government officials fiddled, the Soviets stepped in and put themselves in virtual control. The country is Guinea; the record of U.S. failure is a blueprint for more serious trouble ahead

BY CHARLES STEVENSON

THE AIRPORT WAITING ROOM was a milling throng of Russians, East Germans, Bulgarians, Chinese—Communists all. Outside, a big Soviet plane waited for a Red VIP. "No photographs," snapped the armed guard. Nearby, Czech workers who had marched from their barracks singing Communist songs were overseeing the lengthening of airport run-



FROM SOCIALISM

Almost every country in Western Europe has had long and unhappy experience with a government-controlled, restrictive economy. Now most of these nations have a freer and more competitive system—and unparalleled prosperity

Condensed from *The Freeman*

WILLIAM HENRY CHAMBERLIN

I BROUGHT BACK TWO predominant impressions from a recent 15-week trip to Western Europe. The first was of self-sufficient well-being, reflected in full shop windows, roads jammed with automobiles, resort centers crowded, industrial-output figures zooming to new heights. The second was that socialism in Europe has gone into a deep eclipse.

Indeed, these two impressions are closely interrelated. As people become more prosperous, they lose interest in socialist dogmas. And as they discard or abate such socialist practices as rationing, rent control and nationalization, they automat-

It is in fact remarkable how the simple truths of classical economics, if given a chance to work, prove their validity in practice. Belgium, for instance, is the one country in Western Europe that has thoroughly scrapped rent control. It is also one where getting an apartment is not a major problem. Similarly, though the British Conservatives had considerable misgivings when they gave up meat rationing and carried out a limited decontrol of rents after coming into power in 1951, neither of these measures led to dire consequences. Meat prices did not go into the stratosphere. The British people today enjoy the widest range of food

REACHES FOR WORLD POWER

In most of the countries of Asia, Africa and Latin America, new faces are beginning to appear. The Red Chinese, bearing gifts, invitations, trade offers and propaganda, are making a concerted play for friends, disciples and subjects

BY LELAND STOWE

*Former chief of the News and Information Service of Radio Free Europe;
author of "Conquest by Terror: The Story of Satellite Europe"*

FOR THE first time in its 4000-year history, China today is conducting a vast, openly avowed offensive for world-wide political-economic expansion and domination. Its chief targets are Asia, Africa and Latin America, whose one billion people hold the balance of power in the struggle between Communism and freedom.

Kremlin's devious techniques and have added some new ones. They shrewdly capitalize on their unique attraction for color-conscious races, present their country's industrial growth as the supreme model for all starting-from-scratch nations, and out-Marx the Soviets in aggressive support of revolutions everywhere.

To undermine Western influences, they conduct a nonstop "Hate America" campaign. The United

I. The Communists' Master Plan for Conquest

We are in the midst of World War III right now, say the authors of the important book on which this article is based. The Communists are winning because they know they are in it. We are losing because we are not sure whether we are at war or at peace.

The book, Protracted Conflict, was written by four long-time students of Communist strategy for the Foreign Policy Research Institute of the University of Pennsylvania. It is one of the most penetrating analyses of Communist strategy and tactics ever set forth. To read it is to see clearly that our greatest failure to date has been our failure to understand Communism as a method. Says Dr. Henry A. Kissinger, of Harvard: "Protracted Conflict should be read by everyone who wishes to understand the nature of our danger."

Condensation-Synopsis by

MAX EASTMAN

from the book "Protracted Conflict"

WITHIN FOUR decades Communist power has grown from a gleam in Lenin's eye to the absolute domination of nearly a billion people. One of the principal reasons for the enormous gains has been the Communists' ability to

in larger dimensions than their opponents.

Communist theory holds that the whole world is a battlefield upon which opposing forces are locked in a titanic contest of indefinite duration. To the Communists, this

II. The Shock Troops, and How They Fight

By EUGENE LYONS

AT THIS very moment, a Red diplomat in a Latin American capital is passing money to a local Communist leader. Brought from the Kremlin by diplomatic pouch, the funds will be used to finance an anti-Yanqui riot, to infiltrate a student organization, to help control a key trade union. Both men know they will get results, because they have had years of instruction in underground activity—the diplomat in Moscow, the local comrade in Prague.

At the same time, another Moscow-trained agent is similarly preparing an "anti-imperialist" demonstration in Burma. In a Middle East country a Soviet "trade representative" is plotting with local Communists to topple a pro-Western prime minister. In one of Afri-

ca's newly independent nations a Czech or Red Chinese "technician" is transmitting orders to native graduates of special schools for Africans behind the Iron and Bamboo curtains.

Such cases are being reported to the U.S. State Department every day. The common element is that those involved, Red-empire and local citizens alike, have had *training* for their tasks. They are not merely filled with zeal for the cause; they are skilled in the detailed operational know-how of conspiracy and social conflict. They are the shock troops of a disciplined, centrally commanded army, deployed on "fronts" throughout the world.

The war they are fighting is not the conventional war of bombs and bullets, which we understand and would resist to the death, but a revolutionary war that seems to have us baffled. But if we do not grasp the nature of this offensive, the fault is our own, since the Communists

EUGENE LYONS, a senior editor of The Reader's Digest, has been a lifelong student of Communist methods of operation. Among his many books in this field are *Assignment in Europe*, *World Peace*, *The*

Anexo 5. *Printscreen* das primeiras páginas dos textos originais em português

Texto 1

LEVARAM A MELHOR NA ÁFRICA

*O país é a Guiné;
o sucesso alcançado
pelos comunistas é
um exemplo de
mais sérias complicações
que estão por vir*

Charles Stevenson

O SALÃO de espera do aeroporto estava apinhado de uma multidão remoinhante de russos, alemães da Alemanha Oriental, búlgaros, chineses— todos comunistas. Lá fora, um enorme avião soviético esperava por um personagem vermelho muito importante.



QUER SER POTÊNCIA MUNDIAL

Em quase todos os países da Ásia, da África e da América Latina estão aparecendo caras novas. São os emissários da China Comunista, que, com presentes, convites, ofertas de negócios e propaganda, estão levando a cabo um intenso trabalho de proselitismo

Leland Stowe

Ex-chefe do Serviço de Notícias e Informações da Rádio Europa Livre

PELA PRIMEIRA VEZ em seus 4.000 anos de História a China está desencadecendo uma vasta e confessada ofensiva de âmbito mundial em busca de expansão e predomínio no campo econômico-político. Principais objetivos: Ásia, África e América Latina, cujo bilhão de habitantes representa o fiel da balança do poder, na luta entre o comunismo e a liberdade.

Os chineses comunistas utilizam todas as técnicas escusas do Kremlin

grande habilidade, eles exploram uma atração muito própria pelos países que têm problemas raciais, apresentam o seu desenvolvimento industrial como supremo modelo para aquelas nações que tentam recuperar-se, e se mostram mais marxistas do que os próprios soviéticos nos processos de apoio agressivo às revoluções, onde quer que elas ocorram.

Para solapar a influência do Ocidente, conduzem uma implacável campanha de ódio aos Estados Unidos. Estes—segundo uma recente

Por que a Europa Abandonou o Socialismo

Quase todos os países da Europa Ocidental já tiveram longa e desagradável experiência de uma economia restritiva, controlada pelo governo. Hoje a maioria dessas nações adotou um sistema de mais liberdade e competição—e goza de prosperidade nunca vista

William Henry Chamberlin



VOLTEI DE UMA recente viagem de 15 semanas pela Europa Ocidental com duas impressões predominantes. A primeira foi a do bem-estar auto-suficiente refletido nas vitrinas repletas das lojas, nas estradas congestionadas de automóveis, nas multidões que afluem aos lugares de recreio, nas cifras que exprimem a produção industrial elevando-se a novas alturas. A segunda foi a de que o socialismo, na Europa, entrou em profundo eclipse.

A bem dizer, estas duas impressões se relacionam intimamente. À medida que as pessoas se tornam mais prósperas vão perdendo o interesse pelos dogmas socialistas. E, quando abrem mão de práticas socialistas

automáticamente se tornam mais prósperas.

É na verdade notável como elementares verdades econômicas, desde que se lhes dê oportunidade de atuação, provam na prática a sua validade. A Bélgica, por exemplo, é o único país da Europa Ocidental que aboliu definitivamente o controle dos aluguéis. É também onde não se tem dificuldade em arranjar um apartamento. Assim também, embora os conservadores britânicos tenham tido sérias preocupações, ao acabarem com o racionamento da carne e aprovarem leis que diminuíssem o controle dos aluguéis, após subirem ao poder, em 1951, nenhuma dessas medidas teve consequências lamentáveis. Os preços de casa-

SELEÇÕES

TOMO XXXIX
Nº 210

do Reader's Digest

MARÇO
de 1961*Condensações de artigos de interesse permanente*

Copyright, 1961, da Editora Ypiranga S.A.

JÁ COMEÇOU A TERCEIRA GUERRA MUNDIAL!

I. O Magistral Plano de Domínio dos Comunistas

Segundo o livro em que se baseou este artigo, estamos em plena Terceira Guerra Mundial. Os comunistas vencem porque sabem que estão em guerra; nós perdemos porque não temos certeza se o período atual é de paz ou de guerra.

Protracted Conflict, de autoria de quatro veteranos estudiosos da estratégia comunista, foi escrito para o Instituto Americano de Pesquisa de Política Exterior da Universidade de Pensilvânia, e constitui uma das mais penetrantes análises já publicadas sobre a estratégia e a tática comunistas. Ler este livro é comprovar que a maior falha, até agora, tem sido a incapacidade de compreender o comunismo como um método. Diz o Dr. Henry A. Kissinger, da Universidade de Harvard: "Protracted Conflict deveria ser lido por todos os que desejarem compreender a natureza do perigo que corre o mundo livre."

*Sinopse por
Max Eastman*

do livro "Protracted Conflict"

HM QUATRO décadas o poderio do comunismo—initialmente apenas um lampejo nos olhos de Lenine—alcançou o domínio absoluto de quase um bilhão de pessoas. Uma das principais razões dessa extraordinária expansão foi a habilidade

de dos comunistas para conceber, em um quadro mais amplo que o de seus oponentes, a luta pelo poder.

A teoria comunista sustenta que o mundo inteiro é um campo de batalha no qual as forças adversárias estão empenhadas em um combate

"Protracted Conflict" foi escrito por Robert Strauss-Hopf, William K. Kaiser, James E. Dougherty e Alvin J. Cottrell para o Instituto de Pesquisa de Política Exterior. Copyright, 1959, das Carabonas da Universidade de Pensilvânia.

23

e preparação imprescindíveis ser- minará com a vitória total ou
lhes-á necessário reconhecer os fatos total derrota.

JÁ COMEÇOU A TERCEIRA GUERRA MUNDIAL!

II. As “Tropas de Choque” e Seus Processos de Combate

Eugene Lyons

NESTE PRECISO instante, em al-
guma capital da América
Latina um diplomata sovié-
tico está entregando dinheiro a um
líder comunista local. Trazidos do
Kremlin na mala diplomática, os
fundos serão usados para financiar
uma demonstração hostil aos Esta-
dos Unidos, para infiltrações em
uma organização estudantil, para
auxiliar o contróle de um sindicato-
chave. Os dois homens sabem que
obterão resultados, porque ambos
têm anos de instrução em ativida-
des subterrâneas—o diplomata, em
Moscou; o camarada local, em Praga.

Ao mesmo tempo, outro agente
treinado em Moscou está igualmente
preparando uma demonstração “an-
tiimperialista” na Birmânia. Em
certo país do Oriente Médio, um
“representante comercial” soviético
está arquitetando com os comunis-
tas locais a derrubada de um primei-
ro-ministro favorável ao Ocidente.
Em uma das novas nações indepen-
dentes da África, um “técnico” de
Tchecoslováquia ou da China Ver-
melha está transmitindo ordens

Anexo 5. Texto 1 alinhado no *youalign*

[ENG] How the Soviets stole a march on us in Africa.docx

[POR] Como os Russos levaram a melhor na África.docx [-]

[ENG] How the Soviets stole a march on us in Africa

[POR] Como os Russos levaram a melhor NA África [-]

[ENG] While our government officials fiddled, the Soviets stepped in and put themselves in virtual control. The country of U.S. failure is a blueprint for more serious trouble ahead

[POR] O país é a Guiné; o sucesso alcançado pelos comunistas é um exemplo de mais sérias complicações que estão por vir. [-]

[ENG] By Charles Stevenson

[POR] Charles Stevenson [-]

[ENG] The airport waiting room was a milling throng of Russians, East Germans, Bulgarians, Chinese—Communists All.

[POR] O salão de espera do aeroporto estava apinhado de uma multidão remoinhante de russos, chineses-todos comunistas. [-]

[ENG] Outside, a big Soviet plane waited for a Red VIP, -No photographs, -snapped out the armed guard.

[POR] Lá fora, um enorme avião soviético esperava por um personagem vermelho muito importante. -Nada de fotografias-previnia o guarda armado. [-]

[ENG] Nearby, Czech workers who had marched from their barracks singing Communist songs were overseeing the lengthening of airport runways to accommodate Russia's biggest jet planes and a new airline to Moscow.

[POR] Nas imediações, operários tchecos que tinham chegado em marcha dos seus alojamentos, cantando hinos comunistas, superintendiam o alongamento das pistas do aeródromo para tornar possível o pouso dos maiores aviões a jato da Rússia e o estabelecimento de uma nova linha aérea até Moscou. [-]

[ENG] The customs officers finally finished searching our luggage,

[POR] Os funcionários da alfândega cessaram por fim o exame de

the police ceased their suspicious questioning, and my wife and I were allowed into the country.

[ENG] No, we were not behind the Iron Curtain.

[ENG] All this took place this year 4500 miles south of Moscow—in deepest west-coast África.

[ENG] We were in Conakry, the capital of Guinea, a semi-autonomous part of France until it voted in 1958 to become an independent republic.

[ENG] In 11 years the French poured nearly 180 million dollars in investments, subsidies and public works into Guinea — population two and a half million.

[ENG] Yet today, only the long-robed Negroes who speak French, the tree-lined avenues and hibiscus hedged white, pink and yellow colonial homes remind you that the French were once here.

[ENG] If the French are absent, other foreigners are conspicuously present.

[ENG] Stroll through the wide lobby of the plush Hotel de France, and your every movement is studied by Soviet agents hiding self-consciously behind their newspapers.

[ENG] In the ministries Soviet technicians sit at their desks confidently shaping the new government.

[ENG] The bulk of the trade that used to go to the West is now going to the East.

[ENG] The Communists are building and staffing a printing plant and a radio station big enough to propagandize almost the entire African continent.

[ENG] The chilling truth is that under the guise of giving Guinea desperately sought assistance, Moscow is preparing the whole country as its staging area for a campaign whose goal is the domination of Africa.

[ENG] Even more chilling, developments in Guinea are living proof that our diplomatic and foreign-aid apparatus, as now constituted, is scandalously incapable of combating the Soviets when they seriously set out to capture emerging nations.

[ENG] The Background.

[ENG] When the French withdrew from Guinea, all but 2000 of a 7000 got out as fast as they could.

[ENG] Five hundred French civil servants left almost overnight, paralyzing public services.

[ENG] Along with them disappeared important administrative records and the country's store of maps, even those that showed where phone wires reached.

[ENG] All the uniforms of the police and native troops, their side arms, jeeps, even their typewriters were returned to France.

[ENG] Few Guineans knew how to organize or maintain government and its services.

[ENG] With weapons gone, the police lacked means to preserve order.

nossa bagagem, os policiais concluíram o seu desconfiado interrogatório, e eu e minha esposa tivemos permissão para entrar no país. [~]

[POR] Não, não estávamos atrás da Cortina de Ferro. [~]

[POR] Tudo isto aconteceu no ano passado, a 7.500 quilômetros ao sul de Moscou, bem no interior da costa ocidental da África. [~]

[POR] Estávamos em Conakry, a capital da Guiné, território semi-autônomo da França até 1958, quando, pelo voto popular, se tornou uma república independente. [~]

[POR] Em 11 anos os franceses derramaram na Guiné, cuja população é 2.500.000 habitantes, mais de 75 bilhões de francos de investimentos, auxílios e obras públicas. [~]

[POR] No entanto, hoje só os negros de vestes compridas que falam francês, as avenidas arborizadas e as residências coloniais brancas, cor-de-rosa e amarelas, com sebes floridas, lembram que os franceses estiveram ali noutra época. [~]

[POR] Mas se os franceses estão ausentes, outros estrangeiros estão visivelmente presentes. [~]

[POR] É só dar uns passos pelo vasto saguão do luxuoso Hotel de France, para que todos os nossos movimentos sejam observados por agentes soviéticos que intencionalmente se ocultam por trás dos seus jornais. [~]

[POR] Nos ministérios, técnicos soviéticos sentam-se confiantes em suas mesas de trabalho, organizando a seu modo o novo governo. [~]

[POR] O grosso dos negócios que antes costumavam ser feitos com o Ocidente hoje se faz com o Oriente. [~]

[POR] Os comunistas estão construindo e equipando com gente sua oficina tipográfica e uma estação de rádio suficientemente forte para fazerem propaganda em quase todo o continente africano. [~]

[POR] A arrepiante verdade é que a pretexto de dar à Guiné a ajuda de que ela tão desesperadamente precisa, Moscou está preparando o país inteiro para palco de ensaio de uma campanha cujo objetivo é a dominação da África. [~]

[POR] E, o que é ainda mais arrepiador, os acontecimentos da Guiné são a prova palpável de que a diplomacia ocidental e o nosso sistema de auxílio ao estrangeiro, tal como hoje existem, são espantosamente incapazes de fazer frente aos soviéticos quando eles deliberarem seriamente conquistar novas nações. [~]

[POR] Causas Remotas. [~]

[POR] Quando os franceses se retiraram da Guiné, dos 7.000 integrantes da colônia francesa apenas 2.000 não deixaram o país o mais depressa que puderam. [~]

[POR] Quinhentos mil funcionários civis franceses desapareceram quase da noite para o dia, paralisando os serviços públicos. [~]

[POR] Juntamente com eles desapareceram importantes documentos públicos de natureza administrativa e a coleção de mapas e plantas do país, até mesmo as que indicavam a posição dos cabos telefônicos. [~]

[POR] Os uniformes da polícia e das tropas nativas, suas armas portáteis, seus jipes e até suas máquinas de escrever foram totalmente devolvidos à França. [~]

[POR] Poucos guineus sabiam como organizar e manter um governo com seus serviços públicos. [~]

[POR] Sem armas, a polícia não tinha meios de manter a ordem. [~]

[ENG] In despair, the president of Guinea, tall, handsome, 38-year-old Sekou Touré, appealed for U. S. emergency aid, especially police side arms.

[ENG] To this day our State Department has not even acknowledged receiving the weapons request!

[ENG] At first we waited for the French and the Guineans to make up; but after that our ponderous bureaucracy just couldn't get going.

[ENG] While we vacillated, the Kremlin eagerly leaped forward.

[ENG] Guinea possesses the world's largest and most accessible bauxite deposits—500 times as large as those of the United States and Russia combined—and extraordinarily rich iron reserves.

[ENG] Russia needs both.

[ENG] Within weeks Soviet-built airplanes piloted by Czechs were bringing in firearms, ammunition and police uniforms.

[ENG] En route, the planes laid out the course of a new airline—to link not only Guinea but neighboring Ghana to the Soviets.

[ENG] Iron Curtain and Red Chinese embassies were established.

[ENG] Trade pacts exchanging manufactured goods for Guinean bananas, pineapples and grapefruit were negotiated.

[ENG] The Guineans were too unsophisticated to specify what technicians they needed to help set up their government, so every few weeks the Soviets sent in another planeload of assorted administrators, engineers and specialists to fit themselves into jobs wherever they could find them.

[ENG] They came not as official representatives but in the guise of private work seekers, ready to live in a hotel or rooming house and get along on their own.

[ENG] Today Czech operators are key influences in the ministries of Economy and Plan and Finance.

[ENG] Czechs control and operate the airport.

[ENG] A Czech military mission has been instructing the army.

[ENG] A key man in the Bureau of Mines is a Pole.

[ENG] At least 60 Chinese specialists have moved in on the country's agriculture.

[ENG] The Russians make maps.

[ENG] A dozen Russians have already entrenched themselves in the educational system.

[ENG] Six or seven more are in strategic jobs in the port of Conakry, -where a submarine base could dominate much of the Atlantic.

[ENG] The only news-service in the country is that of the Soviets' official propaganda machine.

[ENG] All together, there are now about 200 Soviet-bloc technicians in the country, exerting their influence.

[POR] Em desespero, Sekou Touré, Presidente da Guiné, um homem de 38 anos de idade, elevada estatura e bela aparência, apelou para o auxílio de emergência dos Estados Unidos, pedindo em especial armas portáteis para a polícia. [~]

[POR] Até hoje o Departamento de Estado Norte-Americano ainda não acusou o recebimento do pedido de armas! [~]

[POR] A princípio esperou que os franceses e guinéus se compusessem; mas além disso não pôde ir a poderosa burocracia norte-americana. [~]

[POR] Enquanto Washington vacilava, o Kremlin oferecia-se pressurosamente. [~]

[POR] A Guiné possui as maiores e mais acessíveis jazidas de bauxita - 500 vezes maiores do que as dos Estados Unidos e da Rússia juntas - e reservas de ferro extraordinariamente ricas. [~]

[POR] A Rússia precisa de ambos esses minérios. [~]

[POR] Em poucas semanas aviões soviéticos pilotados por pilotos tchecos estavam levando armas, munição e uniformes para a polícia. [~]

[POR] Aproveitando a viagem, os pilotos traçaram os rumos de uma nova linha aérea - para ligar não só a Guiné, mas também o vizinho Estado de Ghana à União Soviética. [~]

[POR] Estabeleceram-se embaixadas dos países da Cortina de Ferro e da China Vermelha. [~]

[POR] Firmaram-se acordos comerciais para a troca de produtos manufaturados por bananas, abacaxis e toronjas da Guiné. [~]

[POR] Os guinéus eram demasiado ingênuos para especificar de que técnicos precisavam para ajudar a organizar a sua administração, de sorte que de poucas em poucas semanas os soviéticos mandavam novos aviões cheios de administradores, engenheiros e especialistas escolhidos para se adaptarem a qualquer ocupação onde quer que a encontrassem. [~]

[POR] Não vinham como representantes oficiais do Governo Russo, mas disfarçados de particulares à procura de emprego, dispostos a morar num hotel ou numa hospedaria e a viver à própria custa. [~]

[POR] Presentemente, homens de negócios tchecos exercem influência preponderante nos ministérios da Economia, das Finanças e do Planeamento. [~]

[POR] Tchecos controlam igualmente e administram o aeroporto. [~]

[POR] Uma missão militar tcheca esteve dando instruções ao Exército. [~]

[POR] Um dos homens mais credenciados do Departamento de Minas é um polonês. [~]

[POR] Pelo menos 60 especialistas chineses imigrantes foram dedicar-se à agricultura do país. [~]

[POR] Os russos fazem mapas. [~]

[POR] Uma dezena de russos já se entrenchou no sistema educacional. [~]

[POR] Um número deles seis ou sete vezes maior ocupa posições estratégicas no porto de Conakry, onde uma base de submarinos poderia dominar a maior parte do Atlântico. [~]

[POR] O único serviço noticioso do país é o fornecido pela máquina oficial de propaganda soviética. [~]

[POR] Ao todo, existem hoje no país, exercendo influência em sua vida pública, cerca de 200 técnicos do bloco soviético. [~]

[ENG] How We Lagged.

[ENG] Not until five months after Guinea had declared its independence did our State Department get around to sending over one of its old China hands and a young assistant to open up an embassy.

[ENG] For four months these two men —U. S. charges d'affaires — operated out of suitcases, in a hotel room, with portable typewriter.

[ENG] Not until late July 1959 did John Howard Morrow, a personable Negro educator from North Carolina, arrive as the American ambassador.

[ENG] Our embassy finally was permitted to over 5000 tons of rice and 8000 tons of flour, on condition that Touré publicize the gift as generosity from America: When the first part of the shipment — 1500 tons of rice—arrived, the Guinean foreign minister dutifully went to the dock to be photographed watching it being unloaded.

[ENG] Just behind was a newly arrived vessel.

[ENG] Its cargo? An unsolicited 5000 tons of rice from Red China and a well-calculated message: -"Please, we specifically want no publicity, we just want to help."

[ENG] President Touré is a man of gigantic importance to the Communists—and to us. He grew up in the African wing of the French Communist labor unions. Yet broke away from it.

[ENG] Fiercely nationalistic, eager to an Africa united in freedom, he is not only president of his country but the moral leader of an independent African labor movement with roots in the whole French community from northern Senegal to the Congo.

[ENG] Toure persisted in seeking American aid, for he knew what it could do.

[ENG] Before independence, the Olin Mathieson Chemical Corp. had invested in a Guinean bauxite and alumina enterprise which continued construction despite the sweeping political change.

[ENG] (The investment now totals 72 million dollars.)

[ENG] Toure liked this and wanted to attract more such development.

[ENG] "Africa knows that without capital it will have to wait years, perhaps Centuries, to develop itself,"- he said.

[ENG] Moreover, he needed the aid to offset the mounting Soviet influences and the demands of some of his politicians that they officially join the Soviet bloc in return for its favors.

[ENG] But nothing happened.

[ENG] When Toure pleaded for American technicians to help run his government, our multibillion-dollar International Cooperation Administration replied that its people could never take an active role in another country's government—they could only advise.

[ENG] The ICA made an economic survey of Guinea but refused to tell Toure what assistance it would give him unless he signed an agreement establishing an ICA mission and giving all ICA personnel

[POR] Como Washington se atrasou. [~]

[POR] Só cinco meses após a Guiné ter declarado a sua independência o Departamento de Estado Norte-Americano providenciou o envio de um dos seus antigos representantes na China e de um jovem assistente para instalar uma embaixada. [~]

[POR] Durante quatro meses esses dois homens - encarregados de negócios dos Estados Unidos - trabalharam num quarto de hotel, dispondo apenas do que haviam levado em suas malas e de uma máquina de escrever portátil. [~]

[POR] Só em julho de 1959 John Howard Morrow, um educador negro, chegou ao país na qualidade de embaixador norte-americano. [~]

[POR] Afinal se permitiu que a embaixada oferecesse 5.000 toneladas de arroz e 8.000 toneladas de farinha de trigo, sob a condição de Touré dar publicidade àquele gesto de generosidade dos Estados Unidos da América. Ao chegar a primeira parte do embarque - 1.500 toneladas de arroz - o ministro do exterior guinéu compareceu devidamente ao cais para ser fotografado assistindo ao descarregamento. [~]

[POR] Logo atrás estava um navio recém-chegado. [~]

[POR] A carga era simplesmente cinco mil toneladas de arroz da China Vermelha, que ninguém pedia, e uma mensagem bem estudada: "Por favor, fazemos questão de que não haja publicidade; só queremos ajudar." [~]

[POR] O Presidente Touré surgiu da ala africana dos sindicatos controlados pelos comunistas franceses, mas rompeu com eles. [~]

[POR] De um nacionalismo extremado, ansioso por uma África livre e unida, ele é não só o Presidente do seu país, mas também o líder espiritual de um movimento trabalhista africano independente, com raízes em toda a comunidade francesa, do Senegal, no extremo norte, ao Congo. [~]

[POR] Touré persistia em obter a ajuda dos norte-americanos. [~]

[POR] Antes da independência, a Olin Mathieson Chemical Corp. empregara capitais numa empresa de mineração da bauxita e do alumínio da Guiné, empresa que prosseguiu em suas atividades apesar da radical transformação política por que passara o país. [~]

[POR] (Seus investimentos totalizam hoje 72 milhões de dólares). [~]

[POR] Touré apreciava isso e pretendia incentivar outros empreendimentos do mesmo gênero. [~]

[POR] "A África sabe que sem capital terá que esperar anos, talvez séculos para desenvolver-se.", afirmou ele. [~]

[POR] Além disso, necessitava de ajuda para anular a crescente influência soviética e as exigências de alguns políticos, no sentido de que o país aderisse oficialmente ao bloco soviético em retribuição pelos favores recebidos. [~]

[POR] Mas nada aconteceu. [~]

[POR] Quando Touré pediu técnicos norte-americanos para ajudá-lo a exercer o seu governo, a Administração de Cooperação Internacional (ACI), entidade norte-americana que dispõe de milhões de dólares, respondeu que o seu pessoal não poderia, em hipótese alguma, tomar parte ativa no governo de outro país - só poderia aconselhar. [~]

[POR] Procedeu a ACI a um levantamento econômico da Guiné, mas recusou-se a dizer a Touré que espécie de assistência lhe daria, se ele não assinasse um acordo criando uma missão de ACI e concedendo a

the immunities and privileges of visiting diplomats.

[ENG] "If I grant such immunity I'll have to give it to all the Russians, Czechs, Poles and all their technicians,- Toure protested.

[ENG] "Why do your people have to be above our laws? - But ICA remained adamant.

[ENG] Touré journeyed to the United States in October 1959 seeking development loans, aid in attracting private investment and assistance for an educational program.

[ENG] But, because he still refused to grant diplomatic immunities to ICA personnel, he carried back home only 150 assorted scholarships to study in the United States.

[ENG] Toure had also publicly appealed through the U. S. press for 30 American teachers because he wanted English to become Guinea's second language.

[ENG] The response? The U. S.

[ENG] Information Agency sent one teacher.

[ENG] Only this summer did ICA belatedly send five Americans to conduct a short training course for Guinean English teachers.

[ENG] Meantime, however, Sailoulaye Drallo, the shrewd, thin-faced president of Guinea's parliament, went on his own good-will tour—to Moscow—and returned with a 15 million-dollar loan.

[ENG] Now his photograph hangs in Guinea's public buildings as big and as high as that of President Toure.

[ENG] Trappings of Communism.

[ENG] Now, with Soviet influences dominating Conakry, Guinea is taking on more and more of the trappings of Communism.

[ENG] There is an aggressive youth movement whose delegates are taken behind the Iron Curtain to be indoctrinated.

[ENG] More than 300 Guineans are undergoing training in Communist countries.

[ENG] More and more merchants are told to buy from large supplies imported by the government from behind the Iron Curtain as the result of the barter agreements and Soviet loans.

[ENG] Enough goods came through to enable a faltering economy somehow to cling together.

[ENG] Then suddenly the loose was tightened.

[ENG] Last March. The day is still known as Black Tuesday—it was announced at dawn over the radio that French African community francs henceforth were no longer legal currency and had to be turned in immediately for new national Guinean paper notes reportedly flown in from Czechoslovakia. foreign exchange.

[ENG] The new money could be used only locally, not for foreign exchange.

[ENG] By this slick maneuver the currency manipulators made it

todo o seu pessoal imunidades e privilégios diplomáticos. [~]

[POR] "Se eu conceder essas imunidades, terei de concedê-las também a todos os russos, tchecos e poloneses, e a todos os seus técnicos.", protestou Touré. [~]

[POR] "Por que razão há de o seu pessoal sobrepor-se às nossas leis" A ACI, entretanto, continuou intransigente. [~]

[POR] Touré viajou para os Estados Unidos em outubro de 1959, pedindo empréstimos para o desenvolvimento do país, auxílio para atrair capitais privados e assistência para um programa educacional. [~]

[POR] Como, porém, continuava recusando imunidades diplomáticas ao pessoal da ACI, voltou levando apenas 150 bolsas de estudo nos Estados Unidos da América. [~]

[POR] Touré apelara também, publicamente, através da imprensa norte-americana, para que lhe dessem 30 professores norte-americanos, pois era seu desejo fazer do inglês o segundo idioma da Guiné. [~]

[POR] [~]

[POR] Qual foi a resposta: a Agência de Informações dos Estados Unidos da América mandou um professor. [~]

[POR] Só em meados do ano passado, enviou a ACI, tardiamente, cinco cidadãos norte-americanos com a incumbência de ministrar um breve curso de treinamento para professores guinéus em língua inglesa. [~]

[POR] Nesse meio tempo, porém, Saifoulaye Diallo, o magricela e astuto presidente do Parlamento guinéu, efetuava a sua própria viagem de boa-amizade a Moscou, de lá regressando com um empréstimo de 35 milhões de Mares. [~]

[POR] Hoje seu retrato pode ser visto nos prédios públicos, do mesmo tamanho e com o mesmo destaque do retrato do Presidente da República. [~]

[POR] Enfeites do Comunismo. [~]

[POR] Agora, com a influência soviética predominando em Conakry, a Guiné está pondo cada vez mais enfeites do comunismo. [~]

[POR] Existe um agressivo movimento juvenil, cujos delegados são levados para trás da Cortina de Ferro, para ali serem doutrinados. [~]

[POR] Mais de 300 guinéus estão sendo treinados em países comunistas. [~]

[POR] Cada vez mais se recomenda aos comerciantes que se abasteçam com os grandes suprimentos de mercadorias importadas pelo governo dos 'Países situados atrás da Cortina de Ferro, em virtude de acordos comerciais e empréstimos soviéticos. [~]

[POR] Por esse processo vai o país recebendo mercadorias bastantes para permitir que dê certo modo a sua vacilante economia se firme. [~]

[POR] E então, subitamente, o laço foi apertado. [~]

[POR] No dia 1o. de março de 1960-o dia ficou sendo conhecido como a Terça-Feira Negra—o rádio anunciou, de madrugada, que os francos em circulação nos países da comunidade de nações francesas já não seriam considerados moeda de curso legal, devendo ser trocados imediatamente pelo novo papel-moeda nacional da Guiné, cujas cédulas se diziam importadas da Tchecoslováquia. [~]

[POR] O novo dinheiro só poderia ter uso local, não se prestando ao câmbio. [~]

[POR] Mediante essa habilidosa manobra, os manipuladores da

impossible for countries outside the Iron Curtain to do business with Guinea except on a barter basis.

[ENG] A ship en route to Guinea with too French automobiles had to unload at Bordeaux.

[ENG] Other non-Communist vessels struck Conakry oil as a port of call.

[ENG] The French who had continued to buy half the banana crop after independence, now had to cut off the market entirely.

[ENG] Shipping dropped off.

[ENG] Unemployment grew.

[ENG] The total effect has been to put the country virtually at the mercy of the Communists.

[ENG] To console the Guineans there are dazzling promises of a cement works, a timber mill, a dual highway, a cannery, a cold-storage plant, a luxury hotel, a stadium seating 25,000, a 17,000-acre state rice farm (to be established by 700 Red Chinese), a polytechnic institute.

[ENG] For the latter, Toure wanted an American to teach American civilization, so who turned up in the job but Alphaeus Hunton, trustee of a fund which put up bond for the 11 top Communists convicted 11 years ago in Federal Court.

[ENG] Recently Guinea was inveigled into hosting a Communist-dominated Afro-Asian People's Solidarity Conference which adopted resolutions denouncing the "crimes, shameful repression and genocide of the French, British and American imperialists.

[ENG] " Indeed, the country is being so shaped by the Communists that when 19 persons were condemned to die not long ago for plotting against the new government, they were tried not in courts of law but in Communist-style "people's courts" made up of party and youth-movement leaders.

[ENG] The Chinese Communist radio in broadcasts beamed to all Africa continues its warning: "Beware Africa America bargains for your soul.

[ENG] Don't let the West invest.

[ENG] White Americans seek an investment at high interest to bind you in serfdom to their businesses.

[ENG] America is tempting your leaders."

[ENG] Guinea was assured that Red China would come to its aid "within 48 hours in the event of imperialist attack."

[ENG] Then, finally, the Communists used Guinea as a hop-off point for their designs on the Congo.

[ENG] Indoctrinated Guineans were filtered down to Leopoldville to influence Premier Patrice Lumumba toward Moscow.

[ENG] Guinea was reduced to the role of a pawn in the Soviet power play. Our Peril.

[ENG] Americans in Africa know that the conditions which

moeda corrente impediram que os países fora da Cortina de Ferro negociassem com a Guiné, a não ser na base de trocas. [~]

[POR] Um navio em viagem para a Guiné com um carregamento de 100 automóveis de fabricação francesa teve de desembarcar a sua carga em Bordéus. [~]

[POR] Outros navios não comunistas riscaram Conakry do seu itinerário como porto de escala. [~]

[POR] Os franceses, que tinham continuado a comprar a metade da produção de bananas do país, depois da sua independência, tiveram então de interromper por completo as suas compras. [~]

[POR] Caíram os embarques. [~]

[POR] Aumentou o desemprego. [~]

[POR] De modo geral, o resultado foi ficar o país praticamente a mercê dos comunistas. [~]

[POR] Para consolar os guinéus, foram-lhes feitas promessas sedutoras— uma fábrica de cimento, uma serraria, uma auto-estrada com duas pistas, uma fábrica de enlatados, um frigorífico, um hotel de luxo, um estádio com 25.000 lugares, uma plantação de arroz com uma área de 7.000 hectares, administrada pelo governo (a ser preparada por 700 comunistas chineses), e uma escola politécnica. [~]

[POR] Para este último, Touré queria um americano para ensinar civilização americana, e quem apareceu para o trabalho senão Alfeu Hunton, administrador de um fundo para 11 comunistas condenados há 11 anos pela Justiça Federal Norte-Americana [~]

[POR] Há pouco a Guiné foi seduzida a realizar uma Conferência de Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos patrocinada pelos comunistas, a qual adotou resoluções que denunciam os "crimes, a vergonhosa pressão e o genocídio praticados pelos imperialistas franceses, ingleses e norte-americanos". [~]

[POR] Com efeito, de tal modo o país está sendo moldado pelos comunistas, que, recentemente, quando 19 pessoas foram condenadas a morte, por conspirarem contra o novo governo, o seu julgamento não se fez nos tribunais regulares, mas sim, segundo o estilo comunista, perante os tribunais populares compostos de líderes do Partido Comunista e dos movimentos juvenis influenciados por este. [~]

[POR] Nas suas transmissões, a rádio da China Comunista berrava para que toda a África continuasse vigilante: "Cuidado, África, os Estados Unidos da América querem dominar-vos. [~]

[POR] Não aceiteis capitais do Ocidente. [~]

[POR] Os brancos norte-americanos pretendem, empregando o seu capital a juros elevados, manter-vos escravizados aos seus negócios. [~]

[POR] Os Estados Unidos estão seduzindo os vossos líderes. [~]

[POR] " Assegurou-se a Guiné que a China Vermelha iria em seu socorro "dentro de 48 horas, no caso de uma agressão imperialista". [~]

[POR] E, finalmente, os comunistas utilizaram a Guiné como trampolim para alcançar os seus objetivos no Congo. [~]

[POR] Guinéus doutrinados filtraram-se até Leopoldville, para influenciar o Primeiro-Ministro Patrice Lumumba, atraindo-o para Moscou. [~]

[POR] A Guiné ficou sendo a mão-de-gato com que os soviéticos vão tirando de onde querem as suas sardinhas. [~]

[POR] Os norte-americanos que vivem na África sabem que as

paralyzed our federal aid in Guinea will turn up in country after country.

[ENG] They also know that a glittering Red showcase in Guinea can spread the cancer of Communism far and wide.

[ENG] The African people everywhere are ripe for almost any scheme which promises to transform economic ignorance and ineptitude into sudden wealth and happiness.

[ENG] Nevertheless, too many of our policy-makers and legislators in the past have brushed aside both the threat and the opportunity, giving as their excuse that America is somehow not geared to cope with the problems that are entailed.

[ENG] "We can't be as efficient as the Communists in getting aid to these underdeveloped countries," a high State Department official insisted to me.

[ENG] -The Reds can be flexible and make up their rules as they go along.

[ENG] We have to answer to Congress."

[ENG] One hears this disclaimer time and again.

[ENG] But it is just not true.

[ENG] What has happened in Guinea only proves that we haven't used our imaginations and brains.

[ENG] As is stressed by a recent study of the Stanford University Research Institute, neither have we used our greatest economic asset: the resources of our free-enterprise system.

[ENG] In the 18 months since an Office of Private Enterprise was established within ICA to answer demands from underdeveloped nations; 40 of our aid missions around the world have sought its assistance.

[ENG] As yet only three full-time "private enterprise officers" have been sent abroad.

[ENG] The need for us to think in new dimensions is obvious.

[ENG] The only weapon we have which the Communists cannot duplicate is private enterprise.

[ENG] Indeed, even through the months while the U. S. government permitted Guinea to drift toward Communism, the Olin Mathieson Corp. and other industrial leaders stood ready to pour perhaps 150 million dollars into Guinea to develop its bauxite resources further, and to open the Way to other vast undertakings, including a mighty power dam—if the U.S. government would provide certain guarantees and small amounts of supporting aid.

[ENG] However, only recently did the State Department yield to the pleas of the businessmen and its own African specialists and make Guinea a firm offer in support of the development program.

[ENG] By this time Touré had been pulled so close to Moscow that there was little confidence in his ability to turn back.

[ENG] Help from the United States could mean only a foot-in-the-door opportunity to fight back the Red colonialism that has been swallowing his country.

[ENG] But it is the business-type trading proposition that Touré wanted; had it been granted at the outset the country could already be

condições que fizeram cessar o auxílio federal de seu país a Guiné se reproduzirão em muitos outros países, um após outro. [-]

[POR] Sabem também que uma reluzente vitrina vermelha montada na Guiné poderá propagar o câncer do comunismo numa extensão sem limites. [-]

[POR] O povo africano está preparado para confiar, a bem dizer, em qualquer promessa de transformação da sua ignorância e inépcia econômica em súbita riqueza e felicidade. [-]

[POR] No entanto, muitos dos nossos políticos e legisladores, no passado, deixaram de lado tanto a ameaça quanto a oportunidade, afirmando como desculpa que a América é de alguma forma não orientada para lidar com os problemas que lhe são inerentes. [-]

[POR] "Nós não somos tão eficientes quanto os comunistas na obtenção de ajuda a esses países subdesenvolvidos", insistiu um alto funcionário do Departamento de Estado. [-]

[POR] -Os Vermelhos podem ser flexíveis e fazer suas regras à medida que avançam. [-]

[POR] Nós temos que responder ao Congresso." [-]

[POR] Ouve-se esta reclamação constantemente. [-]

[POR] Mas não é apenas a verdade. [-]

[POR] O que aconteceu na Guiné é prova de que nós não usamos nossa imaginação e cérebro. [-]

[POR] Como foi ressaltado por um estudo recente do Instituto de Pesquisa da Universidade de Stanford, não temos usado o nosso maior patrimônio econômico: os recursos do nosso sistema de livre iniciativa. [-]

[POR] Desde que o Gabinete da Indústria Privada foi criado há 18 meses pela ACI para responder às demandas de países subdesenvolvidos; 40 de nossas missões de ajuda ao redor do mundo têm procurado sua assistência. [-]

[POR] Até o momento apenas três "oficiais da iniciativa privada" foram enviados para o exterior onde estão trabalhando em tempo integral. [-]

[POR] É manifesta a necessidade de Washington imprimir novos rumos a sua orientação. [-]

[POR] A única arma de que os comunistas não dispõem é a da iniciativa privada. [-]

[POR] De fato, mesmo nos meses em que o Governo Norte-Americano deixou que a Guiné derivasse para o comunismo, a Olin Mathieson Corp. e outras importantes organizações industriais norte-americanas continuavam dispostas a verter talvez até 150 milhões de dólares na Guiné, para aproveitar ainda mais os seus recursos de bauxita e abrir caminho para outros grandes empreendimentos, entre os quais se incluía uma importante represa hidrelétrica desde que o Governo Norte-Americano lhes desse certas garantias e pequeno auxílio em dinheiro. [-]

[POR] Mas há pouco o Departamento de Estado atendeu a tais apelos, fazendo a Guiné uma proposta séria de auxílio ao seu programa de desenvolvimento. [-]

[POR] A essa altura Touré se aproximara tanto de Moscou que restava pouca esperança de que fosse capaz de recuar. [-]

[POR] A ajuda dos Estados Unidos da América poderia significar apenas uma fugaz oportunidade de combater o colonialismo vermelho que vem tragando o país. [-]

[POR] Mas o que Toure desejava eram as propostas de intercâmbio em bases comerciais; se lhe tivessem sido feitas no começo, o país já

building an economy on which to found a strong independence.

poderia estar consolidando uma economia em que poderia assentar uma infalível independência. [~]

[ENG] Why not consider this kind of approach in meeting Moscow's threat around the world?

[POR] Por que não considerar essa forma de combate a ameaça moscovita no mundo inteiro? [~]

[ENG] We need missions headed by American business experts who can swiftly go to the aid of needy countries.

[POR] Missões chefiadas por peritos norte-americanos em negócios poderiam ir rapidamente em auxílio dos países necessitados. [~]

[ENG] Free of diplomatic encumbrances and the red tape that bog down government officials, such men could make a significant impact.

[POR] Livres das complicações diplomáticas e da burocracia que atola os representantes do poder público, esses homens poderiam causar um impressionante impacto. [~]

[ENG] If they were responsible directly to the White House, they could devise ways to combine our free-enterprise resources with supplemental federal aid and start the underdeveloped nations toward real independence.

[POR] Subordinados diretamente a Casa Branca, poderiam imaginar meios de combinar os recursos da livre-empresa com o auxílio suplementar federal, conduzindo assim os países subdesenvolvidos a uma verdadeira independência. [~]

[ENG] We dare not let the kind of disaster that overtook Guinea be repeated.

[POR] O tipo de desastre que subjugou a Guiné não deve repetir-se. [~]

[ENG] Our urgent need now is for swift and imaginative action.

[POR] Ação rápida e inteligente, eis o que é preciso, agora, com urgência. [~]